

pandaemonium

GERMANICUM



USP – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Reitor: Prof. Dr. Adolpho José Melfi
Vice-Reitor: Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz



FFLCH – FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
Diretor: Prof. Dr. Sedi Hirano
Vice-Diretor: Prof. Dr. Eni de Mesquita Samara

DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
Chefe: Prof. Dr. Elói Di Pietro Heise

COMISSÃO EDITORIAL

Claudia S. Dornbusch
Eliana G. Fincher
Elói Di Pietro Heise
Eva M. F. Glenk
George B. Sperber
Helmut Galle
João Azenha Júnior
Maria Helena V. Battaglia
Masa Nomura
Selma Martins Meireles
Ulrich J. Beil
Wille Bolle

CONSELHO CONSULTIVO

Berthold Zilly (Friedrich Universität Berlin)
Celeste Ribeiro de Sousa (USP, São Paulo)
Claudia Beil (São Paulo)
Colin B. Grant (University of Edinburgh)
Dagmar v. Hoff (Universität Hannover)
Francis H. Aubert (USP, São Paulo)
Hardarik G. Blöhdorn (IDS-Mannheim)
Hélène Viter (Universität Köln)
Hinrich C. Seeba (University of Berkeley, California)

Ingeborg G. V. Koch (UNICAMP, Campinas)
Irene Aron (USP, São Paulo)
Izabela M. Furtado Kestler (UFRJ, Rio de Janeiro)
John Milton (USP, São Paulo)
Marcus V. Mazzari (USP, São Paulo)
Paulo Astor Soethe (UFPR, Curitiba)
Ruth Röhl (USP, São Paulo)
Suzana Kampff Lopes (UNICAMP, Campinas)
Walter Moser (Université de Montreal)

COMISSÃO EXECUTIVA

Maria Helena Voonluis e Helmut Galle

Preparação de textos: Helmut Galle

Comissão Editorial

Departamento de Letras Modernas
Área de Alemão
Av. Prof. Luciano Gualberto, 403
05508-900 – São Paulo – SP – Brasil
Tel: + 55 (0)11-3091-3028
Fax: + 55 (0)11-3032-2325
e-mail: dlm@edu.usp.br
pandaem@yaho.com.br

Proibida a reprodução parcial ou integral desta obra por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por processo xerográfico, sem permissão expressa do editor (Lei n.º 9.610, de 19.02.98).

Todos os direitos desta edição reservados à:
Humanitas FFLCH/USP
Rua do Lago, 717 – Cid. Universitária
05508-900 – São Paulo – SP – Brasil
Tel: 3091-2920 / Telefax: 3091-4593
e-mail: editflch@edu.usp.br
http://www.flch.usp.br/humanitas

Impresso no Brasil / Printed in Brazil
Dezembro 2002

pandaemonium GERMANICUM

Volume 6



DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS – FFLCH/USP
ÁREA DE ALEMÃO

Pandaemonium Ger. • n. 6 • p. 1-298 • São Paulo • 2002

Copyright 2002 dos Autores

É proibida a reprodução, parcial ou integral,
sem autorização prévia dos detentores do *copyright*

Serviço de Biblioteca e Documentação da FFLCH/USP
Ficha catalográfica: Márcia Elisa Garcia de Grandi CRB 3608

Pandaemonium Germanicum: Revista de estudos germanísticos/Departamento de Letras
Modernas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade
de São Paulo. – n. 1 (1997) – São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1997 –

Subtítulo alterado a partir do v. 5, 2001.

Título até o v. 4, 2000: Pandaemonium Germanicum: Revista de estudos
germânicos

ISSN 1414-1906

1. Literatura alemã 2. Língua alemã 3. Estudos germanísticos 4. Tradução
I.-Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
Departamento de Letras Modernas.

CDD 830
430

HUMANITAS FFLCH/USP

Editor Responsável

Prof. Dr. Milton Meira do Nascimento

Coordenação Editorial

M^{te}. Helena G. Rodrigues – MTPS n. 28.840

Projeto gráfico e Digitalização de imagens

Selma M^{te}. Consoli Jacintho – MTPS n. 28.839

Diagramação

Logaria Brasil

Projeto da Capa

Isabel Carballo

Arte Final da Capa

Diana Oliveira dos Santos

Revisão

autores

Sumário – Inhaltsverzeichnis

Apresentação	7
Geleitwort	11
LITERATURA – LITERATUR	
„Anführungszeichen“ Anmerkungen zur Literaturtheorie von Jacques Derrida und Paul de Man	17
<i>Ulrich J. Beil</i>	
A literatura moderna como observação de segunda ordem. Uma introdução ao pensamento sistêmico de Niklās Luhmann	47
<i>Michael Korfmann</i>	
„Zeugnis“ e “Testimonio”: um caso de intraduzibilidade entre conceitos	67
<i>Márcio Seligmann-Silva</i>	
Glücksschuh und goldne Waage. Eduard Mörikes artistische Balance zwischen Klassik und Moderne	85
<i>Eckart Goebel</i>	
Franz Kafka 3. 7. 1883 – 3. 6. 1924 – ein Bewohner des Zauberbergs? – Ein Vortrag –	107
<i>Hartmut Eggert</i>	

CULTURA E HISTÓRIA – KULTURWISSENSCHAFT UND GESCHICHTE

Ordnung der Fremde Brasilien und die theoretische Neugierde
im 16. Jahrhundert 137
Christian Kiening

Conceito de amor: comparação entre estudantes brasileiros e alemães 169
Ulrike Schröder

Vestígios turcos no ensino de alemão como língua estrangeira 201
Ruth Bohunovsky

Das Institut Martius-Staden – Geschichte und Gegenwart 217
Joachim Tiemann

LINGÜÍSTICA – LINGUISTIK

Linguística de *corpus*: conceito, noções gerais e aplicação 237
Eurides Avance de Souza & Iris Kurz Gatti

Uso dos marcadores: *downgraders* e *upgraders* em língua alemã 253
Alessandra Paula de Seixas

O futuro existe? 285
Maria Helena Voorsluys Battaglia

Apresentação

O Número 6 da Revista *Pandaemonium Germanicum* é editado novamente com o novo formato que agradou a muitos leitores. A revista não está tão internacional nem tão abrangente quanto a anterior, mas contém 11 artigos da Alemanha, da Suíça e do Brasil e oferece como de costume um espectro amplo de temas.

Também essa edição está dividida em três seções, porém, em vez de “Tradução”, a terceira rubrica traz temas sobre a “Ciência da cultura / História”, de acordo com os artigos recebidos. Como é possível observar, há algum tempo, as filologias nacionais não se direcionam uma à outra – e com isso à comparatística e hermenêutica intercultural. Também ciências humanas próximas como Filosofia, Sociologia, História e Etnologia ou até a ciência cognitiva influenciam mais do que nunca o desenvolvimento da verdadeira Germanística no contexto alemão e fora dele.

Por isso não deve admirar o leitor a inclusão de um artigo sobre um estudo sociológico bicultural que analisa o comportamento de estudantes brasileiros e alemães, com o qual *Ulrike Schröder*, que realizou pesquisas nos dois países, doutorou-se em Bielefeld. O artigo de *Christian Kiening*, sobre a contribuição dos exploradores para o desenvolvimento do discurso do Iluminismo, também não é um estudo genuinamente literário, mas interdisciplinar, movendo-se entre Literatura, Filosofia e História. O mesmo vale para o texto de *Ruth Bohunovsky* que, com base em artigos da imprensa austríaca, questiona a imagem do estranho e sua relevância para o ensino do alemão como língua estrangeira no Brasil. O artigo sobre o Instituto Martius-Staden escrito por seu atual diretor de arquivo e biblioteca *Joachim Tiemann* dá uma primeira idéia da importância dessa instituição em relação à falta de pesquisas sobre o desenvolvimento dos imigrantes alemães no Brasil; ele quer dar, principalmente, o primeiro impulso para a integração desse rico material nas pesquisas científicas.

Vários artigos da seção de literatura são palestras que foram apresentadas em diferentes condições e dirigidas a diversos grupos de interesse. O texto de

Eckart Goebel marca uma posição claramente contrária à tendência, acima apontada, de estender a Germanística como ciência da cultura; Goebel demonstra aqui – com base num autor desprezado injustamente –, num nível intelectual da mais alta categoria, a tradição clássica da hermenêutica crítica. Especificamente nesse caso, era apropriado apresentar a palestra na forma de texto publicado, pois os detalhes da argumentação somente podiam ser compreendidas nesse meio. As duas apresentações de teorias intelectualmente mais ambiciosas das últimas décadas também merecem ampla recepção. O desconstrutivismo e a teoria do sistema são modelos de literatura tratados de maneira polêmica, não só aqui mas também na Europa, porém encontraram seguidores entre a geração acadêmica mais nova. A postura hesitante ou mesmo negativa em relação à germanística latino-americana decorre em grande parte de equívocos e descrições desfiguradas. A leitura diferenciada e conhecedora de teorias de Jacques Derrida e Paul de Man feita por *Ulrich Beil* poderia ajudar na sua elucidação, assim como a exposição rica e profunda de *Michael Korfmann* sobre a teoria do sistema de Luhmann e suas implicações na literatura desde 1800. O texto de *Márcio Seligmann-Silva* traz uma comparação elucidativa do conceito de testemunho na literatura alemã e hispano-americana. Foi apresentado no congresso „Text und Kontext“ do DAAD, em São Paulo e é publicado aqui na versão em português, já que o interesse sobre a temática vai muito além da germanística. Diferente dos artigos mencionados acima, a palestra de *Hartmut Eggert* não é oferecida com a pretensão de ser um artigo fundamental para a pesquisa; era intenção do autor conscientizar os estudantes brasileiros sobre um aspecto da biografia de Kafka que muitas vezes se perde na interpretação de seus textos.

Os três artigos da seção de lingüística são de autoras brasileiras e estão relacionadas à pós-graduação e pesquisas da Área de Alemão da USP. Enquanto o texto de introdução à lingüística do *corpus* de *Iris Kurx Gatti* e *Eurides Avance de Souza* apresenta um panorama sobre as diversas possibilidades de coletar dados nos tempos da internet para a pesquisa e sua aplicação, o texto de *Alessandra Paula de Seixas* demonstra como se pode usar uma coleta de dados ao analisar o comportamento cultural em situações de diálogo com material de língua alemã do Freiburger Korpus. Em relação às diferenças conflitantes que podem ocorrer entre os estilos de interação alemã e brasileira, este artigo é um passo importante para a identificação dos mecanismos de ação concretos cunhados na comunicação em ambas as culturas. O artigo de *Maria Helena Voorsluys Battaglia* está relacionado exclusivamente a um tema da língua alemã, mas insere-se num trabalho maior de lingüística contrastiva. Battaglia parte do debate sobre a função dos

tempos verbais do futuro do alemão e conclui que além da função modal existe a função temporal, reintegrando as formas ao sistema verbal.

Se quisermos relacionar a pergunta “O futuro existe?” ao destino da nossa revista, só podemos reagir com um enérgico “Como não!” Enquanto estiver sob nossa responsabilidade, o próximo número será editada no início do próximo ano. Para as seções de literatura e cultura está previsto um núcleo temático: *a análise ficcional e científico da cidade grande moderna*. Convidamos nossos leitores a enviar artigos sobre o tema “Imaginando a metrópole”, o mais breve possível (germlatam@yahoo.com.br). Artigos sobre problemas de lingüística, didática e tradução, assim como resenhas, também são naturalmente bem-vindos.

Agradecemos a todos que contribuíram para a edição desta revista: aos autores, aos pareceristas e àqueles que fizeram a revisão dos textos, especialmente John Milton. Como redatores responsáveis assinam desta vez

Maria Helena Voorsluys Battaglia e Helmut Galle
São Paulo, em junho de 2002.

Geleitwort

Die Nummer 6 des *Pandaemonium Germanicum* erscheint wiederum in der bewährten neuen Aufmachung, die bei den Lesern großen Anklang gefunden hat. Sie ist nicht ganz so international und umfangreich ausgefallen wie ihre Vorgängerin, enthält aber immerhin 11 Beiträge aus Deutschland, der Schweiz und Brasilien und bietet wie gewohnt ein breit gefächertes Spektrum von Themen.

Auch diese Ausgabe gliedert sich in drei Bereiche, jedoch wurde aufgrund der eingesandten Artikel anstatt "Übersetzung" diesmal als dritte Rubrik "Kulturwissenschaft / Geschichte" gewählt. Es ist ja bereits seit einiger Zeit zu beobachten, dass sich die Nationalphilologien nicht nur in Richtung aufeinander – und damit der komparatistischen und interkulturellen Hermeneutik – öffnen. Auch benachbarte Humanwissenschaften wie Philosophie, Soziologie, Geschichte, Ethnologie oder auch Kognitionsforschung beeinflussen mehr den je die Entwicklung der eigentlichen Germanistik im deutschsprachigen Raum und auswärts.

Es sollte daher nicht verwundern, dass wir hier den Ertrag einer bikulturellen soziologischen Studie zum Verhalten von brasilianischen und deutschen Studenten veröffentlichen, mit der *Ulrike Schröder* nach Recherchen in beiden Ländern in Bielefeld promovierte. Auch der Artikel von *Christian Kiening* zum Beitrag der Entdeckungsreisenden zur Entwicklung des Aufklärungsdiskurses stellt keine genuin literarische Studie dar, sondern bewegt sich im interdisziplinären Feld zwischen Literatur, Philosophie und Geschichte. Gleiches gilt für den Text von *Ruth Bohunovsky*, in dem anhand von Artikeln der österreichischen Presse nach dem Bild vom Fremden und dessen Relevanz für den Fremdsprachenunterricht in Brasilien gefragt wird. Der Beitrag zum Institut Martius-Staden durch dessen gegenwärtigen Archiv- und Bibliotheksleiter *Joachim Tiemann* gibt eine erste Vorstellung von der Bedeutung dieser Institution für die noch vielfach unerforschte Entwicklung der deutschstämmigen Einwanderer in Brasilien; er will vor allem auch einen Anstoß geben, die umfangreichen Bestände stärker in die wissenschaftliche Recherche einzubeziehen.

Mehrere Artikel der Sektion Literatur sind aus Vorträgen hervorgegangen, freilich mit jeweils unterschiedlichen Rahmenbedingungen und Zielgruppen. Der Text von *Eckart Goebel* markiert eine deutliche Gegenposition zu der oben ange deuteten Tendenz, die Germanistik zur Kulturwissenschaft zu erweitern; Goebel demonstriert hier – an einem zu Unrecht vernachlässigten Autor – auf höchstem intellektuellem Niveau die klassische Tradition kritischer Hermeneutik. Es war in diesem Fall besonders angezeigt, den Vortrag in einer Druckfassung zu präsentieren, da die Details der Argumentation erst in diesem Medium ganz nachzu vollziehen sind. Auch den beiden Darstellungen der zwei wohl intellektuell anspruchsvollsten Theoriebildungen der letzten Dekaden ist eine breite Rezeption zu wünschen. Dekonstruktivismus und Systemtheorie sind zwar auch in Europa nach wie vor kontrovers diskutierte Modelle des Umgangs mit Literatur, doch haben sie bei einer jüngeren Generation von Akademikern Schule gemacht. Die zögernde bis ablehnende Haltung der lateinamerikanischen Germanistik ist zum nicht geringen Teil Missverständnissen und verzerrenden Darstellungen geschuldet: *Ulrich Beiß* kundige und differenzierte Lektüre der Theorien von Jacques Derrida und Paul de Man könnte da einiges zur Klärung beitragen, ebenso wie *Michael Korfmanns* kenntnisreicher und eingehender Überblick über Luhmanns Systemtheorie und deren Implikationen für die Literatur seit 1800. *Márcio Seligmann-Silvas* aufschlussreicher Vergleich des Zeugnis-Begriffs in der deutschen und hispanoamerikanischen Literatur wurde im Oktober 2001 auf der DAAD-Tagung "Text und Kontext" in São Paulo vorgetragen und erscheint hier in portugiesischer Sprache, zumal die Thematik weit über die Germanistik hinaus von Interesse ist. Im Unterschied zu den vorgenannten Artikeln wurde der Vortrag von *Hartmut Eggert* nicht mit dem Anspruch eines grundlegenden Beitrags zur Forschung angeboten; es ging dem Autor vor allem darum, den brasilianischen Studenten einen biographischen Aspekt Kafkas ins Bewusstsein zu rufen, der in der Auslegung seiner Texte häufig aus dem Blick gerät.

Alle drei Artikel aus dem Bereich der Sprachwissenschaft stammen von brasilianischen Autorinnen und stehen in Verbindung mit der Postgraduierung und Forschung der Deutschen Abteilung der USP. Während die Einführung in die Korpuslinguistik von *Iris Kurz Gatti* und *Euridis Avance de Souza* einen eher allgemeinen Überblick über die vielfältigen Anwendungsmöglichkeiten dieser Ressource in Zeiten des Internet für die Forschung und die praktische Arbeit darstellen, demonstriert *Paula de Seixas*, wie sich eine solche Ressource – aus dem Freiburger Korpus des Gegenwartsdeutschen nutzen lässt, um kulturspezifisches Sprachverhalten in Gesprächssituationen zu untersuchen. Im Hinblick auf die

konfliktträchtigen Differenzen, die zwischen brasilianischen und deutschen Interaktionsstilen zu beobachten sind, ist dieser Beitrag ein wichtiger Schritt zur Identifizierung der konkreten Handlungsmechanismen, die in den beiden Kulturen die Kommunikation prägen. Auch der Artikel von *Ma. Helena Voorsluys Battaglia* ist exklusiv einem Thema der deutschen Sprache gewidmet, steht aber in einer langfristigen Perspektive des Sprachvergleichs. *Voorsluys Battaglia* geht der umstrittenen Frage der Funktion des deutschen Futurs nach und räumt im Ergebnis der temporalen Funktion neben der modalen weiterhin eine deutliche Berechtigung ein.

Wollen wir die Frage „O futuro existe?“ auf das Schicksal unserer Zeitschrift beziehen, so können wir darauf nur ein energisches „Ei freilich!“ zurückgeben. Soweit es in unserer Macht steht, wird die nächste Ausgabe Anfang des kommenden Jahres erscheinen. Für den Bereich Literatur / Kultur ist diesmal ein thematischer Schwerpunkt vorgesehen: die fiktionale und wissenschaftliche Auseinandersetzung mit der modernen Großstadt. *Unsere Leser sind hiermit herzlich eingeladen, Beiträge zum Thema „Imaginando a Metrópole“ umgehend einzusenden.* (Bitte an germlatam@yahoo.com.br) Auch Artikel zu sprachwissenschaftlichen, didaktischen und translatorischen Problemen sowie Rezensionen sind natürlich nach wie vor willkommen.

Unser Dank gilt wie immer all jenen, die am Zustandekommen der Ausgabe mitgewirkt haben: den Autoren, den Gutachtern und jenen, die die Texte Korrektur gelesen haben, insbesondere John Milton. Als verantwortliche Redakteure zeichnen für dieses Mal

Maria Helena Voorsluys Battaglia und *Helmut Galle*
São Paulo, Juni 2002

Literatura –
Literatur

„Anführungszeichen“ Anmerkungen zur Literaturtheorie von Jacques Derrida und Paul de Man *

Ulrich J. Beil**

Abstract: This article deals with the relevance of deconstructivist theory today, more precisely, in the context of modern philologies. The author introduces the theory of deconstruction with an “elementary gesture”, which we can find in the use and the analysis of quotation marks in certain texts of Jacques Derrida. The quotation marks indicate a special treatment of the concepts of the Western metaphysical tradition; the moments of quotation, distance and literality are also important for the theory of literature of Paul de Man. The critical, non-ideological use of deconstructive concepts and their “lectio difficilior” is interesting for research into texts and interpretation.

Keywords: Deconstruction; Theory of Literature; Jacques Derrida; Paul de Man.

Resumo: O artigo tematiza a relevância da teoria desconstrutivista hoje, e, mais precisamente, no contexto da filologia moderna. O autor quer introduzir na teoria da desconstrução por meio de um “gesto elementar”, a saber o uso e a análise das aspas,

* Der vorliegende Text basiert auf einem Vortrag vom 9. April 2001 (auf Einladung von Frau Prof. Celeste Ribeiro de Sousa an der Universidade de São Paulo), der als *Einführung* in das Denken der Dekonstruktion (jedoch nicht als *Darstellung* dieses Denkens) gedacht war. Der mündliche Vortragsduktus wurde weitgehend beibehalten, der Text für die Drucklegung jedoch da und dort verändert und um Anmerkungen ergänzt.

** Der Autor ist seit Februar 2000 Professor Visitante und Lektor des DAAD am Departamento de Letras Modernas, Área de Alemão, an der Universidade de São Paulo.

que se observa em alguns textos de Jacques Derrida. As aspas indicam um tratamento específico dos conceitos da tradição metafísica ocidental; os momentos da citação, da distância e da literalidade são importantes também na teoria literária de Paul de Man. O uso crítico, não ideológico dos conceitos desconstrutivistas e dessa “lectio difficilior” fica, na opinião do autor, interessante para a investigação contemporânea dos textos e das interpretações.

Palavras-chave: Desconstrutivismo; Teoria Literária; Jacques Derrida; Paul de Man.

Stichwörter: Dekonstruktivismus; Literaturtheorie; Jacques Derrida; Paul de Man.

1.

In den frühen 80er Jahren hätte man mit einem Thema wie diesem, zumindest in Deutschland, noch ein gewisses Aufsehen erregt: Allein das Vorhaben, über diese beiden Theoretiker zu sprechen, hätte auf eine gewisse anarchische Lust, intellektuelle Frechheit und eine bedrohliche Resistenz gegen das Solide und Hergebrachte in der Literaturwissenschaft schließen lassen. Nicht zuletzt hätte man sich dem Verdacht ausgesetzt, die Grundfesten des eigenen Faches unterminieren oder sich über die etablierten Verfahren von Lektüre und Interpretation lustig machen zu wollen. Man gab ja zu erkennen, daß man sich, mit welchen Absichten auch immer, für die *Vierer-Bande* von Yale interessierte, zu der außer Paul de Man Harald Bloom, Geoffrey Hartman und J. Hillis Miller zählten. Aber die Zeiten, in denen man etwa letzteren als „Boa-destructor“ bespöttelte, als jemand, der „Sand in den Salat“ streut, sind längst vorbei.¹ Nicht derart freilich, wie George Steiner bereits Mitte der 90er Jahre unkte, daß Dekonstruktion „nur noch auf irgendeinem Campus in Nebraska“ getrieben werde. Man möchte sagen, fast im Gegenteil: Der einstige Chef-Unterminierer und Proto-Deconstructeur Jacques Derrida hat mittlerweile einen atemberaubenden Aufstieg und Erfolg in der internationalen Intellektuellenszene zu feiern,

¹ Vgl. Geoffrey H. Hartman in seinem Vorwort zu: Harold Bloom / Paul de Man / Jacques Derrida / Geoffrey H. Hartman, *Deconstruction and Criticism*. New York 1979, VII ff, hier IX. Das „Sand-in-the-Salat“-Beispiel findet sich in: Vincent B. Leitch, „The Lateral Dance: The Deconstructive Criticism of J. Hillis Miller“. In: *Critical Inquiry* 6 (1980), 593-607; hier: 607.

man nennt ihn in einem Atemzug mit Nietzsche, Husserl, Heidegger, Foucault.² In Germanistenkreisen ohne eine zumindest oberflächliche Kenntnis dekonstruktiver Konzepte auszukommen, scheint zumindest in Deutschland inzwischen kaum mehr möglich; und selbst auf Kongressen von Rechtsphilosophen vermochte Derrida den einst so viel diskutierten Jürgen Habermas mehr und mehr an den Rand zu drängen³ – vor allem seit Anfang der 90er Jahre, als er die Dekonstruktion Schritt um Schritt von dem a-politischen, a-ethischen Image, das ihr – trotz der immer schon ethischen Fragestellung im Werk von Geoffrey Hartman und J. Hillis Miller – zu befreien suchte. Werke wie *Force de loi* (Derrida 1991), *L' autre cap* (Derrida 1992) oder die jüngst erschienenen Bücher über die *Freundschaft* (Derrida 2000) oder die *Religion* (Derrida 2001) belegen diese Entwicklung. Der Vorwurf des Ethik-, Politik- oder Realitätsverzichts der Dekonstruktion hat es dadurch weit schwerer als noch in den 80er Jahren. Daß Derrida, der unermüdlich und mit erstaunlicher intellektueller wie stilistischer Energie an der Fortschreibung seines ohnehin schon voluminösen Werkes arbeitete und noch arbeitet, auch persönlich – im Dialog – zu gewinnen und zu überzeugen vermag, hat er auf zahlreichen Symposien und Kongressen bewiesen; ich selbst habe ihn als einen hochgebildeten, argumentativ klaren und in seiner Geistesgegenwart beeindruckenden Referenten in München erlebt.

Denkt man darüber nach, wie man auf Dekonstruktion in dieser Spätphase – *Beyond Deconstruction* hieß ein bereits 1985 erschienenes Buch von Howard Felperin – noch einmal zu sprechen kommen könnte (Felperin 1985), so bieten

² Vgl. etwa Zuckert 1996; der Titel *Postmodern Platos: Nietzsche, Heidegger, Gadamer, Strauss, Derrida* spricht für sich.

³ Ausgangspunkt für dieses rechtsphilosophische Interesse war Derridas Buch *Force de loi. Le „fondement mystique de l' autorité“*, zuerst in englischer Übersetzung erschienen unter dem Titel *Deconstruction and the Possibility of Justice*, in: *The Cardozo Law Review*, vol. 11 (July/August 1990), numbers 5-6, New York. Derrida hatte das Einführungsreferat zu einem gleichnamigen Colloquium im Oktober 1989 in New York gehalten. Das Buch erschien auch auf Deutsch unter dem Titel *Gesetzeskraft. Der „mystische Grund der Autorität“*. Aus dem Französischen von Alexander García Düttmann. Frankfurt/M 1991. Die rechtsphilosophisch-ethische Dimension des Textes spiegelt sich u.a. wider in dem Band: Anselm Haverkamp (Hg.), *Gewalt und Gerechtigkeit: Derrida – Benjamin*. Frankfurt/M 1994, aber auch in der Dekonstruktion denkbar fernen juristischen Habilitationsschriften wie der von Lorenz Schulz, *Normiertes Mißtrauen: Der Verdacht im Strafverfahren*. Frankfurt/M 2001, 437-442.

sich verschiedene Zugangsweisen an. So könnte man, (1), der Versuchung einer Dogmatisierung oder Systematisierung erliegen: Man würde dann – im Anschluß an den vorsichtigen und nützlichen Versuch von Jonathan CULLER – aus der Dekonstruktion eine bis heute gültige ‚Lehre‘ extrahieren (vgl. CULLER 1982); das brächte lediglich die Schwierigkeit mit sich, daß eine solche Lehre Fiktion wäre, da es sie strenggenommen nicht gibt; (2) könnte man, ganz im Gegenteil, eine Polemik starten, die inneren Widersprüche der Dekonstruktion aufzeigen, klarmachen, daß diese Aushöhlung der Metaphysik nach wie vor in Metaphysik befangen sei und dieser rigide Textbegriff nichts als eine höhere Form des Narzißmus darstelle; (3) könnte man versuchen, das Phänomen Dekonstruktion zu historisieren: damit nähme man ihm freilich seinen Stachel und suggerierte, daß man – nach der Behandlung dieser theoriegeschichtlichen Parenthese – wieder zur Tagesordnung zurückkehren müßte, also etwa zu einer verfeinerten Hermeneutik, zu einer Kulturwissenschaft oder zum *New Historicism*; (4) könnte man, und dies böte sich unter Germanisten ganz besonders an, jener geistesgeschichtlichen Spur nachgehen, die von der deutschen philosophischen Tradition aus zu Derrida und de Man führt: eine Unternehmung, die sich in Ansätzen, etwa bei W. MENNINGHAUS oder E. SCHUMACHER, schon vielversprechend abzeichnet (MENNINGHAUS 1987; SCHUMACHER 2000), die aber noch auf eine kompetente, die Möglichkeiten des Themas auslotende Fortführung wartet. Dabei handelte es sich um die Voraussetzungen der Dekonstruktion, wie sie sich ganz manifest bei Friedrich SCHLEGEL, Friedrich NIETZSCHE, Martin HEIDEGGER, Edmund HUSSERL oder Walter BENJAMIN nachweisen lassen, um nur die wichtigsten zu nennen. Aber eine solche Arbeit vermag begreiflicherweise kaum in einen Vortrag gepackt zu werden, sie wartet noch auf das Format einer Dissertation oder Habilitation.

Gibt es noch eine fünfte (5) Möglichkeit? Es gibt sie. Man kann sich damit begnügen, Licht auf wichtige Ansatzpunkte der Dekonstruktion zu werfen, auf etwas, das man eine *elementare Geste* innerhalb dieser Theorie nennen könnte. Das hätte den Vorteil, daß uns die Dekonstruktion nicht als Lehre oder Ideologie, sondern als eine Methode, eine Haltung, eine Art des Lesens erscheinen würde, als ein Verfahren, das uns ein neues Verhältnis zu Texten und zur Geschichte des Lesens und der Metaphysik eröffnet hat, ohne das die Theorie heute zweifellos ärmer wäre und dem sie sich nicht wirklich – denken wir nur an die subtilen DE MAN-Anspielungen bei Stephen GREENBLATT – entziehen kann. Man würde dann also lediglich, ohne identifikatorische Absichten, auf eine Gelenkstelle zeigen, auf einen Punkt, ohne den Dekonstruktion nicht funktionieren würde, ohne den sie nicht das wäre, was sie ist. Daran anfügen lassen sich sodann einige Spezifikatio-

nen dieses ‚Verfahrens‘ im Hinblick auf die Lektüre literarischer Texte – denn darauf zielen wir ja innerhalb des literaturwissenschaftlichen Fachbereichs ab. Und schließlich mag eine Überlegung darüber folgen, wie sich mit dem so Herausgestellten weiterarbeiten ließe – also mit und nach der Dekonstruktion.

2.

Ich sprach von Ansatzpunkt, elementarer Geste: also von einem anfänglichen Moment innerhalb dieser Theoriebewegung. Das mag suggerieren, es gäbe ein geistiges Zentrum, eine Urerfahrung, einen Kernsatz, eine Initialzündung oder gar eine augustinische *conversio*, von der der gesamte Prozeß der Dekonstruktion seinen Ausgang nimmt. So weit möchte ich jedoch keinesfalls gehen, zumal schon diese Ausweitung meiner Frage – in Richtung eines ‚Ursprungs‘ und einer ‚Präsenz‘ – dem Anliegen der Dekonstruktion exakt widerspricht. Wenn ich zunächst überlege, was mir anfangs bei DERRIDA abgesehen von einer gewissen stilistischen Faszination immer große Schwierigkeiten gemacht hat, so waren das nicht nur die sperrig geschriebenen Texte selbst, sondern auch die Erfahrung, daß man – wollte man Derrida in seiner eigenen Arbeit zitieren – kaum je eine Stelle fand, die sich verwenden ließ. Wie oft blätterte ich damals die *Grammatologie* durch – und immer wieder entzog sich der Text, immer wieder tauchte nicht der entscheidende, alles klärende Satz auf. Es scheint bis heute schwierig, Textpassagen bei Derrida zu finden, die sich zitieren lassen, die also das von ihm Gemeinte auf halbwegs begreifliche Weise zusammenfassen. Wenn man sich fragt, woran das liegt, so bietet es sich an, einen Blick auf einen frühen Text zu werfen, der zumindest teilweise programmatische Passagen enthält. Dieser Text, der auf einem Internationalen Symposium der Johns Hopkins Universität 1966 in Baltimore ein gewisses Aufsehen erregte, trägt (auf Deutsch) den Titel *Die Struktur, das Zeichen und das Spiel im Diskurs der Wissenschaften vom Menschen*. Er wurde wiederabgedruckt in *Die Schrift und die Differenz* (DERRIDA 1976: 422-442). Da es mir um Anfänge, Ansatzpunkte geht, so lasse ich meinen Blick gleich auf dem ersten Absatz ruhen – oder, um noch genauer zu sein, auf dem Motto. Es stammt von MONTAIGNE und lautet: „Il y a plus affaire à interpréter les interprétations qu'à interpréter les choses.“ Man mag diesen an EPIKTET erinnernden Satz, der die große dekonstruktivistische Kluft zwischen Zeichen und Dingen, „les mots et les choses“ aufreißt und erstaunlich (post-)modern wirkt, übergehen; bezeichnend ist, daß Derridas Text mit einem Zitat beginnt, daß sich sein Text an ein Zitat anschließt. Der erste Absatz lautet:

Vielleicht hat sich in der Geschichte des Begriffs der Struktur etwas vollzogen, das man ein „Ereignis“ nennen könnte, wäre dieses Wort nicht mit einem Sinn beladen, den die strukturelle – oder strukturalistische – Theorie von ihrem Selbstverständnis her auflösen oder zumindest verdächtigen muß. Nichtsdestoweniger wollen wir „Ereignis“ sagen und dieses Wort vorsichtshalber in Anführungszeichen setzen. Was für ein Ereignis könnte dies sein? Äußerlich hätte es die Gestalt eines *Bruchs* und einer *Verdopplung* (DERRIDA 1976: 422).⁴

Derrida spricht auf den folgenden Seiten, was man bei ihm oft vermißt hat, Klartext. Er erläutert, daß die „Struktur“, die die *episteme* und die okzidentale Philosophie geprägt hat, immer wieder auf ein „Zentrum“, einen „Punkt der Präsenz“ bezogen worden war, ja, daß die „ganze Geschichte des Begriffs der Struktur vor dem Bruch [...] als eine Reihe einander substituierender Zentren, als eine Verkettung von Bestimmungen des Zentrums gedacht werden“ muß (DERRIDA 1976: 422 f).

Das Zentrum erhält nacheinander und in geregelter Abfolge verschiedene Formen oder Namen. Die Geschichte der Metaphysik wie die Geschichte des Abendlandes wäre die Geschichte dieser Metaphern und Metonymien. Ihre Matrix wäre [...] die Bestimmung des Seins als Präsenz in allen Bedeutungen dieses Wortes. Man könnte zeigen, daß alle Namen für Begründung, Prinzip oder Zentrum immer nur die Invariante einer Präsenz (*eidos*, *arche*, *telos*, *energeia*, *ousia*, *aletheia*, Transzendentalität, Bewußtsein, Gott, Mensch usw.) bezeichnen haben (DERRIDA 1976: 423 f).⁵

⁴ Im Original trägt der Text den Titel „La structure, le signe et le jeu dans le discours des sciences humaines“ (DERRIDA 1967: 409 ff; hier: 409): *Peut-être s'est-il produit dans l'histoire du concept de structure quelque chose qu'on pourrait appeler un 'événement', si ce mot n'importait avec lui une charge de sens que l'exigence structurale – ou structuraliste – a justement pour fonction de réduire ou de suspecter. Disons néanmoins un 'événement' et prenons ce mot avec précautions entre des guillemets. Quel serait donc cet événement? Il aurait la forme extérieure d'une rupture et d'une redoublement.*

⁵ DERRIDA 1967: 410: *Le centre reçoit, successivement et de manière réglée, des formes ou des noms différents. L'histoire de la métaphysique, comme l'histoire de l'Occident, serait l'histoire de ces métaphores et de ces métonymies. La forme matricielle en serait – qu'on me pardonne d'être aussi peu démonstratif et aussi elliptique, c'est pour en venir plus vite à mon thème principal – la détermination de l'être comme présence à tous les sens de cet mot. On pourrait montrer que tous les noms du fon-*

Weiter heißt es, und man kann Derrida hier fast vollständig zitieren, da er keine Umwege einschlägt:

Das Ereignis eines Bruches, der Riß, auf den ich anfänglich anspielte, hat sich vielleicht in dem Augenblick vollzogen, als man damit beginnen mußte, die Strukturalität zu denken, das heißt zu wiederholen. [...] Diese zentrale Präsenz ist aber niemals sie selbst gewesen, sie ist immer schon in ihrem Substitut über sich selbst hinausgetrieben worden. Das Substitut ersetzt nichts, das ihm irgendwie präexistiert hätte. Infolgedessen mußte man sich wohl eingestehen, daß es kein Zentrum gibt, daß das Zentrum nicht in Gestalt eines Anwesenden gedacht werden kann, daß es keinen natürlichen Ort besitzt, daß es kein fester Ort ist, sondern eine Funktion, eine Art von Nicht-Ort, worin sich ein unendlicher Austausch von Zeichen abspielt. Mit diesem Augenblick bemächtigt sich die Sprache des universellen Problemfeldes. Es ist dies auch der Augenblick, da infolge der Abwesenheit eines Zentrums oder eines Ursprungs alles zum Diskurs wird [...], das heißt zum System, in dem das zentrale, originäre oder transzendente Signifikat niemals absolut, außerhalb eines Systems von Differenzen, präsent ist. Die Abwesenheit eines transzendentalen Signifikats erweitert das Feld und das Spiel des Bezeichnens ins Unendliche (DERRIDA 1976: 424).⁶

Man darf sich nachträglich wundern, daß Derrida damals so unmißverständlich zu sagen vermochte, worum es ihm ging, nicht aber darüber, warum er später mehr und mehr davor zurückschreckte. Zunächst zu ersterem. Man erfährt hier also noch deutlich, wogegen die Kampfbegriffe ‚Logo‘-, ‚Phono‘-, ‚Phallogentrismus‘ gerichtet waren – gegen den Mechanismus einer Substitution von Präsenz, gegen die Realismusillusion einer Struktur und einer Geschichte. Dies freilich nicht in Form einer Kritik, da diese nur eine Fortsetzung der Substitutionspolitik gewesen wäre, mit neuen Begriffen, anderen Mitteln, son-

dement, du principe ou du centre ont toujours désigné l'invariant d'une présence (eidos, archè, telos, energeia, ousia (essence, existence, substance, sujet) aletheia, transcendance, conscience, Dieu, homme, etc.).

⁶ Der ‚zentrale‘ Satz dieses gegen jegliches „Zentrum“ gerichteten Abschnitts lautet im Original: *Dès lors on a dû sans doute commencer à penser qu'il n'y avait pas de centre, que le centre ne pouvait être pensé dans la forme d'un étant-présent, que le centre n'avait pas de lieu naturel, qu'il n'était pas un lieu fixe mais une fonction, une sorte de non-lieu dans lequel se jouaient à l'infini des substitutions de signes* (DERRIDA 1967: 411).

dern in Form einer ‚Dekonstruktion‘: Die Begriffe der ontologischen, metaphysischen Tradition konnten und mußten weiter verwendet werden, es gab keine Alternative, aber man verwendete sie von nun an ‚reflexiv‘, das heißt ohne den Glauben, daß sie tatsächlich eine verborgene ‚Präsenz‘ bezeichneten, einen tatsächlichen Referenten. „Mit Hilfe des Begriffs des Zeichens“, so sagt Derrida wenig später, „erschüttert man die Präsenz“ (DERRIDA 1976: 425) – und eröffnet damit die im Rahmen des *linguistic turn* bis dato anhaltende Diskussion darüber, ob man die Zeichen weiter einfach als ‚Zeichen-von‘, als „auf ein Signifikat hinweisende“ Signifikanten auffassen können oder ob man sie von nun an nur noch als Teil eines autonomen Signifikantensystems anzusehen hat, als Elemente eines textuellen Spiels, einer immanenten Kettenreaktion. Während in der ‚logozentrischen‘ Überlieferung der Signifikant nach Derrida nur ein Ersatz für das mächtige Signifikat (die ‚Stimme‘ Gottes etwa, das Sein, die ‚Präsenz‘) war, wird nun das Zeichen, der Signifikant selbst zum dominanten Partner innerhalb dieser Struktur: ohne freilich seinerseits in einer Art von simpler Säkularisierung schon das Signifikat zu *sein*. Das Signifikat wird jetzt vielmehr zu einer Funktion des Signifikanten, zum Erzeugnis seiner Struktur, ohne daß es aber je definitiv *als solches* erreicht würde. Derrida nennt dies im Anschluß an Saussure in einem kühnen und geschichtsmächtigen Entwurf die „différance“: Damit ist der quasi-natürliche Bezug des Zeichens auf Bedeutung und Referenz unterbrochen: Das, was man Bedeutung, Referenz, Signifikat nannte, gehört von nun an ganz in die Domäne des Signifikanten. Das Echo der christlichen Eschatologie läßt sich in diesem Konzept kaum überhören, die *différance* wird aber auf eine Weise absolut gesetzt, daß man auf die Erlösung, das Eintreffen des Messias der Referenz nicht hoffen darf. Dieser Messias ist nicht immer schon eingetroffen wie im Christentum, sondern man wartet unablässig noch auf ihn wie in der jüdischen Tradition.

Das Konzept der *différance* stellt Derrida explizit in einem Vortrag von 1968 vor, und von diesem Text her wird auch klar, wieso der Autor von nun an Vorsicht walten lassen wird bei einer Gesamtdarstellung seiner ‚Lehre‘, seines ‚Systems‘. Lief er in dem oben zitierten Text noch Gefahr, die Zentrismen, die er der philosophischen Tradition unterstellt, selbst zu reproduzieren – und so selbst in seiner Argumentation um ein wenn auch negativ besetztes ‚Zentrum‘ zu kreisen: Lief er also Gefahr, genau das zu tun, was er der Tradition vorwirft, nur mit anderem Vorzeichen: so mahnt ihn das stärker ausgefeilte Konzept der „trace“ und der „différance“, eben diese Versuchung einer affirmativen, offensiven Darstellung des eigenen Denkens zu vermeiden. Konsequenter heißt es hier: „Die *différance* ist nicht. Sie ist kein gegenwärtig Seiendes, so hervorragend, einmalig,

grundsätzlich oder transzendent man es wünschen mag. Sie beherrscht nichts, waltet über nichts, übt nirgends eine Autorität aus [...]. Nicht nur gibt es kein Reich der *différance*, sondern diese stiftet zur Subversion eines jeden Reiches an [...]“ (DERRIDA 1976 b: 29). Wenn Derrida die im Französischen geläufige *différence* zur *différance* umschreibt, macht er sich nicht nur die Doppelbedeutung des Verbs *différer* (‚sich unterscheiden‘ / ‚aufschieben‘) zunutze, sondern dekonstruiert auch den Schein lautlicher Identität und Bedeutung, da der Unterschied der beiden Varianten nur in der schriftlichen Form hervortritt: ein Verfahren, das Jürgen HABERMAS (in polemischer Absicht zwar, aber nicht ganz zu Unrecht) mit der jüdischen Tradition in Verbindung gebracht hat: „Das Aleph des Rabbi Mendel ist dem tonlosen, nur schriftlich diskriminierten ‚a‘ der ‚différance‘ darin verwandt, daß in der Unbestimmtheit dieses gebrechlichen und vieldeutigen Zeichens die ganze Fülle der Verheißung konzentriert ist“ (HABERMAS 1985: 216). Da der Begriff der *différance* nur einen Vorgang *zwischen* den Zeichen bezeichnet, eine textuelle Dynamik diesseits jeglicher ‚Präsenz‘, einen Prozeß des Umwegs und des „Aufschubs“ (dessen spezifische ‚Ökonomie‘ nicht nur von Saussure, sondern auch von FREUDS Schrift *Jenseits des Lustprinzips* inspiriert ist)⁷, läßt er sich *als solcher* nicht definieren; er läßt sich vielmehr nur anwenden am Beispiel eines vorgegebenen Textes, in Form eines Kommentars.

Kehren wir nach diesen kurzen Andeutungen über einige dekonstruktivistische Begriffe noch einmal zu dem anfangs gewählten Text zurück, so erscheint der Beginn nach einem Zitat von MONTAIGNE in anderem Licht, auch der Satz „Nichtsdestoweniger wollen wir ‚Ereignis‘ sagen und dieses Ereignis in Anführungszeichen setzen“ (DERRIDA 1976: 422). Der elementare Gestus dieses grundlegenden Textes scheint mir nichts anderes als das *Anführungszeichen* zu sein, das hier mit ausdrücklichem Hinweis gesetzt wird. Das Anführungszeichen, das den diesem Begriff des Ereignisses sogleich zugeschriebenen Inhalt, nämlich *Bruch* und *Verdopplung*, formal bereits vorwegnimmt. Die Anführungszeichen zu setzen bedeutet in diesem Fall nicht nur einen Vorgang des *Zitierens*: es heißt auch und vor allem, in ein bestimmtes Verhältnis zur Tradition zu treten – ein Verhältnis, das nicht mehr von Kontinuität und einem mehr oder weniger ‚natürlichen‘ Ver-

⁷ Bevor DERRIDA den Namen FREUDS in diesem Zusammenhang erwähnt und aus der einschlägigen Schrift zitiert, bemerkt er: „So ist zum Beispiel [...] der Unterschied zwischen Lustprinzip und Realitätsprinzip nur die *différance* als Umweg (*Aufschieben*, *Aufschub*)“ (DERRIDA 1976 b: 26).

ständnis der Zeichen (der überlieferten metaphysischen Begriffe) geprägt ist, sondern von einem Gestus der *Distanzierung* – Derrida nennt dies etwas schärfer „Bruch“ (*rupture*) – und einem Gestus der *Wiederholung* – Derrida nennt dies „Verdopplung“ (*redoublement*). Die Beziehung zu der angesprochenen Tradition ist also einerseits gebrochen (man befindet sich nicht mehr selbstverständlich in ihr), andererseits wird die Sprache der Tradition weiterhin benutzt (in Ermangelung einer gänzlich anderen Sprache), sie wird fortgesetzt, aber nunmehr *als andere*, nur noch zitierte, in einer Weise beständiger Reflexion und Selbstreflexion. Mit anderen Worten: Derrida nimmt die große, auf „Bruch“ und „Verdopplung“ ausgerichtete Bewegung seines Textes in der kleinen unauffälligen Geste der Apostrophierung, der Setzung der Anführungszeichens gleich zu Anfang *in nuce* vorweg. Der Autor macht also sozusagen von der ersten Zeile an deutlich, daß er die überlieferten Begriffe nicht mehr ‚natürlich‘, ‚selbstverständlich‘ oder ‚naiv‘ zu gebrauchen bereit ist – so, als wüßte man, worauf sie sich beziehen –, sondern nur noch auf zugleich distanzierte und ihre Zeichenhaftigkeit reflektierende Weise. Der Text Derridas spricht also nicht einfach *über* etwas, sondern er macht sein Thema von Anfang in der Art und Weise, *in der* er geschrieben ist, in seiner Struktur und Rhetorik selbst bewußt.

Wenn man mit einer derart penetranten Genauigkeit auf die ersten Sätze eines Textes eingeht, so mag das übertrieben erscheinen, bestenfalls angemessen ‚klassischen‘ Texten wie der platonischen *Politeia* oder Hegels *Phänomenologie*. Ich möchte aber zumindest darauf hinweisen, wie bewußt Derrida in seinen Texten arbeitet, wie ausdauernd er das, was er tut, in den Texten selbst, in ihrer Sprachform reflektiert. Die Aufmerksamkeit für das Anführungszeichen mag auf den ersten Blick also selbst als Derridaianismus erscheinen, als eine etwas manieristische Hommage an den Buchstaben des Meisters. Ich erlaube uns aber einen zweiten Blick. Wenn wir in einem viel später (1987) entstandenen Text mit dem Titel *Vom Geist: Heidegger und die Frage (De l'esprit. Heidegger e la question)* sehen können, welche Aufmerksamkeit Derrida seinerseits einem fortgelassenen Anführungszeichen von HEIDEGGER zollt, sollte uns das zumindest stutzig stimmen. Bei genauerem Hinsehen wird klar, wie wichtig der Gestus des Anführungszeichens für Derrida tatsächlich ist:

„Das stumme Spiel der Anführungszeichen [...]“, heißt es da. „Wir interessieren uns stets für die Dramaturgie und die Pragmatik der Zeichen, die dem Leser zudedacht sind, wir interessieren uns für den Einsatz dieser typographischen Marionetten [...]“, für „das plötzliche Erscheinen und

Verschwinden dieser kleinen aphonon Formen, die alles ausdrücken und alles verändern können, je nachdem, ob sie sich zu erkennen geben oder ob sie sich verbergen [...]“ (DERRIDA 1992 b: 79 f).

Wenig später heißt es noch mit Blick auf den deutschen Ausdruck für den Apostroph:

„Ich erinnere daran, daß man im Deutschen von *Anführungsstrichen* oder *Anführungszeichen* spricht. *Anführen*: lenken, als Haupt vorangehen [*prendre la tête*], aber auch: täuschen, jemanden zum Narren halten [*se payer la tête de quelqu' un*], jemandem blauen Dunst vormachen [*bourrer le crâne de quelqu' un*].“ (DERRIDA 1992 b: 79 f). Noch ein wenig später liest man den entschiedenen Satz: „In-Anführungszeichen-Setzen heißt stets: durchstreichen“ (DERRIDA 1992 b: 81).

Denkt man noch einmal zurück an den in Anführungszeichen gesetzten Begriff des „Ereignisses“, darf man etwas Ähnliches vermuten: Der Begriff kommt so gleichsam als durchgestrichener vor, er wird als solcher zugleich negiert und doch erwähnt, verwendet mit allem Vorbehalt, aller denkbaren Distanz. Das mag im ersten Moment verwundern, zählt ‚Ereignis‘ doch nicht zu den Hauptverdächtigen aus der logozentrischen Tradition. Handelt es sich nicht um einen Begriff, der durch seine Geschichtlichkeit und Kontingenz ohnehin schon genügend Abstand zu der Sphäre von ‚Sein‘ und ‚Präsenz‘ wahr? Zwar wird man den Begriff bei LEIBNIZ im *Discours de métaphysique* finden können; dann aber erst wieder mit Nachdruck bei NIETZSCHE und als philosophischen Leitbegriff beim späten HEIDEGGER, der das „Ereignis“ in *Unterwegs zur Sprache* mit seiner Formel *die Sprache als die Sprache zur Sprache bringen* aufs engste verbindet.⁸ Das heißt: Obwohl der Begriff des „Ereignisses“, auf den Derrida in „Die Struktur, das Zeichen und das Spiel [...]“ anspielt, am äußersten Ende der metaphysischen Tradition angesiedelt ist, in einem Zusammenhang, in dem die Sprache schon einen denkbar großen Eigenstand gewonnen hat, möchte Derrida noch seine Distanz dazu

⁸ HEIDEGGER 1990: 261 f. Es heißt da (in *Unterwegs zur Sprache*): „Die Wegformel: die Sprache als die Sprache zur Sprache bringen, enthält nicht mehr nur eine Anweisung für uns, die wir die Sprache bedenken, sondern sie sagt die forma, die Gestalt des Gefüges, worin das im Ereignis beruhende Sprachwesen sich bewegt.“

markieren – und keinen Zweifel daran lassen, daß der letzte große *Ereignis*-Denker, HEIDEGGER, selbst noch allzu stark verstrickt ist in die Metaphysik, die er destruiert (eine spezielle Auseinandersetzung mit HEIDEGGERS *Ereignis*-Begriff findet sich dann in *Éperons. Les styles de Nietzsche* (DERRIDA 1986 b).

Wie bewußt und gezielt aber der Begriff des „Ereignisses“ mitsamt seinen Anführungszeichen in dem *Vortrag* von 1966 verwendet wurden, zeigt erst ein Vortrag, den DERRIDA exakt 20 Jahre später in *Irvine*, Kalifornien gehalten hat. Der englische Titel des Referats lautet: *Some statements and truisms about neologisms, newisms, postisms, parasitisms, and other small seisms*. Ohne mit einer Silbe zu erwähnen, daß er selbst dort referiert und den Begriff des „Ereignisses“ an prägnanter Stelle verwendet hatte, kommt Derrida auf dieses Kolloquium in Baltimore zu sprechen. Man höre immer öfter, betont er, daß dieses Treffen

„ein Ereignis war, das in der amerikanischen Szene [...] vieles veränderte [...]. Was heute in diesem Land ‚theory‘ genannt wird, mag sogar wesentlich mit dem zu tun haben, was, wie *man sagt*, 1966 dort geschah“. Er fährt fort: „Wenn dort etwas passiert ist, was den Wert eines theoretischen Ereignisses hat [...], dann steht fest, daß dieses Etwas erst im Nachhinein ans Licht kam und heute immer noch klarer und klarer wird.“ Als eine seltene Provokation, die wohl nur dem Leser seines Textes auffällt, erscheint dann folgender Satz: „Ebenso steht aber fest, daß keiner, weder die Teilnehmer noch ihre unmittelbare Umgebung, sich dieses Ereignisses in irgendeiner Weise bewußt waren.“ Und: „Niemand hätte gewagt, es als ein solches Ereignis vorauszuberechnen, anzukündigen oder zu präsentieren [...]“ (DERRIDA 1997: 35-37).

Und so fort. Wir merken sogleich worin die subtile Ironie dieser Passagen, in denen fortwährend und ohne jeden konkreten Hinweis der Vortrag von 1966 zitiert wird, besteht und wodurch sein damaliger Text im nachhinein eine geradezu prophetische Kraft eingeflößt bekommt: Denn Derrida selbst hatte ja, ohne daß er dies auch nur andeutet, in Baltimore von einem „Ereignis“ gesprochen, er hatte es ja angekündigt und präsentiert, bezogen auf den damaligen, nicht zuletzt von ihm selbst betriebenen Umbruch in der Theorie. Die Bemerkung, daß das Ereignis erst allmählich ans Licht gekommen sei, verdankt sich einerseits einer dekonstruktiven Denkfigur, nämlich der Nachträglichkeit und prinzipiellen Anti-Präsenz der Zeichen, andererseits spielt sie mit der Paradoxie, daß ja von einem – vor kurzem beobachtbaren und noch stattfindenden – „Ereignis“ in einer Situation die Rede war, die, im nachhinein betrachtet, selbst zum Ereignis wurde. In

dem Vortrag von Irvine kehrt, über die „Ereignis“-Finte hinaus, ein zweites Moment von Baltimore wieder, nämlich der *Gestus des Anführungszeichens*. Noch deutlicher als in Baltimore führt Derrida aus, daß es die Arbeit der Dekonstruktion nicht mehr erlaube, „die Worte der Tradition ernsthaft zu gebrauchen. Man *braucht* sie nicht mehr, man *erwähnt* sie nur noch [...]“.⁹ Er konstatiert eine „Generalisierung der Anführungszeichen heute“, die immer mehr auf ein „*erwähnendes* Bewußtsein“ schließen lasse, eine „*erwährende* Anwendung der organisierten Totalität unserer Lexik und unserer Syntax“ (DERRIDA 1997: 28 f), so daß schließlich sogar das Wort „Theorie“ zusehends nur noch mit Anführungszeichen gebraucht zu werden pflege: mit diesen „kleine[n] Wäscheklammern, die die Kleider auf Distanz halten, ohne sie wirklich zu berühren“.¹⁰ Anführungszeichen in der gegenwärtigen Theoriediskussion bewirken Derrida zufolge dreierlei: einmal sorgten sie für eine „Art von Inversion zwischen Eigentlichem (*propre*) und Uneigentlichem (*non-propre*)“. Zum anderen zeuge ihre „Generalisierung“ von einem verstärkten

⁹ DERRIDA 1997: 28 f. Daß im Zusammenhang mit seiner Aufmerksamkeit für Anführungszeichen auch Derridas ausdrückliches und anhaltendes Interesse für die *Fußnote* berücksichtigt werden müßte – ein sicherlich noch weitgesteckteres Thema – mag hier nur am Rande erwähnt sein. Sarah KOFMAN bemerkt hierzu etwa: „Besondere Bedeutung mißt Derrida den Fußnoten bei, die unten auf der Seite stehen, oft in kleineren Lettern gesetzt oder gar ans Buchende abgedrängt sind: Diese strategische Verschiebung des Werts der Fußnoten untergräbt die hierarchische Ordnung von ‚unten‘ und ‚oben‘, dezentriert den Text und bedeutet das Ende für jene Vorstellung von einem Hauptkörper, dessen Fußnoten supplementäre, zu vernachlässigende Anhängsel wären. Nicht ohne Ironie präsentiert sich *Ousia und gramme* als Fußnote zu einer Fußnote in *Sein und Zeit*“ (KOFMAN 1988: 97).

¹⁰ DERRIDA 1997: 30. Weiter heißt es: „Ob die Kleider schmutzig oder noch naß sind, sie werden erst von den Wäscheklammern befreit und wirklich berührt, wenn sie sauber (*propre*) sind. Im vorliegenden Fall bedeuten die Anführungszeichen um ‚theory‘ [...] eine Geste des Mißtrauens einem Begriff gegenüber, der frei (*pur*) von jeder Ansteckung wäre und erfüllt von einer eigentlichen Bedeutung (*sens propre*), die sich absolut wiederaneignen ließe: die eigentliche Bedeutung des Wortes „Theorie“ und „Theorie“ als bestimmt durch das *telos* der eigentlichen Bedeutung, die der Zitierbarkeit oder, weiter gefaßt, der allgemeinen Iterierbarkeit entgegen würde. Es ist diese eigentliche Bedeutung der Eigentlichkeit (*ce sens propre de la propriété*), die diesmal in Anführungszeichen steht, und nicht das Gegenteil, wie es sonst immer der Fall ist. Und an dieser diskreten graphischen Markierung der Inversion kann man das Maß einer Verschiebung abnehmen, die *per definitionem* maßlos ist, wenn nicht gar regellos.“

„Sinn für die *Geschichte der Begriffe*“; und zum dritten riefen sie – über den Gestus der „Reserve“ und der „Distanz“ hinaus, die „allgemeine Zitathaftigkeit ins Gedächtnis“, „sie zitieren diese Zitathaftigkeit“. ¹¹ Damit spart Derrida in provokativer Wendung auch und gerade den Begriff der „Theorie“, eines der letzten Tabus der säkularen Gelehrsamkeit, nicht aus dem Einzugsbereich des Apostrophs aus, obwohl er doch – als die ‚eigentliche‘ intellektuelle Arbeit, die Garantie der Ernsthaftigkeit der philosophischen Bemühung – gewöhnlich von solcher In-Distanz-Setzung oder In-Frage-Stellung verschont geblieben war. Man könnte der Provokation die provokative Fußnote hinzufügen, daß Derridas ‚eigener‘ Beitrag zur „Theorie“ nicht zuletzt in dieser Setzung der Anführungszeichen, dieser Relativierung des Begriffs und des Anspruchs der „Theorie“ besteht.

3.

Sollte das Anführungszeichen also in der Tat ein initiales Moment der dekonstruktiven Theorie sein, so wäre zu überlegen, ob und wie sich dieser Gestus auch konkret auf die Interpretation, das Lesen von Literatur auswirkt. In diesem Zusammenhang liegt es nahe, von der philosophischen Dekonstruktion zur literaturwissenschaftlichen zu wechseln, das heißt namentlich, von Derrida zu Paul de Man. Erwähnt sei an dieser Stelle zumindest, daß Derrida die amerikanische Dekonstruktion nicht für eine bloße Nachahmung seiner eigenen Denk-

¹¹ DERRIDA 1997: 32: „Und das dritte Paradox ist, daß die Anführungszeichen nicht nur die Zeichen einer Reserve oder Distanz einem Begriff oder Wort gegenüber sind. Sie rufen die allgemeine Zitathaftigkeit ins Gedächtnis, sie zitieren diese Zitathaftigkeit, sie laden sie vor, noch einmal: nicht als formalistische Neutralisierung, der es um Eigentum und Eigentlichkeiten ginge, sondern als Erinnerung an die notwendige allgemeine Ansteckung, an die Übertragungen und irreduziblen Parasitismen, die jedes Theorem affizieren.“ Wie wichtig und irritierend für Derrida im Zusammenhang mit dem Anführungszeichen auch die paradoxe Innen-Außen-Stellung des Zitats ist, läßt sich einer anderen Stelle entnehmen – die jeder berücksichtigen müßte, der sich an eine Theorie des Zitats wagt: „Wenn ein Text – mit oder ohne Anführungszeichen – zitiert oder re-zitiert, wenn er auf den Rand geschrieben ist, dann fangen Sie an, dann haben Sie schon angefangen, den Boden unter den Füßen zu verlieren. Sie verlieren die Demarkationslinie aus dem Blick, der einen Text von seinem Außen scheidet“ (DERRIDA 1994 b: 128).

bemühungen hält, sondern als eine eigenständige Weiterentwicklung seines Ansatzes, die ihrerseits wieder auf Europa zurückwirkte.¹² Wenn ich es mir der Knappheit der Zeit wegen erlauben möchte, Paul de Mans hochkomplexe theoretische Anstrengungen mit elementaren Denkfiguren zu erläutern, so nicht, um zu vereinfachen und zu simplifizieren, sondern, um auch hier einen Zugang zu einem ausgedehnten theoretischen Netzwerk zu ermöglichen. In diesem Sinne müßte man wohl auf ein *duales Instrumentarium* zu sprechen kommen. Ein Instrumentarium, das Jacques Derrida, dem langjährigen Freund und Begleiter nicht wenig verdankt, aber auch Roman Jakobson, dem großen sowjetischen Literaturwissenschaftler, der die entscheidenden Stichworte geliefert hat: *Metapher* und *Metonymie*, den *paradigmatischen* und den *syntagmatischen* Gebrauch der Sprache. Wenn Jakobson die beiden Tropen als Grundorientierungen für den „prosaischen Weg“ der Literatur auf der einen, den „poetischen Weg“ auf der anderen Seite in die Wissenschaft eingeführt (Jakobson 1956) und Lacan diesen Dualismus via Freud auf die strukturalistische Zeichentheorie übertragen hat (Lacan 1966), so dienen de Man diese beiden prinzipiellen Varianten nicht mehr für eine Differenzierung zwischen den Gattungen – Gattungen spielen in der Dekonstruktion ohnehin eine eher periphere Rolle –, auch nicht, wie Hayden White, für eine Differenzierung verschiedener Denkstile (vgl. White 1973). Statt den hier gegebenen vertikalen Differenzierungen – zwischen Textsorten, Stilen, Gattungen – nutzt de Man die Jakobsonsche Unterscheidung für eine gleichsam *horizontale Differenzierung*: Das heißt, er unterscheidet zwischen einem *grammatischen* und einem *rhetorischen Gebrauch der Sprache* – oder auch zwischen einer *literalen* (buchstäblichen) Lektüre und einer *figuralen* (metaphorischen) Lektüre. Wenn Jakobson das begriffliche Instrumentarium für diese Dualisierung bereitstellt, so wird als Kronzeuge für das eigentlich dekonstruktive Moment der Prozedur ein anderer Autor ins Spiel gebracht, nämlich Friedrich Nietzsche. Die Theorie der Metapher, wie sie sich einerseits bei Derrida, andererseits bei de Man ausgearbeitet findet, ist schwerlich denkbar ohne den Dekonstruktur *avant la lettre*, in diesem Fall insbe-

¹² In seinen Vorlesungen *Memoires. For Paul de Man* betont Derrida, daß „Dekonstruktion in Amerika“ nicht einfach ein europäischer Exportartikel sei, sondern in Amerika „mehrere originale Konfigurationen“ hervorgebracht habe, die wiederum „eigenartige Effekte in Europa und anderswo in der Welt“ erzeugt hätten“ (DERRIDA 1986: 13 f). Zum Verhältnis von Derrida und de Man, etwa hinsichtlich ihrer Rousseau-Interpretation, vgl. auch BEIL 1994.

sondere den Autor von *Über Wahrheit und Lüge im aussermoralischen Sinne*. Derridas erste Annäherung an das Problem der Metapher in dem umfangreichen Text *La mythologie blanche* nimmt trotz zahlreicher anderer Bezüge ihren Ausgang von einer Stelle aus Nietzsches Text (Derrida 1972: 258), ebenso scheinen de Mans verschiedene Erörterungen der Metaphern-Frage auf keinen anderen Text so sehr zu referieren wie auf diesen.¹³ Wenn Nietzsche fast überall dort, wo er sich vermeintlich gesicherten Beständen der philosophischen Tradition mit Hohn, Ironie oder Kritik zuwendet, Anführungszeichen setzt, so kann das nach dem bisher Erörterten kaum als Zufall erscheinen. Gerade dadurch, daß Nietzsche Begriffe, an deren Dasein und Gebrauch wir uns längst gewöhnt haben, mit Anführungszeichen markiert, ruft er uns ihre verloren gegangene Andersheit ins Bewußtsein. Und er sucht uns an ihre vergessene Wörtlichkeit zu erinnern, an ihre ursprüngliche *Metaphorizität*. Letzteres insbesondere auch in dem Text *Über Wahrheit und Lüge*. Erinnerung man sich nämlich an den verlorengegangenen, verdrängten Gebrauch von Begriffen wie „Wahrheit“, „Ding an sich“, „Selbstbewußtsein“ oder auch nur „Blatt“, so würde uns, Nietzsche zufolge, schlagartig klar, daß alle mit diesen und ähnlichen Begriffen verbundenen – und nun setze ich in Anlehnung an Nietzsche selbst die Anführungszeichen – „Erklärungen“ oder „Erkenntnisse“ nichts als Illusionen sind: Folgen einer enormen kulturellen Vergesslichkeit.¹⁴ Ich gebe die entscheidende Passage wieder, die sowohl von

¹³ DE MAN 1979: 110: *For the very question we are considering, the possibility of escaping from the pitfalls of rhetoric by becoming aware of the rhetoricity of language, is central to the entire Philosophenbuch and its only completed unit, the essay On Truth and Lie in an Extra-Moral Sense [Über Lüge und Wahrheit im aussermoralischen Sinn]. This essay flatly states the necessary subversion of truth by rhetoric as the distinctive feature of all language [...].*“ Daran schließt das gleiche Zitat an, das sich auch in Derridas *Mythologie blanche* findet und das ich unten meinerseits zitiere.

¹⁴ Die Art und Weise, in der NIETZSCHE Anführungszeichen setzt, ließe sich an unzähligen Stellen in seinem Werk beobachten. Um eine nahezu beliebige, aber doch typische, herauszugreifen (aus *Die Philosophie im tragischen Zeitalter der Griechen*): „Nur in den verblaßtesten, abgezogensten Allgemeinheiten, in den leeren Hüllen der unbestimmtesten Worte soll jetzt die Wahrheit wie in einem Gehäuse aus Spinnfäden, wohnen: und neben einer solchen ‚Wahrheit‘ sitzt nun der Philosoph, ebenfalls blutlos wie eine Abstraktion und rings in Formeln eingesponnen“ (NIETZSCHE 1999: 844). Der Begriff der „Wahrheit“, teils mit, teils ohne Apostroph verwendet, teils mit der „Frau“ (dem „Weib“) in paradoxe Verbindung gebracht, verlockt auch Derrida zu Nietzsche-Kommentaren: „Die ‚Wahrheit‘ wäre also nur eine Oberfläche, sie würde

Derrida als auch von de Man in grundsätzlichen Texten zitiert, das heißt, ihrerseits mit Anführungszeichen versehen wird:

Was ist also Wahrheit? Ein bewegliches Heer von Metaphern, Metonymien, Anthropomorphismen kurz eine Summe von menschlichen Relationen, die, poetisch und rhetorisch gesteigert, übertragen, geschmückt wurden, und die nach langem Gebrauche einem Volke fest, canonisch und verbindlich dünken: die Wahrheiten sind Illusionen, von denen man vergessen hat, daß sie welche sind, Metaphern, die abgenutzt und sinnlich kraftlos geworden sind, Münzen, die ihr Bild verloren haben und nun als Metall, nicht mehr als Münzen in Betracht kommen“ (Nietzsche 1999: 880 f).

Es ist an dieser Stelle nicht möglich, sich auch nur skizzenhaft auf die hochkomplexe dekonstruktivistische Metapherndiskussion einzulassen.¹⁵ Stattdessen handelt sich darum, zu zeigen, daß der *Bruch* zwischen einer *wörtlichen (literalen)* und einer *figuralen (metaphorischen) Lektüre*, der bei de Man zur *conditio sine qua non* seiner Theorie der *Unlesbarkeit*, der *unreadability* wird, auf die Nietzschesche Revolte gegen den ‚natürlichen‘ Gebrauch der Begriffe bezogen werden kann. Zugleich wird deutlich, daß die Anführungszeichen, die Nietzsche setzt, bei den Dekonstruktivisten in ähnlicher Funktion wiederkehren – und für jene ironische Distanz, ja für jene Anarchie gegenüber den üblichen Bedeutungszuschreibungen sorgen, die die herkömmliche Literaturwissenschaft seit den 80er Jahren so irritiert hat. Von niemand anderem als Nietzsche also haben die Dekonstruktivisten die Aufmerksamkeit für und den Gebrauch von Anführungszeichen gelernt: einen Gebrauch, der das Zitierte aus seiner Verankerung in tradierten Sinnzusammenhängen kippen – und hinabstürzen läßt in den Abgrund des Uneigentlichen,

erst tiefe, nackte, begehrtenwerte Wahrheit durch den Effekt eines Schleiers: der über sie fällt. Wahrheit, die nicht durch Anführungszeichen in der Schwebelage gehalten ist und die die Oberfläche mit einer Geste der Scham wieder verhüllt. Es würde genügen, den Schleier in der Schwebelage oder ihn auf eine andere Weise fallen zu lassen, damit es keine Wahrheit oder nur die – so geschriebene ‚Wahrheit‘ gäbe. *Le voile/tombe: Der Schleier/fällt; der Schleier/das Grab*“ (DERRIDA 1986: 138).

¹⁵ Teilweise begegnet man ihr schon in dem Sammelband von Anselm HAVERKAMP (Hg.), *Theorie der Metapher*. Darmstadt 1996 (2., erw. Auflage). Ein Bild von der Spannweite der dekonstruktivistischen Metapherndiskussion kann man sich neuerdings anhand des reichhaltigen Bandes *Die paradoxe Metapher*, ebenfalls hg. von Anselm HAVERKAMP (Frankfurt/M 1998), machen.

Buchstäblichen. In diesem Sinne könnte die Dekonstruktion auch als ironisches Projekt gelten. Wir dürfen uns aber nicht täuschen: Trotz dieser Offenlegung des metaphorischen Grundes der Begriffe, trotz der Insistenz auf der Buchstäblichkeit einer Figur, einer Trope, einer Metapher zielt der Dekonstruktivismus keineswegs auf ein ‚neues‘ Fundament, eine ‚uneigentliche‘ sprachliche Wahrheit. „Unlesbarkeit“ bei de Man heißt vielmehr, daß wir dem *double bind* dieser beiden Lektüren, der *figuralen* und der *literalen* nicht entkommen können – daß wir dem abgründigen Hin und Her zwischen dem Wort mit und dem ohne Anführungszeichen ausgeliefert sind ohne Chance auf eine Lösung. Das heißt, mit anderen Worten, daß es schlechthin unmöglich ist, sich angesichts der rhetorischen, auf Absicht und Bedeutung bezogenen Lektüre – der Lektüre der suggerierten Referenz – auf der einen Seite, der grammatikalisch orientierten Lektüre auf der anderen Seite zugunsten einer der beiden Alternativen zu entscheiden: und es heißt ebenso, daß die paradigmatisch-referentielle Ebene eines Textes die syntagmatische weder ersetzen noch sich von ihr ersetzen lassen kann. Am Beispiel einer Verszeile von William Butler Yeats – sie lautet: „How can we know the dancer from the dance?“ – versucht de Man klarzumachen, worum es geht. Dem einen (rhetorischen) Lektüremodell zufolge wird man die im Vers gestellte Frage nur als – eben ‚rhetorisch‘ auffassen können: Tänzer und Tanz sind dann in diesem Fall nicht zu unterscheiden. Genau das Gegenteil geschieht bei der anderen, der buchstäblichen Lektüre: Die Frage wird wörtlich, das heißt, ernst genommen – und es wird ‚wirklich‘ danach gefragt, wie sich die beiden denn unterscheiden lassen. Deshalb, betont de Man,

„können wir nicht sagen, daß das Gedicht einfach zwei Bedeutungen hätte, die Seite an Seite bestünden. Die beiden Lektüren müssen sich in direkter Konfrontation aufeinander beziehen, denn die eine ist genau der Irrtum, der von der anderen denunziert wird und von ihr aufgelöst werden muß. Wir können mit keinem Mittel eine gültige Entscheidung über die Priorität einer der beiden Lektüren über die andere herbeiführen; keine kann ohne die andere existieren. Es kann keinen Tanz ohne Tänzer und kein Zeichen ohne Referenten geben. Doch andererseits wird die Autorität der Bedeutung, die von der grammatischen Struktur erzeugt wird, völlig verdunkelt von der Zwieschlächtigkeit einer Figur, die nach jener Differenzierung schreit, die sie selber verhindert“ (de Man 1988: 42).¹⁶

¹⁶ DE MAN 1979: 12: *Neither can we say, [...] that the poem simply has two meanings that exist side by side. The two readings have to engage each other in direct confrontation, for the one reading is*

Diese kleine Passage macht unter anderem deutlich, daß eines der über die Dekonstruktion am häufigsten kolportierten Klischees – sie leugne jegliche Referentialität – auf Unkenntnis beruht. Lesen wir hier noch einmal den völlig unmißverständlichen Satz: „Es kann keinen Tanz ohne Tänzer und kein Zeichen ohne Referenten geben (*There can be no dance without a dancer, no sign without a referent*)“.

4.

Wirft man nun einen Blick auf konkrete Textanalysen, so sehen wir, daß de Man nicht nur an Texten interessiert ist, die auf Grund von „Blindheit“, von Mangel an Selbstreflexion nach einer Dekonstruktion ihres ‚common sense‘-Modus verlangen. Ob er sich Rousseau – in Differenz zu Derrida – oder dem englischen Lyriker Wordsworth zuwendet: Immer wieder ziehen ihn ganz besonders jene klassischen, kanonischen Texte an, die ein genaues Bewußtsein von ihrer eigenen Rhetorizität bezeugen, Texte, die also gleichsam selbst die Arbeit der Dekonstruktivisten vorwegnehmen. Wegen seiner Plastizität möchte ich als Beispiel zunächst eines von Wordsworths *Lugy-Gray*-Gedichten zitieren, das de Man in dem (zuerst 1969 erschienenen) Aufsatz *The Rhetoric of Temporality* auf knappe und beeindruckende Weise kommentiert (de Man 1993: 121-124); und dann, als zweites Exempel, ein Gedicht von Rilke als Tribut an die Tatsache, daß Sie und ich Germanisten sind. Das Wordsworth-Gedicht lautet:

A slumber did my spirit seal;
I had no human fears:
She seemed a thing that could not feel
The touch of earthly years.

No motion has she now, no force;
She neither hears nor sees;
Rolled round in earth's diurnal course,
With rocks, and stones, and trees.

precisely the error denounced by the other and has to be undone it. Nor can we in any way make a valid decision as to which of the readings can be given priority over the other; none can exist in the other's absence. There can be no dance without a dancer, no sign without a referent. On the other hand, the authority of the meaning engendered by the grammatical structure is fully obscured by the duplicity of a figure that cries out for the differentiation that it conceals.

In seiner Interpretation zielt de Man vor allem auf das Wort „thing“. In der ersten Strophe, so zeigt er, „ließ sich das Wort ‚Ding‘ noch ganz unschuldig verwenden“, es wirkt wie „ein galantes Kompliment an eine Dame“, der „es gelungen ist, sich ihre Jugendlichkeit zu bewahren“. Wir kennen ja auch im Deutschen die Redewendung „ein junges Ding“. DE MAN fährt fort:

„Die eigentümliche Schockwirkung des Gedichts, der sehr Wordsworthianische ‚Schock der sanften Überraschung‘, besteht darin, daß diese harmlose Aussage in der rückblickenden Perspektive des ewigen Jetzt‘ der zweiten Hälfte des Gedichts buchstäblich wahr wird. Die Frau ist nun zu einem Ding in der vollen Bedeutung des Wortes geworden [...]“ (DE MAN 1993: 122 f).

In der ersten Strophe bezeichnet das Wort „Ding“ eine vergangene Illusion, da man die Metapher einst sorglos verwendete, ohne sich des bitteren Ernstes ihrer wortwörtlichen Lesart bewußt zu sein; in der zweiten Strophe, nach dem Tod der Frau, die hier nur „sie“ genannt wird, befindet sich das lyrische Ich bereits ‚jenseits der Illusionen‘. Wenn Geoffrey HARTMAN, der das gleiche Gedicht interpretiert, von „Ironie“ spricht,¹⁷ so sieht de Man die Transformation von „Ding“ als Metapher – also mit Anführungszeichen – in ein wortwörtliches, totes Ding – also ohne Anführungszeichen – nicht mehr als einen durchweg ironischen Vorgang an: Er ordnet ihn vielmehr als temporale Folge Irrtum/ Tod/ Einsicht der „Allegorie“ zu und betont, daß die „tragische Ironie der dritten und vierten Zeile in der Weisheit der Schlußzeilen“, in einer Art ‚Metaironie‘ aufgelöst werde (DE MAN 1993: 123). Wir werden so befähigt zu sehen, daß das Gedicht selbst uns sowohl eine *figurale* als auch eine *literale* Lektüre ein und desselben Wortes anbietet, daß es also die gleichsam blinde metaphorische Lesart nach dem Einbruch des Todes durch eine wortwörtliche Lesart dekonstruiert. Anders gesagt: das Gedicht selbst setzt einmal imaginäre Anführungszeichen, wenn mit dem „Ding“ die „junge Frau“ gemeint ist, und streicht sie das zweite Mal wieder aus: das Ding ist dann nur noch Ding, totes Objekt. Nicht ganz beipflichten kann

¹⁷ HARTMAN 1996: 131: „Der Dichter-Schlummerer [...] erwacht in das Bewußtsein des Todes hinein, aber anstelle von Mitleid, Schrecken oder menschlicher Angst, die übergangen wurden, bringt sein Erkennen eine Ironie zum Ausdruck: Nun kann Lucy in der Tat ‚die Hand der Erdenjahre‘ nicht spüren. Sie ist, was sie zu sein schien. Sein Bild von ihr ist Wirklichkeit geworden, aber als ein Fluch, den er sich vielleicht unbemerkt selbst auferlegt hat.“

ich im übrigen de Mans Meinung, es handle sich am Schluß nur noch um „ewige Einsicht in die steinige Öde des menschlichen Schicksals“ (DE MAN 1993: 123). Bei genauerem Hinsehen wird zwar die Metapher „thing“ durch den metonymisch-syntagmatischen Gebrauch desselben Wortes abgelöst, die Metonymie wird jedoch auf subtile Weise in eine Synekdoche umgeleitet: die Zeile „with rocks, and stones, and trees“ resigniert nicht nur vor der Nichtigkeit und dem Elend des Todes, sondern deutet auch eine Reintegration in den Kreislauf der Natur an, der damit die schlichte Literalität des zweiten „thing“ wenn nicht transzendiert, so doch in eine neue Ganzheit einfügt.

Wenn wir nun zum zweiten Textbeispiel kommen, so tut uns das Gedicht RILKES, das Paul de Man interpretiert, den Gefallen, selbst auf unser Thema – Anführungszeichen – einzugehen. Dieses Gedicht, auf das de Man in seinem Text *Tropes (Rilke)* zu sprechen kommt, steht in den *Sonetten an Orpheus* und lautet folgendermaßen (RILKE 1982: 493 f):

Sieh den Himmel. Heißt kein Sternbild ‚Reiter‘?
Denn dies ist uns seltsam eingepägt:
dieser Stolz aus Erde. Und ein Zweiter,
der ihn treibt und hält und den der trägt.

Ist nicht so, gejagt und dann gebändigt,
diese sehnige Natur des Seins?
Weg und Wendung. Doch ein Druck verständig.
Neue Weite. Und die zwei sind eins.

Aber *sind* sie's? Oder meinen beide
nicht den Weg, den sie zusammen tun?
Namenlos schon trennt sie Tisch und Weide.

Auch die sternische Verbindung trägt.
Doch uns freue eine Weile nun
der Figur zu glauben. Das genügt.

De Man geht nicht explizit auf die vom Autor gesetzten Anführungszeichen ein, aber sie sind der latente Kompaß seiner Argumentation. Daß die Spannung zwischen der irdisch-animalischen Kraft des Pferdes und seinem Reiter, seinem Bändiger in den ersten beiden Strophen zunächst als polare Gegensätzlichkeit und dann, nach dem Tausch der Plätze, als Einheit erscheint, bedarf kaum einer Erläuterung. De Man legt Wert darauf, daß die „neue Vollständig-

keit“ den „Übergang von dem erdgleichen Paar zum figuralen Sternbild des ‚Reiters‘“ ankündigt (DE MAN 1988 b: 85). Und er spricht damit eine quasi-kosmische Totalität an, die sich freilich von Anfang an als fragil erwies: einerseits durch die unsichere Frage „Heißt ein Sternbild...?“ und andererseits durch die Anführungszeichen bei „Reiter“, die subtil suggerieren, es existiere vielleicht gar nicht, wonach da gefragt wird. Diese Fragilität wird aber in der zweiten Strophe schon verdrängt: zu überzeugend wirkt die Rede von der „Natur des Seins“, von dem „Druck“, der genügt, und von der endlich erreichten Einheit. Umso besser nachvollziehbar ist de Mans Insistenz auf der radikalen Kehrtwendung nach diesem Auftakt: „Der zweite Teil des Reiter-Sonetts stellt“, so hebt er hervor, „alles, was erreicht wurde, in Frage“ – und zwar „genau in dem Augenblick, [...] in dem der Text das Bewußtsein seiner sprachlichen Struktur feststellt und das Ereignis, das er beschreibt, als ein sprachliches bezeichnet“ (DE MAN 1988 b: 85).¹⁸ Als Indizien für diese Auffassung dienen einerseits der metasprachliche Begriff der „Figur“, den Rilke in der letzten Zeile auf den Reiter anwendet, andererseits bereits fünf Zeilen weiter oben das „meinen“, das die Frage nach dem kursivierten und damit auch apostrophierten *sind* auf negative Weise beantwortet. So wie der Begriff des „Meinens“ den Akzent auf eine *sprachliche* (und nicht ontologische) Handlung legt, so holt uns auch der Begriff der „Figur“ in eine *ästhetisch-rhetorische* Sphäre, die den zuvor beschworenen analogischen Kosmos Lügen straft. De Man zieht daraus die Folgerung: „Das Reiter-Sonett belegt Rilkes Wissen darum: die Wahrheit der Figur stellt sich als eine Lüge genau in dem Moment heraus, in dem sie sich in der Fülle ihres Versprechens behauptet“ (DE MAN 1988 b: 86).¹⁹ Mit anderen Worten: Das Gedicht liest und reflektiert sich selbst in seinem zweiten Teil als einen sprachlich-rhetorischen Vorgang, während es sich noch in seinem ersten Teil mit einer Vorstellung von mythisch-kosmischer Totalität zu identifizie-

¹⁸ Im Original heißt es: *The second part of the Horseman sonnet, however, puts in question all that has been achieved and reduces the unified totality to a mere illusion of senses, as trivial and deceiving as the optical illusion which makes us perceive the chaotic dissemination of the stars in the space as if they were genuine figures, genuine designs traced upon the background of the skies [...]. What is most important in this unexpected thematic turn is that it comes about at the precise instant when the text states its awareness of its linguistic structure and designates the event it describes as an event of language* (DE MAN 1979: 54).

¹⁹ Im Original: *The Horseman sonnet confirms that Rilke knew this to be the case: the figure's truth turns out to be a lie at the very moment when it asserts itself in the plenitude of its promise* (DE MAN 1979: 55).

ren schien. Die Anführungszeichen freilich warnten uns schon vor, und die Kursivierung des „sind“, die eine ganz ähnliche Funktion hat, läßt kaum einen Zweifel mehr daran, daß die paradigmatische Übertragung des empirischen Reiters in das astrale, transzendente Pendant des „Sternbilds“ als eine Illusion verstanden werden muß: denn „die sternische Verbindung trägt“.

Es ist nicht schwer zu sehen, daß sich beide Interpretationen de Mans – die des WORDSWORTH- und die des RILKE-Textes – in einem entscheidenden Punkt kritisieren lassen: beide unterschlagen nämlich das anti-begriffliche beziehungsweise anti-aufklärerische Element der Poesie, im ersten Fall die synekdochische Wendung am Ende, im zweiten den Nachdruck auf den Versen „Doch uns freue eine Weile nun / der Figur zu *glauben*“. Dies ernst zu nehmen hieße, den Akzent auf den ‚Glauben‘ an die astrale Figur zu legen, diesen fragilen ästhetischen oder „formalen Mythos“ – wie das Clemens LUGOWSKI und Heinz SCHLAFFER genannt haben – gelten zu lassen für die Dauer von 14 Verszeilen (vgl. SCHLAFFER 1990). Nicht nur um die Dekonstruktion einer mythischen Konstellation ginge es dann, sondern zumindest *auch* um ihre Rettung im ästhetischen Schein.

5.

Ich möchte aber zum Schluß noch einmal von außen einen Blick auf das duale Instrumentarium de Mans werfen und überlegen, ob und inwiefern es für eine Wissenschaft von der Literatur oder von der Kultur hier und heute brauchbar ist. Anhand der wenigen Beispiele konnten wir zumindest eines beobachten: Das von JAKOBSON entlehene zweipolige *Schema von Paradigma/Metapher und von Syntagma/Metonymie* wird von de Man nicht als eine feste, in Texten oder gar Gattungen fixierbare Kategorisierung verstanden, sondern – um es stark zu pointieren – als zwei fundamentale Optionen, die unsere Lektüre, unsere Art des *Lesens* bestimmen. So können wir Texte zum Beispiel nach dem metaphorisch-paradigmatischen Prinzip, also auf eine Referenz, einen Sinn hin lesen, auf den die Zeichen scheinbar angelegt sind und den es herauszuarbeiten gilt. Wir können sogar, um diese Haltung rezeptionsästhetisch zu radikalieren, einen Text, selbst einen begrifflichen, einer *Re-Metaphorisierung* unterziehen – wir können so tun, als habe er noch nicht alles, was er sagen wollte, gesagt und ihn dann an sein latentes begriffliches Ziel führen. Immer wenn wir uns als Interpreten, als Hermeneutiker so verstehen, dann reduzieren wir den Text auf eine semantische Vorläufigkeit, wir unterstellen ein Defizit an Klarheit und Explikation, das wir dann selbst zu besei-

tigen versuchen. Der ganze Text gerinnt so zur Metapher, er bleibt bildhaft offen – und scheint von uns, den Interpreten, eine begriffliche Abschließung oder, um es mit HEGEL zu sagen, eine begriffliche *Aufhebung* zu verlangen.

Aber kommen wir nun auf das andere Extrem zu sprechen. In diesem Fall vergessen oder verleugnen wir das paradigmatische Potential eines Textes. Wir reduzieren ihn auf seine syntaktischen, grammatikalischen Zusammenhänge und nehmen nur noch seine verwirrende *Wörtlichkeit* zur Kenntnis. Der Text verliert die ihm sonst unterstellte (latente) Geschlossenheit, indem der Interpret, wie Walter BENJAMIN dies des öfteren, insbesondere im *Ursprung des deutschen Trauerspiels*, dargestellt hat, sich in einen „innehaltenden Leser“ verwandelt, oder, um es mit einem Ausdruck aus der Temperamentenlehre zu sagen, in einen melancholischen. „Dem Melancholiker zerfällt das Ganze zum Fragment, das Fragment aber gewinnt die Gewalt der allegorischen Verweisung“ (STIERLE 1984: 338). Statt den Text zu instrumentalisieren oder in einer illusionären Kontinuität zu versinken, *fragmentiert* der innehaltende Leser den Text; er löst *Einzelheiten* aus den vertrauten Zusammenhängen heraus und grübelt nach über die Möglichkeiten der Allegorie. „Die Frucht solcher Lektüre sind bei Benjamin herausgesprengte Zitate, die den gelesenen Text oft in einer Gegenwärtigkeit erscheinen lassen, als habe er erst seinen Blick aufgeschlagen“ (STIERLE 1984: 347). Auf einmal, so könnte man sagen, trägt jedes Wort Anführungszeichen, alle Zeichen geben ihren geläufigen, in der gewohnten Bedeutung verankerten Sinn preis, sie werden apokryph oder, um es wiederum mit BENJAMIN zu sagen, hieroglyphisch. Das heißt, sie verlieren ihre Selbstverständlichkeit als Teil einer ‚natürlichen‘ Rede, eines dahinfließenden Sinns; stattdessen erscheinen sie, restlos zu Schrift geworden, als rätselhafte Konstellation, die auf ihre Allegorisierung wartet.

Mit dieser grundsätzlichen Gegenüberstellung zweier Lektüreformen greifen wir jenseits von Paul de Man und seiner aporetischen Engführung auf Typen des Lesens zurück, die eine jahrhunderte-, jahrtausendealte *Überlieferung* erkennen lassen. Man trifft auf sie im Ansatz schon in der Spätantike, in der Debatte um die antiochenische und die alexandrinische Lesart des Talmud. Wollte man diese Typisierung noch weiter treiben, so ließe sich sagen, daß man die erstere Lesart, unabhängig vom Jargon der Dekonstruktion, als die *transzendierende*, und die letztere als die *tradierende* bezeichnen könnte.²⁰ Paradigma und Metapher sind,

²⁰ Dieses Begriffspaar verdanke ich meinem (leider bereits verstorbenen) philosophischen Lehrer Horst J. Aulitzky.

wie wir gesehen haben, auf dieses Transzendieren angelegt, sie eröffnen die Szene der Hermeneutik, während mit der Aufmerksamkeit auf Syntagma und Metonymie die Literalität des Textes in den Blick gerückt und seine je andere, situative Präsenz greifbar wird anhand von Fragmenten und Zitaten. Diese radikale Vergegenwärtigung von kanonischen, insbesondere biblischen Texten, diesen Verzicht auf historische Rekonstruktion oder kontextuelle Einfühlung läßt auf ein besonderes Bewußtsein der Tradierbarkeit von Texten schließen. Wir kennen ein solches Bewußtsein aus häretischen Traditionen, von Mystikern wie Meister ECKHART oder Isaak LURIA, aber auch von den Gnostikern. Es ist daher kein Zufall, daß so etwas wie ein ‚Häresievorwurf‘ auch gegenüber den Dekonstruktivisten erhoben wurde.²¹ Denn mit ihrem Gebrauch der Anführungszeichen ironisierten und rhetorisierten sie nicht nur die gesamte metaphysische Tradition, sie spalteten auch die Wörter auf in ihren geläufigen, metaphorischen Sinn auf der einen und ihre subversive Buchstäblichkeit auf der anderen Seite.

Wie läßt sich an dieser Stelle fortfahren? Anregungen von Derrida, de Man, Bloom, Geoffrey Hartman, J. Hillis Miller und ihren Schülern wurden mittlerweile in der gesamten literaturwissenschaftlichen Szene aufgegriffen, seltsamerweise auch und gerade dort, wo man diese Autoren totschwieg, ihre Arbeit mit Metaphern wie „Schattenspiel“, „Ironieschraube“, „Strudel“, „Schwindel“ verspottete oder des (Derri-)“Dadadismus“ verdächtigte.²² Ich glaube nicht, daß in

²¹ In diese Richtung ist nach Habermas wohl Umberto ECO am weitesten gegangen. Nach einer beeindruckenden *Par-force*-Tour durch die Geschichte der hermetischen Traditionen (in *Die Grenzen der Interpretation*) folgert ECO nicht nur, daß viele „reader-oriented“ Theorien und Praktiken „in irgendeiner Weise der hermetischen Tradition verpflichtet“ seien (wobei namentlich vor allem Harold Bloom erwähnt wird), sondern auch, daß solche (offenbar dekonstruktivistischen) Lektüren das „Bild eines pathologischen Syndroms der Anspielungen und des Argwohns“ in der Tradition der hermetischen „Metaphysik der Ähnlichkeit“ erzeugten – und schreckt auch vor dem Begriff des „Paranoikers“ in diesem Zusammenhang nicht zurück (ECO 1995: 73-79).

²² Die Liste der Vorwürfe, die sich in den vergangenen Jahrzehnten gegen die Dekonstruktion richteten, ist lang – und hat (unfreiwillig) zur Langlebigkeit ihres ungeliebten Gegenstandes beigetragen. So wurde etwa der Mythos der totalen Revolte immer von neuem genährt. Vor kurzem hat Eckhart SCHUMACHER die wichtigsten dieser Frontstellungen nachgezeichnet, von den zahlreichen „Dada“-Versionen, die an die Endsilbe von Derridas Namen anknüpfen, bis zu härteren Kalibern, etwa dem Vorwurf des „obscurantisme terroriste“, der nach Foucault und Searle viele Male wiederholt wurde: SCHUMACHER 2000: 299-310.

der heutigen Situation ein *retours à la hermeneutique* angesagt wäre – ebensowenig übrigens wie eine ‚orthodoxe‘, gläubige Haltung gegenüber der Dekonstruktion. Das traditionelle hermeneutische Verfahren griff stets auf so etwas wie die ‚Verwurzelung‘ von Texten zurück, auf den Autor und dessen vermutete ‚Intention‘, es *reterritorisierte* Texte, indem es sie unentwegt in ihre Heimat, ihren historischen Zusammenhang, an ihren Ursprung zurückzuführen versuchte. Dieses Verfahren hat sich nun schon über zwei Jahrhunderte gut bewährt – und es bleibt vorbildlich insbesondere dann, wenn es gilt, das Lesen an Universitäten zu lehren und auf den Widerstand (die Fremdheit, Unverständlichkeit) der Texte aufmerksam zu machen, um deren ‚Verständnis‘ wir zusammen mit den StudentInnen kämpfen. Angesichts der Vermischung, der Hybridisierung und Globalisierung unserer Kulturen aber haben wir es heute mit einer nicht unwesentlich veränderten Situation zu tun. Von nun an kann es kaum mehr ausschließlich um eine Arbeit am authentischen Text gehen, die den Muttersprachler, der ja den ‚Horizont‘ mit dem jeweiligen klassischen Autor teilt, zum alleinigen ‚Experten‘ erhebt. Klassische kanonische Werke haben sich mehr denn je in der Fremde, im Exil, am anderen Ort und in der anderen Zeit zu bewähren, sie sollen und müssen – als *Weltliteratur!* – offengehalten werden für neue Fragestellungen, alternative Lektüren, überraschende Anschlüsse...

Diesen klassischen Werken ergeht es mittlerweile wie bei Homi Bhabha der modernen Nation: Sie kann sich nicht mehr mit der pädagogischen Repräsentativität, der Bestätigung ihrer historischen Substanz begnügen, sie muß vielmehr zusehends die gegenwärtigen Migrationen, die politischen Veränderungen und die Diskurse der Minoritäten in ihre identitätsstiftende Narration miteinbeziehen. Mit den Worten Bhabhas: Pädagogik wird von Performanz ergänzt und erneuert, dem täglichen Plebiszit des Volkes, das „hinzufügt“, ohne „zu vervollständigen“ (Bhabha 2000: 239).²³

²³ Daß neben Julia KRISTEVA immer wieder auch DERRIDA hinter Bhabhas kulturwissenschaftlichen Erörterungen über die Nation als Narration steht, braucht man nicht nur zu vermuten oder zu erschließen. BHABHA äußert sich in dieser Hinsicht ganz explizit, etwa an folgender Stelle: „Die heterogene Struktur von Derridas Supplementarität beim Schreiben steht in engem Zusammenhang mit der widerstreitenden, ambivalenten Bewegung zwischen dem Pädagogischen und dem Performativen, welche die narrative Referenz der Nation prägt“ (BHABHA 2000, 230).

Literaturverzeichnis

- BEIL, Ulrich J. [Rezension von:] „Paul de Man, *Die Ideologie des Ästhetischen*. Frankfurt/M 1993; Karl Heinz Bohrer (Hg.). *Ästhetik und Rhetorik. Lektüren zu Paul de Man*. Frankfurt/M 1993.“ In: *Arbitrium* 2 (1994), 138-142.
- BHABHA, Homi K. *Die Verortung der Kultur*. Mit einem Vorwort von Elisabeth Bronfen. Deutsche Übersetzung von Michael Schiffmann und Jürgen Freudl. Tübingen 2000 [Orig.: *The Location of Culture*, London-New York].
- BLOOM, Harold / Paul de Man / Jacques Derrida / Geoffrey H. Hartman. *Deconstruction and Criticism*. New York 1979.
- CULLER, Jonathan. *On Deconstruction. Theory and Criticism after Structuralism*. New York 1982.
- DE MAN, Paul. *Allegories of Reading: Figural Language in Rousseau, Nietzsche, Rilke, and Proust*. New Haven-London 1979.
- DE MAN, Paul. „The Rhetoric of Temporality“. In: P. de M. *Blindness and Insight: Essays in the Rhetoric of Contemporary Criticism*. Minneapolis 1983 (2. Aufl.), 187-228.
- DE MAN, Paul. „Die Rhetorik der Zeitlichkeit“. In: P. de M. *Die Ideologie des Ästhetischen*. Hg. von Christoph Menke. Aus dem Amerikanischen von Jürgen Blasius. Frankfurt/M 1993, 83-130.
- DE MAN, Paul (1988 b). „Tropen (Rilke)“. In: P. de M. *Allegorien des Lesens* [Teil I von *Allegories of Reading*]. Aus dem Amerikanischen von Werner Hamacher und Peter Krumme. Mit einer Einleitung von Werner Hamacher. Frankfurt/M 1988, 52-90.
- DE MAN, Paul. *Die Ideologie des Ästhetischen*. Hg. von Christoph Menke. Aus dem Amerikanischen von Jürgen Blasius. Frankfurt/M 1993.
- DERRIDA, Jacques. *L'écriture e la différence*. Paris 1967.
- DERRIDA, Jacques [1967 b]. *De la grammatologie*. Paris 1967.
- DERRIDA, Jacques. „La mythologie blanche“. In: J. D. *Marges de la philosophie*. Paris 1972, 247-324.

- DERRIDA, Jacques. *Die Schrift und die Differenz*. Aus dem Französischen übersetzt von Rodolphe Gasché. Frankfurt/M 1976.
- DERRIDA, Jacques [1976 b]. „Die différence“. In: J. D. *Randgänge der Philosophie*. Frankfurt/M-Berlin-Wien 1976, 6-37 [ausgew. Kapitel aus dem Orig.: *Marges de la philosophie*. Paris 1972].
- DERRIDA, Jacques. *Mémoires for Paul de Man*. New York 1986.
- DERRIDA, Jacques [1986 b]. „Sporen. Die Stile Nietzsches“. In: Werner Hamacher (Hg.). *Nietzsche aus Frankreich*. Frankfurt/M-Berlin 1986, 129-168. [Orig.: *Éperons. Les styles de Nietzsche*. Paris 1978].
- DERRIDA, Jacques. *Gesetzeskraft. Der „mystische Grund der Autorität“*. Aus dem Französischen von Alexander García Düttmann. Frankfurt/M 1991 [Orig.: *Force de loi. Le „fondement mystique de l'autorité“*].
- DERRIDA, Jacques. *Das andere Kap / Die vertagte Demokratie*. Zwei Essays zu Europa. Aus dem Französischen von Alexander García Düttmann. Frankfurt/M 1992 [Orig.: *L' autre cap suivi de La démocratie ajournée*. Paris 1991].
- DERRIDA, Jacques [1992 b]. *Vom Geist: Heidegger und die Frage*. Übersetzt von Alexander García Düttmann. Frankfurt/M 1992 [Orig.: *De l'esprit. Heidegger et la question*. Paris 1987].
- DERRIDA, Jacques. *Politik der Freundschaft*. Frankfurt/M 2000 [Orig.: *Politiques de l'amitié*. Paris 1994].
- DERRIDA, Jacques [1994 b]. *Gestade*. Aus dem Französischen von Monika Buchgeister und Hans-Walter Schmidt. Wien 1994 [Orig.: *Parages*. Paris 1986].
- DERRIDA, Jacques. *Einige Statements und Binsenweisheiten über Neologismen, New-Ismen, Post-Ismen, Parasitismen und andere kleine Seismen*. Berlin 1997 [Orig.: *Some statements and truisms about neologisms, newisms, postisms, parasitisms, and other seisms*, 1986].
- DERRIDA, Jacques / Gianni Vattimo. *Die Religion*. Frankfurt/M 2001.
- ECO, Umberto. *Die Grenzen der Interpretation*. Aus dem Italienischen von Günter Memmert. München 1995 [Orig.: *I limiti dell' interpretazione*. Milano 1990].
- FELPERIN, Howard. *Beyond Deconstruction*. Oxford 1985.
- HABERMAS, Jürgen. *Der philosophische Diskurs der Moderne*. Frankfurt/M 1985.
- HARTMAN, Geoffrey. „Worte und Wunden“. In: Aleida Assmann (Hg.). *Texte und Lektüren: Perspektiven in der Literaturwissenschaft*. Frankfurt/M 1996, 105-141 [Orig.

- in: G. H., *Saving the Text: Literature / Derrida / Philosophy*. Baltimore 1981, 118-157].
- HAVERKAMP, Anselm (Hg.). *Gewalt und Gerechtigkeit: Derrida – Benjamin*. Frankfurt/M 1994.
- HAVERKAMP, Anselm (Hg.). *Theorie der Metapher*. Darmstadt 1996 (2., um ein Nachwort zur Neuausgabe und einen bibliographischen Nachtrag ergänzte Auflage).
- HAVERKAMP, Anselm (Hg.). *Die paradoxe Metapher*. Frankfurt/M 1998.
- HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. Pfullingen 1990 (9. Auflage).
- JAKOBSON, Roman. *Fundamentals of Language*. The Hague-Paris 1956.
- KOFMAN, Sarah. *Derrida lesen*. Aus dem Französischen von Monika Buchgeister und Hans-Walter Schmidt. Hg. Peter Engelmann. Wien 1988 [Orig.: *Lectures de Derrida*. Paris 1984].
- LACAN, Jacques. „L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud“. In: J. L. *Écrits*. Paris 1966, 493-528.
- LEITCH, Vincent B. „The Lateral Dance: The Deconstructive Criticism of J. Hillis Miller“. In: *Critical Inquiry* 6 (1980), 593-607.
- MENNINGHAUS, Winfried. *Unendliche Verdopplung: Die frühromantische Grundlegung der Kunsttheorie im Begriff absoluter Selbstreflexion*. Frankfurt/M 1987.
- NIETZSCHE, Friedrich. „Ueber Wahrheit und Lüge im aussermoralischen Sinne“. In: F. N. *Die Geburt der Tragödie / Unzeitgemäße Betrachtungen I-IV / Nachgelassene Schriften 1870-1873*. Kritische Studienausgabe, hg. von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. München 1999 (Neuausgabe), Bd. 1, 873-890.
- RILKE, Rainer Maria. *Werke*. Ausgew. u. hg. vom Insel-Verlag. Bd. I-2: Gedicht-Zyklen. Frankfurt/M 1982 (2. Auflage).
- SCHLAFFER, Heinz. *Poesie und Wissen: Die Entstehung des ästhetischen Bewusstseins und der philologischen Erkenntnis*. Frankfurt/M 1990.
- SCHUMACHER, Eckhard. *Die Ironie der Unverständlichkeit: Johann Georg Hamann, Friedrich Schlegel, Jacques Derrida, Paul de Man*. Frankfurt/M 2000.
- STIERLE, Karlheinz. „Walter Benjamin: Der innehaltende Leser.“ In: Lucien Dällenbach / Christian L. Hart Nibbrig (Hg.). *Fragment und Totalität*. Frankfurt/M 1984, 337-349.

WHITE, Hayden. *Metahistory. The historical Imagination in nineteenth-Century Europe*. Baltimore-London 1973.

ZUCKERT, Catherine H. (Hg.). *Postmodern Platos: Nietzsche, Heidegger, Gadamer, Strauss, Derrida*. Chicago-London 1996.

A literatura moderna como observação de segunda ordem. Uma introdução ao pensamento sistêmico de Niklas Luhmann

Michael Korfmann*

Abstract: This study is an introduction to the systems theory developed by the German sociologist Niklas Luhmann (1927 – 1998) and its significance for literary studies. It departs from a historical point of view which understands the period around 1800 as the climax of the transformation from a stratified European society into a modern society with a social order structured by differentiated systems such as education, economy, law or literature, each with its specific function and characterized by its typical form of communication. In Germany, the literary system reflects this process in the poeology of Romantic writers. Literary communication is defined as a second order observation that oscillates between the real and potential and makes the ordered forms clearer. The autonomous and differentiated literary system becomes a field that is being observed by its environment. The history of literature in the 19th century instrumentalizes it for political goals, while the new copyright laws and the idea of the book as a profitable merchandise imbued the system of literature with accelerated dynamics.

Keywords: Niklas Luhmann; systems theory; modern literature.

Zusammenfassung: Dieser Artikel beschäftigt sich mit der Relevanz der Systemtheorie Niklas Luhmanns (1927 – 1998) für die Literaturwissenschaften. Ausgangspunkt ist eine

* O autor é Professor Assistente da Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Setor Alemão. michael.korfmann@urfgs.br

WHITE, Hayden. *Metahistory. The historical Imagination in nineteenth-Century Europe*. Baltimore-London 1973.

ZUCKERT, Catherine H. (Hg.). *Postmodern Platos: Nietzsche, Heidegger, Gadamer, Strauss, Derrida*. Chicago-London 1996.

A literatura moderna como observação de segunda ordem. Uma introdução ao pensamento sistêmico de Niklas Luhmann

Michael Korfmann*

Abstract: This study is an introduction to the systems theory developed by the German sociologist Niklas Luhmann (1927 – 1998) and its significance for literary studies. It departs from a historical point of view which understands the period around 1800 as the climax of the transformation from a stratified European society into a modern society with a social order structured by differentiated systems such as education, economy, law or literature, each with its specific function and characterized by its typical form of communication. In Germany, the literary system reflects this process in the poeology of Romantic writers. Literary communication is defined as a second order observation that oscillates between the real and potential and makes the ordered forms clearer. The autonomous and differentiated literary system becomes a field that is being observed by its environment. The history of literature in the 19th century instrumentalizes it for political goals, while the new copyright laws and the idea of the book as a profitable merchandise imbued the system of literature with accelerated dynamics.

Keywords: Niklas Luhmann; systems theory; modern literature.

Zusammenfassung: Dieser Artikel beschäftigt sich mit der Relevanz der Systemtheorie Niklas Luhmanns (1927 – 1998) für die Literaturwissenschaften. Ausgangspunkt ist eine

* O autor é Professor Assistente da Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Setor Alemão. michael.korfmann@urfgs.br

historische Analyse, die die Zeit um 1800 als Höhepunkt der Entwicklung von einer stratifizierten hin zu einer modernen Gesellschaftsstruktur begreift, die durch die Ausdifferenzierung von Funktionssystemen wie Wirtschaft, Erziehung, Recht oder Literatur gekennzeichnet ist. In Deutschland reflektiert die romantische Poetik diesen Prozess. Literarische Kommunikation wird als Beobachtung zweiter Ordnung aufgefasst, die zwischen dem Aktuellen und Potenziellen oszilliert und so Ordnungsformen deutlich macht. Gleichzeitig wird das autonome und ausdifferenzierte Literatursystem von seiner Umwelt beobachtet. Die Literaturgeschichte des 19. Jahrhunderts instrumentalisiert es für politische Ziele, während das neue Urheberrecht und das Buch als Ware zu einer gesteigerten Dynamik der literarischen Produktion beitragen.

Stichwörter: Niklas Luhmann; Systemtheorie; moderne Literatur.

Palavras-chave: Niklas Luhmann; teoria dos sistemas; literatura moderna.

1. Introdução

O sociólogo alemão Niklas Luhmann (1927-1998) desenvolve, desde meados dos anos 60, sua teoria dos sistemas, reclamada pelo próprio autor como “teoria universal” (1988: 292) e caracterizada por seu oponente, Habermas, como “metateórica” (1985: 443). Sua vasta obra de 63 livros e 419 artigos¹ incorpora influências, sobretudo, de concepções que vêm das chamadas ciências exatas, especificamente da biologia, na adaptação de conceitos como *observador*, *autonomia* e *autopoiésis*, dos biólogos chilenos Maturana e Varela, e da matemática, sobretudo do livro *Law of forms*, de Spencer Brown (1969) e culmina na sua última publicação, os dois volumes de *A sociedade da sociedade* (1997).

Se, de um lado, constata-se uma “discussão intensa” (BERG, 2000: 175) de suas idéias na teoria literária alemã, no Brasil, a sua recepção restringe-se, sobretudo, para o campo da sociologia, destacando-se a introdução editada por Clarissa Baeta Neves e Eva Machado Barbosa Samios². A respeito da arte, existe apenas

¹ Ver o Site do *Círculo Berlimense de Luhmann*: www.wasa.de/blk/neu.

² NEVES, Clarissa B; SAMIOS, Eva M. Barbosa (org). *Niklas Luhmann. A nova teoria dos sistemas*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, Goethe-Institut/ICBA, 1997. NEVES, Marcelo. Luhmann, Habermas e o estado de direito. In: *Lua Nova* 37. São

um artigo do próprio Luhmann, “A obra de arte e a auto-reprodução da arte”, traduzido por Heidrun Krieger Olinto na sua coletânea *Histórias da Literatura*, de 1996, e outro, de cunho crítico, do germanista alemão da Universidade de Stanford, Hans Ulrich Gumbrecht, conferencista freqüente no Brasil, intitulado “Patologias no Sistema da Literatura” (1998). Não cabe aqui discutir se o trabalho de Luhmann não encontrou uma ressonância maior no Brasil por falta de traduções disponíveis ou rejeição de conteúdo, mas precisa-se levar em conta que a teoria funcional e sistêmica do sociólogo alemão resulta de uma vivência social e biográfica bastante diferente daquela do contexto brasileiro, como mostram os comentários do próprio Luhmann a respeito de sua estada neste país. Se pode-se partir de uma tendência da sociedade européia a uma inclusão total da população na qual deveres, como escolaridade, seguros ou documentação, e direitos, como votação, propriedade ou informação, tentam oferecer um instrumental para tal e se uma eventual exclusão precisa de uma legitimação específica e onde doentes, fracos, pobres, desempregados ou perturbados não são banidos ou expulsos mas terapeuizados, tratados, subvencionados ou atualizados profissionalmente, o próprio Luhmann descreve, na ocasião de sua visita ao Brasil, como uma exclusão em escala maior muda a percepção do indivíduo referente ao ambiente. Ele não é mais concebido pelo aspecto funcional, mas a funcionalidade esperável é substituída pela observação corporal:

Quando, por exemplo, se visita grandes cidades brasileiras e se movimentam em ruas, praças ou praias, um observar constante da posição, distância e acumulação de corpos faz parte da competência social obrigatória. [...] Existe uma certa percepção guiada pelo instinto que contribui para que se reconheça e se evite perigos. Tudo que nós [europeus] compreenderíamos como pessoa, retrocede e com isso também as tentativas de obter efeitos sociais através do influenciar de posições e atitude, pois estes precisariam de um contexto de controle e convicções sociais inexistente aqui (Luhmann, 1995a: 262).

Paulo: Brasiliense, 1996: 93-106. LUHMANN, Niklas. *A improbabilidade da comunicação*. Lisboa: Vega, 1992. LUHMANN, Niklas. A obra de arte e a auto-reprodução da arte. In: OLINTO, Heidrun Krieger. *Histórias da Literatura*. São Paulo: Ática, 1996. GUMBRECHT, Ulrich. Patologias no Sistema da Literatura. In: GUMBRECHT, Ulrich. *Corpo e Forma*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. HERRERA, Sonia E. Reyes. Análise do sistema educacional na perspectiva teórica de Niklas Luhmann. In: BAUMGARTEN, Maria (org). *Teoria social: Desafios de uma nova era*. Caderno de Sociologia, Porto Alegre, v. 10, p. 87-105, 1998.

Não podemos aqui discutir se as estruturas sociais brasileiras são resultado da chamada globalização e até que ponto esta pode ser vista como expansão dos sistemas funcionais³ em nível mundial, mas precisa-se, portanto, ressaltar que trabalhar, na área literária, com a teoria dos sistemas de Luhmann, implica elaborar uma visão que não se restringe apenas investigar o campo literário em separado, através do *instrumentarium* teórico extraído das publicações de Luhmann, mas se torna necessário abordar a literatura moderna dentro da concepção social que se originou no contexto europeu.

2. O aspecto histórico

Referente ao aspecto histórico, Luhmann parte da constatação de que, por volta de 1800, intensifica-se um processo de mudança de uma sociedade europeia socialmente estratificada em direção a uma ordem social caracterizada por sistemas funcionais autônomos, ou seja, de uma ordem social hierárquica e estática para a sociedade moderna caracterizada por sistemas funcionais de tarefas específicas e estruturada por comunicações diferenciadas. A sociedade europeia pré-moderna, estratificada e formada por classes que determinaram, de forma limitadora, as possibilidades de participação social, cede, a partir do século XV/XVI, gradualmente a uma reestruturação em direção a sistemas funcionais dos quais o indivíduo pode e deve participar. Isso não quer dizer que camadas sociais mais ou menos favorecidas tenham sido eliminadas, mas a origem familiar e social como base de identidade é substituída pelo conceito de formação (*Bildung*): a integração social ocorre através da carreira individual que, por sua vez, resulta da participação em organizações funcionais como escola, universidade ou empresa. A camada social de origem pode ser desfavorável ao indivíduo e até mesmo um obstáculo para ele, mas não serve mais como forma primária de estruturação da sociedade. Em lugar da diferenciação estratificatória em classes ou camadas sociais, a sociedade diferenciada funcionalmente organiza-se em áreas como ciência, economia, política, religião, direito, educação, arte etc., onde cada um desses sistemas exerce uma função específica e exclusiva e exige a pessoa, o indivíduo, apenas como participante temporário e parcial.

³ Ver: LUHMANN, Niklas. *Die Gesellschaft der Gesellschaft*. Frankfurt/M.: Suhrkamp 1997: 806-813.

A primazia funcional nos diversos sistemas funcionais referente à economia, à política, à religião e, mais tarde, à ciência e educação, se transforma em axiomas, norma dominante e, ao mesmo tempo, os outros sistemas parciais começam a aceitar isso como fato de seu ambiente e como condições de suas próprias especificações (Luhmann 1980: 162).

Estas especificações levam a duas características da diferenciação funcional dos sistemas sociais: o interesse pelos autoprocessos e por questões relativas ao tempo. Sabe-se que no século XVIII cresce, de uma maneira notável, o fascínio por processos direcionados a si mesmos: o pensamento do pensamento, o autoconhecimento, o sentir do sentimento e o auto-engano. Na segunda metade do século XVIII, esse interesse se condensa para trabalhar problemas reflexivos próprios dos sistemas, como por exemplo, a justificativa do direito positivo ou da literariedade, a auto-organização da economia, aprender a aprender no sistema educativo e outros. Com isso, a autonomia auto-referencial tomou “definitivamente o lugar ocupado anteriormente pela interpretação religiosa do mundo” (Luhmann 1985: 610). Assim, a sociedade moderna consiste de diversos sistemas funcionais diferenciados onde cada um se torna ambiente para os outros: a política não pode ser substituída pela ciência e nem a religião pela economia.

Essa estruturação funcional diferencia a sociedade moderna de suas precursoras históricas. Ao organizar-se por funções, ela reduz a redundância do sistema. Instituições multifuncionais, especificamente a família e a moral, tornam-se secundárias, e a segurança por elas fornecidas, menos eficaz. Nenhum desses sistemas parciais pode assumir as funções do outro: a ciência não é capaz de solucionar os problemas da religião, e essa não pode assumir os da educação. Entretanto, esses sistemas funcionais dependem fortemente um do outro, sem que essa dependência mútua possibilite assumir ou descarregar funções alheias. Com isso, aumentam evidentemente os riscos estruturais e as possibilidades de avarias para esse sistema social. A renúncia à redundância e à segurança múltipla é compensada pelo aumento da capacidade de produção, de aprendizagem e de adaptação dos sistemas funcionais. A razão da eficiência maior e o tempo acelerado das mudanças estruturais encontra-se na especificação funcional. Em consequência, a sociedade é forçada a renunciar a qualquer centralização de suas relações com o ambiente. Como resultado, não existe mais, na sociedade moderna, um lugar privilegiado a partir do qual ela possa ser descrita de forma privilegiada ou consensual. Não existe uma representação da unidade do sistema dentro do sistema, eliminando-se assim o conceito histórico da *representatio identitatis*.

3. A diferenciação do sistema da literatura

Enquanto na pré-modernidade a literatura encontra-se inserida na sociedade estratificada e restrita através de conceitos da *mimesis* e pelos regulamentos sociais externos, a constituição da sociedade moderna em sistemas funcionais que se diferenciam e mantêm suas áreas através de observações e comunicações específicas, possibilita e exige da literatura uma demarcação e definição de sua área própria. A literatura, igual aos outros sistemas coexistentes, se diferencia como observação específica. Suas comunicações não se apóiam mais em moral, religião ou camadas sociais, mas se caracterizam por possuir uma qualidade única e diferenciada, a observação de segunda ordem na linguagem da teoria dos sistemas. Em relação a Alemanha, entendemos a poética dos escritores românticos como tentativa de diferenciar um campo próprio e autônomo da literatura e de formular sua comunicação específica. Suas reflexões referentes à autonomia da literatura emergem destas mudanças estruturais profundas, que se iniciam na renascença e atingem seu ponto culminante no final do século XVIII.

O pensamento da época justifica primeiramente a diferenciação da literatura e da arte em geral dos compromissos externos através da negação, aquilo que a arte não é, resumido na concepção de Kant do “belo sem finalidade” ou do belo como “não útil e funcional” de Karl Philipp Moritz, situando a fonte para uma tal literatura no gênio como indivíduo dotado de uma sensibilidade excepcional. Num próximo passo tenta-se ultrapassar esta conceituação via negação e definir a arte de uma maneira positiva. Schiller vê no belo estético um campo da arte autônomo que de um lado resulta da diferenciação funcional, mas paralelamente poderia possibilitar uma educação estética a fim de superar os efeitos negativos desta nova ordem social. No final deste processo abstrai-se de todas instâncias justificativas externas. Concebe-se a literatura, numa primeira tentativa de renunciar a instrumentos alheios, de forma tautológica, como por exemplo, em Novalis: “Existe um sentido especial para a poesia — uma disposição poética dentro de nós. [...] Quem não sabe sentir diretamente e imediatamente o que é poesia nunca vai apreendê-lo. Poesia é poesia” (1962: 502), para depois chegar à convicção que, referente à literatura, trata-se de uma comunicação textual que se diferencia de outras comunicações por qualidades inerentes como “ironia” ou o “interessante”.

A primeira é consequência da auto-observação da literatura a respeito do processo de ganhar formas: ao mesmo tempo em que ela observa, se auto-observa

na própria observação. Referente ao “interessante”, vale lembrar que na etimologia, a palavra interessante provém das partes “inter” e “essência” e designa, assim, “ser ou estar no meio ou participar de algo importante” (Duden 1963: 290). Neste sentido, F. Schlegel pode diferenciar o belo de Kant que possibilita um prazer sem interesse e sem exigências posteriores do interessante como provocador de uma continuidade reflexiva inerente da literatura moderna. “O belo é então não o ideal da poesia moderna e essencialmente diferente do interessante” (Schlegel 1979: 213). A poesia moderna é submetida a uma temporalidade rigorosa: seus textos impelem além de si mesmos em direção a uma realização na vivência ideal que sempre se retira e é apenas alcançável, ou melhor, aproximável num processo infinito e, por isso, a literatura moderna permanece sempre fragmentada e passível de complementaridade. O caráter fugaz e inacessível na sua totalidade faz com que a literatura moderna, conforme F. Schlegel, torne-se “filosófica”, quer dizer, exija para sua compreensão um esforço reflexivo específico.

4. O sistema da literatura vista pelo ambiente

Paralelamente a estas reflexões constitutivas a respeito do sistema da literatura em formação, ele mesmo torna-se um campo observado por seu ambiente. A história literária, disciplina acadêmica desde 1810, o descreve, antes de tudo no século XIX, sob o pretexto ou objetivo de formar uma história literária nacional que poderia estimular a unificação política da Alemanha — resultando na conhecida concepção alemã de dividir o período por volta de 1800 entre romantismo e classicismo — bem como diferenciar a literatura alemã frente a influências estrangeiras, especialmente da França e Inglaterra. O mercado livreiro desenvolve estratégias de venda para um público letrado crescente e insere a literatura num campo entre qualidade estética e interesse comercial. O sistema jurídico começa a reconhecer os direitos autorais do escritor e define o desvio, a originalidade, inovação e diferença como pré-requisito jurídico e princípios constitutivos da produção literária, fato que sem dúvida acelerou o dinamismo interno do sistema da literatura a partir de 1800. Enquanto se nota, nos últimos duzentos anos, uma concepção relativamente estável do autor na forma de lei — o §2 do direito autoral alemão (*Urheberrecht*) define obras artísticas como “criações intelectuais individuais que compreendem todos os produtos que se caracterizam pela individualidade e novidade do pensamento e/ou sua forma particular. A criação intelectual é

apenas concebível juridicamente quando assume uma certa forma concreta” (Koeve 1997: 2) –, que tenta integrar as novas *media* como fotografia, filme ou recentemente a internet nas definições anteriores das leis autorais, a teoria literária concebe o autor de formas diversas e quase opostas, oscilando entre a posição, por exemplo, de Dilthey que o concebe como referência na aproximação hermenêutica e a de Roland Barthes que pretende eliminar sua autoridade em favor de uma leitura menos opressiva.

Definimos o romantismo como fase de transição para um sistema autônomo de literatura em que se refletiu seu caráter e suas possibilidades de forma constitutiva. Paralelamente, a literatura consolidou-se também na visão de outros sistemas. O jurídico observa a literatura sob a perspectiva da legitimidade, por exemplo, em relação aos direitos autorais e infrações de cunho pornográfico ou de estímulo à violência. O mercado a avalia como investimento, enquanto no sistema da educação objetiva-se, através da literatura, “sensibilizar a percepção e estimular a discussão sobre nosso mundo e os problemas-chave atuais” (Kammler 2000: 4) conforme uma diretriz básica alemã. Referente a história literária, podemos constatar que se tem ocupado em organizar a produção literária moderna em dois eixos: o diacrônico e o sincrônico. A linha diacrônica garante a narração de sua historicidade, enquanto a sincronicidade regula sua pertinência a uma certa época. As categorias descritivas são freqüentemente emprestadas de áreas não-literárias. Da política provêm denominações como “A literatura da República de Weimar”, da filosofia, o título “A literatura do Iluminismo” e do sucesso de uma empresa de móveis austríacos “A literatura do Biedermeier”; da história, períodos como “A literatura alemã do pós-guerra” ou ainda, de um simples corte temporal, “A literatura dos anos 70”. Do ponto de vista sistêmico⁴, pode-se constatar quatro tendências básicas do sistema da literatura em relação ao seu ambiente. Primeiro, a referência a si mesma, utilizando a própria literatura como *medium* para o ganho de formas, distanciando-se explicitamente do ambiente e enfatizando seu caráter artístico e “artificial”, sob o título de esteticismo. Segundo, a referência à aproximação a construções de realidade de outros sistemas sociais, usando, sobretudo o ambiente como meio para o ganho de formas próprias, o que poderia ser definido como realismo. Terceiro, a vanguarda, compreendida aqui não como movimento de ruptura radical com a tradição, mas como literatura que

⁴ Ver: PLUMPE, Gerhard. *Epochen moderner Literatur*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1995.

pretende suspender a si mesma como arte diferenciada, superando e eliminando a fronteira entre arte e vida, como consta, por exemplo, no programa dadaísta. Quanto à quarta, apresentamos um conceito do romanista H. R. Jauß e definimos aquela literatura de reprise que livre ou forçadamente, por falta de opções disponíveis, retoma certas tendências anteriores como “postismos” (1983: 96). Como exemplos pode-se indicar o neo-realismo, a neovanguarda ou o pós-moderno.

Assim, a literatura moderna destaca sua comunicação como exclusiva no esteticismo, reduz sua diferença a um mínimo no realismo ou naturalismo, objetiva desdiferenciar a comunicação artística e a geral no movimento vanguardista ou recorre a variações, combinações e repetições de formas literárias anteriores nos postismos.

Atribuímos à literatura romântica uma grande fascinação quanto à diferença sistema-ambiente, presente nos seus textos na forma de motivos como espelho, sócias e na oscilação entre o real e a fantasia, o racional e a loucura. De qualquer modo, no decorrer do século XIX consolida-se a aceitação geral da autonomia da literatura e observam-se suas comunicações nessa base. Com isso, a insistência romântica na diferença entre literatura e ambiente é ameaçada de se tornar repetitiva. Ao contrário do romantismo, o realismo reduz a diferença entre *medium*, o ambiente, e forma. Isso não quer dizer que a literatura realista copie ingenuamente algo real, mas que se baseia, nas suas simulações de ambiente, em concepções de realidade vindas de outros sistemas comunicativos sociais. Essas referências diversas explicam em parte as subcategorias tradicionais utilizadas para caracterizar esta linha, como “Realismo socialista”, “Realismo burguês” ou “Realismo poético”. Os conceitos centrais do realismo alemão na segunda metade do século XIX são purificação ou sublimação (*Läuterung*) e transfiguração ou apoteose (*Verklärung*), conceitos que justamente delimitam e diferenciam o texto literário do seu ambiente.

Os naturalistas, na sua autodefinição realistas *par excellence*, e sua ênfase nas ciências rejeitam definições de literatura como uma fração da “natureza vista através de um temperamento” (Émile Zola) como totalmente convencionais e insuficientes, pois insistem na subjetividade poética tradicional. Ao compreender a tarefa literária como tarefa quase científica, atribui-se a ela o dever de reproduzir o real numa exatidão fotográfica e fonográfica. Objetivava-se, então, que a diferença entre *medium* e forma tendesse a desaparecer, embora se admitisse um sucesso apenas aproximativo da reprodução. Esse reconhecimento leva à famosa fórmula de Holz: Arte = natureza – x (a arte é igual a natureza menos x). O fator x

designa aqui a margem de erro, um fator negativo em lugar do temperamento positivo em Zola.

Ao contrário do realismo e do naturalismo, que utilizam primorosamente o ambiente para o ganho de formas, o esteticismo abstrai as referências externas e se opõe a essas com construções explicitamente diferenciadas. A antinaturalidade como programa e a condenação da literatura realista como cópia trivial resulta numa concepção da arte que apenas se torna tal quando encena explicitamente sua diferença comunicativa, privilegiando a auto-referência em relação à linguagem. Há conceitos variados para essa comunicação auto-referencial. Paul Valéry fala de “poesia pura” (1928), Hugo von Hofmannsthal de uma “palavra irmã onírica” (1975: 263) e Mallarmé a justifica pela “intenção da linguagem de se tornar, ela mesma, bela e não de apresentar o belo” (apud Kraus 1961: 146). De forma similar aos românticos, desenvolve-se uma analogia entre literatura e música. A inclinação para a música explica-se pela aversão às formas concretas, conceitos diferenciadores e delimitadores assumidos facilmente pela linguagem, o que restringiria a complexidade infinita a um grau redutivo ou primitivo, conforme Valéry. “Uma obra de arte deveria ensinar-nos sempre que não havíamos visto o que vemos. A educação profunda consiste em desfazer a educação primitiva” (1976: 145).

A vanguarda, nosso terceiro pólo referencial da literatura moderna, pode ser vista como tentativa de uma desdiferenciação, ou seja, uma programação para eliminar o status da literatura como campo próprio dentro de uma reorganização social geral da qual a arte deve participar como meio propagandista (o futurismo) ou como superação entre formas artísticas e não-artísticas. “Contra a posição estética-ética! Contra a abstração sem vida do expressionismo! Contra as teorias das cabeças ocas literárias querendo melhorar o mundo! A favor do dadaísmo, da palavra e da imagem, a favor do acontecimento dadaísta no mundo. Ser contra esse manifesto significa ser dadaísta” (Hülsenbeck 1977: 25). Em vez do sentido como princípio seletivo, DADA apresenta o acaso, a contingência máxima, como regra paradoxal para suas produções. De uma maneira bem geral, pode-se afirmar que as concepções do realismo, esteticismo e da vanguarda realizaram as operações básicas possíveis dentro de um sistema da literatura moderna. O sociólogo Arnold Gehlen constata, com referência ao uso contínuo da designação “vanguarda artística”, na segunda metade do século XX, que se trata de um conceito superado, pois o movimento da arte não caminha para frente, mas trata-se de enriquecimentos e extensões de um lugar fixo e “quem fala hoje de

vanguardismo apenas se refere à liberdade de movimento como programa, mas essa já foi concedida há muito tempo” (1963: 322).

Em relação ao sistema da literatura, isso não significa uma repetição cansativa ou o esgotamento de possibilidades novas, mas apenas o reconhecimento de que essas são variações, surpreendentes ou não, da base fundamental que tentamos caracterizar anteriormente. Gehlen chama esse estado de cristalização. Ela acontece

quando, em um campo cultural qualquer, todas as possibilidades fundamentais nele inerente se desenvolveram [...] e mudanças em suas premissas, suas características básicas, tornam-se cada vez mais improváveis. Mesmo assim, o sistema cristalizado pode apresentar ainda um quadro de movimentação e agilidade. [...] Novidades, surpresas e uma produtividade verdadeira são possíveis, mas apenas num campo já determinado e na base dos princípios já incorporados, não mais abandonados (1963: 321).

Não vemos o fato da improbabilidade de inovações absolutas como algo delimitador ou negativo, pois o seu reconhecimento pode afinar consideravelmente a sensibilidade para nuances e detalhes, em vez de esperar alternativas radicalmente inovadoras. Jauss chama esses movimentos literários, o neo-realismo, o neo-esteticismo e as neovanguardas, de “postismos” (1983: 96), posteriores à fundação da literatura como campo próprio, retomando e variando concepções anteriores sem que se pudessem constatar qualidades essencialmente novas ou impulsos transformadores destacáveis.

No final deste parágrafo, um breve comentário a respeito do pós-moderno. Lyotard, em *La condition postmoderne*, de 1979, define o impulso pós-moderno como contrário a uma modernidade compreendida como esclarecedora e que tem como base verdades generalizáveis, uma moral válida universalmente e uma política emancipatória. Seu ponto de partida consiste na convicção de que “há uma modernidade iniciada com o iluminismo e que hoje já não existe mais” (1985: 65). Em vez de tentar nivelar diferenças a favor de uma identidade fantasmagórica nas meta-narrativas modernas, Lyotard recomenda enfrentar a multiplicidade sem a subsumir sob conceitos estéreis e reducionistas. Do ponto de vista da teoria dos sistemas, evidentemente, não poderíamos constatar nem o fim da modernidade nem seu caráter unificador na forma de uma estrutura que se define e se estende ordenadamente a partir de um centro de cunho iluminista. Definimos a modernidade desde 1800 justamente como diferenciação em sistemas parciais e

auto-referenciais com códigos próprios que, por natureza, se contrapõem a qualquer tentativa de desdiferenciação e centralização. Assim, pode-se entender o pós-moderno não como um novo período, mas como a realização do potencial de uma autonegação imanente à estruturação moderna. Também chama atenção a retomada do conceito kantiano de sublime em Lyotard. Lembramos a definição do sublime como o inapresentável, aquilo que sobrecarrega nossos sentidos, mas transforma essa dissonância em uma presença não-apresentável, apenas emergente nas rupturas. É justamente esse aspecto do não-apresentável que reaparece no programa pós-moderno: “Dever-se-ia finalmente chegar à conclusão de que não cabe a nós entregar a realidade, mas achar alusões a um pensável que não possa ser apresentado” (Engelmann 1990: 47). Contra identidades forçadas e totalizantes na modernidade, objetiva-se manter aberta a existência como horizonte de sentido inesgotável e inapresentável na sua potencialidade. Nesse aspecto, há semelhanças com a reflexão romântica, como mostramos, por exemplo, em Schlegel, sobre a irrepresentabilidade da existência como horizonte de todas as seleções constitutivas de sentido ou, em Schiller, que também atribuiu à literatura “a tarefa paradoxal de apresentar o inapresentável” (1962: 440).

O outro aspecto central do pós-moderno, de encenar a narração como jogo em que narrador e leitor são conscientes do seu caráter lúdico, vemos já tanto em Schiller, como na concepção da ironia romântica como auto-reflexão a respeito da artificialidade (no sentido de simulação) da sua produção artística. A diferença maior entre a simulação romântica e a pós-moderna consiste no fato de que a primeira é caracterizada por uma serenidade elevada, enquanto a segunda expõe de modo mais irreverente sua estruturação auto-reflexiva, na concepção de Barth que “romances são romances que imitam a forma do romance, escritos por um autor que imita o papel do autor” (apud Borchmeyer 1994: 348).

Vista desse ângulo, a literatura pós-moderna não faz mais nada senão encenar uma simulação da simulação, enfatizando, antes de tudo, seu caráter literário auto-referencial e, com isso, sua contraposição à dimensão subversiva e crítica de cunho iluminista; consideramos essa opção como inerente ao potencial da literatura moderna, não apenas suficientemente estabelecido como campo próprio e reconhecido policontextualmente mas, por princípio, aberto a reprogramações que garantam seu dinamismo, inclusive as de negação. Duas citações, uma de Novalis do ano 1795/96 e outra de Foucault, quase dois séculos mais tarde, talvez possam comprovar melhor a pós-modernidade dos românticos ou o romantismo do pensamento pós-moderno:

Na verdade, falar e escrever é algo tolo; a conversa verdadeira é apenas um jogo de palavras. É de se admirar que as pessoas estão convencidas que falam apenas por causa das coisas. Ninguém se dá conta da peculiaridade da língua, do fato de que ela apenas cuida de si mesma. Por isso ela é um segredo tão maravilhoso e fértil [...]. Se apenas as pessoas entendessem que a língua é igual às formulas matemáticas – Ambos constituem um mundo próprio – ambos apenas jogam consigo mesmos (1962: 438-439).

Foucault retoma a idéia de que a “língua apenas cuida de si mesma” num conceito mais contemporâneo, a intransitividade. A literatura “encerra-se numa intransitividade radical e se torna pura e simples afirmação de uma linguagem que só tem como lei afirmar [...] sua árdua existência; não faz mais que se curvar, num eterno retorno, sobre si mesma, como se seu discurso não pudesse ter como conteúdo senão sua própria forma” (1971: 366).

5. O texto literário e o ponto cego da observação

A teoria dos sistemas parte da inacessibilidade do mundo na sua totalidade. Informações sobre ele se originam de observações feitas por um observador. Uma observação significa uma “diferenciação de uma forma de dois lados (algo é isso e não aquilo) e a designação de um lado” (Luhmann 1990: 8). Cada observação pode ser considerada como uma diferenciação, dependendo, portanto, da posição do observador. Essas posições de observadores se diferenciam na sociedade, sob certas condições, em sistemas operacionais bem-sucedidos, que reproduzem o critério de suas técnicas de observação de forma estável como, por exemplo, no sistema da ciência, que observa seu ambiente com a ajuda da diferença comprovado/não-comprovado. Sistemas se formam então pela necessidade de reduzir seletivamente a complexidade do mundo, como na forma de um termostato para o qual o ambiente é relevante apenas em relação a diferenças de temperatura ou de comportamento de animais, regulados pelos instintos que reduzem a complexidade do mundo a certos padrões esperáveis. No caso dos sistemas sociais, há um outro mecanismo de seleção. Sistemas sociais realizam seleções de sentido ou seleções reflexivas, que sabem de seu procedimento seletivo e, conseqüentemente, precisam desconsiderar certas opções potencialmente possíveis. A redução da complexidade de sentido se reflete na seleção de um horizonte

de possibilidades latentes que permitiria outras seleções além daquelas realizadas. Isso resulta na consciência de que cada seleção realizada é contingente, possível de outra forma. O latente ou não-realizado pode, conforme circunstâncias e necessidades, ser atualizado no *medium* do tempo, ou seja, sucessivamente. O sentido, então, é o mecanismo seletivo específico de sistemas sociais e psíquicos. Ele é reflexivo, observa a si mesmo e usa a diferença entre seleção e horizonte, o pano de fundo a partir do qual foi feita a seleção.

Vemos a função da literatura, antes de tudo, a partir da reflexividade inerente aos sistemas sociais da modernidade que, ao se formar via redução de complexidade e construção de uma complexidade própria, asseguram e mantêm suas fronteiras através de processos autopoieticos ou autoreferenciais. Com isso, a função da literatura moderna não consiste mais em representar, mas oferecer uma comunicação que não apenas observa seu ambiente através de uma descrição de primeira ordem, mas reflete as condições inerentes desta observação, os próprios processos de estabelecer sentido. Definimos a comunicação literária como observação de segunda ordem. De certa forma, todas as comunicações sistêmicas se constituem no princípio da diferenciação e interligação sequencial das observações. Assim, pode-se chegar à conclusão de que, como fez Compagnon, textos, bem como contextos, são *construções narrativas* (1999: 223) e, conseqüentemente, existiria uma intertextualidade igualitária entre esses. Mas ele não leva em conta a funcionalidade dessas comunicações. Observações científicas ou jurídicas realizam uma tarefa atribuída a elas pela sociedade que é diferente da de textos literários. Genericamente falando, a ciência ou o direito respondem a problemas da sociedade a serem tratados especificamente e exclusivamente por esses. Não pode ser o objetivo da ciência encenar possibilidades interessantes (no nosso sentido) de ordem no campo do possível, como definimos a função da literatura. Sua narratividade como arte textual mostra que e como se pode ganhar forma e refletir, na oscilação entre a observação de primeira e segunda ordem, a posição do observador entre a *cegueira*, a diferenciação utilizada e a *visibilidade*, o descrito. Neste contexto, a literatura não representa um mundo dado, mas observa o observar e as observações do mundo, quer dizer, a comunicação literária confronta o leitor com uma observação de segunda ordem referente a operações de diferenciar, descrever e estabelecer sentido. Além do mais, leva em consideração que diferenciações são usadas para observar e descrever. Assim, a literatura observa e presta atenção a diferenças das quais depende o que pode ser visto e o que não. Ela mostra, na narratividade como arte textual, que e como se pode ganhar forma e refletir, na oscilação entre a observação de primeira e segunda ordem, a

posição do observador entre a *cegueira*, a diferenciação utilizada e a “visibilidade” (Luhmann e Fuchs 1989: 178), o descrito.

Se cada sistema social se constitui através de sua observação e comunicação específica, todo processo de “tornar observável” retira algo da observação, então toda diferenciação e designação no mundo também encobre o mundo. Apontar para esse inobservável enriquece o olhar para formas que são possíveis no mundo. Para emergir, o mundo necessita de formações que, a partir do ponto cego do observador e suas diferenciações, produzem paralelamente visibilidade e invisibilidades. Através de uma indiferenciabilidade textual, experimenta-se na literatura moderna uma noção desse espaço cego indescriível e apenas aproximável na consciência, pois cada descrição implicaria uma fixação de dois lados, o observado e o excluído.

Podemos, assim, definir a obra literária como observação do possível em relação ao atual, o estandardizado ou solidificado que mostra como estes são solúveis, desagregáveis ou “desfactíveis”. Arthur C. Danto (1984) definiu esse processo como “transfiguração do comum”. Esse comum é resultado da assimetria da diferença entre o atual estandardizado e o potencial: somente uma possibilidade pode ser atual, enquanto, no lado da potencialidade, encontra-se sempre uma pluralidade. Nesse contexto, a literatura moderna não representa algo existente ou adiciona objetos extras ao mundo mas, formulando de uma maneira geral, reflete a constituição e formatação de campos de sentido como processo contingente e apresenta o fundo potencial sobre o qual emergem, através de diferenciações e seleções, estruturas de sentido. Entendemos assim a literatura não como unidade de caráter completo que informa algo sobre o mundo mas, antes de tudo, como oferta de comunicação, um “*medium* de reflexão” (Benjamin 1973: 57) a ser continuado na leitura crítica, essa compreendida não como observação avaliadora, mas como processo reflexivo complementar e inerente à obra. Paralelamente, essa oferta de comunicação nega ou pelo menos resiste a uma compreensão direta e remete sempre para além das diferenciações e seleções apresentadas, possibilitando releituras e a multiplicidade de reflexões críticas. Na sua indeterminabilidade entre posição e negação, a forma do texto literário dá uma noção do estado sem forma, da complexidade ainda não cortada e limitada pela seleção linguística. Como essa noção apenas pode ser experimentada, mas não formulada, o paradoxo consiste no fato de que a literatura comunica a respeito do não-comunicável, apenas aproximável na reflexão crítica complementar.

A comunicação literária paradoxal elimina, então, momentaneamente, as estruturas sistêmicas na sua complexidade reduzida e ordenada, restabelecendo temporariamente uma complexidade indeterminada. Evidentemente, referimos aqui a uma literatura moderna específica, de nomes como Kafka, Joyce ou Cortázar e não à chamada “literatura de entretenimento” (*Unterhaltungsliteratur*), que se estrutura basicamente via simulação de observações de primeiro grau, e tem sua função no fascínio pela seqüência de acontecimentos em si e não pela relação entre o atual e o potencial.

Conforme Walter Benjamin, é sobretudo o romance que representa essa tendência em direção à contingência de todas as construções e à policontextualidade como característica da modernidade.

Os primeiros índices para um processo, cujo final é caracterizado pelo declínio da narração (*Erzählung*), é o surgimento do romance no início da modernidade. O que separa o romance da narração (e do épico no sentido restrito) é sua dependência essencial do livro. A difusão do romance somente se torna possível com a invenção da imprensa. Aquilo que é transmissível (*tradierbar*) oralmente, o bem do épico, é de uma outra consistência e qualidade do que a consistência do romance. [...] O narrador toma aquilo que conta da experiência, da própria ou da relatada. E ele o torna novamente experiência daqueles que ouvem sua história. [...] A arte de narrar chega ao seu fim porque o lado épico da verdade, a sabedoria, se extingue (Benjamin 1976: 442).

Luhmann considera essa sabedoria como soma da experiência exemplar para uma observação de primeira ordem. “Sabedoria é exatamente aquilo que surge quando o saber do saber, quer dizer o saber auto-referencial, é desenvolvido num grau de observação de primeira ordem e não ultrapassa esse grau” (1995: 104). Na linguagem da teoria dos sistemas, o romance se constitui como oferta de comunicação na alternância entre observações de primeira e segunda ordem e, assim, a literatura moderna apresenta a diferença entre configurações manifestas e latentes do mundo. O romance, como forma destacada da literatura moderna, constrói sentido de maneira própria, tematizando esse processo e, assim, refletindo a contingência de todas as formas de sentido, já que “o sentido existe apenas como sentido das operações que o utilizam. [...]. Portanto, o sentido é um produto das operações que o utilizam e não uma qualidade universal originada por uma fonte absoluta” (Luhmann 1997: 44).

Conseqüentemente, não há uma idealidade independente das vivências e comunicações fictícias, mas um fundo de complexidade elevado ainda não cortado e reduzido pela observação, seleção e descrição. A observação de segunda ordem não faz, portanto, mais nada que se utilizar das formas construtivas de sentido para se auto-observar, oscilando entre o atual e o potencial, e surpreender através da sua observação original.

Podemos entender esta função de duas maneiras. Uma, de cunho mais social, foi formulada já em 1981 por Iser e retomada por Gumbrecht no seu artigo escrito em 1987, intitulado “Patologias no sistema da literatura”:

Todas as formas de ordem do nosso mundo são determinadas soluções que deixam restos, resíduos do problema, mesmo quando são bem sucedidas. A literatura se refere a tais heranças, espólios, que podem ser lacunas, déficits, perdas ou eliminações, bem como possibilidades não realizadas. Assim a literatura se dirige antes de tudo àquilo rejeitado no nosso mundo estabilizado por instituições (Iser 1981: 20).

A segunda se refere a um nível mais individual: a diferença entre *percepção*, grau elevado de informações com pouca nitidez analítica e *comunicação*, redução e seleção do socialmente relevante. Assim a literatura, na forma textual, se dirige à percepção e com isso à relação problemática entre ela e a comunicação, aspecto excluído da comunicação social em geral, que desenvolve mecanismos variados, chamados por Luhmann de “mecanismos simbióticos” (1984: 337), para garantir e estabilizar um acesso normalizado e normatizado aos sistemas psíquicos. A literatura encena, então, a reentrada da diferença entre percepção e comunicação como comunicação própria. Assim o texto literário desenvolve formas de comunicação que incluem a exclusão de operações da consciência que acompanha todas as comunicações sociais. Já Kant viu, no § 49 da *Crítica da Faculdade do Juízo*, a função da arte no fato de que ela faz pensar mais do que pode ser concebido na língua e com isso no conceito.

Diferentemente da comunicação usual, que se movimenta diretamente em direção a uma bifurcação sim/não, a comunicação literária desarticula o acoplamento estrutural de consciência e comunicação e reconstitui a liberdade de movimento existente na percepção, contra as tendências reducionistas da linguagem comunicativa. Se a língua é um dos mecanismos centrais do acoplamento estrutural entre comunicação e consciência, e se essa recorre à língua para se

estruturar, a literatura funciona como irritação na medida em que remete ao desvio entre as operações da consciência e as estruturas da comunicação.

Assim, o texto literário comunica sobre a percepção da comunicação via consciência e formula nesse campo tanto experiências de integração como de distanciamento. Podemos utilizar essa definição para caracterizar níveis literários: Enquanto a obra literária “elevada” encena experiências de diferença, a literatura de “entretenimento” apresenta experiências de identificação que não se dirigem à consciência como irritação ou perturbação, mas como algo a ser absorvido. Evidentemente, trata-se de uma realização paradoxal, já que o reentrosamento da percepção no texto literário não pode ser a própria percepção, que permanece incomunicável, mas uma percepção reconstruída comunicativamente, uma especulação da comunicação a respeito da percepção.

Uma tal concepção da literatura já neutraliza acusações como a de que se concebe a ficção como algo que dá as costas ao mundo e, por isso, é classificada como atividade compensatória. As ficções, então, refletem, antes de tudo, a condição que habilita a produção de mundos cuja realidade, em troca, não se põe em dúvida.

Referências bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. *Der Begriff der Kunstkritik in der deutschen Romantik*. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1973.
- BENJAMIN, Walter. *Literaturgeschichte und Literaturwissenschaft*. In: *Gesammelte Schriften*, Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1976. v. 3.
- BERG, Henk de e SCHMIDT, Johannes (org). *Rezeption und Reflexion. Zur Resonanz der Systemtheorie außerhalb der Soziologie*. Frankfurt/M.: Suhrkamp 2000.
- BORCHMEYER, Dieter (org). *Moderne Literatur in Grundbegriffen*. Tübingen: Niemeyer, 1994.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- DANTO, Arthur Coleman. *Die Verklärung des Gewöhnlichen: Eine Philosophie der Kunst*. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1984.
- DUDEN. *Etymologie*. Mannheim: Dudenverlag, 1963.
- ENGELMANN, Peter. *Postmoderne und Dekonstruktion*. Stuttgart: Reclam, 1990.
- FOUCAULT, Michel. *Die Ordnung der Dinge*. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1971.
- GEHLEN, Arnold. *Studien zur Anthropologie und Soziologie*. Neuwied: Luchterhand, 1963.
- GUMBRECHT, Ulrich. *Patologias no Sistema da Literatura*. In: _____. *Corpo e Forma*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.
- HABERMAS, Jürgen. *Der philosophische Diskurs der Moderne: Zwölf Vorlesungen*. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1985.
- HOFMANNSTHAL, Hugo von. *Sämtliche Werke*. Frankfurt/M.: Fischer, 1975. v. 1.
- HÜLSENBECK, Richard. *Erste Dadarede in Deutschland*. In: RIHA, Karl (org). *Dada*. Stuttgart: Reclam, 1977.
- ISER, Wolfgang. *Das Literaturverständnis zwischen Geschichte und Zukunft*. Sankt Gallen: Hochschule Sankt Gallen, 1981.
- JAUSS, Hans Robert. *Der literarische Prozess des Modernismus von Rousseau bis Adorno*. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1983.

- KAMMLER, Clemens. *Neue Literaturtheorien und Unterrichtspraxis*. Baltmannsweiler: Schneider-Verlag, 2000.
- KOEVE, Dieter. Einleitung und Überblick zum Urheberrecht. Disponível em: <www.raekoeve.de/Urheb.htm>. Acesso em: 3 de junho, 2001.
- KRAUS, Wolfgang. *Symbole und Signale. Frühe Dokumente der literarischen Avantgarde*. Bremen: Schünemann, 1961.
- LUHMANN, Niklas. *Gesellschaftsstruktur und Semantik*. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1980. v. 1.
- LUHMANN, Niklas. *Soziale Systeme*. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1984.
- LUHMANN, Niklas. *Soziale Differenzierung*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1985.
- LUHMANN, Niklas. “Neuere Entwicklungen in der Systemtheorie”. In: BOHRER, Karl Heinz (org). *Merkur* 42. Stuttgart: Klett-Cotta, 1988.
- LUHMANN, Niklas; FUCHS, Peter. *Reden und Schweigen*. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1989.
- LUHMANN, Niklas. *Soziologische Aufklärung*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1990. v. 5.
- LUHMANN, Niklas. *Die Kunst der Gesellschaft*. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1995.
- LUHMANN, Niklas. *Gesellschaftsstruktur und Semantik*. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1995a. v. 4.
- LUHMANN, Niklas. *Die Gesellschaft der Gesellschaft*. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1997.
- LYOTARD, Jean-François. *Immaterialität und Postmoderne*. Berlin: Merve-Verlag, 1985.
- NOVALIS. *Werke und Briefe*. München: Winkler, 1962.
- PLUMPE, Gerhard. *Epochen moderner Literatur*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1995.
- SCHILLER, Friedrich. Über naive und sentimentalische Dichtung. In: _____. *Werke*. Weimar: Böhlau, 1962. v. 20.
- SCHLEGEL, Friedrich. *Sämtliche Werke*. Wien: Klang, 1979. v. 1.
- VALÉRY, Paul. *Introduction à la méthode de Leonard de Vinci*. Paris: Gallimard, 1976.

“Zeugnis” e “Testimonio”: um caso de intraduzibilidade entre conceitos*

Márcio Seligmann-Silva**

Abstract: The author presents the concept of testimony in two different literary and theoretical backgrounds, namely the German and the Spanish-American. *Testimonio* and *Zeugnis* can not be mutually translated because the first is thought as a literary gender inside the literary tradition of *mimesis/imitatio*. Whereas the notion of *Zeugnis* was created in Germany on the grounds of Shoah literature, and was strongly impregnated by the psychoanalytical idea of trauma, and by the awareness of the simultaneous necessity and impossibility of the testimonial writing.

Keywords: Testimony; Shoah; realism; testimonio.

Zusammenfassung: Der Autor stellt den Zeugnisbegriff in zwei verschiedenen literarischen und theoretischen Zusammenhängen vor, dem deutschen und dem hispanoamerikanischen. *Testimonio* und *Zeugnis* lassen sich nicht wechselseitig ineinander übersetzen, denn im ersten Fall handelt es sich um einen literarischen Gattungsbegriff innerhalb einer Vorstellung von Literatur als Mimesis/Nachahmung. Der Begriff *Zeugnis* wurde in Deutschland vor allem ausgehend von der Literatur zur Shoah entwickelt und ist stark geprägt von der psychoanalytischen Theorie des Traumas sowie von dem Bewusstsein, dass es gleichzeitig notwendig und unmöglich sei, Zeugnis abzulegen.

Stichwörter: Zeugnis; Shoah; Realismus; Testimonio.

Palavras-chave: Testemunho; Shoah; realismo; testimonio.

* Trabalho apresentado no “Germanistentreffen Südamerika”, organizado pelo DAAD em São Paulo, entre 08-12 de outubro de 2001.

** O autor é professor de Teoria Literária e Literatura Comparada no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP.

- KAMMLER, Clemens. *Neue Literaturtheorien und Unterrichtspraxis*. Baltmannsweiler: Schneider-Verlag, 2000.
- KOEVE, Dieter. Einleitung und Überblick zum Urheberrecht. Disponível em: <www.raekoeve.de/Urheb.htm>. Acesso em: 3 de junho, 2001.
- KRAUS, Wolfgang. *Symbole und Signale. Frühe Dokumente der literarischen Avantgarde*. Bremen: Schünemann, 1961.
- LUHMANN, Niklas. *Gesellschaftsstruktur und Semantik*. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1980. v. 1.
- LUHMANN, Niklas. *Soziale Systeme*. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1984.
- LUHMANN, Niklas. *Soziale Differenzierung*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1985.
- LUHMANN, Niklas. “Neuere Entwicklungen in der Systemtheorie”. In: BOHRER, Karl Heinz (org). *Merkur* 42. Stuttgart: Klett-Cotta, 1988.
- LUHMANN, Niklas; FUCHS, Peter. *Reden und Schweigen*. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1989.
- LUHMANN, Niklas. *Soziologische Aufklärung*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1990. v. 5.
- LUHMANN, Niklas. *Die Kunst der Gesellschaft*. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1995.
- LUHMANN, Niklas. *Gesellschaftsstruktur und Semantik*. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1995a. v. 4.
- LUHMANN, Niklas. *Die Gesellschaft der Gesellschaft*. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1997.
- LYOTARD, Jean-François. *Immaterialität und Postmoderne*. Berlin: Merve-Verlag, 1985.
- NOVALIS. *Werke und Briefe*. München: Winkler, 1962.
- PLUMPE, Gerhard. *Epochen moderner Literatur*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1995.
- SCHILLER, Friedrich. Über naive und sentimentalische Dichtung. In: _____. *Werke*. Weimar: Böhlau, 1962. v. 20.
- SCHLEGEL, Friedrich. *Sämtliche Werke*. Wien: Klang, 1979. v. 1.
- VALÉRY, Paul. *Introduction à la méthode de Leonard de Vinci*. Paris: Gallimard, 1976.

“Zeugnis” e “Testimonio”: um caso de intraduzibilidade entre conceitos*

Márcio Seligmann-Silva**

Abstract: The author presents the concept of testimony in two different literary and theoretical backgrounds, namely the German and the Spanish-American. *Testimonio* and *Zeugnis* can not be mutually translated because the first is thought as a literary gender inside the literary tradition of *mimesis/imitatio*. Whereas the notion of *Zeugnis* was created in Germany on the grounds of Shoah literature, and was strongly impregnated by the psychoanalytical idea of trauma, and by the awareness of the simultaneous necessity and impossibility of the testimonial writing.

Keywords: Testimony; Shoah; realism; testimonio.

Zusammenfassung: Der Autor stellt den Zeugnisbegriff in zwei verschiedenen literarischen und theoretischen Zusammenhängen vor, dem deutschen und dem hispanoamerikanischen. *Testimonio* und *Zeugnis* lassen sich nicht wechselseitig ineinander übersetzen, denn im ersten Fall handelt es sich um einen literarischen Gattungsbegriff innerhalb einer Vorstellung von Literatur als Mimesis/Nachahmung. Der Begriff *Zeugnis* wurde in Deutschland vor allem ausgehend von der Literatur zur Shoah entwickelt und ist stark geprägt von der psychoanalytischen Theorie des Traumas sowie von dem Bewusstsein, dass es gleichzeitig notwendig und unmöglich sei, Zeugnis abzulegen.

Stichwörter: Zeugnis; Shoah; Realismus; Testimonio.

Palavras-chave: Testemunho; Shoah; realismo; testimonio.

* Trabalho apresentado no “Germanistentreffen Südamerika”, organizado pelo DAAD em São Paulo, entre 08-12 de outubro de 2001.

** O autor é professor de Teoria Literária e Literatura Comparada no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP.

Na teoria da tradução é uma verdade há muito reconhecida, que não podemos nunca almejar a uma tradução integral do texto de partida: sempre persiste um “resto”, algo de intraduzível, algum “traço” da palavra (ou da organização sintática) que pertence àquilo que Wilhelm von HUMBOLDT denominou de “forma interna” da linguagem. Assim, no seu famoso exemplo, não existiria uma equivalência mesmo entre as palavras que um leitor desavisado tomaria como “meramente referenciais” tais como “*ippos*”, “*equus*” e “cavalo” (HUMBOLDT 63). Nos termos da lingüística do século XX, diríamos que não pode existir em um discurso o domínio exclusivo da função referencial do mesmo modo que não pode existir uma tradução absoluta. Mais próximo a nós, DERRIDA tem insistido ao longo da sua obra na intraduzibilidade de certos termos-chaves da filosofia, como ocorre nos conceitos *pharmakon*, *Aufgabe*, ou *Aufhebung*: eles possuem, para DERRIDA, uma *indécidabilité* que não pode ser totalmente mantida na tradução SELIGMANN-SILVA 1996: 174).

Nesta breve apresentação eu gostaria de fazer alguns comentários sobre as diferenças entre os termos “Zeugnis” (testemunho em alemão) e “testimonio” tal como eles tem sido aplicados nas últimas décadas na teoria literária de âmbito germânico e na voltada para as produções literárias da América Latina. Antes de mais nada os próprios eventos que estão na base dos discursos sobre o testemunho definem as características que cada um deles assume. Se no âmbito alemão o trabalho de memória em torno da Segunda Guerra Mundial e da Shoah determina em boa parte as discussões, na América Latina o ponto de partida são as experiências históricas da ditadura, da exploração econômica, da repressão às minorias étnicas e às mulheres, sendo que nos últimos anos também a perseguição aos homossexuais tem sido pesquisada. Como veremos, em cada uma dessas regiões, as tradições de pensamento que foram mobilizadas para se pensar os conceitos de “Zeugnis” e de “testimonio” levou a diferentes contornos da noção de testemunho: se na Alemanha a psicanálise e a teoria e história da memória tem desempenhado já há algum tempo um papel central, na América Latina o “testimonio” é pensado a partir da tradição religiosa da confissão, da hagiografia, do testemunho bíblico e cristão no seu sentido de apresentação de vidas “exemplares”, da tradição da crônica e da reportagem.

O discurso acerca do testemunho e da memória na Alemanha

A questão do testemunho foi discutida na Alemanha antes de mais nada a partir da famosa frase de Theodor ADORNO, do seu ensaio “Crítica Cultural e Sociedade”, de 1949: “escrever um poema após Auschwitz é um ato bárbaro, e isso corrói até mesmo o conhecimento de por que hoje se tornou impossível escrever poemas” (ADORNO: 30).¹ ADORNO retomou essa questão em vários de seus textos, até a sua *Ästhetische Theorie*, onde ele a discute ao tratar da poesia de Paul CELAN. A perspectiva aberta por ADORNO que põe em discussão a própria possibilidade tanto de se escrever poesia após Auschwitz, como o seu metadiscorso teórico, ainda constitui, até as publicações mais recentes em língua alemã, um ponto de vista frutífero e complexo, uma vez que nele, teoria da representação, reflexão estética e ética se entrecruzam de um modo particularmente condizente com as nossas discussões atuais marcadas pela inter- e transdisciplinaridade. Com essa abordagem já fica claro também em que medida a discussão na Alemanha sobre o testemunho partirá na maioria das vezes não apenas da Segunda Guerra Mundial, mas, especificamente, da Shoah.

O testemunho tem sido pensado na Alemanha tanto a partir de leituras que cruzam os discursos da teoria da literatura, da disciplina histórica e da teoria psicanalítica, como também dentro da onda de pesquisas dentro dos *estudos sobre a “memória”* que tem se intensificado muito nos últimos dez anos, sob a influência das abordagens culturalistas. Devemos notar que o estudo específico da questão do testemunho recebeu um impulso com as publicações de teóricos norte-americanos como Dori LAUB, Geoffrey HARTMAN, Shoshana FELMAN e Cathy CARUTH. Os livros *Testimony: Literature, Psychoanalysis, History*, de 1991, de Dori LAUB e Shoshana FELMAN e *Trauma. Explorations in Memory*, de 1995, organizado por Cathy CARUTH, são centrais nessa discussão. Eles representam uma espécie de “volta à história” no âmbito do chamado pós-estruturalismo, sob o signo da *história como trauma* que complexifica a noção do “fato histórico” e impede a sua definição inocente e positivista (CARUTH 1996).

¹ “nach Auschwitz ein Gedicht zu schreiben, ist barbarisch und das frißt auch die Erkenntnis an, die es ausspricht, warum es unmöglich ward, heute ein Gedicht zu schreiben”, 30. Cf. TRAVERSO e GAGNEBIN.

Em termos gerais – e correndo o risco da simplificação – podemos dizer que as principais características do discurso testemunhal como ele tem sido definido no âmbito germânico podem ser assim resumidas:

- 1) **O evento:** a Shoah aparece como o evento central da teoria do testemunho. Ele é normalmente caracterizado por sua radicalidade e conseqüente singularidade. A partir dessa sua característica desenvolveu-se um dos *topos* nas pesquisas sobre o testemunho, a saber, o da singularidade e não possibilidade de comparação entre a Shoah e outras catástrofes, ou seja, à afirmação da sua *radical unicidade*. Esse tipo de argumento radicaliza a divisão tradicional entre as ciências humanas como área reservada à interpretação e as ciências naturais como campo da explicação. Devido à singularidade/unicidade da Shoah ela estaria “para além” de toda compreensão. Evidentemente é equivocado deduzir-se da singularidade da Shoah um discurso sobre a sua unicidade absoluta e acerca da hierarquia entre as catástrofes: no âmbito da teoria do testemunho (que sempre nasce do *ponto de vista subjetivo* e costuma priorizar a *perspectiva das vítimas*) não se discute a magnitude em termos numéricos, mas sim em termos qualitativos. O evento catastrófico é um evento singular porque mais do que qualquer *fato histórico*, do ponto de vista das vítimas e das pessoas nele envolvidas, ele não se deixa reduzir em termos do discurso. Apenas uma confusão dos registros da memória com o da historiografia leva ao “tabu da historicização” da Shoah.² A intensidade do evento deixa marcas profundas nos sobreviventes e em seus contemporâneos que impedem um relacionamento com eles de modo “frio”, “sem interesse”, para lembrar dos termos com que Kant tratou formalisticamente a apreciação artística. Em KANT, de resto, encontramos um conceito de *sublime* – típico da estética do século

² É evidente que, em primeiro lugar, não existe uma separação absoluta, entre os registros da memória e o da historiografia. Em segundo lugar, e como corolário da primeira afirmação, é claro que a historiografia também deve ser pensada do ponto de vista da *política* da memória. O famoso debate entre Saul FRIEDLÄNDER e Martin BROZAT de 1987 deve ter deixado isso claro (BROZAT/FRIEDLÄNDER, 1990; SELIGMANN-SILVA 2000a). Por último, devo afirmar meu *plädoyer* quanto à necessidade não tanto de se separar os registros da memória e da historiografia, mas sim de se ter em mente as suas diferenças. Só assim pode-se evitar equívocos e postura pseudo-moralizantes infrutíferas. História e memória, em uma formulação paradoxal, constituem, reciprocamente, a moldura uma da outra.

XVIII – que guarda certas semelhanças com as qualificações da Shoah como algo que vai além da nossa capacidade de apreensão. Esse evento exige, portanto, uma revisão dos conceitos básicos que dirigem nossa relação com o passado. No limite, a questão da representação da Shoah levou não apenas a teoria literária a se aproximar da historiografia, mas também a historiografia a se aproximar de uma abordagem mais qualitativa e a tentar englobar conceitos derivados da psicanálise, da teoria do conhecimento, da ética e da estética para tentar dar conta dessa representação que se dá sob o signo de uma *aporia* (em termos tanto da teoria do conhecimento, como também estética e ética) (SELIGMANN-SILVA 2000b).

- 2) **A pessoa que testemunha:** ela é muitas vezes pensada na chave da noção freudiana de *trauma* ou dentro de abordagens lacanianas – quando se enfatiza a noção de *real* como algo que não pode ser simbolizado –, ou ainda com a noção desenvolvida por Nicolas ABRAHAM e Maria TOROK de *cripta* (que desdobrou a noção freudiana e ferenciana de trauma).³ A noção de testemunha primária normalmente é aplicada ao sobrevivente. Por outro lado, muitos autores aplicam noções derivadas dos estudos das obras dessas testemunhas primárias aos textos de “testemunhas secundárias” – uma noção que pertence mais à tradição da história oral e não ao uso jurídico do conceito de testemunha. Nesse último sentido, a testemunha é pensada segundo a noção de *testis*, de um terceiro que seria citado diante do tribunal para dar sua versão dos “fatos”. A testemunha enquanto alguém que sobreviveu a uma catástrofe e que não consegue dar conta do vivido – porque ficou traumatizado (elemento subjetivo) e devido à “dimensão” da catástrofe (elemento objetivo) – leva-nos a uma outra etimologia possível da testemunha como *superstes* ou, em grego, *mártir* (sobrevivente).⁴ – Também é importante mencionar que na Alemanha a questão do “ponto de vista” da testemunha tem sido objeto tanto de estudos como de polêmicas – como na famosa troca de cartas entre Martin BROZAT e Saul FRIEDLÄNDER de 1987 e como podemos acompanhar

³ LACAN; ABRAHAM e TOROK; FERENCZI e, para um apanhado da história do conceito de trauma: BOHLEBER.

⁴ Com relação à etimologia do termo testemunho, bem como para um histórico dos gêneros que estão de algum modo na origem dos testemunhos e *testimonios* do século XX cf. BUSTAMANTE.

nos projetos do artista de Kassel, Horst HOHEISEL que tem procurado pensar anti-monumentos para a Shoah a partir de um difícil ponto de vista dos executores. Seguindo essa idéia, ele se opõe veementemente à proposta de Peter EISENMANN para o *Holocaust-Mahnmal* de Berlim.⁵

- 3) O testemunho: *literalização* e *fragmentação* são as duas características centrais (e apenas a primeira vista incompatíveis) do discurso testemunhal. Ele é ainda marcado por uma tensão entre oralidade e escrita. A literalização consiste na incapacidade de traduzir o vivido em imagens ou metáforas. Essa noção pode ser pensada também em termos psicanalíticos, se nos recordarmos da pessoa traumatizada como alguém que porta uma recordação exata do momento do choque e é dominada por essas imagens que sempre reaparecem diante dela de modo mecânico, involuntário. A fragmentação de certo modo também literaliza a psique cindida do traumatizado e a apresenta ao leitor. A incapacidade de incorporar em uma cadeia contínua as imagens acríbicas também marca a memória dos traumatizados. A tradução desses “nós de memória” – desses momentos encapsulados ou enterrados em uma cripta, para falarmos com ABRAHAM e TOROK – é o objetivo de toda terapia. O testemunho também é um momento de tentativa de reunir os fragmentos dando um nexos e um com-texto aos mesmos. Do ponto de vista do testemunho como *superstes* esse objetivo é sempre uma *Aufgabe*, ou seja, encontra-se no registro aporético sob o qual W. BENJAMIN pensou a tradução como *double bind*, como tarefa e desistência.⁶

- 4) A cena do testemunho: ela tende a ser pensada antes de mais nada como a cena do *tribunal*: o testemunho cumpre um papel de justiça histórica. Nessa mesma linha, o testemunho pode também servir de documento para a história. A *segunda cena* característica é mais individual e vê o testemunho como um momento de perlaboração do passado traumático. Entre o subjetivo e o registro universal do histórico, encontramos ainda a função da Shoah como um evento catastrófico que é lido dentro da tradição judaica da história como

⁵ Cf. HOHEISEL KNITZ; e com relação à questão dos diferentes pontos de vista na memória coletiva cf. MOTZKIN.

⁶ Quanto a essa aproximação da teoria do testemunho e da teoria da tradução, permito-me remeter ao meu artigo 1999a.

catástrofe e como momento de “recolhimento de Deus”.⁷ Nesse último sentido, o testemunho possui um papel de aglutinador de um grupo de pessoas – antes de mais nada, em se tratando da Shoah, dos próprios judeus – que constroem a sua identidade a partir dessa identificação com essa “memória coletiva” de perseguições, de mortes e dos sobreviventes.

- 5) A literatura de testemunho: a noção de literatura de testemunho é mais empregada no âmbito anglo-saxão – também sob o influxo dos estudos literários latino-americanos⁸ – do que no de língua germânica, onde se costuma falar mais de “Holocaust-Literatur”. Na Alemanha, autores tem variado a ênfase ao tratar dessa literatura: como parte da *teoria da memória* em Aleida ASSMANN (1999), já nos trabalhos de Sigrid WEIGEL (1996; 1999, 2000), ela aparece dentro de uma reflexão sobre a *teoria da representação* no âmbito literário e artístico e, em Harald WEINRICH (1997), dentro do seu projeto de retratar uma história da noção de *esquecimento*. Isso sem mencionar os trabalhos de Gertrud KOCH (1992; 1999), Ilka QUINDEAU (1995), Ulrich BAER (2000), Peter REICHEL (1999), Ulrich BORS DORF (1999), Gary SMITH (1996), Nicolas BERG (1996) e o belo ensaio de W. G. SEBALD sobre *Lyfrikrieg und Literatur*⁹, sem contar inúmeros outros autores. Não procura-se normalmente nessa bibliografia definir de modo estrito qual seria a literatura de testemunho: de um modo geral, trata-se do *conceito de testemunho* e da forte presença desse elemento ou teor testemunhal nas obras de sobreviventes ou de autores que enfocam

⁷ Cf. por exemplo o fantástico texto de Zvi KOLITZ, *Jossel Rakovers Wendung zu Gott*, quanto à noção de história como catástrofe em Walter BENJAMIN, um autor chave na reflexão sobre a literatura de testemunho, cf. o meu texto 2001.

⁸ A noção de testemunho foi pensada na teoria da literatura européia e anglo-saxã a partir do *boom* de testemunhos que foi desencadeado por “ondas de memória”, muitas vezes deslançadas por grandes processos, como o de NUREMBERG e o de EICHMANN em Jerusalém. Cf. WIEVIORKA 1998. Também o filme *Shoah* de Claude LANZMANN, de 1985 e, posteriormente, o *Schindler's List*, de SPIELBERG, foram responsáveis por novas ondas de testemunho e funcionaram como catalisadores para a criação dos arquivos de vídeo-testemunhos de sobreviventes da Shoah.

⁹ O ensaio de SEBALD desdobra-se do ponto de vista da vivência extrema dos bombardeios que a Alemanha sofreu, mas pode-se traçar interessantes paralelos entre a sua leitura das obras do pós-guerra com a teoria do testemunho dos sobreviventes dos KZ.

as catástrofes (guerras, campos de concentração etc.) predominantemente do século XX. Os autores estudados como fazendo parte do cânone testemunhal da Shoah (independentemente do fato de serem testemunhas primárias) são, Primo LEVI, Paul CELAN, Victor KLEMPERER, Aharon APPELFELD, Jorge SEMPRUN, Jean AMÉRY, Adam CZERNIAKOW, Calel PERECHODNIK, Robert ANTELME, Georges PEREC, Charlotte DELBO, Maurice BLANCHOT, Jean CAYROL, David ROUSSET, Art SPIEGELMAN, entre outros. Também tem-se desenvolvido ultimamente paralelos entre o testemunho da Shoah e o do Gulag, bem como com obras de (ou sobre) sobreviventes de outros genocídios e catástrofes dentro de uma nova área dedicada ao estudo comparado dos genocídios.¹⁰

O “testimonio” na América Latina

Na América Latina o conceito de *testimonio* foi desenvolvido nos países de língua espanhola a partir do início dos anos sessenta. Diferentemente do que ocorre na reflexão sobre o testemunho da Shoah na Alemanha, na França ou nos EUA, na hispano-américa passa-se da reflexão sobre a *função testemunhal da literatura* para uma conceitualização de um novo gênero literário, a saber, a *literatura de “testimonio”*. A “política da memória”, que também marca as discussões em torno da Shoah, possui na América Latina um peso muito mais de política “partidária” do que “cultural”: aqui ocorre uma convergência entre política e literatura. Dentro de uma perspectiva de luta de classes assume-se esse gênero como o mais apto para “representar os esforços revolucionários” dos oprimidos, como afirmou Alfredo ALZUGARAT (1994: 173). Daí porque Cuba terá um papel chave na institucionalização desse gênero. Esse país assumiu a liderança de um movimento de revisão da história que passou a ser recontada a partir do ponto de vista dos excluídos do poder e explorados economicamente. A revista *Casa de las Américas* teve um papel fundamental nesse processo. Foi ela que em 1970 criou o “Premio Testimonio Casa e las Américas” (ALZUGARAT 182). O centro cultural Casa de las Américas que havia sido fundado no próprio ano da revolução, 1959, criara uma revista com a função de estabelecer uma “ponte de comunicação com os países irmãos do continente” (ALZUGARAT 172). Numa referência no número 3 da re-

¹⁰ Cf. por exemplo os dois volumes de Mihran DABAG e Kristin PLATT, 1998 e 2000.

vista (outubro-novembro 1960) à escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, já encontramos a noção de *testimonio*, ainda que com um valor mais de *testemunho histórico* que de literatura de testemunho. Sua obra é descrita como “*testimonio* social de grande importância para o conhecimento da situação de desamparo e miséria em que vive parte da população brasileira” (ALZUGARAT 177).¹¹ Nessa época ainda se pensava o teor testemunhal como sendo praticamente idêntico ao documental. Só aos poucos foi se firmando a noção de um gênero literário. No artigo de Angel RAMA “Diez problemas para el novelista latinoamericano”, de 1964, o autor já detecta “uma forte tendência ao documentarismo, às formas da reportagem quase direta, [...] à literatura testemunhal, à autobiografia mais ou menos encoberta [...] Devemos notar, contudo, – continua RAMA – que essa inclinação para a narrativa autobiográfica e para o documental não são patrimônio exclusivo das revoluções mas sim [...] de toda mudança social rápida, em todo mundo” (ALZUGARAT 180). Como ALZUGARAT recorda, RAMA vincula esse romance à produção de cunho documental da descolonização africana, à produção no contexto do pós segunda guerra mundial e também à da época da revolução mexicana e à literatura soviética. Esse *romance testemunhal*, no entanto, é diferenciado no contexto da teoria do *testimonio* do *testimonio* como gênero que se institucionalizou em 1970. Nos anos 70, o governo ALLENDE e a ditadura chilena a partir de 1973 também foram responsáveis pelo estabelecimento do gênero *testimonio* na América Latina. Nas atas do “Coloquio sobre la literatura chilena de la resistencia y del exilio”, publicada no nº112 de janeiro-fevereiro de 1979 na revista da *Casa de las Américas*, encontramos passagens preciosas quanto à definição e historicização do gênero *testimonio*. Jaime CONCHA, por exemplo, destaca que em Bartolomé DE LAS CASAS (1474-1566) já se encontra um “testemunho por excelência do drama da conquista” o que significa também que “a função *testimonial* pode coexistir com diversos gêneros, em roupagens e envolturas diferentes” (192). Por outro lado, o autor acrescenta; teria sido apenas a partir do século XIX que o gênero *testimonio* pôde se estabelecer: com José MARTI (1853-1895) que teria escrito “o primeiro *testimonio* em sentido estrito e atual” (ALZU-

¹¹ Apesar dessa referência ao teor de *testimonio* da obra de Carolina Maria DE JESUS, a literatura brasileira tem sido deixada em boa parte de lado dentro da teoria do *testimonio* que se deu nos países de língua espanhola. No Brasil pensa-se no mesmo período prioritariamente na teoria do romance e das suas implicações com o realismo. Daí minha opção por manter em espanhol o termo *testimonio*.

GARAT 193). Para CONCHA, após 1973 não se pode mais distinguir claramente entre o político e o literário: mas mesmo pensando assim ele deixa claro que não se deve confundir o testemunho enquanto atividade que pode ser encontrada em vários gêneros e a literatura de *testimonio* propriamente dita. Esta, no entanto, existe apenas no contexto da contra-história, da denúncia e da busca pela justiça. A *verdade* e a *utilidade* são, portanto, fundamentais na concepção de *testimonio* e isso também vale de um modo geral para a Casa de las Américas (ALZUGARAT 196). O regime Sandinista na Nicarágua também foi responsável nos anos 80 por um *boom* de testemunhos naquele país. Tentando traçar um esquema paralelo ao que fiz acima para a literatura testemunhal da Shoah, poderíamos resumir – de modo esquemático e simplificado – da seguinte maneira as características da literatura de *testimonio* tal como ela vem sendo refletida nas últimas décadas:

- 1) **O evento:** a literatura de *testimonio* antes de mais nada apresenta-se como um registro da história. Na qualidade de *contra-história* ela deve apresentar as provas do outro ponto de vista, discrepante do da história oficial. Não existe aqui o *topos* da singularidade nem o da unicidade do evento testemunhado: pelo contrário, enfatiza-se a continuidade da opressão e a sua onipresença no “continente latino-americano”.
- 2) **A pessoa que testemunha:** a ênfase recai na testemunha como *testis*, terceiro elemento na cena jurídica, capaz de com-*provar*, *certificar*, a verdade dos fatos. Dori LAUB, vale lembrar, afirma com relação ao sobrevivente do Campo de concentração nazista que essa vivência não poderia ser testemunhada, ao menos no sentido jurídico do testemunho (LAUB 1995). Já aqui na teoria do *testimonio*, ao invés do acento na subjetividade e indizibilidade da vivência, destaca-se o ser “coletivo” da testemunha (ACHUGAR 16). Evidentemente o ponto de vista é essencial aqui e o *testimonio* é parte da política tanto da *memória* como da *história*. Se esses dois âmbitos (o da memória e da historiografia) devem permanecer unidos e comunicantes ao pensarmos o testemunho da Shoah, para evitarmos tanto a tabuização do evento como a sua catapulta para fora do histórico, no *testimonio* percebe-se uma tendência para a simbiose entre essas duas formas de lidar com o passado. – Pode-se falar também de uma *necessidade* de se testemunhar tanto nos autores de testemunho da Shoah como nos de *testimonios* (ALZUGARAT 202). Mas no primeiro caso tende-se a compreender essa necessidade não só em termos jurídicos, mas também a partir da chave do trauma, enquanto na literatura sobre o *testimonio* a necessi-

dade é entendida quase que exclusivamente em um sentido de necessidade de se fazer justiça, de se dar conta da exemplaridade do “herói” e de se conquistar uma voz para o “subalterno”.¹²

- 3) **O testemunho:** enfatiza-se o realismo das obras. Na expressão de Lisandro OTERO, em um artigo intitulado “Notas sobre la funcionalidad de la cultura” (Casa de la cultura de las Americas, 1971), haveria uma tendência contemporânea à “factografía o presentación testimonial de los hechos” (185). Ao invés da poética da fragmentação ou da literalidade, enfatiza-se a *fidelidade* do *testimonio*. Esse gênero estabelece-se paradoxalmente como uma literatura anti-estetizante e marcada pelas estratégias de apresentação do documento (histórico) e não tanto, como na literatura da Shoah, pela apresentação fragmentária e com ênfase na subjetividade. Como não há praticamente influência do discurso psicanalítico (que tem surgido aqui e ali apenas nos últimos anos) nessa teoria do *testimonio* não se pensa o *testimonio* nos termos de uma literatura do trauma, como *realismo*, pensando o *real* em termos lacanianos, como se dá algumas vezes no contexto da reflexão sobre a literatura da Shoah ou de sobreviventes de outros genocídios. Na definição de John BEVERLEY, o *testimonio* é uma “narração (...) contada na primeira pessoa gramatical, por um narrador que é ao mesmo tempo o protagonista (ou a testemunha) de seu próprio relato. Sua unidade narrativa costuma ser uma ‘vida’ ou uma vivência particularmente significativa” (ALZUGARAT 174). O testemunho é exemplar, *não-fictício* (nesse ponto, coincidindo com o testemunho da Shoah) e é profundamente *marcado* pela oralidade. Esse último aspecto é particularmente importante na teoria do *testimonio*: essa literatura nasce da boca e não da escritura, de uma população explorada e na maioria das vezes analfabeta. O *testimonio* exige normalmente um mediador/compilador como no caso de Elisabeth BURGOS que escreveu o *testimonio* – *exemplar* – de Rigoberta Menchu sintomaticamente denominado de *Mi llamo Rigoberta Menchú y así me nació la conciencia*: ou seja, a figura do mediador costuma ser apagada do *testimonio*. Tudo se passa como se o jornalista, antropólogo ou sociólogo fosse uma figura transparente e a sua escritura, literalmente agora, um “porta-voz” do

¹² Cf. Hugo ACHUGAR, “Prologo” (in: ACHUGAR: 7). A noção de subalterno é derivada da leitura de GRAMSCI de Gayatri Chakravorty SPIVAK. Cf. PENNA.

testemunho.¹³ Pode-se falar de uma ambígua valorização das marcas e traços da fala na escrita de *testimonio*, ao lado de uma crença na traduzibilidade da voz para a escrita. O elemento corpóreo-gestual do testemunho, no entanto, tem sido tema tanto nos estudos do testemunho sobre a Shoah¹⁴ – sendo que a obra de Claude LANZMANN *Shoah* teve um impacto enorme sobre esses trabalhos – como também nos dedicados às narrativas populares da América Latina (LEÓN). Nos últimos anos assim como nasceram centenas de vídeo-arquivos com testemunhos da Shoah, tem-se tentado registrar em vídeo e usando a tecnologia de CD-ROM as narrativas populares de indivíduos ágrafos, particularmente no interior do Brasil (QUEIROZ).

- 4) A cena do testemunho: aqui prevalece a cena do tribunal. A estratégia realista que pretende fundir literatura e tribunal encontra na figura da *citação* (que pode ser tanto literária quanto diante de um tribunal) o denominador comum. – Também a função identitária do *testimonio* é fundamental: ele aglutina populações, etnias e classes em torno de uma mesma luta. Como Hugo ACHUGAR recorda, na literatura do *testimonio* (e isso também vale para o testemunho da Shoah) espera-se do leitor uma “suspensão voluntária da descrença”.¹⁵ Levando mais adiante a comparação com a *teoria da ilusão*, poderíamos pensar no testemunho de um modo geral como uma reapresentação da cena primordial da literatura – do mito e da tragédia – como a *cena do tribunal* onde assistimos às conseqüências da *hamartia* e de uma *hubris* (só que agora não mais do herói, mas sim do “outro/opressor”) que levaram a uma *catástrofe*: em cuja trama compaixão e terror são igualmente gerados e aponta-se para um situação onde a justiça poderá ser restituída. Vale lembrar que se nesse pacto literário/ilusório não ocorre a esperada identificação dos leitores com as testemunhas e com o que é testemunhado, então o leitor passa a tachar a obra de uma “peça de publicidade”.¹⁶

¹³ BURGOS, 1997. Com relação à noção do tradutor como uma figura “transparente” – típica de uma certa “ideologia da tradução” que domina essa prática até nossos dias – cf. o ensaio de VENUTI.

¹⁴ Cf. sobretudo os trabalhos de LAUB, HARTMAN e o livro de LANGER.

¹⁵ Cf. ACHUGAR: 49. Cf. também quanto a essa suspensão voluntária da descrença na leitura dos testemunhos o interessante caso do falso testemunho autobiográfico de WILKOMIRSKI que analisei em 1999b.

¹⁶ Cf. quanto a relação entre testemunho jurídico e a literatura BUSTAMANTE 71, e FOUCAULT.

- 5) A literatura de testemunho: Desde os anos 60 procura-se vincular a literatura de *testimonio* aos gêneros da crônica, confissão, hagiografia, autobiografia, reportagem, diário e ensaio (ALZUGARAT 177 ss.). O *testimonio* é pensado também como uma cria da literatura regionalista, que foi muito forte na literatura latino-americana da primeira metade do século XX, sendo que a “novela testimonial” seria uma espécie de irmã da literatura de *testimonio stricto sensu* enquanto narrativa em primeira pessoa e não-ficcional. A teoria do *testimonio* está bem exposta nos volumes organizados por René JARA, Hernán VIDAL (1986), John BEVERLEY (1992) e Hugo ACHUGAR (1992 e 1994). *Testimonios* canônicos são o de Rigoberta MENCHÚ, Miguel BARNET (*Biografía de un Cimarrón*), María Esther GÍLIO (autora de *La Guerrilha Tupamara* que instaurou o prêmio *testimonio* Casa de las Americas), José María ARGUEDAS, Omar CABEZAS (*La Montana es algo más que una inmensa estepa verde*) e Bermejo GONZÁLEZ (*Las manos en el fuego*).¹⁷

¹⁷ BUSTAMANTE 79, destacando o teor jurídico dessas obras, nota com relação a esse livro de González que seu nome recorda o ritual do ordalio, o juramento com a mão no fogo. Já o texto de R. Menchú foi utilizado como peça central no tribunal Russell na sua seção de 1983 dedicada ao regime guatemalteco. Com relação ao testemunho de Menchú cf. também ZIMMERMAN.

Referências bibliográficas

- ABRAHAM, N. e TOROK, M. *Cryptonymie - Le verbier de l'homme aux loups*. Paris, 1976.
- ABRAHAM, N. e TOROK, M. *A casca e o núcleo*, trad. Maria José Coracini, S. Paulo, Escuta, 1995.
- ACHUGAR, Hugo (org) *En otras palabras, otras historias*. Montevideo, Universidad de la Republica, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Departamento de Publicaciones, 1994.
- ADORNO, Theodor W. “Kulturkritik und Gesellschaft”. In: *Gesammelte Schriften*, Frankfurt/M., Suhrkamp, vol. 10, 1977.
- ALZUGARAT, A. “El Testimonio en la revista Casa de las Américas”. In: ACHUGAR (org.), pp. 171-228, 1994.
- ASSMANN, Aleida. *Erinnerungsräume. Formen und Wandlungen des kulturellen Gedächtnisses*, München, C.H. Beck, 1999.
- BAER, Ulrich (org) *>Niemand zeugt für den Zeugen<. Erinnerungskultur nach der Shoah*, Frankfurt/M., Suhrkamp, 2000.
- BERG, Nicolas, (org) *Shoah - Formen der Erinnerung*, München, Fink, 1996.
- BEVERLEY, John e ACHUGAR, Hugo, (eds.) *La voz del otro: testimonio, subalteridad y verdad narrativa*, Lima/Pittsburg, Latinoamericana Editores, 1992.
- BOHLEBER. “Die Entwicklung der Traumatheorie in der Psychoanalyse”. In: *Psyche. Zeitschrift für Psychoanalyse und Ihre Anwendungen*, 9/10. (Trauma, Gewalt und Kollektives Gedächtnis.), pp. 797-839, 2000.
- BORSORF, Ulrich, GRÜTTER, Heinrich Theodor (org) *Orte der Erinnerung. Denkmal, Gedenkstätte, Museum*, Frankfurt/ New York, Campus Verlag, 1999.
- BROSZAT, Martin e FRIEDLÄNDER, Saul. “A Controversy about the Historicization of National Socialism”. In: Peter BALDWIN (ed.), *Reworking the Past. Hitler, the Holocaust and the Historians*, Boston, Beacon Press, pp.102-134, 1990.
- BURGOS, Elisabeth. *Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la conciencia*, Barcelona, Seix Barral, sétima edição, 1997
- BUSTAMANTE, Francisco. “La impronta jurídica y religiosa en el testimonio literario latinoamericano”. In: ACHUGAR, pp. 61-90, 1994.

- CARUTH, Cathy (org.) *Trauma. Explorations in Memory*, Baltimore e Londres, 1995.
- CARUTH, Cathy. *Unclaimed Experience. Trauma, Narrative, and History*, Baltimore e Londres, Johns Hopkins University Press, 1996.
- DABAG, Mihran e PLATT, Kristin. *Genozid und Moderne, Bd.1, Strukturen kollektiver Gewalt im 20. Jahrhundert*, Leske, 1998.
- _____. *Genozid und Moderne, Bd.2, Erinnern, Verarbeiten, Weitergeben*, Leske, 2000.
- FERENCZI, S. *Zur Psychoanalyse der Kriegsneurosen*, Leipzig/ Wien, Int. Psychoanalytischer Verlag, 1919.
- FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*, trad. R. Machado, Rio de Janeiro, Nau editora, 1999.
- GAGNEBIN, J. M. “Após Auschwitz”. In: *Literatura e Testemunho*, org. M. SELIGMANN-SILVA, S. Paulo, Iluminuras, no prelo.
- HARTMAN, Geoffrey. *The Longest Shadow in the Aftermath of the Holocaust*. Bloomigan, Indianapolis, 1996.
- HOHEISL, Horst e KNITZ, Andreas. *Zermahlene Geschichte. Kunst als Umweg*, Weimar, Thüringisches Hauptstaatsarchiv, 1999.
- HUMBOLDT, Wilhelm von. “Latium und Hellas”. In: *Werke in fünf Bänden*, hrsg. von Andreas FLITNER und Klaus GIEL, Band 2, Darmstadt, Wiss. Buchgesellschaft, 4ª. ed., p. 63, 1986.
- JARA, René e VIDAL, Hernán (orgs.) *Testimonio y literatura*, Minneapolis, Institute for the Study of Ideologies and Literature, 1986.
- KOCH, Gertrud. *Die Einstellung ist die Einstellung. Visuelle Konstruktionen des Judentums*, Frankfurt a.M., Suhrkamp, 1992.
- _____. (org.) *Bruchlinien. Tendenzen der Holocaustforschung*, Köln/Weimar/Wien, Böhlau, 1999.
- KOLITZ, Zvi. *Jossel Rakovers Wendung zu Gott*, Rauhreif Verlag, 1994.
- LACAN, Jacques. „Le réel comme trauma“. In: *Séminaires*, livro XI (*Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*, 1964.
- LANGER, Lawrence. *Holocaust Testimonies. The Ruins of Memory*. New Haven/ London, Yale UP, 1991.

- LAUB, Dori e FELMAN, Shoshana. *Testimony: Literature, Psychoanalysis, History*, London, Routledge, 1991.
- LAUB, Dori. “Truth and Testimony: The Progress and the Struggle”. In: CARUTH (org.), pp. 61-75, 1995.
- LEÓN, Antonio Vera. “Hacer hablar: La transcripción testimonial”. In: BEVERLEY e ACHUGAR, (eds.), 181-199, 1992.
- MOTZKIN, G.. “Memory and Cultural Translation”. In: S. BUDICK, / W. ISER (org.), *The translatability of Cultures*, Stanford, Stanford University Press, pp. 265-281, 1996.
- PENNA, João Camillo. “Notas sobre o testemunho hispano-americano”. In: M. SELIGMANN-SILVA (org.), *Literatura e Testemunho*, no prelo.
- QUEIROZ, Sônia Maria de Melo. *Transcrição e Escrita. Metamorfoses do conto oral no Brasil*, tese doutoral, Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, 2000.
- QUINDEAU, Ilka. *Trauma und Geschichte. Interpretationen autobiographischer Erzählungen von Überlebenden des Holocaust*, Frankfurt/M., Brandes & Apsel, 1995.
- REICHEL, Peter. *Politik mit der Erinnerung. Gedächtnisorte im Streit um die nationalsozialistische Vergangenheit*, Frankfurt/M., Fischer, 1999.
- SEBALD, W.G. *Lufkrieg und Literatur*, München, Hanser, 1999.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. “Philosophie der Übersetzung – Übersetzung von Philosophie: Das Prinzip Unübersetzbarkeit”. In: *Von Jesuiten, Türken, Deutschen und anderen Fremden: Aufsätze zu brasilianischer Literatur und literarischer Übersetzung*, org. por Ray-Güde MERTIN, Frankfurt a.M., TFM, pp. 165-185, 1996.
- _____. „Globalização, Tradução e Memória”. In: *Cadernos de Tradução IV*, janeiro/dezembro, 151-166, 1999a.
- _____. “Os Fragmentos de uma Farsa: Benjamin Wilkomirski”. In: *Cult*, número 23, junho, pp.60-63, 1999b.
- _____. “Auschwitz: História e Memória”. In: *Pro-posições*, vol. 11, número 2 (32), Faculdade Educação UNICAMP, Campinas, julho 78-87, 2000a.
- _____. “História como Trauma”. In: M. SELIGMANN-SILVA e A. NESTROVSKI (org.) *Catástrofe e Representação*, São Paulo, Escuta, pp. 73-98, 2000b.

- _____. “A Catástrofe do Cotidiano, a Apocalíptica e a Redentora: sobre Walter Benjamin e a Escrita da Memória”. In: *Mimesis e Expressão*, org. por Rodrigo DUARTE e Virgínia FIGUEIREDO, Belo Horizonte, Editora UFMG, pp. 364-380, 2001.
- SMITH, Gary e EMRICH, Hinderk M. (org.) *Vom Nutzen des Vergessens*. Berlin, Akademie Verlag, 1996.
- TRAVERSO, E. “L’impératif catégorique d’Adorno”. In: E. TRAVERSO, *L’Histoire déchirée*. Paris, Cerf, pp. 123-143, 1997.
- VENUTI, L. *The Scandals of Translation: towards an ethics of difference*. London/New York, Routledge, 1998.
- WEIGEL, Sigrid “Pathologie und Normalisierung im deutschen Gedächtnisdiskurs”. In: SMITH e EMRICH (org.), pp. 241-63, 1996.
- _____. “Zeugnis und Zeugenschaft, Klage und Anklage”. In: *Zeugnis und Zeugenschaft: Jahrbuch des Einstein Forums 1999*, Akademie-Verlag, pp. 111-35, 2000.
- _____. “Télescope im Unbewußtsein. Zum Verhältnis von Trauma, Geschichtsbegriff und Literatur”. In: Gertrud KOCH (org.), *Bruchlinien. Tendenzen der Holocaustforschung*. Köln/Weimar/Wien, Böhlau, pp. 255-279, 1999.
- WEINRICH, Harald. *Letzte Kunst und Kritik des Vergessens*, München: C.H. Beck, 1997.
- WIEVIORKA, Annette. *L’ère du témoin*. Paris, Plon, 1998.
- ZIMMERMAN, Marc. “El outro de Rigoberta: Los testimonios de Ignacio Bizarro Ujpan y la resistencia indígena en Guatemala”. In: BEVERLEY e ACHUGAR, pp. 229-243, 1992.

Glücksschuh und goldne Waage. Eduard Mörikes artistische Balance zwischen Klassik und Moderne

Eckart Goebel

Abstract: This talk analyses the poems and narrative texts of Eduard Mörike, who wrote in the period of Romanticism and Realism, emphasizing the considerable sensitivity necessary to describe realistic details, which can be seen in his highly artistic writings. Mörike is not an epigonal writer, but has a very individual style to represent the experience of perceiving and losing sensual objects. The article also demonstrates the potential of hermeneutic procedures following the spirit of Adorno, rejecting the tendencies to transform literary criticism into a cultural science as is done by Kittler.

Keywords: Mörike; modernity; classical period; romanticism; sensuality; artistic balance.

Resumo: O artigo analisa poemas e narrativas de Eduard Mörike, um contemporâneo do romantismo e realismo, dando ênfase na extrema sensibilidade para detalhes realísticos, resgatados e equilibrados na escritura altamente artística. Longe de ser um epígono, Mörike atinge um raro nível de reflexão literária particularmente na representação da experiência de perceber e perder objetos sensuais. O artigo pretende ao mesmo tempo demonstrar os potenciais de procedimentos hermenêuticos no espírito de Th. W. Adorno, rejeitando tendências de transformar a crítica literária, numa ciência da cultura, representada por F. Kittler.

Palavras-chave: Mörike; modernidade; classicismo; romantismo; sensualidade; equilíbrio artístico.

Stichwörter: Mörike, Moderne; Klassik; Romantik; Sensualität; artistische Balance.

* Eckart Goebel ist Privatdozent für Neuere Deutsche Literatur in Berlin. Der Text wurde 2001 als Vortrag in der Deutschen Abteilung der USP präsentiert.

In seiner *Kulturgeschichte der Kulturwissenschaft* bezeichnet Friedrich KITTLER Theodor W. ADORNO als den "dümmsten und bourgeoisesten" Heidegger-Kritiker.¹ Mit dergleichen Formulierungen gibt Kittler eine ungefähre Vorstellung davon, was er unter "Kultur" oder auch nur unter "Kultiviertheit" verstehen mag.

Ein Vortrag über Eduard Mörikes artistische Balance zwischen Klassik und Moderne ist angesichts eines solchen Zeichens der Zeit, das den Verlust mindestens sprachlicher Balance dokumentiert, auch eine Reverenz an Adorno. Denn was immer ADORNO gewesen ist und womöglich einmal wieder werden kann, die Stichworte zu Mörike in der *Rede über Lyrik und Gesellschaft* sind theoretisch fortgeschrittener als der Briefwechsel zwischen Staiger und Heidegger über das Lampen-Gedicht. Das zumindest kann ein Literaturwissenschaftler aufzuzeigen versuchen, womit ich nun zu der Sache komme, der ich nachgehen möchte, und zwar in sieben Schritten, die zuletzt auf ein Hochseil führen.

1.

Um die extreme Empfindlichkeit Mörikes registrieren zu können, ist Distanz zu suchen gegenüber der Welt von *Grammophon, Film, Typewriter* und der ihr offenbar angemessenen lauten Sprache. Mörike erfordert eine Sensibilisierung der Wahrnehmung, die, als dauerhafte Einstellung, im Medienzeitalter nicht einmal eines Kittlerschen Machtspruchs bedürfte, um unterzugehen. In einem Brief an Waiblinger schreibt der Zwanzigjährige:

Es ist überhaupt in meinem wirklichen Zustand ein besonderer peinlicher Zug, daß alles, auch das Kleinste, Unbedeutendste, was von außen Neues an mich kommt – irgend eine mir nur einigermaßen fremde Person, wenn sie sich mir auch nur flüchtig nähert, mich in das entsetzlichste, bangste Unbehagen versetzt und ängstigt, weswegen ich entweder allein oder unter den Meinigen bleibe, wo mich nichts verletzt, mich nichts aus dem unglaublich verzärtelten Gang meines innern Wesens herausstört und zwingt.²

¹ Friedrich KITTLER: *Eine Kulturgeschichte der Kulturwissenschaft*, München 2000, S. 237.

² Eduard MÖRIKE: *Sämtliche Werke*, Dritter Band, Briefe, hg. Von Gert BAUMANN, Zürich/ Salzburg 1959, S. 40.

Wie später in T. S. ELIOTS *The Waste Land*, so ist auch für Mörike der unbalancierte April der grausamste Monat. Die Herausforderung, die sein Werk für die Literaturwissenschaft darstellt, besteht darin, Anteil am Schicksal eines Zitronenfalters nehmen zu sollen, der sich von der Aprilsonne foppen ließ, und zugleich Nervenstärke genug zu haben, den betrogenen Schmetterling im überdachten Labyrinth seinen taumelnden Flug auf der Suche nach Honig antreten zu lassen:

Zitronenfalter im April
Grausame Frühlingssonne,
Du weckst mich vor der Zeit,
Dem nur in Maienwonne
Die zarte Kost gedeiht!
Ist nicht ein liebes Mädchen hier,
Das auf der Rosenlippe mir
Ein Tröpfchen Honig beut,
So muß ich jämmerlich vergehn
Und wird der Mai mich nimmer sehn
In meinem gelben Kleid.³

2.

ADORNO exponiert drei Momente des Begriffs, den für ein Portrait Mörikes zu verwenden sinnvoll ist: Balance im "geschichtsphilosophischen", im psychologischen und schließlich im artistischen Sinn. In der *Rede über Lyrik und Gesellschaft* heißt es:

"Die gesellschaftliche Kraft im Ingenium Mörikes [...] bestand darin, daß er beide Erfahrungen, die des klassizistischen hohen Stils und der romantischen privaten Miniatur verband und daß er dabei mit unvergleichlichem Takt der Grenzen beider Möglichkeiten inne ward und sie gegeneinander

³ Zitiert nach: Eduard MÖRIKE: *Sämtliche Werke* Bd. I, red. Jost PERFAHL, München 1985, S. 845. Im Folgenden werden die Werke Mörikes durchweg nach dieser Ausgabe zitiert und die Seitenzahl im Fließtext durch arabische Ziffern in runden Klammern belegt.

ausglich. [...] Das vielberufene Organische seiner Produktion ist wohl nichts anderes als jener geschichtsphilosophische Takt, wie ihn kaum ein Dichter deutscher Sprache im selben Maße besaß. Die angeblich krankhaften Züge Mörikes [...], auch das Versiegen seiner Produktion in späteren Jahren sind der negative Ausdruck seines zum Extrem gesteigerten Wissens um das, was möglich ist. Die Gedichte des hypochondrischen Cleversulzbacher Pfarrers, den man zu den naiven Künstlern zählt, sind Virtuosenstücke, die kein Meister des *l'art pour l'art* überbot."⁴

Friedrich GUNDOLF konstatiert schon 1931, daß Mörike zwar ein "saftiger Kunder von Boden, Heimat und Volk" gewesen sei, was man trotz des *Allen Turmbahns* bezweifeln kann, andererseits jedoch "ein europäischer Gesell der Baudelaire und Poe".⁵ Tatsächlich kommen Mörikes Selbstcharakteristik und die in den Briefen fortlaufend aufgerufenen Melancholiepositionen POES Beschreibung etwa der Überempfindlichkeit des letzten Herrns des *House of Usher* überaus nahe. Auch Roderick leidet "much from a morbid acuteness of the senses",⁶ was ihn für die Künste, namentlich für die Musik, empfänglich macht, aber sein mit der Schwester verbrachtes Leben – eine weitere Parallele zu Mörike – unter das Zeichen des Horrors stellt. Doch besteht eine Verwandtschaft Mörikes mit seinen "Pariser oder Bostoner Schmerzbrüdern" (GUNDOLF) nicht nur in der nervösen Konstitution, sondern zumal im Hinblick auf die künstlerische Arbeit an der Sprache.

Winfried MENNINGHAUS hat in seiner Abhandlung über *Artistische Schrift* für Gottfried Keller notiert, dieser halte den "kanonischen Eigenwert der Sinnlichkeit" fest, und sei zugleich ein Dichter, "dessen Schrift noch das winzigste Detail aus einer sich selbst genügenden Realie in die Funktion einer streng durchbildeten Textualität verwandelt."⁷

⁴ Theodor W. ADORNO: "Rede über Lyrik und Gesellschaft", in ders.: *Noten zu Literatur*, Gesammelte Schriften Bd. 11, hg. Von Rolf TIEDEMANN, Frankfurt/M. 1997, S. 48 – 68. Zitat: S. 63.

⁵ Friedrich GUNDOLF: *Romantiker* N. F., Berlin 1931, S. 223 f.

⁶ Edgar Allan POE: "The Fall of the House of Usher", in: *Great Tales and Poems of Edgar Allan Poe*, New York 1967, S. 86.

⁷ Winfried MENNINGHAUS: *Artistische Schrift. Studien zur Kompositionskunst Gottfried Kellers*, Frankfurt/M. 1982, S. 9.

Die von *Menninghaus* hier antithetisch gesetzten Momente bilden bei Mörike eine Einheit: Indem beide Aspekte einander durchdringen, entsteht allererst die Balance, um die es mir geht. Und erst *diese* Balance, die *in* der streng durchbildeten Textualität den Eigenwert der Sinnlichkeit nicht nur bewahrt, sondern ihn möglichst noch steigert, möchte ich eine künstlerische nennen.

3.

Das jede Ausgabe der Lyrik seit 1838 eröffnende Gedicht *An einem Wintermorgen, vor Sonnenaufgang*, Mörikes 'Art poétique', versammelt programmatisch die Gegensätze, deren Ausgleich der Dichter zu leisten sucht: zwischen Kristall und Flut, Gedanke und Traum, Christus und Dionysos, Sehnsucht und Tat, Vergangenheit und Zukunft. Der Ausgleich gelingt nur im 'Augenblick' des Gedichts, oft vermittelt über die Erinnerung, die zur unerträglichen Erfahrung Distanz schafft.

Wie vielfach bemerkt worden ist, endet *An einem Wintermorgen, vor Sonnenaufgang* in dem Moment, da das Auge der Sonne aufgeht und die Sekunde der Unentschiedenheit zwischen Nacht und Tag vorüber ist. Mit dem ersten Sonnenstrahl erlischt das Gedicht:

Hinweg, mein Geist! Hier gilt kein Stillestehn:
Es ist ein Augenblick, und alles wird verwehn!
Dort, sieh, am Horizont lüpf't sich der Vorhang schon!
Es träumt der Tag, nun sei die Nacht entflohn;
Die Purpurlippe, die geschlossen lag,
Haucht, halb geöffnet, süße Atemzüge:
Auf einmal blitzt das Aug, und, wie ein Gott, der Tag
Beginnt im Sprung die königlichen Flügel! (666)

In der Ausgabe von 1838 stellt Mörike ans Ende der Sammlung das berühmte *Um Mitternacht*, das die Sekunde des Übergangs zwischen zwei Tagen fixiert. Ich zitiere aus der ersten Strophe:

Gelassen stieg die Nacht an Land,
Lehnt träumend an der Berge Wand,
Ihr Auge sieht die goldne Waage nun
Der Zeit in gleichen Schalen stille ruhn (749).

So wie im Mitternachtsgedicht die rauschenden Quellen immer das letzte Wort haben, das nur für einen Augenblick erreichte Gleichgewicht unaufhaltsam unterspülen und alles in Bewegung halten, so öffnet sich in der Schlußstrophe des Wintermorgen-Gedichts die geschlossene Purpurlippe, ein strahlendes Auge geht auf, und das lyrische Ich sieht sich vom Tag angesprungen wie von einem Raubtier. Die Balance wird gefährdet durch den nicht zu stauenden Fluß der Zeit einerseits, deren Ertrag die Erinnerung zu bewahren sucht, sowie durch die verstörende Erfahrung des Begehrens andererseits. Zeit und Begehren spielen im Motiv des Sprungs ineinander, weshalb Bernhard Böschenstein notiert, Zeit sei hier "mit Zustimmung zum Leben gleichzusetzen".⁸ Im Umkehrschluß: Die Augenblicke des Einstands sind entlastende Pausen vom Lebensvollzug, in dem das Begehren stets auf dem Sprung ist.

Es gibt daher bei Mörike das immer erneuerte Werben um eine schützende Nische in der *Verborgenheit*. Ich zitiere die erste Strophe des gleichnamigen Gedichts:

Laß, o Welt, o laß mich sein!
Locket nicht mit Liebesgaben,
Laßt dies Herz alleine haben
Seine Wonne, seine Pein! (743)

Zur prominentesten Figur neben Einstand, Erinnerung und Verborgenheit rückt schließlich folgerecht diejenige des von einem "Zaubergürtel" umzogenen Kreises auf, dessen Darstellungsform die Idylle wird. Doch entfaltet dieser Kreis seinen eigenen Gegenzauber, der das lyrische Ich aus der weltverlorenen Mitte wieder her austreibt. Herbert BRUCH hat in seiner vorzüglichen Interpretation des *Maler Nolten* am kunstvoll in den Roman integrierten Orplid-Spiel aufzeigen können, daß sich in dessen innerster Mitte ein Schacht befindet, der zuletzt wieder heraus- und in die Lebenswelt des Romanciers zurückleitet, womit Mörike der Interpretation des Zauberspiels eine Richtung auf Referenz gibt.⁹

⁸ Bernhard BÖSCHENSTEIN: "Inspiration", in: Mathias MAYER (Hg.): *Interpretationen. Gedichte von Eduard Mörike*, Stuttgart 1999, S. 16 – 25, Zitat S. 24.

⁹ Herbert BRUCH: *Faszination und Abwehr. Historisch-psychologische Studien zu Eduard Mörikes Roman Maler Nolten*, Stuttgart 1992, S. 211.

Mörikes große Idylle über *Die schöne Buche* formuliert in vollendeter Symmetrie zwischen Beschreiben und Erzählen und im klassischen Versmaß des elegischen Distichons die Dialektik der nur scheinbar bergenden Mitte. Mörike nimmt hier subtil Abschied von der Klassik zugunsten einer vom Gedankengang Schillers bereits emanzipierten "Anmut", deren Kehrseite eine letale Grausamkeit bildet, die Mörike durch einen gewaltsamen Zeilensprung markiert. Die Schlußverse der *schönen Buche* lauten:

Eingeschlossen mit dir in diesem sonnigen Zauber-
Gürtel, o Einsamkeit, fühlt ich und dachte nur dich! (726)

Mörike legt den Zauber-Gürtel der Anmut – in der Theorie der Artistik gilt der SCHILLERSCHE Terminus als eine der Initialzündungen¹⁰ – um das klassische Versmaß und zerschneidet ihn im selben Augenblick; der Bindestrich ist beides, Trennung und Vereinigung.

Aus dem durch *Faszination und Abwehr* gekennzeichneten scheuen Verhältnis zur Erfahrung ergibt sich die Kontur des Werkes insgesamt. Die Scheu resultiert zumal aus der Angst vorm potentiellen Selbstverlust in der erotischen Liebe und in diesem Zusammenhang konkret aus dem immer erneuerten Trauma des "verjährteten Betrugs", des immer erwarteten und dann als *self fulfilling prophecy* auch stets eintretenden Treubruchs in der anmutig angebahnten Liebesbeziehung.

4.

SCHILLER bereits sieht in der Art und Weise, *wie* jemand einem Anderen einen Gegenstand gibt, den unberechenbaren Spielraum der Anmut eröffnet. In der Geste liegt ein Moment irreduzibler Freiheit, deren Intention sich der Aufklärung entzieht. Die der Geste eigene Anmut oszilliert verwirrend zwischen der eines Tieres und der Manifestation von Geist. In der Konfrontation mit der "zweideutigen Geste" aber, schreibt Klaus HEINRICH, "erwacht die Macht des

¹⁰ Vgl.: Matthias GÖTZ: "Zum Entwurf einer Theorie des Artistischen", in: *Jahrbuch für Ästhetik* Bd. II 1986, Aachen 1987, S. 3 – 45, bes.: S. 5 ff.

Protestierens". Mörike protestiert poetisch, hält gleichermaßen Distanz zur "tödlichen Vereinigung des Narziß mit sich" – exemplarisch formuliert in der Spiegelzene von *Erinna an Sappho* – wie zur als potentiell tödliche "Zerreißung" erlittenen Selbstaufgabe in der Liebe. Mörike sucht, ich zitiere Heinrichs ästhetisch-psychologische Konzeption weiter, fortgesetzt "nach Modellen der Balance. [Er] braucht das Gegenüber, auf das er sich stützen und: gegen das er sich richten kann".¹¹

Begreift man mit Anselm HAVERKAMP und anderen den modernen Text als eine Krypta, und die mit diesem Text geleistete Arbeit als die Trauerarbeit an der abgestorbenen literarischen Tradition, dann ist Mörike, der allerdings ein kompliziertes persönliches Verhältnis zu Hölderlin unterhielt,¹² kein Melancholiker in diesem Sinn. Sein Bezug zur deutschen Klassik, insbesondere zu GOETHE, ist, fürwahr eine Seltenheit, entspannt. Ein Brief über die SCHILLER-GOETHE-Korrespondenz erstaunt durch das hier artikulierte Selbstbewußtsein:

"Statt mich niederzuschlagen, hatte der Geist dieser beiden Männer eher die andere Wirkung auf mich. Gar manche Idee [...] erkannte ich als mein selbst erworbenes Eigentum wieder, und ich schauderte oft vor Freuden über seiner Begrüßung."¹³

Anders als Staiger es darstellt, hat Mörike keineswegs das Problem, als ein sog. Spätling mit dem Übervater Goethe zurecht kommen zu müssen. Ihm stellt sich eher die Frage, wie er eine Erfahrung formulieren kann, der die sprachlichen Mittel der deutschen Klassik für sein Empfinden nicht mehr adäquat sind. Darin liegt ein Übergang von der Klassik zur Moderne; Mörike schert aus: Er muß etwas ganz Privates, vorab nicht als 'allgemein menschlich' Ausgewiesenes aussprechen, um einen, seinen persönlichen Ausgleich zu finden. Aus dieser Randständigkeit erwächst nun andererseits die Freiheit gegenüber der Tradition. Der Brief über Goethe und Schiller fährt weniger freundlich fort:

¹¹ Klaus HEINRICH: *Versuch über die Schwierigkeit nein zu sagen*, 3. Aufl., Frankfurt/M. 1985, S. 70 f.

¹² Vgl.: Ulrich HÖTZER: "Mörike und Hölderlin. Verehrung und Verweigerung", in: *Hölderlin-Jahrbuch* 24 (1984/85), S. 167 – 188.

¹³ Eduard MÖRIKE: *Sämtliche Werke*, Dritter Band, Briefe, hg. von Gerhart BAUMANN, Zürich/Salzburg 1959, S. 139.

Zuletzt geriet meine Phantasie auf ganz fremde Abwege; ich durchlief die benachbarten Zellen des Irrenhauses und wühlte in der nächtlichen Fratzenwelt ihrer Träume, auf die schöne Tagesklarheit Deines Büchleins grinsten tausend Narrengesichter, die mit ihren tiefpfliffigen Augen mich fast überredeten, die Philosophen liegen in einem entsetzlichen Irrtum, und nur sie, die Narren, wären hinter die Gardine des göttlichen Verstandes gekommen, wo man sehe und fast platze vor Lachen, wie Herr Schiller und Herr Goethe sich mit wichtigen Mienen und Bücklingen über die Vergoldung von Nüssen und des mundus in nuce unterhalten.¹⁴

Es sind zwei Ereignisse, die Mörike aus dem Gleichgewicht warfen, ihm den "Eigenwert der Sinnlichkeit" katastrophisch aufdrängten und die Fatur seiner Dichtungen bestimmten: der Tod – wahrscheinlich ein Selbstmord – des siebzehnjährigen Bruders August am Abend nach einer Aufführung des *Don Giovanni* sowie das so genannte Peregrina-Erlebnis.

Die Trauer über den Tod des geliebten Bruders findet ihren Ausdruck noch in dem späten Gedicht *An eine Aolsbarfe* und in der Mozart-Novelle, die Peregrina-Geschichte bildet die Unruhe in der Spieluhr des Dichters insgesamt. Mit dem entsetzlichen Gedicht *Scheiden von ihr*, dem Nukleus des Zyklus, der einer "fast heiligen Liebe" ein Denkmal setzt, ist, *sit venia verbo*, 1824 die Wunde bezeichnet, um die herum Mörike zeitlebens seine Figuren des Einstands, der geschützten Mitte und der Erinnerung immer neu arrangiert.

Man kann bezweifeln, ob Peter VON MATT wissen kann, daß Mörike nach dem Scheitern der Liebesbindung an Maria Mayer für den Rest seines Lebens ein unglücklicher Mensch geblieben sei.¹⁵ Doch ist immerhin zu konstatieren, daß Mörikes Liebesleben seither eine seltsame Erfrorenheit bzw. gläserne Reflexivität kennzeichnet. Die Sequenz der Briefe an Luise Rau etwa ist das eisige Protokoll der bereits im ersten Brief explizit vermerkten Todesverfallenheit der Liebe.

Die Konfrontation mit der zweideutigen Geste, mit dem Liebesbetrug, löst einen Rücksturz in die eigene Geschichte aus, führt zur Revokation der eigenen Entwicklung, bis noch hinter die Kindheit, in vollkommene Schwärze zurück. Was Mörike gegenüber den vermeintlichen oder tatsächlichen Ansprüchen

¹⁴ Eduard MÖRIKE: *Sämtliche Werke*, Dritter Band, Briefe, hg. von Gerhart BAUMANN, Zürich/Salzburg 1959, S. 140.

¹⁵ Vgl. Peter VON MATT: *Liebesverrat. Die Treulosen in der Literatur*, München 1991, S. 174.

der klassizistischen Vorläufer weitestgehend immunisiert, ist eine Grenzerfahrung, die zum Sprechen zu bringen ihm um seines psychischen Überlebens willen wichtiger ist, als sich mit der eher akademischen Frage nach seiner möglichen oder tatsächlichen Epigonalität zu plagen. Ich kann die von Peter v. MATT und jüngst kongenial von Christine Lubkoll analysierte Struktur des niemals definitiv abgeschlossenen *Peregrina*-Zyklus hier nicht im einzelnen entwickeln. Ich möchte, mit Lubkoll, nur festhalten, daß das Grauen dieser Gedichte aus dem "Trauma der Unentscheidbarkeit" resultiert, das sich angesichts der Frage, wer das Scheitern verantwortete, konstituiert:

"Es entsteht eine Leere, jene Leerstelle, um die der *Peregrina*-Zyklus kreist und die er mit einer Vielzahl kultureller Anspielungen zwar überbrücken, nicht aber bewältigen kann."¹⁶

Die Leere nach der Trennung, nach dem 'grausamen' Abbruch der Kommunikation generiert ein dämonisches Vakuum, das das lyrische Ich mit einer unendlichen *Suada* vergeblich zu füllen sucht. Mörrike demonstriert unerbittlich, wie Subjekte, deren Symbiose zerrissen wird, ihr ferneres Leben lang ausbluten.

5.

Im *Malter Nolten*, in dem Teile des *Peregrina*-Zyklus erstmals publiziert wurden, läßt Mörrike den Protagonisten den Sturz hinter die Gardinen des göttlichen Verstandes hinein in die schwarze Fassungs- und Formlosigkeit beschreiben:

Da "war es, als versänk' ich tief in mich selbst, wie in einem Abgrund, als schwindelte ich, von Tiefe zu Tiefe stürzend, durch alle die Nächte hindurch, wo ich Euch in hundert Träumen gesehen habe, so, wie Ihr da vor mir stehet; ich flog im Wirbel herunter durch alle die Zeiträume meines Lebens und sah mich als Knaben und sah mich als Kind neben Eurer

¹⁶ Christine LUBKOLL: 'Eine mythische Komposition' – Aporien der Liebe in Mörikes *Peregrina* I – V." In: Mathias MAYER (Hg.): *Interpretationen. Gedichte von Eduard Mörrike*, Stuttgart 1999, S. 60 – 80. Zitat S. 78.

Gestalt, so wie sie jetzt wieder vor mir aufgerichtet ist; ja ich kam bis an die Dunkelheit, wo meine Wiege stand, und sah Euch den Schleier halten, welcher mich bedeckte: da verging das Bewußtsein mir, ich habe vielleicht lange geschlafen, aber wie sich meine Augen aufhoben von selber, schaut' ich in die Eurigen, als in einen unendlichen Brunnen, darin das Rätsel meines Lebens lag." (173 f.)

Auch dieser zentrale Passus enthält, wie *Die schöne Buche*, eine implizite Bezugnahme auf die klassizistische Tradition und damit eine poetologische Dimension. Der Sturz von Tiefe zu Tiefe ruft *Hyperions Schicksalslied* auf. Die Hölderlinschen Götter schlagen bei Mörrike nach innen, geraten modern zu Figuren der Psychologie.

Der Liebeskummer, das Trauma der Trennung rückt zum zentralen Thema in einer Epoche und in einer Lebenswelt auf, in der nichts Anderes mehr eine vergleichbare Fallhöhe bietet. Im Biedermeier offenbart sich die Struktur dessen, was ist, in den intimen Sozialbeziehungen, deren Analyse bei Mörrike die „geschichtsphilosophische“ Stunde bestimmt.

Es wäre naiv, bei allem realen Leiden, das Mörrike heimgesucht haben mag, den Aspekt einer Inszenierung der Katastrophe zu übersehen. Mörrike selbst weiß, er spricht in diesem Fall von Maria Mayers Vorgängerin, Klärchen Neuffer, daß der „Betrug“ von *seiner* Seite ausgegangen sei.¹⁷ Wichtiger noch, daß er sich ferner im klaren darüber ist, daß er, im genauen Wissen um das, "was möglich ist", mit dem Liebesbetrug endlich den lange vergeblich gesuchten Stoff gefunden hat, der sein Werk insgesamt zu tragen vermag. Bereits 1824 nennt er die Begegnung mit Maria Mayer einen "Traum, den ich gehabt und der mir *viel* genützt."¹⁸ Der Rekurs auf Mörikes Psychologie, der satanisch das Leiden produziert, um es fürs poetische Ideal ausbeuten zu können, bekommt in den Blick, was ADORNO auch euphemistisch den "geschichtsphilosophischen Takt" des Dichters nannte.

Es sind vor allem drei Verfahren, durch die Mörrike den katastrophalen Rücksturz, der Goethe, Schiller und die meisten anderen Autoritätsfiguren zu Nüssesammlern schrumpfen läßt, in seiner Produktion auszutarieren, das *mot pour le dire* zu finden versucht.

¹⁷ Eduard MÖRIKE: *Sämtliche Werke*, Dritter Band, Briefe, hg. von Gerhart BAUMANN, Zürich/Salzburg 1959, S. 41.

¹⁸ Ebd., S. 27.

Zu nennen ist erstens die fortschreitende Transformation des Erlebnisgedichts in das von HÖLLERER so genannte "Gestalt-Gedicht", die Einschmelzung des Inhaltlich-Motivischen in den Klangkörper.¹⁹ Als Beispiele für moderne Gestalt-Gedichte zitiert HÖLLERER Texte von Baudelaire und Verlaine. Verdeutlichen läßt sich das auch an einem paradigmatischen Gedicht Arthur Rimbauds.

Auf demselben Blatt, auf dem RIMBAUD die *Voyelles* niederschrieb, findet sich ein kleiner, nach der Frage der Klänge nun die Frage nach der Konstruktion abhandelnder Vierzeiler, der, als arrogante Fingerübung, die artistische "Durchdringung" von Sinnlichkeit und Textualität exemplarisch vorexerziert. Rimbaud evoziert das Bild des im Sternenschein weißlich schimmernden Leibs einer rothaarigen nackten Frau, in deren Schoß ein Mann schwarz verblutet, und zwar so:

L'étoile a pleuré rose au cœur de tes oreilles,
L'infini roulé blanc de ta nuque à tes reins,
La mer a perlé rousse à tes mammes vermeilles,
Et l'Homme saigné noir à ton flanc souverain.²⁰

Der perfekte Parallelismus der Alexandriner im strengen Zeilenstil wird gequert durch verschiedene Vertikalen, so die Steigerung der Farbe vom zarten Rosa über verschiedene Nuancen von Rot bis zum Schwarz. Es lassen sich die unterschiedlichsten Bezüge, Synthesen und Oppositionen ausmachen – etwa die Vereinigung des Weinens und des Rollens zum Perlen usw. – und dennoch tritt insgesamt die Szene eindringlich vor das Auge.

In seiner Analyse der *Äolsharfe* hat Höllerer *en détail* gezeigt, wie sich Mörike subtil von der klassischen Odenstrophe emanzipiert, diese aber dennoch im Hintergrund des nur scheinbar freien Verses sichtbar bleibt, wie "eine Wasserzeichen-Figur", so Höllerers schönes Bild, "im Innern des Gedichts" aufleuchtet.²¹ Mit Gedichten wie der *Äolsharfe* oder *Um Mitternacht*, das dem Schreiten der Jamben das Sprudeln der Daktylen kontrastiert, um die Opposition zwischen *stasis* und

¹⁹ Vgl.: Walter HÖLLERER: *Zwischen Klassik und Moderne. Lachen und Weinen in der Dichtung einer Übergangszeit*, Stuttgart 1958, S. 329.

²⁰ Arthur RIMBAUD: *Sämtliche Dichtungen*, Franz. u. Deutsch, hg. u. übertragen v. Walther Küchler, Gerlingen 1992, S. 106.

²¹ Walter HÖLLERER: *Zwischen Klassik und Moderne. Lachen und Weinen in der Dichtung einer Übergangszeit*, Stuttgart 1958, S.330.

dynamis, Einstand und Zeitfluß klanglich zu reproduzieren, ohne doch eine eindeutige Interpretation zu gestatten, geht Mörike in die von Höllerer beschriebene Richtung.

Ein weiteres Verfahren bildet das ‚Sprechen wie ein Kind‘ in der liedhaften Lyrik und in den Balladen, das Mörike den Ruf des naiven Dichters eingetragen hat. In einer Elegie – also ironisch genug in klassischer Form und unter dem schillerisierenden Titel "Ideale Wahrheit" – formuliert er prägnant die hier leitende Devise: "kindliche Dichtung erzählt's" (725). Das Trauma der Trennung, der die Identität zersetzende, potentiell tödliche Schock, in der Liebe bzw. von der Liebe selbst getäuscht worden zu sein, wird in kindlichen Versen artikuliert. Berühmt und oft vertont wurde das Gedicht vom verlassenen Mägdlein.

In einem atemberaubend illuminierten Brief des Zwanzigjährigen, wiederum an Waiblinger, wird das "Innerliche" als ein im Traum begegnendes Kind beschrieben, das, den Sturz ins Bodenlose überlebend, aus diesem Traum heraustritt und einen zweiten Traum in der Realität stiftet, die Dichtung:

Das Kind, davon ich Dir vorhin sagte, würde Dir liebeich ins Gesicht sehen, und Du fragtest Dich vielleicht leise: Ists denn meine Vergangenheit oder meine Zukunft? Oder dächtest Du, – ob Du nicht in der letzten Zeit einen Traum gehabt, wo sich alle schönen Gestalten in Feuer und Qualm aufgelöst und Dich zum Teil verlassen haben, zum Teil, neben Dir in den Schutt versunken, vergangen seien, und daß nur das Kind aus dem Traum heraus in die Wirklichkeit Dir nachgelaufen sei, verkörpert, nicht von Dir lassen könne und möge, der Du so lebhaft und liebevoll von ihm geträumt. [...] Und wo nur noch Stille und Klarheit wohnen, siehst Du manchmal in der hintersten Tiefe das Gewebe eines zweiten Traums hervorblicken, einer wundervollen geheimen Rückverwandlung in ein schon Gewesenes.²²

Poesie wird zur psychoanalytischen Kur *avant la lettre*, die das innere Kind und mit ihm den Volksliedton, die restituierte ‚Unschuld‘ kindlichen Sprechens aus Feuer und Qualm – jede Liebesbeziehung aktualisiert unbewältigte Konflikte aus der Frühzeit – hervorzieht und rettet. Dieser Brief, der das immer noch gängige Bild vom naiven Dorfpfarrer, der da an Elfen oder doch zumindest ans sog.

²² Eduard MÖRIKE: *Sämtliche Werke*, Dritter Band, Briefe, hg. Von Gerhart BAUMANN, Zürich/Salzburg 1959, S. 39.

Numinose glaubt, nachhaltig in Frage stellt, ist eine Schlüsselstelle zum Verständnis der vermeintlich, aber im skizzierten Sinn auch tatsächlich kindlichen Seite Mörikes und der ihr zugeordneten Lyrik und Märchenprosa.

6.

In der Prosa schließlich realisiert Mörike eine Poetik der feinen Dosierung; an die Stelle der verzogenen Parallelen klassizistischer Poetik treten die verzogenen Mundwinkel des immer erneut Betrogenen. Nimmt man das Gesamtwerk in den Blick, so zeigt sich, daß Mörike nicht an der Bestattung der Toten, sondern an den Folgen der Trennung arbeitet. In jedem Prosatext wird kathartisch die Sekunde der schockhaften Erkenntnis des Betrugs, eine Art Erstickenanfall, neu aktualisiert. Die Texte nach dem *Nolten* können als immer neue Gestalten der Urszene gelesen werden, mit der Tendenz zu immer weiterer Verfeinerung und Verdichtung.

Im *Nolten* liegt alles grell, beinahe abgeschmackt vor Augen und gipfelt in einem Melodram, an dessen Ende alle entweder sich umbringen oder auf andere Weise zu Tode kommen.

Was der *Nolten* blutig aufbereitet, spielen sämtliche weitere Erzählungen immer wieder durch. In dieser von Mathias MAYER treffend so genannten "Pathologie der Biedermeierzeit"²³ geht es durchweg um das Problem womöglich tödlich wirkender Aggression jenseits juristisch kodifizierter Straftaten. Auf seelische Grausamkeiten, die Wahnsinn und Selbstmord zur Folge haben können, steht keine Strafe: "Nicht wahr", ruft Lucie Gelmeroth aus, "von solchen Dingen weiß euer Gesetzbuch nichts!" (390).

Mörikes an Paranoia grenzende Empfindlichkeit läßt ihn in der kleinsten Taktlosigkeit anderer Menschen bereits den Keim des Verbrechens erkennen, die Linien auch von der kleinsten Unehrlichkeit oder läßlichsten Schwäche zwanghaft immer bis ins mörderische Extrem durchziehen. Nimmt man die Prosa insgesamt in den Blick, kann man ermessen, warum mit der Pomeranzen-Szene in der Mozart-Novelle die äußerste Verfeinerung in der Darstellung von Grausamkeit erreicht ist.

²³ Mathias MAYER: *Eduard Mörike*, Stuttgart 1998, S.107.

Die ganze Dramatik liegt hier in einer winzigen Geste beschlossen, die zu Recht berühmt geworden ist. Gedankenverloren bricht Mozart in fremdem Park eine Apfelsine von einem Bäumchen. Aus dieser Verletzung entspinnt sich der Gesamtverlauf der Novelle, und man kann sagen, daß Mörikes Poetik der feinen Dosierung in dieser kleinen Szene über Trennung und die Unmöglichkeit einer erneuten Vereinigung nach dem Schnitt triumphal kulminiert:

Er sieht und sieht es nicht; ja so weit geht die künstlerische Geistesabwesenheit, daß er, die duftige Frucht beständig unter der Nase hin und her wirbelnd und bald den Anfang, bald die Mitte einer Weise unhörbar auf den Lippen bewegend, zuletzt instinktmäßig ein emailliertes Etui aus der Seitentasche des Rocks hervorbringt, ein kleines Messer mit silbernem Heft daraus nimmt und die gelbe kugelige Masse von oben nach unten langsam durchschneidet. Es mochte ihn dabei entfernt ein dunkles Durstgefühl geleitet haben, jedoch begnügten sich die angeregten Sinne mit Einatmung des köstlichen Geruchs. Er starrt minutenlang die beiden innern Flächen an, fügt sie sachte wieder zusammen, ganz sachte, trennt und vereinigt sie wieder (579).

Begreift man Mörikes Prosa als die Suche nach dem einen Bild für das Trauma, dann ist dieses Bild, überaus anmutig eingebettet in das Arsenal der bisher erläuterten Motive und Figuren, nunmehr gefunden. *Mozart auf der Reise nach Prag* bleibt Mörikes letzte Prosaveröffentlichung.

7.

Während die streng durchbildete Textualität mancher Gedichte den Eigenwert der Sinnlichkeit fast vollständig zugunsten eines autoreferentiellen Sprachgebildes tilgt, das seine eigene Sinnlichkeit als die einzige, die bleibt, darbietet, betonen Teile der Prosa, und ganz besonders *Das Stuttgarter Hutzelmännlein* mit seinen knallenden Küssen und der traurigen Wasserfrau, die das Lachen lernt, den Eigenwert der Sinnlichkeit so energisch, daß die artistische Dimension verloren zu gehen droht.

Der goldnen Waage der Zeit im Mitternachtsgedicht stehen die derben Glücksschuhe eines Märchens gegenüber, das im ausgehenden 14. Jahrhundert spielt. Doch kulminiert die schöne Geschichte von Seppe, Vrone und dem Hut-

zelmann in der Aufführung der artistischen Szene par excellence: dem lebensgefährlichen Tanz auf dem Hochseil. Der Geschichte des Motivs hat sich Sabine Beck angenommen.

Sie arbeitet in ihrer Studie zu den *Figuren artistischer Dichtung* die Affinitäten zwischen sensationeller Zirkusakrobatik, abstrusen Clownsnummern, virtuoson Klavierkunststückchen einerseits und artistischer Lyrik andererseits heraus. Das "L'Azur! l'Azur! l'Azur! L'Azur!" MALLARMÉS erscheint bei Beck provokativ als das Jauchzen eines außer sich geratenen professionellen Trampolin-Clowns, dem beim akrobatischen Sprung eine außerordentliche Höherfahrung zuteil wird. Beck beschließt ihre Ausführungen mit dem Blick auf ein Bild Grandvilles und notiert:

"Grandvilles seiltanzende Spinne führt ein Kabinettstückchen, artistisch par excellence vor: worauf sie balanciert ist ihr selbstgesponnener Faden; aufgeschwungen mithilfe eines potentiellen Opfers, des Schmetterlings, läßt sie sich als autonome Attraktion akklamieren – man ist außer sich über die gelungene Vorstellung unter den Fleurs-Spectateurs. So verkörpert sich Artistenschicksal: utopisch und zynisch zugleich; im Concours mit der Immortelle, die weder leben noch sterben kann, ist's die Partie des verlorenen Lebens."²⁴

Der Seiltänzer im *Zarathustra* hingegen bleibt nicht allein auf dem Hochseil. Weil der Andere ihm zum Teufel wird, ihm nicht von vorne begegnet, sondern ihn von hinten überfällt, kann dieser Tänzer die Partie des verlorenen Lebens nicht mehr spielen, verliert er die Balance und findet unmittelbar den Tod. Der Andere stößt ein Geschrei aus wie ein Teufel, springt über den Seiltänzer, der ihm im Wege ist, hinweg:

Als er so seinen Nebenbuhler siegen sah, verlor (er) den Kopf und das Seil; er warf seine Stange weg und schoss schneller als diese, wie ein Wirbel von Armen und Beinen, in die Tiefe.²⁵

²⁴ Sabine Beck: "Figuren artistischer Dichtung", in: *Jahrbuch für Ästhetik* Bd. II, 1986, Aachen 1987, S. 172 – 208. Zitat: S. 197.

²⁵ Friedrich NIETZSCHE: *Also sprach Zarathustra*, in: *Kritische Studienausgabe* Bd. IV, hg. v. Giorgio COLLI und Mazzino MONTINARI, München 1988, S. 21.

Am Schicksal des gestürzten Artisten, dessen Leichnam er in einem hohlen Baume birgt, erschließt sich dem noch einsamen Zarathustra das Los der Menschen:

Unheimlich ist das menschliche Dasein und immer noch ohne Sinn: ein Possenreisser kann ihm zum Verhängnis werden.²⁶

Vor dem Hintergrund des Bildes von der häßlichen Spinne und der Szene vom tödlichen Sturz im *Zarathustra* wird das Ende des *Stuttgarter Hutzelmännleins* als Emblem der artistischen Balance zwischen Klassik und Moderne erkennbar. Der Artist ist ein einsamer, häßlicher Zwerg. Er wird von der Menge als ein Meister bewundert und als ein Satan gefürchtet. Doch handelt der Artist bei Mörike noch nicht wie ein Teufel, sondern wie ein Engel; er hält bei allem Wissen um den 'frommen Betrug' an der Möglichkeit gelingender Liebe fest.

Mörike erzählt die Geschichte von Seppe, der von einem freundlichen Kobold, dem *Stuttgarter Hutzelmännlein*, mit zwei Paar Glücksschuhen versehen, für Männer- eins und eins für Frauenfüße, in die Welt zieht. Auf dem Weg heraus aus der Stadt soll er das Paar Frauenschuhe irgendwo abstellen, da in ihnen ihm dereinst die Liebe seines Lebens begegnen werde. Seppe verwechselt die Paate und macht sich mit einem Frauen- und einem Männerschuh an den Füßen auf seine Bildungsreise. Aus dieser Verwechslung ergeben sich die Turbulenzen. Vrone, die das andere halb männliche, halb weibliche Paar Schuhe findet, hat ebenfalls mit den Folgen zu kämpfen.

Beide, der Mann und die Frau, müssen, so die Allegorie, den weiblichen und den männlichen Anteil ihrer Seele ganz durchleben, bevor sie einander glücklich treffen können. Der geschundene Seppe kehrt zuletzt wieder nach Stuttgart zurück, während eines Stadtfestes, dessen größte Attraktion die Darbietungen einer Gauklergruppe auf dem Hochseil bieten.

Nachdem die Gaukler ihre Aufführungen beendet haben, betritt das verkleidete Hutzelmännlein das Seil. Von der staunenden Menge wird der tanzende Zwerg ein "Meister" genannt, weil er die professionellen Gaukler durch seine unglaublichen artistischen Leistungen weit übertrumpft. Des Kobolds Darbietungen bereiten den eigentlichen Höhepunkt der Erzählung vor. Das Hutzelmänn-

²⁶ Ebd., S. 23.

lein läßt einen Sack oben zurück; wer ihn zu holen wagt, darf den kostbaren Inhalt behalten. Von der Zauberkraft der Glücksschuhe gezogen, trauen sich Seppe und Vrone aufs Seil. Der Balance-Akt gelingt, weil beide einander die richtigen Schuhe zuwerfen:

Sie folgte seinem Geheiß, mit Lächeln halb, und halb mit Weinen, warf – da flog der Schuh dem Burschen wie von selber an seinen ausgestreckten Fuß. Nun warf er ebenfalls, und ihr geschah dasselbe. (549)

Seppe und Vrone tanzen selig auf dem Hochseil, treffen sich in dessen Mitte und versprechen einander die Ehe. Auf jedem Antlitz in der akklamierenden Menge war, schreibt der Chronist, "der Widerschein der Anmut zu erblicken, die man vor Augen hatte" (550). Nachdem das Paar glücklich wieder auf der Erde ist, meint der Graf, der die Verbindung besiegelt: "Ihr nun, nach solcher Probe, seid quitt mit der Gefahr euer Leben lang" (552).

Man könnte das schöne Ende des Märchens überaus romantisch nennen, vergäße man das Schicksal des Hutzelmännleins, das da spricht:

Will jemand sehn mein frazzengesicht
Ich halt ihm selbst dazu mein licht.
Mich kränker nur daß noch zur stund
Mich geküßt kein frauenmund.

Häßlich wie eine Spinne, gefürchtet wie der Satan, ermöglicht der seltsame Stuttgarter Gnom aus übrigens unerfindlichen Gründen das Glück der naiven Liebenden und geht einsam, ungeküßt vom Platz. Georg LUKÁCS hat Eduard Mörike einen niedlichen Zwerg genannt. LUKÁCS, den es nach größerer Kost verlangt, hat von Mörike wenig begriffen, denn dieser Zwerg ist ein Artist auf dem Hochseil der Liebe:

Er trug ein leinen Säcklein auf dem Rücken, das er an eines der gekreuzten Schräghölzer hing, dann prüfte er mit einem Fuß die Spannung, lief vor bis zur Mitte und hub jetzt an, so wunderwürdige und gewaltige Dinge, daß alles, was zuvor gesehen war, nur Stümperarbeit schien. [...] Die Gaukler schauten ganz verblüfft darein, fragten und rieten untereinander, wer dieser Satan wäre? (547)

1853 wird das *Hutzelmännlein* erstmals publiziert; 1857 erscheinen einhundert französische Gedichte, die den deutschen Gauklern Auskunft geben. Mörikes pralle Pomeranze kullert von Schwaben nach Paris und wird im Eröffnungsgedicht der *Fleurs du Mal* zur alten Apfelsine einer im Vorbeigehn klandestin ausgepreßten Lust:

Ainsi qu'un débauché pauvre qui baise et mange
Le sein martyrisé d'une antique catin,
Nous volons au passage un plaisir clandestin
Que nous pressons bien fort comme une vieille orange.²⁷

²⁷ Charles BAUDELAIRE: "Au lecteur", in: *Die Blumen des Bösen/Les Fleurs du Mal*, München 1986, S. 8.

«So wie ein armer Lüstling, der den zerquälten Busen einer abgelebten Metze küßt und isst, so im Vorbeigehn stehlen wir heimlich eine Lust uns, die wir auspressen fest wie eine altgewordene Orange» (übers. v. Friedhelm KEMP).

Literaturverzeichnis

- ADORNO, Theodor W.: „Rede über Lyrik und Gesellschaft“, in ders.: *Noten zu Literatur*, Gesammelte Schriften Bd. 11, hg. Von Rolf TIEDEMANN, Frankfurt/M. 1997, S. 48 – 68.
- BAUDELAIRE, Charles: „Au lecteur“, in: *Die Blumen des Bösen/Les Fleurs du Mal*, München 1986.
- BECK, Sabine, „Figuren artistischer Dichtung“, in: *Jahrbuch für Ästhetik* Bd. II, 1986, Aachen 1987, S. 172 – 208.
- BÖSCHENSTEIN, Bernhard: „Inspiration“, in: Mathias MAYER (Hg.): *Interpretationen. Gedichte von Eduard Mörike*, Stuttgart 1999, S. 16 – 25.
- BRUCH, Herbert: *Faszination und Abwehr. Historisch-psychologische Studien zu Eduard Mörikes Roman Maler Nolten*, Stuttgart 1992.
- GÖTZ, Mattias, „Zum Entwurf einer Theorie des Artistischen“, in: *Jahrbuch für Ästhetik* Bd. II 1986, Aachen 1987, S. 3 – 45.
- GUNDOLF, Friedrich: *Romantiker N. F.*, Berlin 1931.
- HEINRICH, Klaus, *Versuch über die Schwierigkeit nein zu sagen*, 3. Aufl., Frankfurt/M. 1985.
- HÖLLERER, Walter, *Zwischen Klassik und Moderne. Lachen und Weinen in der Dichtung einer Übergangszeit*, Stuttgart 1958.
- HÖTZER, Ulrich: „Mörike und Hölderlin. Verehrung und Verweigerung“, in: *Hölderlin-Jahrbuch 24* (1984/85), S. 167 – 188.
- KITTLER Friedrich, *Eine Kulturgeschichte der Kulturwissenschaft*, München 2000.
- LUBKOLL, Christine, „‘Eine mythische Komposition‘ – Aporien der Liebe in Mörikes Peregrina I – V.“ In: Mathias MAYER (Hg.): *Interpretationen. Gedichte von Eduard Mörike*, Stuttgart 1999, S. 60 – 80.
- MATT, Peter von, *Liebesverrat. Die Treulosen in der Literatur*, München 1991.
- MAYER, Mathias, *Eduard Mörike*, Stuttgart 1998.
- MENNINGHAUS, Winfried, *Artistische Schrift. Studien zur Kompositionskunst Gottfried Kellers*, Frankfurt/M. 1982.
- MÖRIKE, Eduard: *Sämtliche Werke* Bd. I, red. Jost PERFAHL, München 1985.

- MÖRIKE, Eduard, *Sämtliche Werke*, Dritter Band, Briefe, hg. Von Gerhart BAUMANN, Zürich/ Salzburg 1959.
- NIETZSCHE, Friedrich, „Also sprach Zarathustra“, in: *Kritische Studienausgabe* Bd. IV, hg. V. Giorgio COLLI und Mazzino MONTINARI, München 1988.
- POE, Edgar Allan, „The Fall of the House of Usher“, in: *Great Tales and Poems of Edgar Allan POE*, New York 1967.
- RIMBAUD, Arthur, *Sämtliche Dichtungen*, franz. u. deutsch, hg. u. übertragen v. Walther Küchler, Gerlingen 1992.

Franz Kafka 3. 7. 1883 – 3. 6. 1924 – ein Bewohner des Zauberbergs? – Ein Vortrag –

*Hartmut Eggert**

Abstract: In the concentration on his texts, the author Franz Kafka is often reduced to the phantom of a deadly sick and Oedipus-struck inventor of abstract labyrinths in an absurd bureaucratic universe. This talk intends to reintegrate him into the landscape of various contexts of modernity at the beginning of the 20th century such as: the movement of life-reform, intellectual debates, academic research in the field of industrial accidents, changing erotic relations and the enthusiasm for new technical products. As a result, the author claims that Kafka could well be imagined as a member of the pre-war-society described by Thomas Mann in the "Magic Mountain".

Keywords: Kafka; modernity; biography, European pre-war-society.

Resumo: Com a interpretação dos seus textos o autor Franz Kafka muitas vezes é reduzido ao fantasma do criador de labirintos abstratos e absurdos universos burocráticos, mortalmente enfermo e golpeado por uma estrutura edipal sem solução. A palestra empreende a reintegração do escritor no panorama de vários contextos da modernidade no início do século XX, tais como: o movimento da reforma da vida, debates intelectuais, pesquisa acadêmica no campo de acidentes de trabalho, várias relações amorosas e o entusiasmo para novas invenções técnicas. Como resultado, o autor sustenta que se poderia imaginar Kafka perfeitamente na sociedade européia anterior à I Guerra, descrita por Thomas Mann no romance "A montanha mágica".

Palavras-chave: Kafka; modernidade; biografia; sociedade européia anterior à I Guerra.

Stichwörter: Kafka; Moderne; Biographie; europäische Vorkriegsgesellschaft.

* Der Autor ist Professor für Neuere deutsche Literatur an der Freien Universität Berlin.

Die internationale Rezeption, ja der Ruhm der Texte Franz Kafkas beruht unter anderem auf der Abstraktheit des Werkes. In mancherlei Hinsicht scheint bei seinen Texten ihr Stil und ihre Ästhetik kaum noch an historische Situationen und Gesellschaften gebunden. Das Schloss, der Prozess, der ‚Landarzt‘ scheinen nicht auf genau benennbare Orte bezogen, wie es etwa anders der Fall ist bei Thomas Manns Buddenbrooks mit Lübeck, Döblins Alexanderplatz mit Berlin oder Grass' Blechtrommel mit Danzig, um Werke zu nennen, die über den deutschen Raum hinaus rezipiert wurden. Einer der Gründe der weltweiten Rezeption Kafkas – und wenn Sie bei uns in die Bibliothek gehen, dann sehen Sie, dass Tausende von Aufsätzen und Bänden über Kafka geschrieben worden sind – einer der Gründe der weltweiten Rezeption scheint zu sein, dass Leser ihre individuellen Erfahrungen in die Rahmensetzungen und Textstrukturen hineinversetzen können: Vater-Sohn-Konflikte, Schuldverstrickungen, Auseinandersetzungen mit anonymen Autoritäten. Dies mag auch ein Grund dafür sein, dass Kafka für lange Zeit hauptsächlich unter den Gesichtspunkten von Psychologie, Psychoanalyse und Existenzphilosophie interpretiert wurde. Aufgrund dieser Schwerpunkte und aufgrund der Schwierigkeiten, in der CSSR über Kafka forschen zu können, haben sich zunächst wenige Leser wirklich um historische und soziologische Elemente seines Lebens und seines Werkes gekümmert. (Eine der großen Ausnahmen war Klaus Wagenbach, auf dessen Recherchen vor allem ich dankbar zurückgreife.) Auf diese Weise wussten wir bis zum Beginn der 80er Jahre eigentlich wenig Differenziertes über das Leben, wie er es geführt hat, seine sozialen Beziehungen, und man hat ein eher mythisches Bild von Franz Kafka entworfen.

Dieses mythische Bild besteht in der Regel aus psychologischen Einzelzügen seines privaten Lebens. Als Sohn eines autokratischen Vaters, seinen Depressionen, seinen komplizierten Beziehungen zu Frauen, zu seiner Verlobten Felice Bauer (was Canetti untersucht hat), aber auch seine komplizierte Beziehung zu seiner Heimatstadt Prag, und zwar auch als Angehöriger einer Minderheit, als Jude. Etwa seine Aussage von 1902 „Prag lässt mich nicht los. Dies Mütterchen hat Krallen. Da muß man sich fügen. An zwei Seiten müssten wir es anzünden, (...) dann wäre es möglich, daß wir loskommen“, wurde immer wieder zitiert. Das Moderne des Werkes, die Phänomene der Entfremdung mit sich und seiner Umwelt, die große zerstörerische Gewalt in seinen Texten, der Kampf mit anonymen Instanzen, Bürokratien, Justiz, Machthabern, all dies macht es schwer, sich vorzustellen, dass Franz Kafka weitgehend einer Welt vor dem 1. Weltkrieg zugehört. 1914 war er 31 Jahre alt. 35 war er mit dem endgültigen Zusammen-

bruch der gesellschaftlichen und politischen Ordnung, in der er aufgewachsen war, der K.u.K.-Monarchie. 1917 hatte er den Ausbruch seiner Tuberkulose erleben müssen, und 1924, als er in Kierling bei Wien in einer schäbigen Sterbeklinik starb, da hatte er die letzten sieben Jahre schon in vielen Sanatorien verbracht.

Im Todesjahr Kafkas erschien Thomas Manns „Zauberberg“-Roman, in dem dieser eine kritische Bilanz der untergegangenen alten Gesellschaft des 19. Jahrhunderts und deren geistiger Verfassung vor dem Ausbruch des Ersten Weltkrieges gezogen hatte, jener Gesellschaft, deren Oberschicht Europa in eben diesen Krieg geführt hatte. Thomas Mann hatte eine geistige Bilanz gezogen, den Geist analysiert, aus dem die Gewalten des Krieges und der Revolution von 1918 hervorgegangen sind. Es sind diese Tatsachen, dass ich mir vorgestellt habe, ob Franz Kafka eigentlich in die mondäne Zauberberggesellschaft Thomas Manns, jene morbide europäische Gesellschaft gepasst hat, oder ob er ein gänzlich Fremder gewesen wäre, wenn er in ein solch reiches Schweizer Lungensanatorium wie den Berghof in Davos gekommen wäre, auf den Zauberberg.

Man stelle sich also einen Augenblick Franz Kafka als Patient der hermetischen Welt des Berghofs vor, als Figur der Zauberberg-Gesellschaft Thomas Manns. Der Roman, in dem Thomas Mann als literarischer Chronist die weltanschauliche Krise und Zerfallerscheinungen des europäischen Bürgertums darstellt, endet bekanntlich 1914. Der mittelmäßige bürgerliche Held Hans Castorp, ein norddeutscher Kaufmannssohn, verlässt die Sanatoriumswelt des Zauberbergs, in der er sieben Jahre verbracht hat, um dann auf den Schlachtfeldern des Ersten Weltkrieges zu verschwinden. Franz Kafka hat zwischen 1905 und 1915 mehrfach Gesundung in solchen Sanatorien gesucht; 1912 und 1913 in eben solchen Schweizer Sanatorien. Das Gedankenspiel, das ich Ihnen vorschlage, hat also eine reale Grundlage.

Kann man sich Franz Kafka in der Gesellschaft des Zauberbergs vorstellen, am Tisch mit dem mittelmäßigen norddeutschen Kaufmannssohn Hans Castorp, dem liberalen italienischen Humanisten Settembrini, dem dämonisch wirkenden, scharfsinnigen Intellektuellen ostjüdischer Herkunft Naphta (bei dem, wie wir wissen, Georg Lukács als Vorbild diente), der Madame Chauchat russisch-französischer Herkunft oder dem holländischen Großkaufmann Mijnheer Peeperkorn? Kann man sich Kafka in dieser lungenkranken Welt des europäischen Bürgertums vorstellen, teilnehmend an ihren intellektuellen Tischgesprächen, den Spaziergängen in gepflegten Parks am Fuße der Berge, und dann nächtens auf seinem Zimmer von 22 bis 3 oder 4 Uhr morgens schreibend an der ‚Verwandlung‘, der ‚Strafkolonie‘, am ‚Prozeß‘?

Nehmen wir zunächst den Gesichtspunkt seines sozialen Standes, seiner gesellschaftlichen Stellung, die er eingenommen hätte, in diesem Zauberberg-Gedankenspiel: Gehört er zu der großbürgerlichen Schicht, die sich in der Sanatoriumswelt des Zauberbergs versammelt?

Wenn es lange Zeit schwierig war, diese Frage präzise zu beantworten, so hat dies sehr schwerwiegende historische Gründe. Die Nachforschungen über den Familienhintergrund stießen in den 50er, 60er und 70er Jahren an beunruhigende Grenzen. 1964 schrieb Klaus Wagenbach in seiner Kafka-Biographie: „Das liegt nicht daran, daß dieses Leben sich unauffällig vollzogen, sondern besonders an den politischen Ereignissen der Jahre 1933 bis 1945. Sie betrafen vorerst das Werk: Anfang der dreißiger Jahre beschlagnahmte die Gestapo bei einer Durchsichtung der Berliner Wohnung Dora Diamants [der Freundin der letzten Lebensjahre] ein Konvolut Manuskripte [...]. Viel schlimmere Folgen hatte die Besetzung der Tschechoslowakei durch die Nazis: die drei Schwestern Kafkas wurden in Konzentrationslager deportiert und dort ermordet – ein Schicksal, das viele Freunde und Verwandte teilten; Archive wurden vernichtet, Dokumente gingen verloren (darunter etwa die Bibliothek und viele Briefe Kafkas) – Zeugen seines Lebens wurden getötet.“

Kafka entstammt, wenn man den heutigen Stand der Forschung resümiert, einer „jüdischen Kaufmannsfamilie Prags“. In dieser Formel ist viel enthalten: Sein Vater ist ein klassischer Aufsteiger gewesen, der es aus allerärmsten Verhältnissen in einem südböhmischen Dorf als Wanderhändler zu einem erfolgreichen Geschäftsmann gebracht hatte, der im Zentrum Prags, am prominentesten Platz, ein „Galanteriewarengeschäft“ (Modewaren, Stöcke, Kurzwaren) betrieb, verheiratet mit einer Tochter aus einer deutsch-jüdischen angesehenen und vermögenden Tuchhändler- und Brauerfamilie in Nordböhmen (Abb.1). Das Bestreben des Vaters war nach dem geschäftlichen Erfolg auf gesellschaftliche Anerkennung gerichtet. (Er hat ja, wie wir wissen, dem Sohn immer wieder die eigene Tüchtigkeit vor Augen gehalten.) Gesellschaftliche Anerkennung gewinnen, hieß aber in den beiden Jahrzehnten vor der Jahrhundertwende, in denen Kafka aufgewachsen ist, Anschluss an die deutschsprachige Minderheit in Prag zu gewinnen. Als Kafka geboren wurde, bildete die deutsche und deutsch-jüdische Einwohnerschaft in Prag (sicherlich der bedeutendsten Stadt der nördlichen Donau-Monarchie neben Wien) eine Minderheit mit 15 %. Um die Jahrhundertwende war die Einwohnerzahl dann auf rund 400.000 gestiegen, die der Deutschen betrug jedoch nur noch 30.000 (ca. 8 %), zu Beginn des Ersten Weltkrieges war sie noch geringer. Dennoch gehörte ein Großteil dieser Minderheit zu der

sozial, politisch und kulturell bestimmenden Oberschicht aus Beamten, Grundbesitzern und Kaufleuten. Es nimmt daher nicht wunder, dass Hermann Kafka, der zunächst selbst nur Jiddisch und Tschechisch gesprochen hatte, seinen Sohn – den Ältesten von vier Kindern, in den er seine Hoffnungen setzte – auf das deutschsprachige humanistische Gymnasium schickte, dessen Abschluss zum Studium an der deutschen Universität Prags berechnete, der ältesten deutschen Universität überhaupt. Latein und Griechisch bildeten natürlich den Schwerpunkt des Unterrichts, Kafka hat Französisch, Englisch, später Italienisch außerhalb der Schule gelernt, Tschechisch schrieb er zeitlebens fehlerfrei, aber seine Werke sind geprägt von der Eigenart des Prager Deutsch, dessen Bedeutung für die Ausprägung des Kafka-Stils lange Zeit unterschätzt wurde. (Hierauf kann ich an dieser Stelle nicht näher eingehen.)

Es entspricht diesem Bestreben eines Mannes, der es zu bürgerlichem Wohlstand gebracht hat, dass er seinem Sohn ein Germanistikstudium verwehrt (Kafka wollte in München studieren, hat es aus diesem Grunde 1902 besucht – er hätte dort Thomas Mann begegnen können) und ihn zum Jurastudium bestimmt, in der Hoffnung auf eine hohe Beamtenstellung in der allgemeinen Verwaltung. Kafka selbst hat während des widerwillig betriebenen, trockenen Studiums sich eher daran orientiert, mit dieser allgemeinen Verwaltungsausbildung vielleicht aus Prag herauszukommen, wie sein Onkel, der Direktor der Spanischen Eisenbahnen geworden war. Als Kafka 1906 zum Doktor jur. promoviert wurde (mit mittelmäßigen Prüfungsergebnissen und unter dem Prüfungsvorsitz von Alfred Weber), wurde dies stolz auf einer gedruckten Karte der Familie Freunden und Bekannten mitgeteilt: „Franz Kafka beehrt sich anzuzeigen, daß er am Montag den 18. Juni des Jahres an der K.K. Deutschen Karl Ferdinand-Universität in Prag zum Doktor der Rechte promoviert wurde.“

Nach einer Tätigkeit in einem Anwaltsbüro und einer ersten Versicherungsgesellschaft (übrigens ist diese Versicherung heute einer der größten Versicherungskonzerne der Welt, die Generali), trat Franz Kafka 1908, 25jährig, in die Arbeiter-Unfall-Versicherung als juristischer Sachbearbeiter ein (Abb.2). Finanziell blieb Kafka noch lange auf die Unterstützung der Eltern angewiesen, aber seine äußeren Arbeitsbedingungen (6 Stunden-Bürozeit bis 14 Uhr) ließen ihm Zeit für andere Interessen, die er eifrig betrieb.

Als er 1921 aus Krankheitsgründen 38jährig frühpensioniert wurde, hatte er eine anerkannte, gefestigte Stellung in der halbstaatlichen Versicherungsgesellschaft als sogenannter Konzepteur: er war mit dem Entwurf neuer Verträge betraut. Er hatte 70 Angestellte unter sich und fuhr mit dem Generaldirektor

dieser Versicherung zusammen auf internationale Kongresse. (Ich empfehle Ihnen die amtlichen Schriften Kafkas, die der Kollege Hermsdorff herausgegeben hat, als er Lektor an der Prager Universität war. Er gehörte damals zum Kreis um Goldstücker, ehe der ‚Prager Frühling‘ dann von deutscher Seite 1968 beendet wurde mit dem zweiten Einmarsch von Deutschen in diesem Jahrhundert in Prag.)

Ich versuche also zunächst die Frage zu beantworten, wie Kafka in der Gesellschaft des Zaubers aufgenommen worden wäre. Während der Vater sicherlich als der neureiche Selfmade-man, der jüdische Geschäftsmann aus Prag noch Schwierigkeiten gehabt hätte, dort überhaupt einen Platz zu finden, dem Dr. jur. Franz Kafka, Absolvent einer der Eliteschulen der K.u.K.-Monarchie, wäre man wohlwollend begegnet. Sicher im Seitenflügel des Sanatoriums wohnend, jemand, der auf eine Angestelltentätigkeit angewiesen ist, ohne eigenes Vermögen; aber der zurückhaltende junge Mann versprach, für die Führungspositionen im Verwaltungsapparat der K.u.K.-Monarchie befähigt zu sein; wer weiß das schon im Voraus. Die intellektuellen Disputanten Settembrini und Naphta hätten in ihm allerdings einen aufmerksamen Zuhörer gehabt, einen mit mehr Bildung ausgestatteten als der solide norddeutsche Kaufmannssohn Hans Castorp.

Aber war dieser Dr. jur. Franz Kafka weltläufig genug, sich in dieser großbürgerlichen Zaubergewelt zu bewegen? Was hat es auf sich mit der Vorstellung, dass Franz Kafka zeitlebens an Prag gebunden war, kaum darüber hinauskommand; von dessen literarischen Schriften der sieben Jahre jüngere Franz Werfel (Absolvent der gleichen Schule in Prag, wie übrigens auch Rilke, der sieben Jahre ältere) von denen also Franz Werfel sagte, diese Texte seien so sehr an Prag gebunden, dass „hinter Tetschen-Bodenbach kein Mensch Kafka verstehen wird“. (Tetschen-Bodenbach ist die Grenzstation bei Dresden zwischen Böhmen und Sachsen.) Franz Kafka hat ja selbst dazu beigetragen, dieses Image eines an Prag Gebundenen und an ihm Leidenden zu fördern, einer der zeitlebens nicht von Prag loskam, Fluchtversuche unternahm, die aber scheiterten; ich habe die Stelle aus dem Tagebuch eingangs zitiert. Sein Traum aber war, versehen „mit der Hoffnung“, wie er in einem Brief schreibt, „selbst auf den Sesseln sehr entfernter Länder einmal zu sitzen, aus den Bureaufenstern Zuckerrohrfelder oder mohammedanische Friedhöfe zu sehen“.

Die psychische, die innere Einstellung zu Prag ist das Eine; Kafkas Tagebücher und Briefe sind voll von der Klage, an Prag gefesselt zu sein – angesichts dieser vehementen Selbstaussagen hat man lange übersehen, dass Kafka ganz und gar nicht ein Unbeweglicher, an einen engen Raumhorizont Gebundener war.

Sicher, in der Kindheit und Schulzeit ist Kafka aus Böhmen nicht heraus gekommen, die Ferien wurden auf dem Lande bei Verwandten verbracht; am liebsten war Kafka bei Onkel Siegfried Löwy, Landarzt in Triesch, einem kleinen Städtchen in Mähren. Während der Studienzeit hat Kafka den „Landarzt“ häufiger besucht; er ist das literarische Vorbild der Landarzt-Erzählung. Aber schon nach dem Abitur weitet sich seine Raumerfahrung. Wegen der schwachen körperlichen Konstitution schicken ihn die Eltern auf die Nordseeinsel Norderney (damals ein mondänes Seebad), die erste Reise, die der 18jährige allein unternimmt und bei der Gelegenheit auch Helgoland besucht. Während der Studienzeit, in der er einmal für ein paar Tage in München war, verbringt Franz Kafka – wieder auf Anraten von Onkel Siegfried Löwy – in der Regel im Sommer drei bis vier Wochen in für die Zeit mondänen Naturheilbädern, im Weißen Hirsch bei Dresden (heute verfallen, aber noch zu besichtigen, auf der anderen Seite der Elbe) und zweimal im Sanatorium Schweinburg in Zuckmantel in Schlesien. Tagsüber gab es Naturbäder in Hütten, man bekam Wasserkuren und die Abende waren jenen gepflegten Berghofgesprächen gewidmet. Kafka selbst hat seine Madame Chauchat, seine erste Liebesaffäre, im Sanatorium in Zuckmantel gehabt. Das Foto zeigt eine großzügige Anlage mit Parks (Abb.3). Kafka war in Matlary in Nordböhmen auf der Riesengebirgsseite. Wenn man ein anderes Foto von einem Einzelhaus nimmt, dann kann man auch den Berghof sich darin vorstellen. (Abb.4) Die Bilder und Materialien, die Klaus Wagenbach über diese Kuranstalten gesammelt hat, vermitteln den Eindruck von Orten, an denen sich die gehobene Gesellschaft, die „gute“ Gesellschaft des Wilhelminismus und der k.k. Monarchie traf, aber eben auch aus dem zaristischen Russland und Frankreich. Diese um die Jahrhundertwende gegründeten Naturheilbäder waren gesellschaftlicher Treffpunkt der Bürger, die aus ihren plüschigen, stickigen Stadtwohnungen mit schweren Möbeln, dicken Vorhängen, Zuflucht in Licht- und Sonnenbädern suchten, verbunden mit den damals aufkommenden Wasserkuren à la Kneipp. Es war ein Naturkult des ansonsten bis oben zugeknöpften, ungesund gekleideten Bürgertums, das sich mit diesen schweren dunklen Möbeln seine Wohnungen zu dunklen Behausungen einrichtete, tagsüber dagegen sprach man vom Lichtkleid, das man trug; nämlich gar nichts. Sie sehen auf den Bildern von solch einem Sanatorium im Harz (Abb. 5) in dem er sich zweimal aufgehalten hat, dass nackt Theater gespielt wurde und man dort Anhänger der F.K.K.-Kultur war (Abb. 6).

Kafka schreibt an seinen Freund Max Brod, dass er in dieser Umgebung „ziemlich lebendig geworden“ sei. Er, der eine tiefe Skepsis gegenüber der zeit-

genössischen akademischen Medizin hegte, hat zeitlebens eine Vorliebe für diese Naturheilbäder entwickelt. Wenn er heute morgen hier aufgestanden wäre, dann hätte er „gemüllert“; er hat „nach Müller“ Morgengymnastik gemacht, jeden Morgen in Prag, unbedeckt am offenen Fenster stehend, „täglich fünfzehn Minuten Arbeit für die Gesundheit, mein System: Müller“, so propagierte es dessen ‚Erfinder‘.

Nun will ich jedoch nicht zu sehr ins Anekdotische geraten; es gehört zu dem Bild Franz Kafkas notwendig hinzu, dass er – mit seiner schwachen Konstitution – ein ausgeprägtes Körpergefühl entwickelt hatte und die neuen Reformtendenzen in der Lebensführung begierig aufnahm: morgendliche Gymnastik, Vegetarier (fleischlose Kost), Naturheilverfahren (Heilung von Wunden mit Kräuterpackungen; er hat sich selbst so geheilt; er berichtet darüber Felice Bauer, als er sich den Daumen eingequetscht hatte, wie er das nicht akademisch traditionell behandelt, sondern nach Naturheilverfahren), Nacktkultur (das merkwürdigste wohl das Sanatorium Jungborn bei Bad Harzburg mit Bretterhütten in einer Parklandschaft, in der sich die Besucher unbedeckt bewegten, getrennt nach Männer- und Frauenpark); und es gehört auch dazu, dass der Student und junge Jurist zeitweise auf der Moldau Prags ein eigenes Ruderboot besaß, in Prag reiten lernte, das Reiten in Triesch beim Landarzt praktizierte (Abb. 7) und zeitweise Tennis spielte. Wahrscheinlich hat er, das ist eine Aussage vom Dienstpersonal der Kafkaschen Familie, ein Fahrrad gehabt, eines der ersten Fahrräder in Prag, das er in seinem Zimmer stehen hatte. Als Ausgleich zur Büroarbeit war er bei einem Gärtner im sogenannten pomologischen Institut in Troja bei Prag tätig. Seiner Liebblingsschwester Otdla hat er nach seiner schweren Erkrankung 1917, als er die Büroarbeit zunächst unterbrach, bei der Einrichtung eines, wie wir heute sagen würden, Ökohofes geholfen, eines landwirtschaftlichen Reformbetriebes, er hat dort ein halbes Jahr gelebt, während er die ihm vom Vater verordnete Tätigkeit als stiller Teilhaber und vor allem Berater in der Asbestfabrik des Schwagers hasste, was einer der Gründe für den Bruch mit dem Vater war. Er hat instinktiv wohl gehäut, was Asbest für seine Lunge bedeutete.

(Übrigens: zu diesem Zeitpunkt war Hans Castorp schon fünf Jahre auf dem Zauberberg.) Zu diesem Bild eines Franz Kafka, der sich bemühte, wie wir heute sagen würden, aus der Mentalität, aus der stickigen, miesigen Lebenswelt des Bürgertums der Zeit auszubrechen, gehört auch sein Besuch in den deutschen Möbelwerkstätten in Hellerau bei Dresden, in denen moderne Möbel hergestellt wurden. Mit Felice Bauer, seiner Berliner Verlobten, kam es zum Streit über die geplante Wohnungseinrichtung, da sie sich im üppigen wilhelminischen

Stil einrichten wollte, während er die schlichteren, kargen Formen der Reformbewegung bevorzugte.

Aber es sind bei weitem nicht nur die Besuche der Naturheilbäder und Sanatorien, die Kafka aus Prag herausbringen. In der Zeit als lediger Jurist, 25- bis 30jährig, unternimmt er zusammen mit Max Brod, aber auch allein, Bildungsreisen. So lernt er im Jahre 1908 bis 1912 Berlin, Paris, Zürich, Luzern, Wien, Mailand, Venedig, Verona kennen. Die für seine literarische Existenz wichtigste Reise unternimmt er zusammen mit Max Brod 1912 nach Dresden und Weimar. Bei dem Zwischenaufenthalt in Leipzig lernt er die Verleger Kurt Wolff und Ernst Rowohlt kennen, und es kommt zur Absprache über eine erste Buchveröffentlichung.

Das heißt, das Bild des an Prag Gebundenen, eine einsame literarische Existenz führenden Franz Kafka, ist schon zu diesem Zeitpunkt vor dem Ersten Weltkrieg erheblich korrekturbedürftig. Zu dem Bild des dem Neuen Aufgeschlossenen, gehört auch, dass wir Franz Kafka den ersten Beitrag der deutschen Literatur über Flugzeuge verdanken. Er fuhr mit Max Brod nach Oberitalien und besuchte vom Gardasee aus Brescia, die Flugtage von Brescia. Er berichtet über die „Aeroplane in Brescia“ in der Prager Zeitschrift „Bohemia“. Und für Technikinteressierte ist hinzuzufügen, dass er 1907 in Triesch bei Onkel Löwy „viel Motorrad fuhr“, wie er dem Prager Freund schrieb (Abb. 8).

Franz Kafka, der einer der ersten begeisterten Kinogänger war, hatte auch die Idee, mit Max Brod zusammen in Prag ein Kino zu eröffnen (man stelle sich vor, was das noch für ein Kino war, diese laufenden Bilder, das ist ja danach erst richtig entwickelt worden – Kafka als Kinobesitzer 1907, welche Vorstellung!).

Dieses Verhältnis zu der neuen technischen Kultur ist mehr als ein persönliches Merkmal, das für Kafkas Gegenwartsbezogenheit spricht. Viel entscheidender für das Verständnis seiner Werke und der geistigen Verfassung, aus der heraus sie entstanden, ist aber die Tatsache, dass Kafka unter den zeitgenössischen bürgerlichen Schriftstellern (auch denen des Prager Kreises) wohl der einzige war, der eingehendere eigene Kenntnis von der Innenwelt von Fabriken besaß, von deren Produktions- und teilweise katastrophalen Arbeitsbedingungen. Es gehört zu den vielfach vernachlässigten Zügen der biographischen Forschung, dass Kafka vielfach Dienstreisen in das nordböhmische Industriegebiet unternehmen musste – nur weil er in seinen Tagebüchern darüber weniger berichtet, hat man es für weniger wichtig gehalten. (Da sieht man, was biographische Forschung, wenn sie sich auf das Autobiographische verlässt, für Fehler

machen kann.) Manchmal hielt er sich mehrere Wochen in Friedland, Reichenberg, Leitmeritz, Gablonz und anderen Orten auf, um die Fabriken, die seiner Aufsicht unterstanden, auf Sicherheitsvorkehrungen zur Unfallverhütung bei der Textil-, Glas- und Maschinenproduktion hin zu untersuchen. Verstümmelungen wie abgeschnittene Finger, Arme und andere Arbeitsunfälle waren häufig. Es gibt in den amtlichen Schriften die Entwürfe von Kafka, Zeichnungen für Zusatzapparate zu den Maschinen, mit denen man verhindern kann, dass Arbeitsunfälle geschehen.

Einer dieser Orte (Abb. 9) ist der, den die meisten als literarisches Vorbild vom ‚Schloss‘ ansehen (so etwa Klaus Wagenbach). Das ist nun ein anderes Verständnis für die Frage Text und Quelle, denn Kafka hat es vor allem so wahrgenommen – das Schloss nämlich, es handelt sich um das Schloss Friedland von Wallenstein – unten sind die Fabriken, die er besucht hat.

Gemessen an den z.T. katastrophalen Arbeitsbedingungen mit erhöhter Verletzungsgefahr, waren die Versicherungsprämien, die die Fabrikbesitzer zahlten, zu niedrig; entweder musste Kafka die Fabriken, in Verbindung mit den Gewerbeinspektoren in eine höhere Gefahrenklasse einstufen oder darauf achten, dass die Sicherheitsvorkehrungen verbessert wurden. Es gibt einen Zeitungsbericht aus Gablonz über den Vortrag Franz Kafkas vor den örtlichen Industriellen, wo er über diese Probleme sprach. Die wenigen Eintragungen in seinen Tagebüchern über diese Tätigkeit werden im Laufe der Zeit immer kritischer. Max Brod berichtet von einer Äußerung über die verletzten Arbeiter, die in Prag ihre Anträge stellten, Kafka soll gesagt haben: „Wie bescheiden die Menschen sind! Sie kommen zu uns bitten. Statt die Anstalt zu stürmen und alles kurz und klein zu schlagen, kommen sie bitten.“ Kafkas Arbeit war also keineswegs auf Schreibtischarbeit in der Arbeiterunfallversicherung beschränkt. Aus diesem Zeitungsbericht der Gablonzer Zeitung vom 2. Oktober 1911 geht hervor, wie er, der „Konzipist der Prager Arbeiter-Unfallversicherungsanstalt Dr. Kafka“, nach einem Vortrag, den er dort hielt, mit den Fabrikbesitzern darüber diskutiert hat. Er hatte die Anstalt vor Gericht zu vertreten, fuhr, wie ich anfangs erwähnte, mit dem Leiter der Versicherung 1913 zu einem Fachkongress in Wien. Neben der Ausarbeitung über Arbeitsverhütungsmaßnahmen in Fachzeitschriften ist auch eine Rezension von Kafka über ein Buch der Mutterschaftsversicherung von Arbeiterinnen aufgefunden worden.

Ergänzt man dieses Bild Franz Kafkas um diese Dimension, so wird deutlich, dass er in der großbürgerlichen Welt des Zauberbergs insofern eine Sonderstellung eingenommen hätte, als er kritisch vertraut war mit den unmenschlichen

Folgen jener Lebenswelt, aus der heraus die Bewohner des Sanatoriums ihr stattliches Vermögen bezogen und über die im Zauberberg nicht gesprochen wird. (Ich brauche hier nicht die Besuche Kafkas bei Versammlungen anarchistischer und sozialistischer Gruppierungen in Prag ausführlicher darstellen, da sie seit längerem bekannt und in der Forschung verarbeitet sind.) Dass Franz Kafka, der selbst wegen seines Gesundheitszustandes vom Militär befreit war, aber nicht zu jenen Schriftstellern gehörte, die den Krieg – wie zum Beispiel Thomas Mann, Gerhart Hauptmann und auch ein Teil der expressionistischen Lyriker – enthusiastisch begrüßten, ist nach solchen Aspekten fast selbstverständlich. Dennoch fällt auf, dass in seinen autobiographischen Schriften das Thema Krieg und Zusammenbruch der alten politischen Ordnung einen relativ geringen Raum einnimmt.

Im Frühjahr 1914 hatte sich Kafka mit Felice Bauer, bekanntlich einer Berliner Jüdin, die er in Prag kennenlernte, verlobt. Im Jahr zuvor hatte er sie mehrfach in Berlin besucht und auch den Plan erwogen, nach Berlin zu ziehen. Aber im Juli löste er bereits die Verlobung und verbrachte mit dem Schriftsteller Ernst Weiss kurz vor Kriegsausbruch die Ferien auf einer dänischen Ostseeinsel. – Auch während des Krieges reiste Kafka, diesmal fast immer aus privaten Gründen. Die erneute Annäherung an Felice Bauer führte zu gemeinsamen Ferien in der böhmischen Schweiz und in dem mondänen Kurort der Vorkriegsgesellschaft Marienbad. Nach der zweiten Verlobung im vorletzten Kriegsjahr unternahm er (mitten im Weltkrieg!) mit ihr eine Reise nach Wien und nach Budapest; aber im September 1917 brach die Tuberkulose Kafkas offen aus. Von den letzten sieben Lebensjahren verbrachte Kafka mehr als drei außerhalb Prags. Zwischen 1917 und 1923 nahm er zwar mehrfach seine Arbeit in Prag wieder auf, aber die Abwesenheitsphasen waren zum Teil sehr lang. So lebte der Stadtbürger Kafka 1917/18, als die Donaumonarchie zusammenbrach, bei seiner Schwester Otla acht Monate auf dem Dorfe in Böhmen. Danach blieben die Sanatorien und Pensionen in Nordböhmen, in der Hohen Tatra, in Meran, im Riesengebirge mit ihrer Zauberberg-Atmosphäre die Hauptaufenthaltsorte außerhalb Prags.

Wichtig für die Charakteristik der Person Kafkas ist der allerletzte Lebensabschnitt. Nach der Frühpensionierung, 38-jährig, realisierte er im Herbst 1923 seinen lange erwogenen Plan, nach Berlin überzusiedeln. Diese Stadt schien ihm als einzige für ihn geeignet. Sieben Jahre zuvor hatte er geschrieben: „Berlin ist eine soviel bessere Stadt als Wien, dieses absterbende Riesendorf. Die stärkende Wirkung von Berlin fühle ja selbst ich oder vielmehr ich weiß, ich würde sie zu fühlen bekommen, wenn ich nach Berlin übersiedelte.“ Berlin war für ihn der

Ort der Moderne. Dass er in Wien keine Chance gehabt hätte wegen des Antisemitismus in der K.K. Verwaltung, des von Hitler aufgezogenen Lueger-Antisemitismus, ist ein Nebenaspekt. Aber für ihn war Berlin der Ort, an dem die Großstadt mit all ihren typischen Entwicklungen zu erleben war. Es kommt fast einem symbolisch-tragischen Sachverhalt gleich, wenn man darauf hinweisen muss, dass diese Übersiedlung zu einem Zeitpunkt stattfand, da in Folge der Kriegslasten das Wirtschaftsleben der Vorkriegsgesellschaft endgültig zusammenbrach (auch Thomas Mann hat einen Teil seines Vermögens zu diesem Zeitpunkt verloren). Kafka musste mit seinem Pensionsgeld in dem Inflationswinter 1923/24 unter schwierigsten Bedingungen in Berlin leben. Er konnte die Wohnung in dem Vorort Zehlendorf nicht halten und zog nach Steglitz, in die Grunewaldstraße. Besonders die schlechte Ernährung beschleunigte, sagt man, den körperlichen Verfall. Und es ist ironisch: Der Vater, von dem Kafka zeitlebens nicht nur finanziell abhängig war, und Siegfried Löwy, der Landarzt aus Triesch, holten den Todkranken im April 1924 von Berlin nach Prag zurück, bis er nach wenigen Tagen Prager Aufenthalts in ein letztes Sanatorium, in die Sterbeklinik Kierling im Wiener Wald bei Klosterneuburg gebracht wurde, wo er im Juni 1924 starb. In Prag, der Stadt, die ihn geprägt hatte, in der er gleichwohl zuweilen wie ein Fremder lebte, in einem, wie er sagte, „Grenzland zwischen Einsamkeit und Gemeinschaft“, in Prag ist er begraben.

Aber so, wie lange Zeit das letzte von ihm erhaltene Foto (Abb. 10) das Kafkabild geprägt hat, das äußere Erscheinungsbild vertrat, (es findet sich ja überall auf den Bänden: die tief liegenden Augen des vom Tode Gezeichneten, deren starrer Blick gleichsam in die Ferne gerichtet ist, aber eigentlich mehr noch nach innen) so sollte dieses letzte Bild nicht das einzige sein, an dem man sich orientiert. Klaus Wagenbach hat mühselig Bilder von Kafka zusammengetragen, die verschiedene Stationen und Lebenszüge dieses Autors widerspiegeln, darunter einige, die durchaus die Weltzugewandtheit ausdrücken.

Ich habe dieses Portrait gezeichnet, damit Sie auch bei der Lektüre seiner Texte daran denken, dass hier eine historische Welt vorliegt, die Moderne des 20. Jahrhunderts, das jetzt gerade zu Ende gegangen ist, nicht überzeitlich abgehoben. Kafka war aber auch ein Angehöriger der alten Gesellschaft, die im Ersten Weltkrieg ihre erste Katastrophe erlebte, von der Benjamin sagte, sie ginge mit den Erfahrungen der Gaslaterne und der Kutsche in den Ersten Weltkrieg und sie endete (wie Hans Castorp) in dem industriellen Kanonenhagel der Schlachtfelder von Verdun; diese Erfahrungen waren inkommensurabel. Viele Expressionisten, die begeistert hineingezogen sind, haben sich nach vier Wochen krank

schreiben lassen, und zwar „irre“ schreiben lassen – wie auch George Grosz oder der Dadaist Hugo Ball –, sind geflüchtet nicht in Sanatorien, sondern in Irrenanstalten zum Schutz, um nicht mehr in den Krieg zu müssen.

Das waren keine Heilanstalten, das waren Schutzräume, die sie aufsuchten. Der Blick vom Zauberberg ist sicherlich zunächst ein Blick mit der Optik der alten Gesellschaft. Aber Kafka war eben auch ein Autor, der schon im Aufzug zum Massenzeitalter der Revolutionen steckte. Er war schon eine jener gesichtslosen, namenslosen Personen in den Hochhäusern der Bürokratie Prags, saß im obersten Stockwerk der Arbeiter-Unfallversicherung, aber doch als einer jener eher namenslosen Angestellten (der Angestellte wird dann ja zum Thema der Weimarer Republik). Er blickte mit diesen Erfahrungen auf die Welt. Er war als leitender Angestellter der Zeit des Wilhelminismus und des K.K. Reiches in der Lage, die Innenwelt der Moderne zu schauen, und das macht seine Texte aus.

Und wenn man seine Texte liest, sollte man sich als Student auch Franz Kafka in der Badehose vorstellen können, mit Ernst Weiss in Marielyst am Strand (Abb. 11), und daran denken, dass Text und Biographie zwar eine Disjunktion haben, aber gleichwohl nicht ort- und zeitungebunden sind.

Abbildungen:

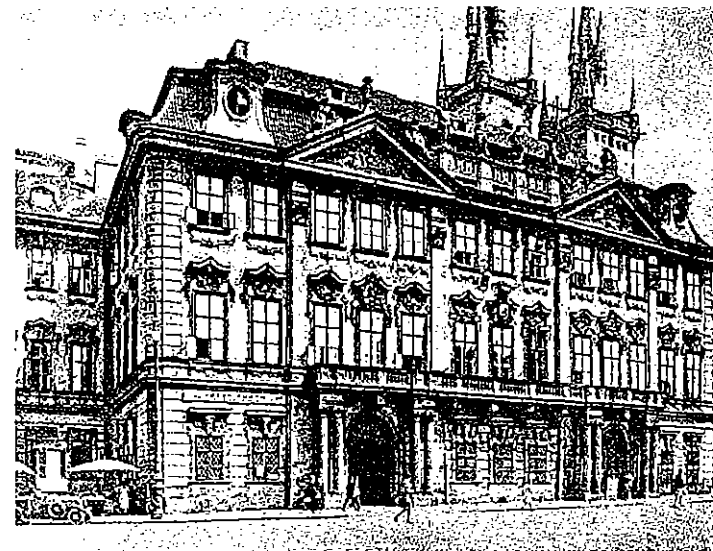


Abb.1 – Geschäft Hermann Kafkas im Kinsky-Palais, Erdgeschoss rechts.



Abb. 2 – Gebäude der Arbeiter-Unfall-Versicherung

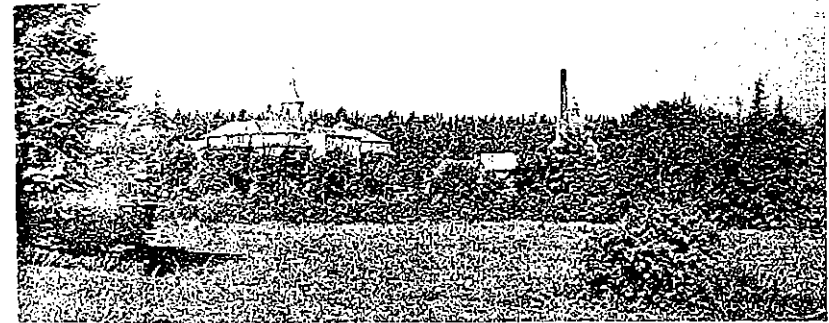


Abb.3 – Sanatorium Zuckmantel.

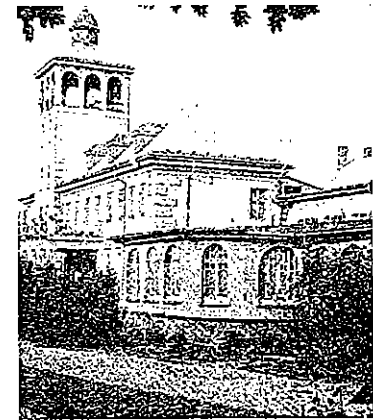


Abb. 4 – Hauptgebäude.

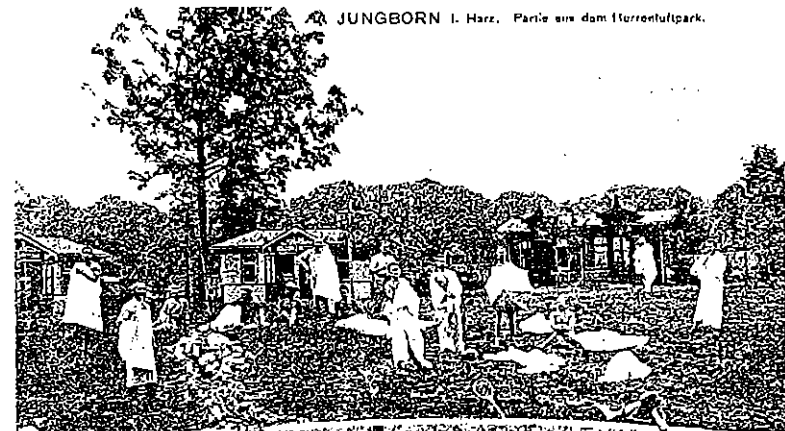


Abb. 5 – Sanatorium Jungborn.



Abb. 6 – Freikörperkultur in Jungborn.



Abb. 7 – Kafkas Onkel Siegfried Löwy zu Pferd.

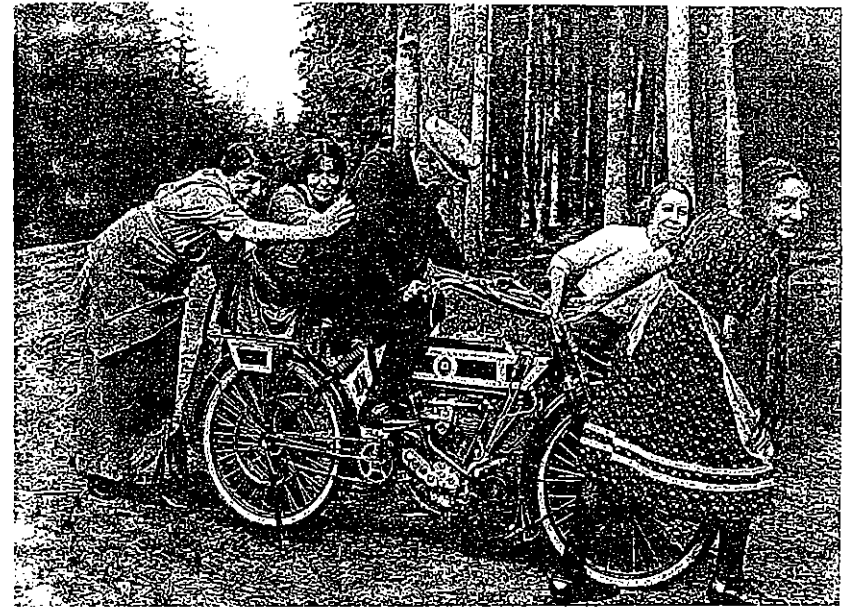


Abb. 8 – Siegfried Löwy auf seinem Motorrad, ganz links Kafkas Schwester Ottila.

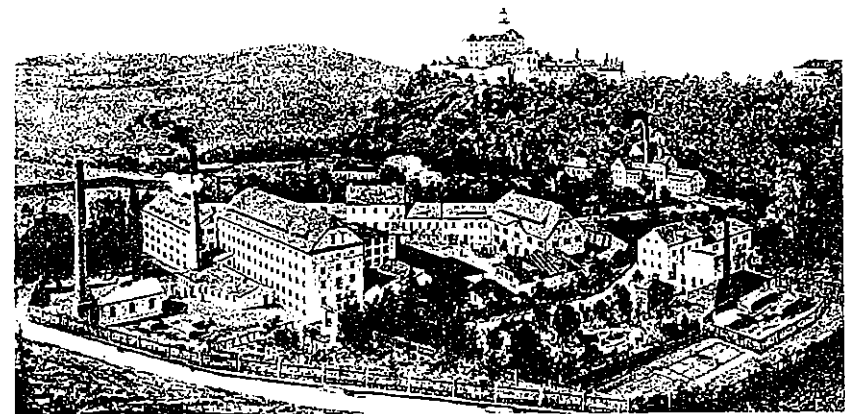


Abb. 9 – Schloss Friedland.



Abb. 10 – Das letzte Foto von Kafka.



Abb. 11 – Kafka in der Badehose.

Die Abbildungen 3, 4, 5, 6, 9 und 11 nach: Klaus Wagenbach: Franz Kafka. Bilder aus seinem Leben. Berlin: Klaus Wagenbach 1989. – Nr. 1, 2, 7, 8, 10 nach: Franz Kafka 1885-1924. Manuskripte. Erstdrucke. Dokumente. Photographien. Hg. v. d. Akademie der Künste. Berlin 1966.

Literaturverzeichnis

- ABBOTT, Don Paul, *Rhetoric in the New World. Rhetorical Theory and Practice in Colonial Spanish America*, Columbia (South Carolina) 1996.
- AFFERGAN, Francis, *Exotisme et alterité*, Paris 1987.
- Apodemiken. Eine rationierte Bibliographie der reisetheoretischen Literatur des 16., 17. und 18. Jahrhunderts*, hg. von Justin STAGL u. a., Paderborn u. a. 1983.
- Archives des voyages ou collection d'anciennes relations*, Bd. 1, hg. von Henri Ternaux-Compans, Paris 1840.
- ATKINSON, Geoffroy, *Les nouveaux horizons de la Renaissance française*, Paris 1935.
- BLUMENBERG, Hans, *Der Prozeß der theoretischen Neugierde. Erweiterte und überarbeitete Neuauflage von »Die Legitimität der Neuzeit«, dritter Teil* (Suhrkamp Taschenbuch Wissenschaft 24), Frankfurt/M. 1973 u. ö.
- BÖHME, Max, *Die grossen Reisesammlungen des 16. Jahrhunderts und ihre Bedeutung*, Leipzig 1904.
- BÖS, Gunther, *Curiositas. Die Rezeption eines antiken Begriffes durch christliche Autoren bis Thomas von Aquin* (Münchener Universitäts-Schriften. Veröffentlichungen des Grabmann-Institutes N. F. 39), Paderborn u. a. 1995.
- BRANT, Sebastian, *Das Narrenschiff. Nach der Erstausgabe (Basel 1494) mit den Zusätzen der Ausgaben von 1495 und 1499 sowie den Holzschnitten der deutschen Originalausgaben*, hg. von Manfred Lemmer (Neudrucke deutscher Literaturwerke N. F. 5), Tübingen 1986.
- Cadomostos Beschreibung von Westafrika. Der Druck der deutschen Ausgabe von 1508*, hg. von Uta SADJI (Litterae 7), Göttingen 1980.
- Cahiers de Fontenay 65/66 (1992): L'Inscription des langues dans les relations de voyage (XVI^e-XVIII^e siècles)*, hg. von Michèle DUCHET.
- Cannibalism and the Colonial World*, hg. von Francis BARKER, Peter HULME, Margaret IVERSEN, Cambridge/Mass. 1998.
- CÉARD, Jean, *La Nature et les prodiges. L'insolite au XVI^e siècle en France*, Genf 1977.
- CERTEAU, Michel de, *Das Schreiben der Geschichte* [frz. 1975] (Historische Studien 4), Frankfurt, New York, Paris 1991.

- C'est la deduction du sumptueux ordre plaisantz spectacles et magnifiques theatres*, Rouen 1551; Neuausg. von Margaret M. MCGROWAN. Amsterdam o. J.
- COLIN, Susi, *Das Bild des Indianers im 16. Jahrhundert* (Wissenschaftliche Schriften. Reihe 12: Beiträge zur Kunstgeschichte 102), Idstein 1988.
- COMBÈS, Isabelle, *La tragédie cannibale chez les anciens Tupi-Guarani*, Paris 1992.
- CRAMER, Thomas, »Der Umgang mit dem Wunderbaren in der Natur: Portenta, Monstra und Prodigia in der Zoologie des Mittelalters und der frühen Neuzeit – Die Gleichzeitigkeit des Ungleichzeitigen«, in: *Knowledge, Science, and Literature in Early Modern Germany*, ed. by Gerhild SCHOLZ WILLIAMS and Stephen K. SCHINDLER (University of North Carolina studies in the Germanic languages and literatures 116), Chapel Hill and London 1996, S. 151-192.
- DASTON, Lorraine, Katharine PARK, *Wonders and the Order of Nature 1150-1750*, New York 1998.
- DICKASON, Olive Patricia, *The Myth of the Savage. And the Beginnings of French Colonialism in the Americas*, Edmonton 1984.
- Die Pluralität der Welten. Aspekte der Renaissance in der Romania*, hg. von Wolf-Dieter STEMPERLE und Karlheinz STIERLE, München 1987.
- ELLRICH, Lutz, *Verschiebene Fremdheit. Die Ethnographie kultureller Brüche bei Clifford Geertz und Stephen Greenblatt* (Campus Forschung 784), Frankfurt, New York 1999.
- ENDERS, Angela, *Die Legende der »Neuen Welt«. Montaigne und die »littérature géographique« im Frankreich des 16. Jahrhunderts*, Tübingen 1993.
- Entdeckungsreisen nach Indien und Amerika. Der Druck der deutschen Übersetzung von 1508*, hg. von Uta SADJI (Litterae 83), Göttingen 1983.
- FIRPO, Luigi, *Colombo – Vespucci – Verrazzano. Prime relazioni di navigatori italiani sulla scoperta dell'America*, Turin 1966.
- Focus Behaim Globus. Tl. 1: Aufsätze* (Ausstellungskataloge des Germanischen Nationalmuseums), Nürnberg 1992.
- FRANCK, Sebastian, *Weltbuch: spiegel und bildniß des gantzen erdbodens*, Tübingen 1535.
- FRIEDRICH, Udo, *Naturgeschichte zwischen artes liberales und frühneuzeitlicher Wissenschaft. Conrad Gessners »Historia animalium« und ihre volkssprachige Rezeption* (Frühe Neuzeit 21), Tübingen 1995.

- FRÖBIS, Hildegard, *Die Wirklichkeit des Fremden. Die Darstellung der Neuen Welt im 16. Jahrhundert*, Berlin 1995.
- GEERTZ, Clifford, *The Interpretation of Culture. Selected Essays*, New York 1973 (dt. teilweise in: *Dichte Beschreibung. Beiträge zum Verstehen kultureller Systeme*, Frankfurt/M. 1983 u. ö.).
- GEWECKE, Frauke, *Wie die neue Welt in die alte kam* (dtv 4568), München 1992.
- GLIOZZI, Guiliano, *Adamo et il nuovo mondo. La nascita dell'antropologia come ideologia coloniale. Dalla genealogie bibliche alle teorie razziali (1500-1700)* (Publicazioni del Centro di studi del pensiero filosofico del cinquecento e del seicento [...] 7), Firenze 1977 (frz. Ausgabe Lecques 2000).
- GOTTOWIK, Volker, *Konstruktionen des Anderen. Clifford Geertz und die Krise der ethnographischen Repräsentation*, Berlin 1997.
- GRAFTON, Anthony with April SHELFORD and Nancy SIRAISS, *The Power of Tradition and the Shock of Discovery*, Cambridge/Mass. and London 1992.
- HAMANN, Günther, »Kartographisches und wirkliches Weltbild in der Renaissancezeit. Zum wechselseitigen Verhältnis von Theorie und Praxis im Zeitalter der großen Entdeckungsfahrten«, *Beiträge zur Humanismusforschung* 6 (1980), S. 155-180.
- HARBSMEIER, Michael, *Wilde Völkerkunde. Andere Welten in deutschen Reiseberichten der Frühen Neuzeit* (Historische Studien 12), Frankfurt, New York 1994.
- HEIMANN, Sabine, »Curiositas und experientia. Reiseideologie und Reiseperzeption bei Sebastian Brant«, in: *Reisen und Welterfahrung in der deutschen Literatur des Mittelalters*, hg. von Dietrich HUSCHENBETT und John MARGETTS (Würzburger Beiträge zur deutschen Philologie 7), Würzburg 1991, S. 264-276.
- HEMMING, John, *Red Gold. The Conquest of the Brazilian Indians*, Cambridge/Mass. 1978.
- HERDE, Peter, »Das geographische Weltbild und der Beginn der Expansion an der Schwelle zur Neuzeit«, *Nassauische Annalen* 87 (1976), S. 69-100.
- HERKENHOFF, Michael, *Die Darstellung außereuropäischer Welten in Drucken deutscher Offizinen des 15. Jahrhunderts*, Berlin 1996.
- HETTCHE, Thomas, *Animationen*, Köln 1999.
- HODGEN, Margaret T., *Early Anthropology in the Sixteenth and Seventeenth Centuries*, Philadelphia 1964 u. ö.

- HOLBEIN d. J., Hans, *Die Druckgraphik im Kupferstichkabinett Basel*, bearbeitet von Christian MÜLLER, Basel 1997.
- [HULSIUS, Levin,] *Die Fünffte Kurtze Wunderbare Beschreibung/ Deß Goldreichen Königreichs Guianae [...]*, Nürnberg 1603.
- IMBRUGLIA, Girolamo, *L'invenzione del Paraguay. Studio sull'idea di comunità tra Seicento e Settecento*, Neapel 1983.
- JAHN, Bernhard, *Raumkonzepte in der Frühen Neuzeit. Zur Konstruktion von Wirklichkeit in Pilgerberichten, Amerikareisebeschreibungen und Prosaerzählungen* (Mikrokosmos 34), Frankfurt/M. u. a. 1993, S. 144-281.
- KÄSTNER, Hannes, Eva SCHÜTZ, »Beglaubigte Information. Ein konstitutiver Faktor in Prosaberichten des späten Mittelalters und der frühen Neuzeit«, in: *Textsorten und literarische Gattungen*, Berlin 1983, S. 450-469.
- KENNY, Neil, *Curiosity in early modern Europe. Word histories* (Wolfenbütteler Forschungen 81), Wolfenbüttel 1998.
- KIENING, Christian, »Alterität und Mimesis. Repräsentation des Fremden in Hans Stadens *Historia*«, in: *Nach der Sozialgeschichte. Konzepte für eine Literaturwissenschaft zwischen historischer Anthropologie, Kulturgeschichte und Medientheorie*, hg. von Martin HUBER und Gerhard LAUER, Tübingen 2000, S. 483-510.
- KOHL, Karl-Heinz, *Abwehr und Verlangen. Zur Geschichte der Ethnologie*, Frankfurt/M., New York 1987.
- KOHL, Karl-Heinz, *Entzauberter Blick. Das Bild vom guten Wilden und die Erfahrung der Zivilisation* (suhrkamp taschenbuch 1272), Frankfurt/M. 1986.
- KOLUMBUS, *Der erste Brief aus der Neuen Welt*, übersetzt, kommentiert und hg. von Robert WALLISCH (RUB 18079), Stuttgart 2000.
- [KOLUMBUS] *Der deutsche Kolumbus-Brief. In Facsimile-Druck mit einer Einleitung* hg. von Konrad HÄBLER (Drucke und Holzschnitte des 15. und 16. Jahrhunderts in getreuer Nachbildung 6), Straßburg 1900.
- Kultur, soziale Praxis, Text. Die Krise der ethnographischen Repräsentation*, hg. von Eberhard Berg und Martin Fuchs (suhrkamp taschenbuch wissenschaft 1051), Frankfurt/M. 1993.
- LABHARDT, André, »Curiositas. Notes sur l'histoire d'un mot et d'une notion«, *Museum Helveticum* 17 (1960), S. 206-224.

- LÉRY, Jean de, *Histoire d'un voyage fait en la terre du Bresil (1578)*. Texte établi, présenté et annoté par Frank LESTRINGANT, Paris 1994.
- LÉRY, Jean de, *Unter Menschenfressern am Amazonas. Brasilianisches Tagebuch 1556-1558*, Tübingen 1967.
- [LÉRY] *D'encre de Brésil. Jean de Léry écrivain*, hg. von Marie-Christine GOMEZ-GÉRAUD et Frank LESTRINGANT, Orléans 1999.
- LESTRINGANT, Frank, *Jean de Léry ou l'invention du sauvage. Essai sur l'«Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil»* (Collection Unichamp 84), Paris 1999.
- LESTRINGANT, Frank, *L'atelier du cosmographe ou l'image du monde à la Renaissance*, Paris 1991.
- LESTRINGANT, Frank, *Le cannibale. Grandeur et décadence*, Paris 1994.
- LESTRINGANT, Frank, *Le huguenot et le sauvage. L'Amérique et la controverse coloniale, en France, au temps des Guerres de Religion (1555-1589)*, Paris 1990.
- LESTRINGANT, Frank, *L'expérience huguenote au nouveau monde (XVI^e siècle)*, Genève 1996.
- MCGROWAN, Margaret M., »Form and Themes in Henri II's Entry into Rouen«, *Renaissance Drama* N.S. 1 (1968), S. 199-251.
- MENNINGER, ANNEROSE, *Die Macht der Augenzeugen. Neue Welt und Kannibalen-Mythos 1492-1600*, Stuttgart 1995.
- MÉTRAUX, Alfred de, *La religion des Tupinamba et ses rapports avec celle des autres tribus Tupi-Guarani* (Bibliothèque de l'École des Hautes Etudes. Sciences religieuses 45), Paris 1928.
- MIGNOLO, Walter D., *The Darker Side of the Renaissance. Literacy, Territoriality, and Colonization*, Ann Arbor 1995.
- MITTELSTRASS, Jürgen, »Bildung und Wissenschaft. Enzyklopädien in historischer und wissenssoziologischer Betrachtung«, *Die wissenschaftliche Redaktion* 4 (1967), S. 81-104.
- MOEBUS, Joachim, »Über die Bestimmung des Wilden und die Entwicklung des Verwertungsstandpunktes bei Kolumbus«, in: *Mythen der Neuen Welt. Zur Entdeckungsgeschichte Lateinamerikas*, hg. von Karl-Heinz KOHL, Berlin 1982, S. 49-56.
- MOLLAT, Michel, *Premières relations entre la France et le Brésil. Du Verrazzano à Villegaignon*, Paris 1964.

- MÜLLER, Jan-Dirk, »Alte Wissensformen und neue Erfahrungen. Amerika in Sebastian Francks *Weltbuch*«, in: *Gutenberg und die Neue Welt*, hg. von Horst WENZEL, München 1994, S. 171-193.
- MÜLLER, Jan-Dirk, »*Curiositas* und *erfahrung* der Welt im frühen deutschen Prosaroman«, in: *Literatur und Laienbildung im Spätmittelalter und in der Reformationszeit*, hg. von Ludger GRENZMANN und Karl STACKMANN (Germanistische Symposien. Berichtsbd. 5), Stuttgart 1984, S. 252-271.
- MÜLLER, Jan-Dirk, »*erfahrung* zwischen Heilssorge, Selbsterkenntnis und Entdeckung des Kosmos«, in: *Literatur und Kosmos. Innen- und Außenwelten in der deutschen Literatur des 15. bis 17. Jahrhunderts*, hg. von Gerhild SCHOLZ WILLIAMS und Lynne TATLOCK (Daphnis 15,2/3), Amsterdam 1986, S. 307-342.
- MUNDY, Barbara E., *The Mapping of New Spain. Indigenous Cartography and the Maps of the Relaciones Geográficas*, Chicago and London 1996.
- NEIBENZAHL, Kenneth, *Atlas of Columbus and the Great Discoveries*, Chicago, New York, San Francisco 1990.
- NEUBER, Wolfgang, »Verdeckte Theologie. Sebastian Brant und die Südamerikaberichte der Frühzeit«, in: *Der Umgang mit dem Fremden. Beiträge zur Literatur aus und über Lateinamerika*, hg. von Titus HEYDENREICH (Lateinamerika-Studien 22), München 1986, S. 9-29.
- NEUBER, Wolfgang, *Fremde Welt im europäischen Horizont. Zur Topik der deutschen Amerika-Reiseberichte der Frühen Neuzeit* (Philologische Studien und Quellen 121), Berlin 1991.
- Novus Orbis. Edición facsimil del ejemplar rarísimo de la Real Colegiata de San Isidoro de León*, León 1995.
- Novus orbis regionum ac insularum veteribus incognitarum, una cum tabula cosmographica [...]*, hg. von Johannes HUTTICH und Simon GRYNÆUS, Basel 1532.
- O'GORMAN, Edmundo, *The Invention of America. An Inquiry into the Historical Nature of the New World and the Meaning of History*, Bloomington 1961.
- OSBERMAN, Heiko Augustinus, *Contra vanam curiositatem. Ein Kapitel der Theologie zwischen Seelenwinkel und Weltall* (Theologische Studien 113), Zürich 1974.
- OSBERMEIER, Franz, *Brasilien in Illustrationen des 16. Jahrhunderts* (Americana Eystettensia B.11), Frankfurt 2000.

- OBERMEIER, Franz, *Französische Brasilienreiseberichte im 17. Jahrhundert. Claude d'Abbeville. Histoire de la mission, 1614. Yves d'Evreux: Suite de l'Histoire, 1615* (Abhandlungen zur Sprache und Literatur 83), Bonn 1995.
- PAGDEN, Anthony, *The fall of natural man. The American Indian and the origins of comparative ethnology*, Cambridge 1982, ²1986.
- PETER Martyr von Anghiera, *Acht Dekaden über die Neue Welt*, übersetzt, eingeführt und mit Anmerkungen versehen von Hans KLINGELHÖFER, 2 Bde. (Texte zur Forschung 5/6), Darmstadt 1972/75.
- [PETER Martyr] *Selections from Peter Martyr*, ed. by G. EATHOUGH (Repertorium Columbianum 5), Turnhout 1998.
- PETRUS Martyr de Angleria, *Opera. Legatio Babylonica. De orbe novo decades octo. Opus epistolarum*. Introduction Erich Woldan, Graz 1966.
- PINON, Laurent, *Livres de Zoologie de la Renaissance. Une anthologie (1450-1700)*, Paris 1995.
- RABASA, José, *Inventing America. Spanish Historiography and the Formation of Eurocentrism*, Norman and London 1993.
- RALEIGH, W., *The Discoverie of the large, rich and bewtifvl empire of Guiana, with a relation of the Great and Golden City of Manoa (which the Spaniards call El Dorado) [...]*, London 1596.
- RALEIGH, Sir Walter, *Gold aus Guyana. Die Suche nach El Dorado. 1595*, hg. von Egon LARSEN, Stuttgart, Wien 1988.
- Ränder der Moderne. Repräsentation und Alterität im (post)kolonialen Diskurs*, hg. von Robert WEIMANN unter Mitarbeit von Sabine ZIMMERMANN (suhrkamp taschenbuch wissenschaft 1311), Frankfurt/M. 1997.
- SCHWARTZ, Seymour I. and Ralph E. EHRENBERG, *The Mapping of America*, New York 1980; *America. Das frühe Bild der Neuen Welt*, hg. von Hans WOLFF (Bayerische Staatsbibliothek. Ausstellungskataloge 58), München 1992.
- Scopritori e viaggiatori del cinquecento*, vol. 1, a cura di Iliaria LUZZANA CARACI, testi e glossario a cura di Mario POZZI, Mailand, Neapel 1991.
- STADEN, Hans, *Wahrhaftige Historia [...]*, hg. von Günter T. H. BEZZENBERGER, Kassel-Wilhelmshöhe 1978.

- STADEN, Hans, *Zwei Reisen nach Brasilien*. In die Sprache der Gegenwart übertragen, mit einem Nachwort und mit Erläuterungen versehen von Karl FOUQUET, Marburg ⁵1995.
- STAGL, Justin, »Die Apodemik oder »Reisekunst« als Methodik der Sozialforschung vom Humanismus bis zur Aufklärung«, in *Statistik und Staatsbeschreibung in der Neuzeit, vornehmlich im 16.-18. Jahrhundert*, hg. von Mohammed RASSEM und Justin STAGL, Paderborn 1980, S. 131-204.
- STAGL, Justin, »Die Methodisierung des Reisens im 16. Jahrhundert«, in: *Der Reisebericht*, hg. von Peter J. BRENNER (suhrkamp taschenbuch materialien 2097), Frankfurt/M. 1989, S. 140-177.
- STEINKOHL, Franz, *Die gottlosen guten Wilden. Das Bild der »sauvages« in Jean de Lérys »Histoire d'un voyage fait en la terre du Bresil« (1611)*, Rheinfelden, Berlin 1996.
- The Age of the Marvellous*, ed. by Joy KENSETH, Hanover, New Hamshire 1991, Nr. 118.
- THEVET, André, *La Cosmographie universelle*, Tome II, Paris 1575.
- [THEVET] *Le Brésil d'André Thevet. Les Singularités de la France Antarctique (1557)*, hg. von Frank LESTRINGANT, Paris 1997.
- [THEVET] *Les Français en Amérique pendant la deuxième moitié du XVI^e siècle. Le Brésil et les Brésiliens par André Thevet*. Choix de textes et notes par Suzanne LUSSAGNET (Pay d'Outre-mer. Deuxième série. Les classiques de la colonisation 2), Paris 1953.
- VESALIUS, Andreas, *De humani corporis fabrica libri septem*, Basel 1543, Buch 2; *The Illustrations from the Works of Andreas Vesalius of Brussels [...]* by J. B. deC. M. SAUNDERS and Charles D. O'MALLEY, New York 1950, Neuausg. 1973.
- [VESPUCCI] *Il Mondo Nuovo di Amerigo Vespucci*, a cura di Mario POZZI, Mailand 1984.
- [VESPUCCI] *Mundus novus. Ein Bericht Amerigo Vespucci's an Lorenzo de Medici über seine Reise nach Brasilien in den Jahren 1501/02. Nach einem Exemplar der zu Rostock von Hermann Barckbusen gedruckten Folioausgabe [...]*, hg. von Emil SARNOW und Kurt TRÜBENBACH (Drucke und Holzschnitte des 15. und 16. Jahrhunderts in getreuer Nachbildung 9), Straßburg 1903.
- WEHRHEIM-PEUKER, Monika, *Die gescheiterte Eroberung. Ein diskursanalytische Betrachtung früher französischer Amerikatexte* (Frankfurter Beiträge zur Lateinamerikanistik 7), Tübingen 1998.

Writing Culture. The Poetics and Politics of Ethnography, hg. von James CLIFFORD, George E. MARCUS, Berkeley 1986.

ZEYDEL, Edwin H., »Sebastian Brant and the Discovery of America«, *The Journal of English and Germanic Philology* 42 (1943), S. 410f.

Cultura e História –
Kulturwissenschaft und Geschichte

Ordnung der Fremde Brasilien und die theoretische Neugierde im 16. Jahrhundert

*Christian Kiening**

Abstract: Although the first travels to America were largely motivated by material interests, the news about native peoples published in Europe by the travellers little by little influenced a conception of the world, which was still dominated by medieval traditions. In general, the experience of the alien was still described in the forms of the known, but gradually the empirical knowledge began to structure a new discourse. The author analyses the earliest books on voyages to Brazil in the middle of the 16th century by Hans Staden, Jean de Léry and André Thevet. He observes how they develop discursive orders of their own, trying to deal with strange phenomena. They mark a first step for Western thought in the process of creating a space for the alien, who really exists – in this case on the coast of Brazil.

Keywords: Voyages of discovery; itineraries; enlightenment; epistemology; anthropology; Staden; Léry; Thevet.

Resumo: Embora as primeiras viagens para a América fossem motivadas sobretudo por interesses materiais, as notícias sobre os povos indígenas, publicadas na Europa pelos viajantes, pouco a pouco influenciaram a concepção de mundo, dominado até então por tradições medievais. Em geral, a experiência do outro se descrevia ainda em formas do conhecido, mas paulatinamente o conhecimento empírico começou a estruturar um novo discurso. O autor analisa os primeiros livros sobre viagens para o Brasil em meados do século XVI, Hans Staden, Jean de Léry e André Thevet. Ele constata que os viajantes

* Der Autor ist Professor für *Deutsche Literatur von den Anfängen bis 1700* an der Universität Zürich.

desenvolver estruturas discursivas próprias, para lidar com os fenômenos estranhos. Os relatos marcam no pensamento ocidental um primeiro passo no processo da criação de um espaço para o outro, que existe na realidade – neste caso no litoral brasileiro.

Palavras-chave: Viagens de descobrimento; relatos de viagens; iluminismo; epistemologia; antropologia; Staden; Léry; Thevet.

Stichwörter: Entdeckungsreisen; Reiseberichte; Aufklärung; Wissenschaftsgeschichte; Anthropologie; Staden; Léry; Thevet.

Als die Europäer sich aufmachten im ausgehenden 15. und beginnenden 16. Jahrhundert, nach Westen zu segeln, war es nicht in erster Linie die Neugierde, die sie trieb, und nicht die Verheißung neuen Wissens. Es ging um handfeste Ziele: Bodenschätze und Naturalien, Ressourcen, deren Verwertung, und Länder, deren Besitz Vorteile versprach im Spiel der europäischen Mächte. Zwar bezeugt schon vor der Entdeckung Amerikas die Fülle von Orientreiseberichten eine wachsende Faszination am Fremden, ein zunehmendes Bedürfnis, die eigene Kultur von ihren Grenzen, den inneren wie äußeren, her zu definieren. Gleichwohl galt bei der Begegnung mit den schriftlosen Völkern in Übersee das Interesse nicht dem Fremden an und für sich, sondern dessen Wertbarkeit – in materieller, kultureller, schließlich auch spiritueller Hinsicht.¹

Die Humanisten beschäftigten sich mit Geographie und Kosmographie, mit der Vermessung der Welt. Doch auch als sich abzeichnete, daß man im Westen nicht auf die östlichen Ausläufer Asiens, nicht auf irgendwelche Inseln gestoßen war, sondern auf einen neuen Kontinent, einen *mundus novus*, war das Neue mehr Ergänzung als Umstürzung des Alten. Es dauerte geraume Zeit, bis in den Kosmographien die Neue Welt mehr als nur einen Anhang bildete. Es dauerte, bis ihre Beschreibung eine der Alten Welt nahekommende Präzision erreichte. Es dauerte, bis die Wunder des Ostens aus der Wahrnehmung des Westens verschwanden, Amazonen und Riesen ihren Ort in der Topographie der

¹ Vgl. schon für Columbus Joachim MOEBUS, »Über die Bestimmung des Wilden und die Entwicklung des Verwertungsstandpunktes bei Kolumbus«, in: *Mythen der Neuen Welt. Zur Entdeckungsgeschichte Lateinamerikas*, hg. von Karl-Heinz KOHL, Berlin 1982: 49-56.

Neuen Welt verloren.² Auf der von Sebastian Münster entworfenen und von Hans Holbein d. J. ausgeführten Weltkarte, die den *Novus orbis*-Druck von 1532 illustriert, sieht man am linken Rand, in der Nähe der *Terra de Cuba*, zwei *Amycytrae* mit überdimensionalen Unterlippen (Abb. 1),³ Erdrandbewohner, die ebenso aus Plinius und den Bestiarien bekannt waren wie die *Cynocephali* (Hundsköpfige) und die *Hippophagi* (Pferdefresser), die auf der Weltkarte des Sebastian Cabot von 1544 das östlichste Asien bevölkern.⁴ Die *Terra nova America* ist auf der Holbein-Karte primär durch einen Aspekt gekennzeichnet: den Kannibalismus. Vorgeführt werden archaisch lebende Indianer beim Heimbringen, Zerteilen und Zubereiten der menschlichen Nahrung. In der Reduktion des Fremden auf das Anthropophagische konzentriert sich die zwischen Abwehr und Verlangen schwankende Reaktion der Europäer auf die überseeischen Neuen Welten.⁵ Erst einige Jahrzehnte später wird Kritik an derartigen Stereotypen laut. Jean de Léry weist in seinem Brasilienbericht

² Zur Geographie der Neuen Welt immer noch nützlich: Geoffroy ATKINSON, *Les nouveaux horizons de la Renaissance française*, Paris 1935; außerdem: Peter HERDE, »Das geographische Weltbild und der Beginn der Expansion an der Schwelle zur Neuzeit«, *Nassauische Annalen* 87 (1976): 69-100; Günther HAMANN, »Kartographisches und wirkliches Weltbild in der Renaissancezeit. Zum wechselseitigen Verhältnis von Theorie und Praxis im Zeitalter der großen Entdeckungsfahrten«, *Beiträge zur Humanismusforschung* 6 (1980): 155-180; Seymour I. SCHWARTZ and Ralph E. EHRENBERG, *The Mapping of America*, New York 1980; *America. Das frühe Bild der Neuen Welt*, hg. von Hans WOLFF (Bayerische Staatsbibliothek. Ausstellungskataloge 58), München 1992; zu den europäischen Raumvorstellungen im Hinblick auf Südamerika Bernhard JAHN, *Raumkonzepte in der Frühen Neuzeit. Zur Konstruktion von Wirklichkeit in Pilgerberichten, Amerikareisebeschreibungen und Prosaerzählungen* (Mikrokosmos 34), Frankfurt/M. u. a. 1993: 144-281.

³ *Novus orbis regionum ac insularum veteribus incognitarum, una cum tabula cosmographica* [...], hg. von Johannes HUTTICH und Simon GRYNÆUS, Basel 1532; Hans HOLBEIN d. J., *Die Druckgraphik im Kupferstichkabinett Basel*, bearbeitet von Christian MÖLLER, Basel 1997, Nr. 114a mit Abb.; Faksimile der auf Amerika bezogenen Teile (Columbus, Vespucci) und der Karte: *Novus Orbis. Edición facsimil del ejemplar rarísimo de la Real Colegiata de San Isidoro de León*, León 1995; vgl. auch Hildegard FRÜBIS, *Die Wirklichkeit des Fremden. Die Darstellung der Neuen Welt im 16. Jahrhundert*, Berlin 1995: 56-58.

⁴ Kenneth NEBENZAHL, *Atlas of Columbus and the Great Discoveries*, Chicago, New York, San Francisco 1990: 104-107 mit Abb.

⁵ Karl-Heinz KOHL, *Abwehr und Verlangen. Zur Geschichte der Ethnologie*, Frankfurt/M., New York 1987 (hier bes: 63-87, 150-153: »Über einige der frühesten graphischen

»den Irrtum derjenigen zurück, die, wie man auf ihren Weltkarten sehen kann, die Wilden aus Brasilien nicht nur dargestellt und gemalt haben, wie sie Menschenfleisch auf Spießen rösten (wie wir es mit Hammel- und anderem Fleisch machen), sondern die auch vorgegeben haben, jene würden ihre Gefangenen mit großen Hackmessern aus Eisen auf einer Schlachtbank zerschneiden und dann die einzelnen Stücke zur Schau stellen, wie die Metzger hierzulande mit dem Rindfleisch verfahren. Das alles ist nicht wahrer als das, was Rabelais von Panurge erzählt, der völlig gespickt dem Bratspieß halb angebraten entronnen ist. Ohne weiteres kann man sagen, daß die Hersteller solcher Karten Ignoranten sind, die die von ihnen dargestellten Dinge niemals kennengelernt haben.«⁶

Positionen wie diese blieben jedoch zunächst vereinzelt. Noch Walter Raleigh hatte 1596 keine ernsthaften Zweifel, vom Volk der Ewaipanoma in Guyana anzunehmen, was man in antiker Überlieferung den Blemmyae (den Kopflosen) zuschrieb: daß ihnen die Augen auf den Schultern und der Mund auf der Brust sitzen würde.⁷ Levin Hulsius, der den Text wenige Jahre später in einer gekürzten und mit anderen Reiseberichten abgeglichenen deutschen Ausgabe in seine Sammlung von Reiseberichten aufnahm, läßt in der Vorrede zwar ein Moment der Skepsis erkennen, ohne aber entschlossen an der Autorität des Überlieferten zu rütteln:

Darstellungen der Bewohner der Neuen Welt in der europäischen Kunst); zum Kannibalismus Frank LESTRINGANT, *Le cannibale. Grandeur et décadence*, Paris 1994; Annerose MENNINGER, *Die Macht der Augenzengen. Neue Welt und Kannibalen-Mythos 1492-1600*, Stuttgart 1995.

⁶ Jean de LÉRY (Anm. 60): 364f.: *je refuteray ici l'erreur de ceux qui, comme on peut voir par leurs Cartes universelles, nous ont non seulement représenté et peint les sauvages de la terre de Brasil [...], rostissans la chair des hommes embrochée comme nous faisons les membres des moutons et autres viandes: mais aussi ont feint qu'avec de grands couperets de fer ils les coupoyent sur des bancs, et en pendoyent et mettoyent les pieces en monstre, comme font les bouchers la chair de boeuf par-deçà. Tellement que ces choses n'estans non plus vrayes que le conte de Rabelais touchant Panurge, qui eschappa e la broche tout lardé et à demi cuit, il est aisé à juger que ceux qui font telles Cartes sont ignorans, lesquels n'ont jamais eu connaissance des choses qu'ils mettent en avant.*

⁷ W. RALEGH, *The Discoverie of the large, rich and bewtiful empire of Guiana, with a relation of the Great and Golden City of Manoa (which the Spaniards call El Dorado) [...]*, London 1596; deutsche Übersetzung: Sir Walter RALEIGH, *Gold aus Guyana. Die Suche nach El Dorado. 1595*, hg. von Egon Larsen, Stuttgart, Wien 1988: 144.

Das ander wunderding ist/ das alda die Leut ohne Köpff und häß/ denen jhre augen auff der Brust stehen/ sollen gefunden werden. Das aber solche Leut in Asia und Africa vor zeiten auch gefunden worden/ werden/ solchs zubeweisen/ vns keine glaubwürdige Scribenten mangeln. Wiewohl ich gleichwol niemand persuadiren/ oder zu glauben nötigen will/ das dise dinge warhafftig also seyen/ Sondern hab allein beweisen wöllen/ das vil firtreffliche Authores solches in jhren Schriffthen gedacht/ welches sie ohne zweiffel nicht würden gethan haben/ wann es mit der warheit nicht sollte übereinstimmen.⁸

Die Tradition behielt ihre Dominanz. Man beurteilte die neuentdeckten Länder, ihre Beschaffenheit und ihre Bewohner, mit den aus der Antike, durch Aristoteles, Ptolemäus und vor allem Plinius vorgegebenen Kategorien. Man orientierte sich an autoritativen Ordnungsschemata und rhetorischen Mustern. Man versuchte, das Neue in Übereinstimmung zu bringen mit dem Bekannten, es nicht als gänzlich unerwartetes, sondern eher als ungesehenes auszuweisen.⁹ Kaum einer der Autoren oder Kompilatoren von Amerikaberichten unterließ es, das Moment der Augenzeugenschaft hervorzuheben und damit dem Erfahrungswissen eine Bedeutung zuzuschreiben, die dem Traditionswissen Konkurrenz machte.¹⁰ Doch die Kategorie der Erfahrung blieb zumindest in der Frühzeit der Entdeckungen ambivalent. Zum einen hatte das Betonen der *experientia* selbst

⁸ [Levin HULSIUS,] *Die Fünffte Kurtze Wunderbare Beschreibung/ Deß Goldreichen Königreichs Guianae [...]*, Nürnberg 1603: A iijf.

⁹ Vgl. Anthony GRAFTON with April SHELFORD and Nancy SIRAI, *The Power of Tradition and the Shock of Discovery*, Cambridge/Mass. and London 1992; zu aus dem Bereich der Rhetorik stammenden Sinnmustern Wolfgang NEUBER, *Fremde Welt im europäischen Horizont. Zur Topik der deutschen Amerika-Reiseberichte der Frühen Neuzeit* (Philologische Studien und Quellen 121), Berlin 1991; zum konkreten Zusammenhang zwischen Renaissance-Rhetorik und Amerika-Diskurs Don Paul ABBOTT, *Rhetoric in the New World. Rhetorical Theory and Practice in Colonial Spanish America*, Columbia (South Carolina) 1996.

¹⁰ Vgl. Hannes KÄSTNER, Eva SCHÜTZ, »Beglaubigte Information. Ein konstitutiver Faktor in Prosaberichten des späten Mittelalters und der frühen Neuzeit«, in: *Textsorten und literarische Gattungen*, Berlin 1983: 450-469; zur Rolle von Erfahrung und Augenschein Jan-Dirk MÖLLER, »Curiositas und erfahrung der Welt im frühen deutschen Prosaroman«, in: *Literatur und Laienbildung im Spätmittelalter und in der Reformationszeit*, hg. von Ludger GRENZMANN und Karl STACKMANN (Germanistische Symposien. Berichtsb. 5), Stuttgart 1984: 252-271.

rhetorischen Charakter (im Rahmen einer Beurteilung divergierender Überlieferung) und implizierte häufig keinen Bezug auf faktisch Gesehenes. Zum anderen war die Sorge um einen der Welterfahrung korrespondierenden Selbst- und Heilsverlust nach wie vor gegenwärtig.

Die Verurteilung der *curiositas*, vor allem der *vana curiositas* als eines unzulässig in göttliche Geheimnisse eindringenden Forschens erhielt neue Nahrung, wenn das Schweifen in die Ferne vor moraltheologischem oder heilsgeschichtlichem Horizont erschien.¹¹ Sebastian Brant kennzeichnete die *erfarung der lant* als nährisch und sinnlos angesichts der Aufgabe, die Bürde der Sterblichkeit und die Gefahren des Daseins durch Weisheit zu bewältigen.¹² Amerigo Vespucci (oder eher wohl: ein Kompilator seiner Schriften) verstand den *Mundus novus*-Brief als Warnung an diejenigen, die das Göttliche erforschen und mehr wissen wollen, als

¹¹ Zur Wortgeschichte von *curiositas* André LABHARDT, »Curiositas. Notes sur l'histoire d'un mot et d'une notion«, *Museum Helveticum* 17 (1960): 206-224; Neil KENNY, *Curiosity in early modern Europe. Word histories* (Wolfenbütteler Forschungen 81), Wolfenbüttel 1998. Zur Emanzipation der theoretischen Neugierde aus dem Bann des negativ besetzten *curiositas*-Gedankens Hans BLUMENBERG, *Der Prozeß der theoretischen Neugierde. Erweiterte und überarbeitete Neuausgabe von »Die Legitimität der Neuzeit«, dritter Teil* (Suhrkamp Taschenbuch Wissenschaft 24), Frankfurt/M. 1973 u. ö.; Differenzierungen bei Heiko Augustinus OBERMAN, *Contra vanam curiositatem. Ein Kapitel der Theologie zwischen Seelenwinkel und Weltall* (Theologische Studien 113), Zürich 1974; Gunther Bös, *Curiositas. Die Rezeption eines antiken Begriffes durch christliche Autoren bis Thomas von Aquin* (Münchener Universitäts-Schriften. Veröffentlichungen des Grabmann-Institutes N. F. 39), Paderborn u. a. 1995. Zur frühneuzeitlichen Aktualisierung verschiedener mit dem *curiositas*-Verdikt einhergehender Momente Jan-Dirk MÜLLER, »erfarung zwischen Heilssorge, Selbsterkenntnis und Entdeckung des Kosmos«, in: *Literatur und Kosmos. Innen- und Außenwelten in der deutschen Literatur des 15. bis 17. Jahrhunderts*, hg. von Gerhild SCHOLZ WILLIAMS und Lynne TATLOCK (Daphnis 15,2/3), Amsterdam 1986: 307-342, hier 313-315.

¹² Sebastian BRANT, *Das Narrenschiff. Nach der Erstausgabe (Basel 1494) mit den Zusätzen der Ausgaben von 1495 und 1499 sowie den Holzschnitten der deutschen Originalausgaben*, hg. von Manfred LEMMER (Neudrucke deutscher Literaturwerke N. F. 5), Tübingen 1986, cap. 66 (von *erfarung aller lant*); Edwin H. ZEYDEL, »Sebastian Brant and the Discovery of America«, *The Journal of English and Germanic Philology* 42 (1943): 410f.; Wolfgang NEUBER, »Verdeckte Theologie. Sebastian Brant und die Südamerikaberichte der Frühzeit«, in: *Der Umgang mit dem Fremden. Beiträge zur Literatur aus und über Lateinamerika*, hg. von Titus HEYDENREICH (Lateinamerika-Studien 22), München 1986: 9-29.

schicklich ist.¹³ Sebastian Franck betonte die Verkehrtheit menschlichen Strebens angesichts der Möglichkeit, auch die Völker der Neuen Welt als Teil »einer allein dem Geist Gottes verpflichteten Gemeinschaft« zu begreifen.¹⁴

Alle genannten Autoren waren an der Neuen Welt interessiert und von ihr fasziniert. Die Nachricht von den Entdeckungen des Columbus scheint sich, nach chronikalischen Anspielungen zu schließen, wie ein Lauffeuer verbreitet zu haben.¹⁵ Doch zugleich wurden Mechanismen wirksam, das Fremde im System des Vertrauten zu verorten: in Diskursen politischer Herrschaft, antiker Geographie oder traditioneller Alterität. Die Erstausgabe des lateinischen *Columbus-Briefes* (Basel, um 1493) bringt auf dem Titelblatt unter dem Titel *Regnum hispanie* die Wappen von Kastilien und Leon und auf dem Schlußblatt ein Bild König Ferdinands. Die Zweitausgabe (Basel 1494), von Sebastian Brant mit einem Widmungsgedicht versehen, vereint den Text mit der *Historia Baetica* des Carolus Verardus, einem Werk über die Eroberung Granadas durch die Spanier (Frühjahr 1492).

¹³ *Mundus novus* [Florenz, um 1503], Schlußpassus: *Ex Italica in Latinam linguam iocundus interpres hanc epistolam vertit ut latini omnes intelligant quam multa miranda indies reperiantur et eorum comprimat audacia qui Celum et maiestatem scrutari et plus sapere quam liceat sapere vohunt*; deutsche Version: *Von der new gefundenen Region die wol ein welt genent mag werden*, Nürnberg [um 1505], Schluß: *Auß Italschr sperach in latein der hübsch Tolmetsch dise Epistel gezogen hat umb das alle lateiner verstandden wie vil grosser wunderlichen dingingen von tag zu tag funden / Vnd die freuemut vertrucket werden denen die den hymel vnd gottes maiestat zuerfahren vnnnd mer wissen vnd versteen wöllen dan gebürlich ist* (München, Bayer. Staatsbibl., Rat. 5k); Faksimile des lateinischen Textes in: Luigi FIRPO, *Colombo – Vespucci – Verrazzano. Prime relazioni di navigatori italiani sulla scoperta dell'America*, Turin 1966: 85-92; Ausgabe in *Il Mondo Nuovo di Amerigo Vespucci*, a cura di Mario POZZI, Mailand 1984; zum Vespucci-Problem zusammenfassend *Scopritori e viaggiatori del cinquecento*, vol. 1, a cura di Iliara Luzzana Caraci, testi e glossario a cura di Mario POZZI, Mailand, Neapel 1991: 201-280 (mit den Texten der »Originalbriefe«).

¹⁴ Sebastian FRANCK, *Weltbuch: spiegel vnd bildniß des gantzen erdbodens*, Tübingen 1535, Vorrede und 4. Buch; Jan-Dirk MÜLLER, »Alte Wissensformen und neue Erfahrungen. Amerika in Sebastian Francks *Weltbuch*«, in: *Gutenberg und die Neue Welt*, hg. von Horst WENZEL, München 1994: 171-193, hier S. 189.

¹⁵ Michael HERKENHOFF, *Die Darstellung außereuropäischer Welten in Drucken deutscher Offizinen des 15. Jahrhunderts*, Berlin 1996: 258f., Anm. 86 mit Hinweis u. a. auf Johannes TRITHEMIUS, der im zweiten Band der *Annales Hirsaugiensis* (1514, gedr. St. Gallen 1690: 552) erwähnt, der Kolumbusbrief sei in gedruckter Form überall verbreitet gewesen (*ubique circumfertur impressa*).

Jeweils steht nicht die Begegnung mit neuen Welten im Zentrum der Aufmerksamkeit, sondern die Erweiterung eines Machtbereichs. Die deutsche Version (Straßburg 1497) versucht sogar, durch einen Zusatz des Übersetzers die Kongruenz von Columbus' Angaben mit jenen des Ptolemäus zu erweisen.¹⁶

Ähnliches läßt sich an Vespuccis *Mundus novus*-Brief (1505ff.) beobachten. Die Titelblätter der deutschen Ausgaben betonen zwar, daß die bis dahin unbekanntenen Regionen tatsächlich eine neue ›Welt‹ darstellen, doch als der, um desentwillen sie *wunderbarlich erfunden* wurde, gilt auch hier der Herrscher: König Emanuel von Portugal, den die Holzschnitte abbilden. Wenn einmal ein Druck von diesem Muster abweicht, tritt ein anderes an seine Stelle: Die Rostocker Ausgabe (um 1505) zeigt als Titelholzschnitt ein Paar wilder Leute, geläufige Figuren der zeitgenössischen Imaginationswelt.¹⁷

Der Rückgriff auf das Bekannte sucht das Unbekannte zu domestizieren. Und er benutzt dabei Verfahren der Bezugnahme auf autoritatives Wissen, die im Umgang mit dem Orient Tradition hatten. Auch hier wichen die Autoren der Reiseberichte nur in Details, etwa in der Konturierung von Mikroräumen, von ihren Vorgängern ab. Ebenso betrafen bei den im 15. Jahrhundert entstandenen oder wiederaufgelegten Weltbeschreibungen Differenzierungen vor allem den europäischen Raum.¹⁸ Auch wenn, geographisch gesehen, Erfahrungswissen eher

¹⁶ HERKENHOFF: 255-276; *Der deutsche Kolumbus-Brief. In Facsimile-Druck mit einer Einleitung* hg. von Konrad HÄBLER (Drucke und Holzschnitte des 15. und 16. Jahrhunderts in getreuer Nachbildung 6), Straßburg 1900; Kolumbus, *Der erste Brief aus der Neuen Welt*, übersetzt, kommentiert und hg. von Robert WALLISCH (RUB 18079), Stuttgart 2000.

¹⁷ *Mundus novus. Ein Bericht Amerigo Vespucci's an Lorenzo de Medici über seine Reise nach Brasilien in den Jahren 1501/02. Nach einem Exemplar der zu Rostock von Hermann Barckebusen gedruckten Folioausgabe [...]*, hg. von Emil SARNOW und Kurt TROBENBACH (Drucke und Holzschnitte des 15. und 16. Jahrhunderts in getreuer Nachbildung 9), Straßburg 1903; FRÜBIS (Anm. 3): 27 und Abb. 16.

¹⁸ HERKENHOFF (Anm. 15), passim. Auch Sebastian Brant bezeugt mit seiner Deutschlandbeschreibung das Interesse an geographischer Differenzierung; vgl. Sabine Heimann, »Curiositas und experientia. Reiseideologie und Reiseperzeption bei Sebastian Brant«, in: *Reisen und Welterfahrung in der deutschen Literatur des Mittelalters*, hg. von Dietrich HUSCHENBETT und John MARGETTS (Würzburger Beiträge zur deutschen Philologie 7), Würzburg 1991, S. 264-276. Brant greift zurück auf Kartenmodelle (aus dem Umkreis) des Nicolaus Cusanus, die eine Überprüfung und Korrektur der ptolemäischen

für das Zentrum als für die Peripherie der abendländischen Welt wirksam wurde, blieb, topologisch gesehen, das Neue vom Alten umschlossen. Die 1507 von Montalbodo Fracanzano publizierte italienische Sammlung von Reiseberichten (*Paesi nuovamente ritrovati*), die im folgenden Jahr Jobst Ruchamer ins Deutsche übertrug (*Neue unbekante landte*), kombiniert Reisen nach (Süd-) Osten mit solchen nach Westen. Ihr Titelholzschnitt zeigt im Mittelpunkt eine Weltkugel, die zugleich Sinnbild eines christlichen Imperiums (Kreuz) und Zeichen der Ausbreitung abendländischer Zivilisation (befestigte Ansiedlung) ist. Ein Schriftband, sich windend über die Seite und sich schlingend um die Kugel, behauptet zwar die Neuheit der Entdeckung, hält diese aber im gleichen Moment in den Fesseln der Schrifttradition gefangen.¹⁹

Das Bild wiederholt, was sich in den Texten vollzieht. Indem die Dynamik der Beschreibung aus der Bewegung von Ausfahrt und Rückkehr entsteht, wird das Fremde zu einem unbeweglichen und ungeschichtlichen Objekt, über welches das bewegliche, geschichtsträchtige abendländische Subjekt verfügt. Das Fremde erscheint als schillernde Blase im Kontinuum von Raum und Zeit, als Gegenwelt, die man betritt und wieder verläßt, als romanhafter Chronotopos, der sich öffnet und wieder schließt: »Wir führen«, heißt es bei Vespucci, »fast fünfhundert Meilen an der Küste entlang, gingen oft an Land und nahmen Beziehungen zu den Eingeborenen auf, die uns freundlich empfingen. Manchmal blieben wir fünfzehn oder zwanzig Tage ohne Unterbrechung als Freund und Gäste bei ihnen.«²⁰ Auch die Dekaden des Petrus Martyr, eine frühe Zusammen-

Geographie für den Raum der Germania leisteten; vgl. den zusammenfassenden Katalog dreier Landesausstellungen: *circa 1500. Leonhard und Paola (Ein ungleiches Paar). De ludo globi (Vom Spiel der Welt). An der Grenze des Reiches*, Genf, Mailand 2000: 308-313.

¹⁹ Faksimile-Ausgabe: *Cadomostos Beschreibung von Westafrika. Der Druck der deutschen Ausgabe von 1508*, hg. von Uta SADJI (Litterae 7), Göttingen 1980; *Entdeckungsreisen nach Indien und Amerika. Der Druck der deutschen Übersetzung von 1508*, hg. von Uta SADJI (Litterae 83), Göttingen 1983; zu den Ausgaben und Übersetzungen der *Paesi* Max BÖHME, *Die grossen Reisesammlungen des 16. Jahrhunderts und ihre Bedeutung*, Leipzig 1904: 15-47 (S. 16 Abb. des Titelblatts der italienischen Ausgabe, das im Aufbau der deutschen entspricht, aber den Namen des Vespucci nennt).

²⁰ *Mundus novus* (Anm. 13), S. 3: *Navigamus autem secundum littus circa Sexcentas leucas et sepe descendimus in terram et colloquebamur et conuersabamur cum earum regionum Colonis et ab eis fraterne recipiebamur et secum quandoque morabamur quindecim vel viginti dies continuos amicitabiliter et hospitabiliter.*

fassung überseeischer Entdeckungsfahrten, behalten nicht anders als die Kosmographien von Franck und Münster mit den Quellen, die sie übernehmen, deren Bewegungsmuster bei.²¹

Nicht zu übersehen ist allerdings, daß die Geschlossenheit der Bewegung von Ausfahrt und Rückkehr unterwandert wird von der Unabgeschlossenheit des Wissens. Der *Mundus novus*-Brief endet mit der Hoffnung des Vespucci, weitere Reisen zu unternehmen *ad perquirendas novas regiones*. Andere Briefe stellen die souveräne Verfügungsgewalt des europäischen Schreibsubjekts dadurch in Frage, daß ihre Verfasser die Heimat noch nicht wieder erreicht haben. Die Fremde ist nicht mehr nur Gegenstand der Beschreibung, sondern auch Ort des Schreibens. Sie beginnt sich als konkrete Spur im Vertrauten zu etablieren – als Spur, der man folgen kann. Hans Staden wird Mitte des 16. Jahrhunderts seinen Brasilienbericht mit dem Hinweis darauf beschließen, daß der Leser sich anhand des vorgelegten Textes selbst auf den Weg machen könne: »Wem Gott hilft, dem ist die Welt nicht verschlossen.«²²

Noch ist diese Welt zwar eine, deren Vielfalt als Manifestation göttlichen Wirkens begreifbar bleibt, deren Öffnung theologisch gestützt werden muß, deren kosmische Dezentrierung zu denken auf den Scheiterhaufen führen kann. Doch im Zuge der Pluralisierung von Welten und Sinnangeboten mehren sich die Stimmen, die eine andere Einstellung zu Sinn und Nutzen der Welterfahrung erkennen lassen.²³ Jahrhundertelang waren die Säulen des Herkules und ihre Inschrift *Nec plus ultra* als Zeichen für die Grenzen menschlicher Welterkundung verstanden worden: bei Dante nicht anders als noch bei Brant.²⁴ Nun wird ihre Überschreitung zum Programm. Odysseus wird dafür gepriesen, daß er sich aufs

²¹ Faksimile der Ausgabe von 1530 in: PETRUS MARTYR de Angleria, *Opera. Legatio Babylonica. De orbe novo decades octo. Opus epistolarum*. Introduction Erich WOLDAN, Graz 1966; außerdem: PETER MARTYR von Anghiera, *Acht Dekaden über die Neue Welt*, übersetzt, eingeführt und mit Anmerkungen versehen von Hans KLINGELHÖFER, 2 Bde. (Texte zur Forschung 5/6), Darmstadt 1972/75; *Selections from Peter Martyr*, ed. by G. Eathough (Repertorium Columbianum 5), Turnhout 1998.

²² Hans STADEN (Anm. 39), Schlußseite.

²³ Zur Pluralisierung siehe die Beiträge in *Die Pluralität der Welten. Aspekte der Renaissance in der Romania*, hg. von Wolf-Dieter STEMPEL und Karlheinz STIERLE, München 1987.

²⁴ BLUMENBERG (Anm. 11), S. 140f.; BRANT, *Narrenschiff* (Anm. 12), cap. 66, v. 69-74; Bezugnahme auf die *Columnas hercules* auch am Beginn des deutschen *Columbus-Briefs* (in der lateinischen Version nur: *Gadibus*).

offene Meer hinaus wage. Die *curiositas* wird zum Problem nicht mehr für den Selbst- und Heilsverlust des einzelnen, sondern für das Programm eines Forschens, das sich auf vernünftigem Suchen und nicht blindem Umherirren, auf Rationalität und nicht Arbitrarität gründet.²⁵

Der Vorbehalt gegenüber der theoretischen Neugierde blieb zwar auch Mitte des 16. Jahrhunderts gültig. Er konnte nach wie vor als Argument dienen gegen ein Projekt, das wie das der kosmographischen Totalerfassung dahin tendieren konnte, den Menschen an die Stelle Gottes zu setzen. In dem Maße jedoch, in dem das Bedürfnis zunahm, Welt und Wissen zu ordnen, wurden auch die neuentdeckten Länder und Völker zum Gegenstand wissenschaftlichen Interesses. Dieses Interesse galt nicht mehr nur dem Kuriosen und Absonderlichen, sondern auch dem spezifischen Status, der spezifischen Logik des Fremden.²⁶

Seit etwa 1550 wurde das Reisen zunehmend methodisiert. Es entwickelte sich eine eigene Gattung, die *Ars apodemica*, die neben Ratschlägen für die Durchführung von Reisen auch Muster für die Wahrnehmung und Registrierung des Fremden bot.²⁷ 1577 erschien in Basel Theodor Zwingers *Methodus apodemica in eorum gratiam, qui cum fructu in quocunque vitae genere peregrinari cupiunt*, ein Werk, das »bis zum Ende des 17. Jahrhundert für die Theorie des Reisens maßgeblich« blieb.²⁸ Kürzere Versionen, manche kaum mehr als Fragelisten oder rudimentäre Handreichungen, folgten.²⁹ Ihr Innovationsgehalt ist nicht zu überschätzen: Die

²⁵ MÜLLER (Anm. 11), S. 341.

²⁶ Margaret T. HODGEN, *Early Anthropology in the Sixteenth and Seventeenth Centuries*, Philadelphia 1964 u. ö.; Guiliano GLIOZZI, *Adamo et il nuovo mondo. La nascita dell'antropologia come ideologia coloniale. Dalla genealogie bibliche alle teorie razziali (1500-1700)* (Publicazioni del Centro di studi del pensiero filosofico del cinquecento e del seicento [...] 7), Firenze 1977 (frz. Ausgabe Lecques 2000); Anthony PAGDEN, *The fall of natural man. The American Indian and the origins of comparative ethnology*, Cambridge 1982, 21986.

²⁷ Justin STAGL, »Die Apodemik oder »Reisekunst« als Methodik der Sozialforschung vom Humanismus bis zur Aufklärung«, in *Statistik und Staatsbeschreibung in der Neuzeit, vornehmlich im 16.-18. Jahrhundert*, hg. von Mohammed Rassem und Justin STAGL, Paderborn 1980, S. 131-204; *Apodemiken. Eine rasonnierte Bibliographie der reisethnologischen Literatur des 16., 17. und 18. Jahrhunderts*, hg. von Justin STAGL u. a., Paderborn u. a. 1983.

²⁸ Justin STAGL, »Die Methodisierung des REISENS im 16. Jahrhundert«, in *Der Reisebericht*, hg. von Peter J. BRENNER (suhrkamp taschenbuch materialien 2097), Frankfurt/M. 1989: 140-177, hier S. 141.

²⁹ Vgl. HODGEN (Anm. 26), S. 185-188 zum Büchlein des Albrecht MAIER von 1587.

Anordnungen folgen der aristotelischen oder dann der ramistischen Logik und zielen dementsprechend mehr auf die Schematisierung der Begriffe als auf die Verarbeitung von Erfahrung. Das Interesse galt dem Faßbaren, gelegentlich aber auch dem Grundsätzlichen. Als 1577 auf Befehl König Philipps II. von Spanien Fragebogen in die amerikanischen Kolonien geschickt wurden, ging es nicht nur um die Organisation der Verwaltung. López de Velasco, der das Projekt seit 1571 als *cosmógrafo-cronista mayor* betreute, hatte wissenschaftliche Ambitionen. Er wollte die Kolonisten momenthaft in Historiker, Naturforscher und Amateurkosmographen verwandeln: Sie sollten Angaben über die Geschichte der Regionen, ihre Flora und Fauna liefern, aber auch Beobachtungen zu einer Mondfinsternis beisteuern, die der Etablierung einer exakten Geographie dienen sollten. Ein Moment theoretischer Neugierde ist nicht zu verkennen.³⁰

Gleichwohl wurden im ganzen die Indianer eher auf Umwegen zu Objekten der Theorie. Ursächlich ging es nicht um das Fremde in seiner Eigenart, sondern um das Problem, das es aufwarf: in juristischer, kultureller oder heilsgeschichtlicher Hinsicht. Es galt, den rechtlichen Status der überseeischen Untertanen zu definieren, die Verschiedenheit der Völker und Lebensweisen zu erklären, die Fremden im Ganzen der christlichen Heilsgeschichte zu verorten. Jedes dieser Ziele konnte es indes nötig machen, genauer zu beschreiben und zu vergleichen, Prinzipien und Methoden der Ordnung zu entwickeln. Insofern spielt der Amerikadiskurs für den von Blumenberg rekonstruierten Prozeß, in dem die theoretische Neugierde ihre Würde zurückerhielt, keine ganz unerhebliche Rolle.

Doch die Neugierde erhielt ihre Impulse nicht einfach aus dem wachsenden Klassifikationsbedürfnis der Zeit. Sie bedurfte spezifischer Konstellationen zur Entfaltung, etwa jener brasilianischen Konstellation in der Mitte des 16. Jahrhunderts, da die überseeische Region in den Schnittpunkt der Interessen geriet und Texte verschiedener Sprachen in raschem Wechsel aufeinander folgen. Sogar kurze und unaufwendige Publikationen zeigen nun gelegentlich fortgeschrittene Ansätze der Ordnungsstiftung. Wenn Nicolas Barré 1555 von Ganabara, dem späteren Rio de Janeiro, in die Heimat schreibt und über die brasilianische Küste berichtet, scheint es auf den ersten Blick, als würde er den gleichen Mustern

³⁰ Barbara E. MUNDY, *The Mapping of New Spain. Indigenous Cartography and the Maps of the Relaciones Geográficas*, Chicago and London 1996; zum Zusammenspiel europäischer und indigener Raummodelle auch Walter D. MIGNOLO, *The Darker Side of the Renaissance. Literacy, Territoriality, and Colonization*, Ann Arbor 1995: 219-313.

folgen, die schon Columbus und Vespucci ein halbes Jahrhundert früher verwendeten: zunächst langes Verweilen bei den Gefahren und Hindernissen der Überfahrt, also bei der Repräsentation der Grenzüberschreitung; sodann, nach der Ankunft in Südamerika, Beschreibung der Eingeborenen und ihrer Umwelt aus eben jener eurozentrischen Sicht, die das Fremde vor allem als Absenz des Vertrauten wahrnimmt – als Fehlen von Gesetz und Ordnung, von Kleidung und Scham, von Religion und Zivilisation.³¹ Doch der genaue Blick zeigt Unterschiede. Barré leitet geschickt von der Landung zur geographischen Situierung über, kommt dann auf die Flora zu sprechen und abschließend auf die Eingeborenen: *Il reste à parler des habitants, de leur conditions, status, et meurs*. Es folgt keine stringent organisierte Beschreibung, und doch heben sich die knappen Hinweise ab von dem bunten Durcheinander bei der Wiedergabe fremder Völker und Lebensräume, wie es in den spätmittelalterlichen Reiseberichten üblich war und in den frühneuzeitlichen Amerikaberichten übernommen wurde.³² Bei Barré und anderen Autoren der Zeit zeichnet sich ein Bedürfnis nach Systematisierung ab, das Hand in Hand geht damit, daß das fremde Terrain nicht einfach mehr als Ort der Ausbeutung interessiert, sondern als potentieller Lebensraum der Europäer. Barré ist unterwegs mit einer Expedition, die unter der Leitung des Vizeadmirals Nicolas Durand de Villegagnon die Bedingungen klären soll für die Gründung einer französischen Kolonie in Brasilien.³³

³¹ *Copie de quelques lettres sur la navigation du chevallier Villegaignon es terres de l'Amérique oultre l'aequinociale*, Paris 1557; Ausgabe in: *Archives des voyages ou collection d'anciennes relations*, Bd. 1, hg. von Henri TERNAUX-COMPANS, Paris 1840: 102-116; zum Text Frauke GEWECKE, *Wie die neue Welt in die alte kam* (dtv 4568), München 1992: 163f.

³² Vgl. Michael HARBSMEIER, *Wilde Völkerkunde. Andere Welten in deutschen Reiseberichten der Frühen Neuzeit* (Historische Studien 12), Frankfurt, New York 1994.

³³ Zu diesem Projekt Frank LESTRINGANT, *Le huguenot et le sauvage. L'Amérique et la controverse coloniale, en France, au temps des Guerres de Religion (1555-1589)*, Paris 1990; ders.: *L'expérience huguenotte au nouveau monde (XVI^e siècle)*, Genève 1996. Zu den frühen französischen Aktivitäten in Übersee generell Olive Patricia DICKASON, *The Myth of the Savage. And the Beginnings of French Colonialism in the Americas*, Edmonton 1984; Monika WEHRHEIM-PEUKER, *Die gescheiterte Eroberung. Ein diskursanalytische Betrachtung früher französischer Amerikertexte* (Frankfurter Beiträge zur Lateinamerikanistik 7), Tübingen 1998; zu den späteren französischen Texten: Franz OBERMEIER, *Französische Brasilienreiseberichte im 17. Jahrhundert. Claude d'Abbeville: Histoire de la mission, 1614. Yves d'Evreux: Suite de l'Histoire, 1615* (Abhandlungen zur Sprache und Literatur 83), Bonn 1995.

Die brasilianische Küste war schon seit längerem ein Raum kultureller Begegnung. Es war jener, auf den die Amerikafahrer fast automatisch trafen, jener, an dem der neue Kontinent als solcher begriffen wurde, jener, an dem die Kontakte zu den Eingeborenen früh eine gewisse Stabilität erreichten.³⁴ Franzosen und Portugiesen konkurrierten um die Sympathien der verschiedenen Stämme aus der Sprachfamilie der Tupi-Guarani und damit um die Unterstützung im Handel mit Rohstoffen, vor allem mit dem geschätzten rötlichen Holz. Auswanderer aus der Normandie hatten sich hie und da auf dem Festland niedergelassen und der indigenen Lebensweise angeschlossen. Schon 1547 gab es im Rahmen eines Navigationshandbuchs den Versuch, Reisewillige mit einem Minimum geläufiger Tupi-Wendungen zu versorgen.³⁵ Umgekehrt wurden Indianer, vor allem Tupinamba, als leibhaftige Kuriositäten nach Europa mitgenommen, wo sie auf höfischen Festen ihr eigenes Leben inszenieren durften.³⁶

Die brasilianischen Küstenregionen und ihre Bewohner waren für die Europäer in mehrfacher Hinsicht attraktiv: zur Befriedigung materieller Interessen, zur Entfaltung kultureller Fremderfahrung, zur Gewinnung eines Raums, offen für Projektionen und Zuschreibungen verschiedenster Art. Brasilien war zugleich Traumland und Güterlieferant, zugleich Raum der Erinnerung (an europäische Ursprünge) und Bühne für politisch-konfessionelles Handeln. Es produzierte Stoff für Imaginationen, für Exotismen, die zur eigenen Mode wurde – selbst im Bereich der devotionalen Praxis: Auf dem Lederrücken des Prachtexemplars eines 1551 gedruckten Stundenbuchs (*Les heures à l'usage de Paris*) sind Köpfe brasilianischer Indianer, mit stereotypem Federschmuck versehen, eingestanz.³⁷ In der gleichen Zeit wuchs das Interesse an Nachrichten aus dem »gelobten Land,

³⁴ John HEMMING, *Red Gold. The Conquest of the Brazilian Indians*, Cambridge/Mass. 1978.

³⁵ Paris, Bibliothèque Nationale de France, Ms. fr. 24269, f. 53^r-54^v; Michel MOLLAT, *Premières relations entre la France et le Brésil. Du Verrazzano à Villegaignon*, Paris 1964: 72f. Ähnliche »Wörterbücher« werden auch in anderen französischen Brasiliertexten geläufig, vgl. *Cahiers de Fontenay* 65/66 (1992): *L'Inscription des langues dans les relations de voyage* (XVI^e-XVIII^e siècles), hg. von Michèle DUCHET; am Beispiel von Léry: Angela ENDERS, *Die Legende der »Neuen Weltk. Montaigne und die littérature géographique im Frankreich des 16. Jahrhunderts*, Tübingen 1993: 165-175.

³⁶ *C'est la deduction du sumptueux ordre plaisantz spectacles et magnifiques theatres*, Rouen 1551; Neuausg. von Margaret M. MCGROWAN. Amsterdam o. J.; vgl. auch dies., »Form and Themes in Henri II's Entry into Rouen«, *Renaissance Drama* N.S. 1 (1968): 199-251.

³⁷ DICKASON (Anm. 28): 184; vgl. auch Francis Affergan, *Exotisme et alterité*, Paris 1987.

an Reiseberichten aus erster Hand. Diese wiederum, in einen sehr spezifischen Interessenzusammenhang eingebettet, waren gezwungen, das übliche Verlaufs-schema von Reiseberichten zu verlassen und mehr zu bieten als ungeordnete Eindrücke. So unternahmen sie es zumindest ansatzweise, die fremde Kultur systematisch zu erfassen, zu ordnen, als komplexes Ensemble zugänglich zu machen.

Das Interesse, das hinter diesen Versuchen steht, ist zweifelsohne ein eher vortheoretisches als eigentlich theoretisches. Es gilt nicht in systematischer Weise der Position, die die Neue Welt im System der Alten einzunehmen hätte, oder den Prinzipien der Ordnung des Wissens. Versteht man jedoch *theoria* nicht im Sinne einer geschlossenen, logisch kohärenten Metasprachlichkeit, sondern auch im Sinne einer immerhin punktuellen Reflexion des (proto-)ethnographischen Tuns, so manifestiert sich hier durchaus eine »archaische« Form theoretischer Neugierde. Sowohl die diskursive Erfassung wie auch generell die Repräsentation des Fremden ziehen die Aufmerksamkeit auf sich. Die Neugierde verliert ihre Naivität, gewinnt reflektierende Dimension.³⁸

Genauer ermessen läßt sich dies an drei Autoren, die sich zwischen 1550 und 1558 im gleichen Raum, nämlich im engeren oder weiteren Umkreis der Bucht von Rio de Janeiro, aufhielten. Der hessische Büchschütze Hans Staden, der angoulêmeische Kosmograph André Thevet und der burgundische Calvinist Jean de Léry – sie alle verfaßten Berichte, die, im Deutschen bzw. Französischen jeweils zu frühesten originalen Texten über die Neue Welt gehörend, sich jeweils an der Bewegung der Reise orientieren, zugleich aber versuchen, ein möglichst vollständiges Bild der indianischen Kultur zu entwerfen.

Zunächst Staden. Er sucht sein Glück in Übersee, will anfangs Indien, dann die sagenhaften Goldländer am Rio dela Plata erreichen, bleibt jedoch schiffbrüchig an der brasilianischen Küste hängen, an der er sich von November 1550 bis November 1554 aufhält. Zwei Jahre lang agiert er als Vorsteher eines Inselforts, bevor ihn die Tupinamba gefangennehmen. Nach neun Monaten kommt er frei und kann nach Europa zurückkehren. Unter Mithilfe des Marburger Professors der Mathematik und Medizin Johannes Dryander publiziert er 1557 seine *Warhaftige Historia und beschreibung eyner Landschafft der Wilden/ Nacketen/ Grimmigen Mensch-*

³⁸ Vgl. Jürgen MITTELSTRASS, »Bildung und Wissenschaft. Enzyklopädien in historischer und wissenssoziologischer Betrachtung«, *Die wissenschaftliche Redaktion* 4 (1967): 81-104.

fressen Leuthen/ in der Neuenwelt America gelegen.³⁹ Der Text wird dominiert vom Gattungsschema des abenteuerlichen Reiseberichts, der seinen Helden in eine fremde Welt hinein und schließlich wieder aus ihr hinausführt. Der Hauptteil folgt der Chronologie, vor allem dem Ablauf der spektakulären Gefangenschaft. Man sieht einen Protagonisten, beständig bedroht davon, dem rituellen Kannibalismus zum Opfer zu fallen, und zugleich in der Lage, sich an die fremde Lebenswelt anzupassen: Er lernt mit den Praktiken der Indianer umgehen und ist schließlich soweit in den Stamm integriert, daß er unter Zustimmung des Häuptlings in die Heimat zurückkehren kann. Doch mit der Rückkehr ist der Text noch nicht beendet. Es folgt als zweiter Teil ein »wahrhaftiger kurzer Bericht über Sitten und Gebräuche der Tupinamba«, eingeleitet durch eine Situierung und Charakterisierung von Brasilien im ganzen sowie eine Kurzpräsentation verschiedener Völker der Küstenregionen. Die eigentliche Beschreibung der Tupinamba nimmt über 30 Kapitel ein. Am Beginn steht die Geographie (Abb. 2), dann geht es um die Wohnsituation, den Erwerb und die Zubereitung der Nahrung, weiter um Schmuck, Namengebung, Geschlechterbeziehungen, Heirat, Glauben, Kriegführung und Kannibalismus. Einige Abschnitte zu Tieren und Pflanzen bilden den Abschluß.

Unverkennbar ist eine rudimentäre Ordnung, die einerseits den Blick vom Makroraum auf den Mikroraum verengt,⁴⁰ andererseits zwischen materieller Kultur, immaterieller Kultur und Umwelt unterscheidet. Nicht alles findet seinen systematischen Ort. Das Kapitel über Regierung und Obrigkeit ist eingebettet zwischen das über das Garmachen von Speisen und jenes über die Herstellung von Töpfen. Die Bemerkungen zur Verlobung sind mit jenen über die Einschüchterung von Kindern nur dadurch verbunden, daß in beiden Fällen Einritzen in die Haut eine Rolle spielen. Doch auch in diesen Abschnitten nähert sich die *Historia* nicht einfach dem Sammelsurium von Beobachtungen, das viele

³⁹ Faksimile: Hans Staden, *Wahrhaftige Historia [...]*, hg. von Günter T. H. BEZZENBERGER, Kassel-Wilhelmshöhe 1978; Übersetzung: Hans STADEN, *Zwei Reisen nach Brasilien*. In die Sprache der Gegenwart übertragen, mit einem Nachwort und mit Erläuterungen versehen von Karl Fouquet, Marburg⁵1995; zum Text mit weiterer Literatur Christian KIENING, »Alterität und Mimesis. Repräsentation des Fremden in Hans Stadens *Historia*«, in: *Nach der Sozialgeschichte. Konzepte für eine Literaturwissenschaft zwischen historischer Anthropologie, Kulturgeschichte und Medientheorie*, hg. von Martin HUBER und Gerhard LAUER, Tübingen 2000: 483-510.

⁴⁰ Vgl. Jahn (Anm. 2): 250f.

Reiseberichte der Zeit bieten. Ihr Integrationsproblem ergibt sich nicht aus der zwanghaften Anhäufung von Spektakulärem, sondern aus einer fast kindlichen Freude am Alltäglichen. Das umfanglichste Kapitel des zweiten Teils, die Beschreibung des Kannibalismus, nutzt zwar das darin steckende Sensationspotential, macht aber zugleich – anders als die Vorläufer seit Vespucci – die Anthropophagie als konsistentes Ritual kenntlich.⁴¹

Dies als Ethnographie zu bezeichnen träfe weniger zu aufgrund der proto-wissenschaftlichen Beschreibungsordnung als aufgrund der mikroperspektivischen Begrenzung, die Details hervor- und die Anderen aus ihrer Anonymität heraustreten läßt. Staden verzichtet darauf, die fremde Kultur mit der eigenen zu vergleichen und gewinnt eine ansonsten seltene Unmittelbarkeit der Repräsentation. Fünfzig Holzschnitte veranschaulichen Aspekte des sozialen Lebens und der materiellen Kultur, vermeiden aber die üblichen ikonographischen Klischees.⁴² Die Systematik jedoch bleibt in doppelter Weise ans Narrative gebunden. Zum einen dadurch, daß der Text das erlebende und wahrnehmende Subjekt ins Zentrum stellt, daß er beständig – auch im zweiten Teil – an das Ich erinnert, das »sieht«, »hört«, »dabei ist« und eben durch seine Subjektivität die Authentizität des Berichteten garantiert. Zum andern dadurch, daß die ethnographischen Teile gerahmt werden durch eine zweite kurze Beschreibung der Reisewege nach und von Brasilien. Sie gewährleistet, daß die en détail vergegenwärtigte fremde Welt tatsächlich zu betreten und auch wieder zu verlassen ist.

Den Grenzen der Systematik korrespondieren Ambivalenzen der Neugierde. Diese wird nicht reflektiert, wohl aber präsentiert: auf der Handlungsebene des ersten Teils, wo der Leser einen Protagonisten erlebt, der begierig ist, die Welt, in die er geraten, ist zu begreifen; auf der Beschreibungsebene des zweiten Teils, wo die Bestandsaufnahme der Welt der Tupinamba die Lust am Verstehen des Fremden mittransportiert. Zugleich aber wird die Neugierde aufgefangen durch

⁴¹ Die Diskussion um die Kannibalismusedarstellungen Stadens und seiner Zeitgenossen ist mittlerweile uferlos; vgl. LESTRINGANT (Anm. 5); MENNINGER (Anm. 5): 165-190 u. ö.; WEHRHEIM-PEUKER (Anm. 33): 117-200; *Cannibalism and the Colonial World*, hg. von Francis BARKER, Peter HULME, Margaret Iversen, Cambridge/Mass. 1998.

⁴² Zu den Darstellungen im Kontext frühneuzeitlicher Brasilienikonographie Susi COLIN, *Das Bild des Indianers im 16. Jahrhundert* (Wissenschaftliche Schriften. Reihe 12: Beiträge zur Kunstgeschichte 102), Idstein 1988: 207-215; Franz OBERMEIER, *Brasilien in Illustrationen des 16. Jahrhunderts* (Americana Eystettensia B.11), Frankfurt 2000.

eine christliche Sinnggebung der brasilianischen Abenteuer. Der Text erscheint als Zeugnis für die Notwendigkeit, auch im Extremen, an den Rändern der Welt auf Gott zu vertrauen – so Hans Staden selbst und so auch Johannes Dryander im Vorwort. Über das Spezifische des Textes verliert Dryander kein Wort. Er konzentriert sich völlig darauf, seine Wahrheit zu untermauern, unter anderem mit dem Hinweis darauf, daß auch das scheinbar Wunderbare wissenschaftlich rational erklärbar sei. Das markiert den neuen Anspruch an einen Bericht aus Amerika, zugleich aber die fortwirkende Orientierung an einem Diskurs über die *mirabilia* der Welt, die allerdings nicht mehr einfach das Übernatürliche bezeugen, sondern zu Herausforderungen der wissenschaftlichen Rationalität werden.

Daß die *mirabilia* weiterhin eine Rolle spielten im Amerikadiskurs, zeigt der Text von André Thevet, der knapp ein Jahr nach Stadens Bericht auf den Markt kam. Thevet hatte als orienterfahrener Reiseberichterstatter Villegagnon auf eben jener Fahrt begleitet, die Nicolas Barré als Steuermann mitmachte und die der Koloniegründung dienen sollte. Er hatte sich allerdings nur wenige Monate (November 1555 bis Januar 1556) in Brasilien aufgehalten und davon die meiste Zeit wegen Krankheit auf dem französischen Schiff. Seine Informationen stammten überwiegend von sog. *truchements*, in Brasilien lebenden Normannen, die als Dolmetscher dienten. Auf der Basis dieses kaum auf Autopsie beruhenden Materials veröffentlichte er nicht lange nach der Rückkehr eine Beschreibung des Landes von bis dahin unbekannter Ausführlichkeit: *Les singularités de la France antarctique, autrement nommée Ameriques, et de plusieurs Terres & Isles* (Paris 1557/58).⁴³

Thevets Interesse gilt, wie schon der Titel sagt, den *Singularités*. Besonders, Einmaliges, Wundersames will er zusammentragen, und dies, indem er wie Staden dem Lauf der Reise folgt. Die Reise ist hier allerdings eine zumindest teilweise imaginierte. Thevet beschränkt sich nicht auf die Überfahrt nach und von Brasilien, integriert vielmehr auch Peru, Florida und Canada in eine die ganze Neue Welt umfassende Route. Für einen systematischen Teil, der den narrativen ergänzen würde, ist in diesem Modell kein Platz. Alles, was die einzelnen Kapitel an Information ausbreiten, hat seinen Ort in bezug auf die

⁴³ Faksimile: *Les singularités de la France antarctique* [...], Paris 1982 mit instruktiver Einleitung von Jean BAUDRY: 11-72; Ausgabe: *Le Brésil d'André Thevet. Les Singularités de la France Antarctique (1557)*, hg. von Frank LESTRINGANT, Paris 1997; eine zusammenfassende Würdigung, der das Folgende viel verdankt, unternimmt Frank LESTRINGANT, *L'atelier du cosmographe ou l'image du monde à la Renaissance*, Paris 1991.

topologische Ordnung, die dadurch zugleich an die Grenzen der Leistungsfähigkeit gerät. Immer wieder muß an die Bewegung des Reisens erinnert werden, die in der Fülle des Materials unterzugehen droht. Thevet bekennt sich explizit zu seinem Vorgehen und setzt es ab von einem stärker systematischen, einer *plus certaine methode*.⁴⁴ Sein Angebot ist, den Leser von einem Punkt zum andern zu führen, von einem Ort zum andern, *depuis le commencement jusques à la fin, droit, comme avec le fil de Thésée*.⁴⁵ Die Welt als Labyrinth, der Kosmograph als Führer, der den Ariadnefaden in der Hand hält – das ist Thevets zentrale Phantasie. In den *Singularités* soll nicht die Ordnung des Textes die der Natur einfach abbilden, vielmehr die Bewegung des Autors sich in der des Lesers wiederholen.

Es ist eine Bewegung des Sprunges: des Hin und Her zwischen Menschen, Tieren und Bäumen, zwischen Detail und Ensemble, zwischen Einzelem und Allgemeinem. Vom Fluß Ganabara, an dessen Mündung das französische Inselort liegt, kommt Thevet auf einen spektakulären Fisch, und von diesem wiederum auf *Amerique en general*. Das bietet Gelegenheit, das Urteil des Vespucci zu wiederholen, daß die Indianer wie vernunftlose Tiere leben würden *sans foy, sans loy, sans religion, sans civilité*, und bietet zugleich Gelegenheit, dem christlichen Schöpfergott zu danken, daß er die Seinen nicht im brutalen Naturzustand der *pauvres Ameriques* gelassen hat. Dann geht der Blick auf die Fruchtbarkeit des Landes und die Möglichkeiten, dieses zu kultivieren.⁴⁶

Thevet will wissenschaftlich gestützte Wahrheit, aber keine stringent wissenschaftliche Methode. Er weiß, daß der wahre Kosmograph (*vray cosmographe*) seine Angaben zu Orten und Abständen durch exakte Koordinaten zu belegen hätte, verweist den Leser diesbezüglich aber einfach auf Ptolemäus.⁴⁷ Er polemisiert gegen die Tradition der Wunder des Ostens, die sogar noch von gegenwärtigen Autoren *sans iugement, sans raison & sans experience* beschrieben würden, und zweifelt doch selber nicht an der Existenz des durch den Blick tötenden Basilisken, dessen Fell er in den Händen eines Arabers in Kairo gesehen habe und dessen Eigenheiten durch Lukan und Plinius bezeugt würden.⁴⁸ Kritik an der Überliefe-

⁴⁴ *Singularités*, cap. 1 (Faks., f. 2^v; Ausg., 45): *pour plusieurs raisons m'a semblé mieux seant commencer ce mien discours à nostre embarquement, comme par une plus certaine methode*.

⁴⁵ *Singularités*, cap. 1 (Faks., f. 3^v; Ausg., 45f.).

⁴⁶ *Singularités*, cap. 27 (Faks., f. 51^r-52^r; Ausg., 121f.).

⁴⁷ *Singularités*, cap. 5 (Faks., f. 8^v; Ausg., 54).

⁴⁸ *Singularités*, cap. 22 (Faks., f. 42^v-43^v; Ausg., 108f.).

rung wird zum Gestus, um den Anspruch des eigenen Textes zu erhöhen – ein Verfahren typisch für die Naturgeschichte der Zeit.⁴⁹

Thevets Projekt ist ein hybrides. Es resultiert aus einer rastlosen Sammeltätigkeit, einem nie ermüdenden Interesse am Kuriosen. Zwar begegnet auch hier, im Blick auf die Magie, Reserviertheit gegen eine falsche *curiositas*, die in die *secrets de nature* einzudringen versuche.⁵⁰ Doch an der grundsätzlich positiven Bedeutung der *curiositas* besteht kein Zweifel. Sie gilt als Antriebsmoment einer entweder auf Erkenntnisgewinn oder Besitzerwerb gerichteten Bewegung, die ein sorgenfreies Leben ermöglichen soll.⁵¹ Thevet hat dementsprechend keine Bedenken, sich selbst als einen *curiosus* darzustellen, unablässig auf der Suche nach Ausgefallenem, Fremdem, Neuem: »Um von seltenen und außergewöhnlichen Dingen Kenntnis zu erlangen«, schreibt er rückblickend in der *Cosmographie universelle*, »scheut der Neugierige, wie ich einer war, keine Mühe und keinen Ärger, denn seine spätere Zufriedenheit macht ihn alle frühere Mühe vergessen.«⁵²

⁴⁹ Vgl. Jean CÉARD, *La Nature et les prodiges. L'insolite au XVI^e siècle en France*, Genf 1977; Thomas CRAMER, »Der Umgang mit dem Wunderbaren in der Natur: Portenta, Monstra und Prodigia in der Zoologie des Mittelalters und der frühen Neuzeit – Die Gleichzeitigkeit des Ungleichzeitigen«, in: *Knowledge, Science, and Literature in Early Modern Germany*, ed. by Gerhild Scholz WILLIAMS and Stephen K. SCHINDLER (University of North Carolina studies in the Germanic languages and literatures 116), Chapel Hill and London 1996: 151-192; Lorraine DASTON, Katharine PARK, *Wonders and the Order of Nature 1150-1750*, New York 1998.

⁵⁰ *Singularités* (Anm. 43), cap. 36 (Faks., f. 68^r; Ausg., 148): *Vray est que l'une [der beiden Hauptarten der Magie] est plus viciense que l'autre, mais toutes deux pleines de curiosité. Et qu'est il de besoing, quand nous auons les choses qui nous sont necessaires, & en entendons autant qu'il pleist à Dieu, nous faire capable, trop curieusement rechercher les secrets de nature, & autres choses, desquelles nostre Seigneur s'est reseruee à luy seul la congnouissance? Telles curiosités demonstrent un iugement imparfait*, ebd. cap. 52 (Faks., f. 100^r; Ausg., 201): *ce seroit chose impertinente d'en [bei den Wundertn der Natur] chercher la cause et raison, comme plusieurs de iour en iour s'efforcent: car cela est un vray secret de Nature, dont la congnouissance est reseruee au seul Createur.*

⁵¹ *Singularités*, cap. 19 (Faks., f. 35^r; Ausg., S. 96): *L'on voit euidentement combien est grande la curiosité des hommes, soit pour appetit des congnouistre toutes choses, ou pour acquerir possessions, & euter oysinité, qu'ils se sont basardez [...] à tous dangers et trauaux, pour finablement pauureté estongnée, mener une vie plus tranquille, sans ennuy ou fischerie.*

⁵² André THEVET, *La Cosmographie universelle*, Tome II, Paris 1575, f. 975^v: *pour auoir congnouissance des choses rares et excellentes, l'homme curieux, comme j'estois, ne se soucie de peine ou fischerie qui luy soit proposée, à cause de son contentement luy fait oublier le faix et fardeau des ses labours*, LESTRINGANT, *L'atelier* (Anm. 37), 32.

Der Franzose sammelt Informationen aller Art. Er verzeichnet einige Zeilen eines Rachegesanges⁵³ und bietet als erster europäischer Autor zwei Versionen des Ursprungsmythos vom großen Feuer und der großen Sintflut, der bei den Tupi-Völkern weitverbreitet war.⁵⁴ Doch er sammelt nicht nur das, was er hört, sondern auch das, was er als materielles Objekt, als kostbares Artefakt mitnehmen kann: einen Tukan und ein Penisfuttural, Vogelbälger, Steine, Schmuck, Waffen, exotische Früchte und vieles mehr. Sie gehen in das *Cabinet des curiosités* des französischen Königs ein, eine Vorstufe des späteren Musée de l'Homme.⁵⁵

Im Text führt Thevet die Leser durch seine Kollektionen, stolz auf das Zusammengetragene, zugleich unfähig, an etwas vorüberzugehen, was auch nur einen Hauch von Besonderheit, von Absurdität oder Monstrosität ausstrahlt. Beständig schwankt er zwischen Totalität und Singularität. Er partialisiert die fremde Kultur und versucht doch, mit ihren isolierten Fragmenten ein Ganzes zu repräsentieren – ein Ganzes, in dessen (imaginärem) Zentrum die Figur des Autors steht, der die Fäden in der Hand hält. Obschon überwiegend aus zweiter Hand berichtend, als auktoriales Ich, nicht aber als Handelnder im Text vorkommend, betont Thevet nichtsdestotrotz an allen Ecken und Enden – kaum weniger als Staden – das Moment eigener Erfahrung.

Sie konnte dem Ungeheuerlichen, das die *Singularités* zu bieten versprochen, Authentizität verleihen. Sie konnte aber nicht allein schon jene Dignität garantieren, an der dem Sammler gelegen war. So beschäftigte er den Hellenisten Maturin Héret, um den jeweiligen Sachverhalten aus der Neuen Welt Parallelen aus der Alten zur Seite zu stellen.⁵⁶ Erst indem sich das neue Wissensfeld in den humanistischen Kanon integriert, erhebt sich die Beschäftigung mit dem »antark-

⁵³ *Singularités* (Anm. 43), cap. 40 (Faks., f. 76^v; Ausg., 161).

⁵⁴ Alfred de MÉTRAUX, *La religion des Tupinamba et ses rapports avec celle des autres tribus Tupi-Guarani* (Bibliothèque de l'École des Hautes Etudes. Sciences religieuses 45), Paris 1928; Isabelle COMBÈS, *La tragédie cannibale chez les anciens Tupi-Guarani*, Paris 1992, vergleicht ältere und neuere Mythen-Überlieferungen.

⁵⁵ BAUDRY, Einleitung zum Faks. (Anm. 43), S. 50f.; zum Charakter und zu den Ordnungsmustern solcher Sammlungen Peter J. BRÄUNLEIN, »Theatrum Mundi. Zur Geschichte des Sammelns im Zeitalter der Entdeckungen«, in: *Focus Behaim Globus. Tl. 1: Aufsätze* (Ausstellungskataloge des Germanischen Nationalmuseums), Nürnberg 1992: 355-376.

⁵⁶ LESTRINGANT, Einleitung zur Ausg. (Anm. 43), 21-28.

tischen Frankreich in den Rang einer Wissenschaft. Doch eben dadurch vermehren sich auch ihre Ambivalenzen. Hérets Arbeit, die vor allem darin bestand, Plinius und Polydor Vergil auszuschlachten, verleiht dem Text eine eigentümliche Zwitterstellung zwischen »traite d'éthnographie américaine« und »manuel d'archéologie européenne«⁵⁷ und führt zu einem Nebeneinander von Aussagen, die die Neuheit und Besonderheit der überseeischen Welt betonen, und solchen, die sie im Kulturvergleich relativieren.

Als Wunderkammer, als Kuriositätenkabinett, das die Welt einfängt, muß das enzyklopädische Unternehmen auf das Singuläre setzen, muß es sich aber auch, gebunden an die eigenen Prinzipien, immer wieder der Konkurrenz des Ähnlichen und Vergleichbaren aussetzen. Überdies muß es tendenziell infiniten Charakter annehmen. So wie der Sammler des Wunderbaren nie zum Ende kommt, so kommt der Kosmograph, der die Welt zugleich en gros und en détail erfassen will, nie an ein Ziel. Thevet integriert seinen Brasilienbericht in überarbeiteter und ergänzter Form in seine *Cosmographie universelle* (1575) und hinterläßt bei seinem Tod (1592) Manuskripte, welche die Beschreibung erneut erweitern oder in einem monumentalen Kartenwerk fortsetzen.⁵⁸

Die Vereinzelnung des kulturell Bedeutsamen, die sich hier vollzieht, berührt sich mit manchem Reisebericht, der vor allem das Sensationsträchtige ins Zentrum stellt. Doch sie entbehrt der narrativen Kohärenz, die der Reisebericht auf der Basis teilnehmender Beobachtung, sei diese auch fingiert, herstellt, findet andererseits nicht zu einer systematischen Kohärenz, die sich aus der Durchdringung und nicht nur Sammlung des Materials ergäbe. Die *Singularités* stehen vor dem Horizont enzyklopädischer Werke, die Mensch und Natur klassifizieren und in diesen Jahren, gerade im französischsprachigen Raum, wie Pilze aus dem Boden schießen. Doch sie machen keinen Versuch, sich in diesen Horizont einzureihen: Sie verwenden Praktiken, die auch der zeitgenössischen Naturgeschichte vertraut sind, insofern diese nach wie vor inhomogene Klassifikationssysteme einsetzt, das Paradigma der Grammatik, der *loci communes* hochhält und Rationalität nicht selten auf die Abwägung von Autoritätsmeinungen besch-

⁵⁷ Ebd., 27.

⁵⁸ (Teil-)Ausgabe: *Les Français en Amérique pendant la deuxième moitié du XVI^e siècle. Le Brésil et les Brésiliens par André Thevet*. Choix de textes et notes par Suzanne LUSSAGNET (Pay d'Outre-mer. Deuxième série. Les classiques de la colonisation 2), Paris 1953.

ränkt.⁵⁹ Doch mit dem Verzicht auf den Versuch sachlicher Ordnung gehen sie ihren eigenen Weg – was die Enzyklopädisten nicht daran gehindert hat, Material aus dem Werk in die Naturgeschichte aufzunehmen. Das in Patagonien situierte Tier Su, eine *bête fort ravissante, faite d'une façon fort étrange* (cap. 56; Abb. 3) brachte es als das *allerscheußlichste* Tier bis auf das Titelblatt von Conrad Gesners *Thierbuch* (1568, f. CXLVIII).

Thevet blieb jedoch nicht unangefochten. Er wurde von Héret, der sich als eigentlicher Autor der *Singularités* ansah, in einen Prozeß verwickelt und mußte fast sein ganzes Honorar abgeben. Und er wurde aufs schärfste angegriffen von einem anderen Brasilienreisenden, der den früheren Franziskaner in religiösen Dingen für einen Windbeutel hielt, in darstellerischen für unfähig, Sachverhalte *par ordre* abzuhandeln, in grundsätzlichen für einen Verräter am Prinzip des wahrheitsgetreuen, auf Augenschein basierenden Berichts. Jean de Léry, der Calvinist, von dem diese Kritik stammt, hielt sich ein Jahr nach Thevet in Brasilien auf, konnte aber aufgrund widriger Umstände seinen nach der Rückkehr abgefaßten Reisebericht zunächst nicht publizieren. Das Erscheinen der *Cosmographie universelle* (1575) wird ihm zum Anlaß, nunmehr seine eigene *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil* (1578) vorzulegen.⁶⁰

Histoire anstelle von *Cosmographie* oder von *Singularités* – schon der Titel zeigt die Differenz zwischen den Werken. Gleichwohl ist dasjenige Lérys kaum ohne diejenigen Thevets denkbar. Trotz aller Polemik stützt sich Léry allenthalben auf den Vorgänger und war er seinerseits, wie die ständigen Erweiterungen der *Histoire* von Auflage zu Auflage zeigen, gegen das additive Prinzip nicht gefeit. Doch seine Bemühung ist es, die Materialsammlung Thevets in eine narrative und systematische Ordnung zu bringen. Das Ergebnis ähnelt der *Historia* Hans

⁵⁹ Vgl. Udo FRIEDRICH, *Naturgeschichte zwischen artes liberales und frühneuzeitlicher Wissenschaft. Conrad Gesners »Historia animalium« und ihre volkssprachige Rezeption* (Frühe Neuzeit 21), Tübingen 1995.

⁶⁰ Jean de LÉRY, *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil (1578)*. Texte établi, présenté et annoté par Frank LESTRINGANT, Paris 1994 (Seitenzahlen beziehen sich auf diese Ausgabe); teilweise verändert ist die deutsche Übersetzung: Jean de LÉRY, *Unter Menschenfressern am Amazonas. Brasilianisches Tagebuch 1556-1558*, Tübingen 1967; eine informative und anregende Einführung bietet ders., *Jean de Léry ou l'invention du sauvage. Essai sur l'»Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil«* (Collection Unichamp 84), Paris 1999; wichtig auch die Beiträge in: *D'encre de Brésil. Jean de Léry écrivain*, hg. von Marie-Christine Gomez-Géraud et Frank Lestringant, Orléans 1999.

Stadens, die Léry Anfang der neunziger Jahre durch Vermittlung des Basler Humanisten Felix Platter kennenlernt. In die vierte Auflage der *Histoire* (1599) fügt er einen Passus ein, der die erstaunliche Übereinstimmung zwischen Stadens Angaben und den eigenen Beobachtungen vermerkt: *nous avons si bien rencontré en la description des Sauvages Bresiliens [...], qu'on diroit que nous avons communiqué ensemble avant que faire nos narrations*. Stadens Buch, so Léry, verdiene es, gelesen zu werden von allen, welche die *contumes et façons de faire* der Indianer, der *Sauvages Bresilien*, kennenlernen wollen (S. 545).

In der Tat sind die Parallelen beachtlich, gerade weil die Konstellationen sich unterscheiden. Léry kam nicht wie Staden ungewollt nach Brasilien. Er machte sich auf den Weg zum Ganabara im Gefolge einer Gruppe reformatorisch gesonnener Geistlicher, die im Auftrag Villegagnons die theologische Fundierung der zunächst vor allem aus Kriminellen bestehenden französischen Kolonie vorantreiben sollte. Seine Motivation bezeichnet er selbst als doppelte: gewillt, dem Ruhm Gottes zu dienen, war er zugleich *curieux de voir ce monde nouveau* (S. 112). Seine *curiositas* fand ihr besonderes Objekt, als er, nachdem er sich mit Villegagnon überworfen hatte, einige Monate abseits des französischen Inselforts in engem Kontakt mit der indianischen Kultur verbrachte (November 1557 bis Januar 1558). Was für Staden die Gefangenschaft, wurde für Léry der Rückzug aufs brasilianische Festland. Er bot die Möglichkeit, das Fremde aus der Nähe zu betrachten, es zum Gegenstand des Textes zu machen.

Auch in Lérys Bericht ist die Differenz zwischen den rahmenbildenden historiographischen Partien (Überfahrt, Konflikte mit Villegagnon, Abenteuer der Rückkehr) und dem zentralen ethnographischen Hauptteil deutlich markiert. »Ich möchte«, leitet Léry den Hauptteil ein, »mit dem Wichtigsten beginnen und dann systematisch fortfahren.«⁶¹ Systematisch meint auch hier keine streng klassifikatorische Ordnung, wohl aber ein klares Bewußtsein für die Notwendigkeit der Strukturierung: *deduisant les choses par ordre* (cap. 9, S. 237). Beständig verweist Léry voraus und zurück, thematisiert er die gewählte Abfolge und begründet er, warum etwas an dieser und nicht jener Stelle berichtet wird. Die thematische Anordnung orientiert sich im groben wie bei Staden am Unterschied von materieller und immaterieller Kultur. Léry beginnt mit der äußeren Erscheinung der Tupinamba und ordnet ihr jene Elemente der Lebenswelt zu, die der körperli-

⁶¹ *Histoire*, cap. 8, 210E. *commençant par le principal, je poursuiue par ordre* (deutsche Ausgabe, 167).

chen Zierde dienen. Darauf präsentiert er die Fauna (»tierische Vierfüßler, Vögel, Fische, Reptilien und sonstige Lebewesen, die Bewegung und Gefühl haben«), sodann die Flora (»Bäume, Sträucher, Pflanzen, Früchte, Wurzeln«) und schließlich Gebräuche, Riten und Regeln.

Die Tiere klassifiziert Léry in traditioneller Weise: einerseits, gemäß der Zuordnung zu den verschiedenen Elementen, danach, ob sie auf der Erde, in der Luft oder im Wasser leben, andererseits, gemäß der Schöpfungsgeschichte, im Hinblick auf den Tag, an dem sie erschaffen wurden; deshalb erscheinen die vierfüßigen Säugetiere im 10. Kapitel neben den Reptilien. Doch zentrales Anliegen ist nicht die Totalerfassung der fremden Welt, sondern die Beziehung zwischen Menschen und Umwelt. Was von den einzelnen Tieren oder Pflanzen gesagt wird, bezieht sich meist auf Ernährung und Verwertung. Bei den Vögeln nennt Léry zwar Belons Standardwerk, die *Histoire de la nature des oyseaux* (1555), geht aber in Beschreibung und Zusammenstellung eigene Wege. Bei den Landtieren ordnet er zwar wie andere Autoren von Tierbüchern nach der Größe, doch entscheidendes Kriterium der Beurteilung bleibt der Geschmack.⁶²

Léry bezeugt damit nicht nur, daß auch die Abhandlung *par ordre* mit keinem einheitlichen Klassifikationssystem auskommt. Er lenkt zugleich durch die Art, wie er die Systeme kombiniert und durchbricht, das Augenmerk auf die *experientia*, die für ihn mindestens so große Bedeutung besitzt wie für Staden. Léry präsentiert sich als teilnehmender Beobachter, neugierig auf Menschen und Tiere, bereit, sich auf riskante Situationen einzulassen, gewillt, das Erfahrungswissen dem Traditionswissen überzuordnen. Die französische Übersetzung von Oviedos *Historia general y natural de las Indias* dient ihm zwar als Bezugspunkt, um die Tupinamba mit anderen Völkern Südamerikas zu vergleichen, zugleich aber als Folie, vor deren Hintergrund sich die eigenen Beobachtungen profilieren lassen.

So wie Léry die Differenz zwischen Tradition und Erfahrung reflektiert, so auch das Problem, das Unbekannte mit den Mitteln des Bekannten zu repräsentieren. Staden ließ nur implizit, zum Beispiel durch die detailreiche Holzschnittserie, erkennen, daß eine genauere Beschreibung der Neuen Welt neue Formen der Wiedergabe erforderte. Léry macht eben dies explizit. Er hält die Abbildung für ein genaueres Mittel als das Wort, um die brasilianische Welt zu

⁶² vgl. LESTRINGANT, *Léry ou l'invention* (Anm. 60), S. 74-78; zu den Klassifikationssystemen in den Tierbüchern der Zeit Laurent PINON, *Livres de Zoologie de la Renaissance. Une anthologie (1450-1700)*, Paris 1995.

veranschaulichen, betont aber, wie unzureichend auch sie bleiben muß: »Um wirklich Freude an« den Tupinamba »zu haben, muß man sie schon in ihrem Lande aufsuchen.«⁶³ Unwiderruflich wird bewußt, daß der Text nur ein System zweiter Ordnung darstellen, die Schrift nur Spur einer verlorenen Unmittelbarkeit sein kann. Léry kennzeichnet die eigene Beschreibung als theatralische Inszenierung dessen, was in seinem Lebenszusammenhang zu begreifen wäre:

»Will man sich nach dieser Beschreibung ein Bild machen und sich einen Wilden vorstellen, so denke man sich einen nackten, gutgewachsenen Mann, der sich sämtliche Haare, die an seinem Körper wachsen, ausgezupft hat. Sein Kopfhaar ist mit der bereits beschriebenen Tonsur ausgestattet. Die Lippen und die Backen sind aufgeschlitzt und mit spitzen Knochen oder grünen Steinen verziert. Die Ohren sind durchbohrt und in den Löchern tragen sie Gehänge. Der Körper ist mit grellen Farben beschmiert. [...] Um das Bild zu vervollständigen, haben wir neben dem Tupinamba eine seiner Frauen dargestellt, die – dem dortigen Brauch entsprechend – ihr Kind in einer Baumwollbinde trägt. [...] Um ein anderes Bild des Eingeborenen zu bekommen, entkleide man ihn von dem vorstehend erwähnten Flitterkram. Reibt man ihn dann mit klebrigem Gummi ein und bedeckt den ganzen Körper, die Arme und Beine mit kleinen und klein gehackten Federn, die wie rotgefärbte Seidenabfälle aussehen, so wirkt das so, als sei er mit einem künstlichen Flaumbart überzogen.«⁶⁴

⁶³ *Histoire* (Anm. 60), cap. 8, S. 233f.: *combien que durant environ un an, que j'ay demeuré en ce pays-là, je aye esté si curieux de contempler les grands et les petits, que m'estans aduis que je les voye toujours devant mes yeux, j'en auray, a jamais l'idée et l'image en mon entendement: si est-ce neantmoins, qu'a cause de leurs gestes et contenance du tout dissemblables des nostres, je confesse qu'il est malaisé de les bien représenter, ni par escrit, ni mesme par peinture. Par quoy pour en avoir le plaisir, il les faut voir et visiter en leur pays* (deutsche Ausgabe, S. 184).

⁶⁴ *Histoire*, cap. 8, S. 226f.: *si maintenant en premier lieu, suyvant ceste description, vous vous voulez représenter un Sauvage, imaginez en vostre entendement un homme nud, bien formé et proportionné de ses membres, ayant tout le poil qui croist sur luy arraché, les cheveux tondus, de la façon que j'ay dit, les lèvres et joues fendues, et des os pointus, ou des pierres vertes comme enchassées en icelles, les oreilles percées avec des pendans dans les trous, le corps peinturé [...] pour remplir ceste planche, nous avons mis auprès de ce Toïonpinambaoult l'une de ces femmes, laquelle suyvant leur costume, tenant son enfant dans une escharpe de coton [...]. Pour la seconde contemplation d'un sauvage, luy ayant osté toutes les susdites fanfarses de dessus, apres l'avoir frotté de gomme glutineuse, couvrez luy tout le corps, les bras et les jambes de petites plumes hachées menues, comme de la bourre teinte en rouge, et lors estant ainsi artificiellement velu de ce poil solet, vous pouvez penser s'il sera beau fils* (deutsche Ausgabe, S. 178f.); LESTRINGANT, *Léry ou l'invention* (Anm. 60), S. 97f.

Das Tableau, genauer die Serie von vier Tableaus, die den Indianer wie eine Puppe oder eine Figur im anatomischen Theater be- und entkleidet,⁶⁵ führt die Macht des Autors vor, die Indianer den europäischen Lesern nahezubringen. Sie reflektiert aber auch den in der Vergegenwärtigung liegenden Verlust an Gegenwärtigkeit. Léry gibt sich zwar überzeugt von der Überlegenheit der Schrift als eines wahren Gottesgeschenks. Seine eigene Schrift aber ist gezeichnet von der Sehnsucht nach dem, was in der Repräsentation nurmehr wie ein blasser Schatten wirkt, nurmehr eine Ahnung vermittelt.⁶⁶ Es ist die Sehnsucht nach einer verlorenen Präsenz – verloren im allgemeinen mit dem Gang der abendländischen Geschichte, im besonderen mit der (ungewollten) Rückkehr des Calvinisten nach Europa. Léry schreibt mit *ancré de Bresil*, einer rötlichen, aus dem Brasilholz gewonnenen Tinte (Preface, S. 61), und gibt mehrfach zu erkennen, wie groß die Versuchung war, sich an die brasilianische Welt zu verlieren. Als er in Frankreich den Geruch von Weizenstärke riecht, fühlt er sich sofort »in die Hütten der Wilden zurückversetzt.«⁶⁷ Von einem rituellen Gesang, den er miterlebt hat, bemerkt er: »immer wenn ich daran zurückdenke, krampft sich mein Herz zusammen, und ich glaube, noch ihre Stimmen zu hören.«⁶⁸ Gegen Ende des Textes fällt die berühmte Wendung: *Je regrette souvent que je ne suis parmi les sauvages* (cap. 21, S. 508).

Léry unternimmt alles, um seinen Lesern einen sinnlichen Eindruck von dem zu vermitteln, was er erlebt hat.⁶⁹ Er betont Geruch und Geschmack, beschreibt Gesten, transkribiert den Refrain eines Liedes (*Heu, heuàire, heïra, heïraïire*,

⁶⁵ Vgl. Andreas VESALIUS, *De humani corporis fabrica libri septem*, Basel 1543, Buch 2; *The Illustrations from the Works of Andreas Vesalius of Brussels* [...] by J. B. deC. M. SAUNDERS and Charles D. O'MALLEY, New York 1950, Neuausg. 1973, Taf. 24-37; s. auch Thomas HETTCHE, *Animationen*, Köln 1999, S. 86-89 (Abb.); eine entsprechende Bilderserie des bis aufs Skelett »entkleideten« menschenfressenden Indianers ist abgebildet bei Lestringant, *L'expérience huguenotte* (Anm. 33), S. 196f.

⁶⁶ Michel de Certeau, *Das Schreiben der Geschichte* [frz. 1975] (Historische Studien 4), Frankfurt, New York, Paris 1991, S. 137-171.

⁶⁷ *Histoire* (Anm. 60), cap. 9, S. 238 (deutsche Ausgabe, S. 188): *m'estant trouvé en un lieu où on en [Mehl aus Stärke] faisoit, ce flair me fit ressouvenir de l'odeur qu'on sent ordinairement és maison des sauvages, quand on y fait de la farine de racine.*

⁶⁸ *Histoire*, cap. 16, S. 403: *j'en demeuray tout ravi: mais aussi toutes les fois qu'il m'en ressouvient, le coeur m'en tressaillant, il me semble que je les aye encor aux oreilles* (deutsche Ausgabe, S. 288).

⁶⁹ LESTRINGANT, *Léry ou l'invention* (Anm. 60), S. 153-156.

beïra, beïra, oueh; cap. 16, S. 403) und gibt in der dritten Auflage (1585) sogar Noten bei, um den Klang der verlorenen Welt hörbar zu machen (S. 610f.). All dies ist selbstverständlich auch Strategie. Die Alterität, die zu entfalten Léry sich ebenso bemüht wie Staden, macht den Autor zur Autorität, profiliert ihn als einen, der nicht nur in der Schrift, sondern in eigener Person die Erinnerung an die Neue Welt verkörpert. Sie dient aber auch der Profilierung eines Gegenbildes zur politischen und theologischen Zerrüttung des Abendlands.

Die Vorstellung vom guten Wilden, ambivalent noch, aber immerhin sich ankündigend, schließt zwar Kritik ein an der Gottferne der Indianer, an ihrer Distanz zum christlichen Glauben.⁷⁰ Doch sie gewinnt aus eben dieser Situation die Utopie jenes wahren, natürlichen, paradiesischen Christentums, von dem sich der Calvinist Léry, hin- und hergeworfen von den Wirren der Religionskriege, in der eigenen Umgebung weit entfernt sieht. Nicht eigentlich geht es um die Heilfähigkeit der Indianer. Schwankend, ob er die Tupinamba als Vertreter einer archaischen und durch die Zeit verzerrten Religiosität (*prisca theologia*) einstufen soll, sieht Léry letztlich in ihnen doch, gemäß der calvinistischen Doktrin der doppelten Prädestination, eine gefallene und der Verdammung anheimgegebene Menschheit.⁷¹ Doch eine Menschheit, die ihm selbst die Augen öffnet für den Zustand, den sich die eigene Sehnsucht erträumt. Staden konnte, der Gefangenschaft entkommen, den Text zur Danksagung an den helfenden Gott machen. Léry, gedanklich noch in der fremden Kultur gefangen, kann den Text nur als Aufbewahrung einer Hoffnung inszenieren, für die es in der eigenen Welt keinen Ort gibt.

Das heißt nicht, der Calvinist würde sich schlichtweg aus einem ungeliebten Hier und Jetzt in ein fern-urzeitliches Traumland, einen Raum ungetrübter Natürlichkeit fortdenken. Er setzt mit seinem Text auch, was die Präzision der Beschreibung angeht, neue Maßstäbe im Rahmen des zeitgenössischen Brasilien Diskurses und erhebt einen nicht zu geringen Anspruch auf wissenschaftliche Authentizität. Thevet wird auf diesen Anspruch seinerseits reagieren – mit Ironie (er rückt einige Szenen aus der *Histoire* in die Nähe des »Pantagruelischen«) und mit Invention (er behauptet, schon 1550-53 eine Reise nach Brasilien unter-

⁷⁰ Karl-Heinz KOHL, *Entzauberter Blick. Das Bild vom guten Wilden und die Erfahrung der Zivilisation* (suhrkamp taschenbuch 1272), Frankfurt/M. 1986; Franz STEINKOHL, *Die gottlosen guten Wilden. Das Bild der »sauvages« in Jean de Lérys »Histoire d'un voyage fait en la terre du Bresila« (1611)*, Rheinfelden, Berlin 1996.

⁷¹ Lestringant, *Léry ou l'invention* (Anm. 60), S. 109.

nommen zu haben, und versucht damit, die Augenzeugenschaft des Gegners zu überbieten). Erfahrung, das zeigt sich hier, ist in den Reiseberichten nie eine unschuldige Basis des Urteils, sondern stets auch Argument in einem Diskurszusammenhang. Dementsprechend ist Lérys Repräsentation der fremden Kultur von der Positionierung des eigenen Ichs und der Profilierung des Gegners nicht zu trennen.

Aus der Perspektive des frühen 21. Jahrhunderts erscheint die *Histoire* zweifellos als modernster der drei Texte. Neugierig und zugleich melancholisch in der Grundhaltung, parteiisch und zugleich reflektierend wie repräsentationskritisch im Umgang mit dem Fremden scheint sie an jene Diskussion um das schreibende Erzeugen von Kultur (»writing culture«) anschließbar, die in der Postkolonialismusdebatte einen Höhepunkt erreicht hat.⁷² Doch ist sie nicht mehr und nicht weniger charakteristisch für die frühneuzeitlichen Diskursgeflechte als die zwar erlebnisgesättigte, aber schlichter zugeschnittene *Historia* Stadens und die monumentalen, aber chaotischen *Singularités* Thevets. In jedem der Texte koexistieren alte und neue Wissensformationen, vermischen sich rhetorische Strategien und mimetische Praktiken, treffen Erfahrung und Tradition, Diskontinuität und Kontinuität aufeinander. Auch im 17. Jahrhundert, in dem man darangeht, die brasilianische Flora und Fauna umfassend zu katalogisieren, ist dieses Nebeneinander noch nicht verschwunden. In der *Historia naturalis Brasiliae* (Leiden, Amsterdam 1648) bietet der erste, von Willem Piso stammende Teil eine Übersicht über die Pflanzen, die sich im Sinne der älteren Herbarien vor allem auf deren Heilkraft konzentriert. Der zweite, von Georg Markgraf stammende schlägt mit seinen Querschnitten und seinen Klassifikationen gemäß strukturellen Merk-

⁷² Clifford GEERTZ, *The Interpretation of Culture. Selected Essays*, New York 1973 (dt. teilweise in: *Dichte Beschreibung. Beiträge zum Verstehen kultureller Systeme*, Frankfurt/M. 1983 u. ö.); *Writing Culture. The Poetics and Politics of Ethnography*, hg. von James CLIFFORD, George E. MARCUS, BERKELEY 1986; *Kultur, soziale Praxis, Text. Die Krise der ethnographischen Repräsentation*, hg. von Eberhard BERG und Martin FUCHS (suhrkamp taschenbuch wissenschaft 1051), Frankfurt/M. 1993; Volker GOTTOWIK, *Konstruktionen des Anderen. Clifford Geertz und die Krise der ethnographischen Repräsentation*, Berlin 1997; Lutz ELLRICH, *Verschiebene Fremdheit. Die Ethnographie kultureller Brüche bei Clifford Geertz und Stephen Greenblatt* (Campus Forschung 784), Frankfurt, New York 1999; *Ränder der Moderne. Repräsentation und Alterität im (post)kolonialen Diskurs*, hg. von Robert WEIMANN unter Mitarbeit von Sabine ZIMMERMANN (suhrkamp taschenbuch wissenschaft 1311), Frankfurt/M. 1997.

malen den Weg ein, den auch die »modernen« Naturwissenschaften nehmen werden.⁷³

Die drei behandelten Autoren neigen mehr zum ersten als zum zweiten Verfahren. Von der methodischen Ausdifferenzierung der »Naturgeschichte« sind sie noch entfernt. Gleichwohl sind ihre Ansätze nicht zu unterschätzen. Jeder von ihnen, der einfache Büchenschütze, der gelehrte Kosmograph, der reformeifrige Calvinist, hat an einer Bewegung teil, die im Begriff ist, den Umgang mit der Neuen Welt zu verändern. Erst jetzt, fünfzig Jahre nach Columbus und Vespucci, wird Amerika dauerhaft zu einem Gegenstand der Forschung, zu einem Terrain, das nicht mehr allein Gewinn verschiedener Art verspricht, sondern auch die Produktion komplexerer Sinngeschichten erlaubt.

Es ist kein Zufall, daß bei dieser Öffnung für das Neue die brasilianischen Küstenregionen zunächst eine solche Rolle spielen. In ihnen finden die Reisenden einen Raum, an dem sie wie in einem Laboratorium den Prozeß der Genese von Kultur zu beobachten meinen. Sie finden diesen Raum und erfinden ihn zugleich in ihren Texten.⁷⁴ Sie entwerfen Brasilien als gleichermaßen existierende und utopische Welt, fremd, aber zugänglich, unzivilisiert, aber ursprünglich, irritierend, aber anschlussfähig. Eine Welt, in der beides möglich scheint: sich dem Fremden auszuliefern und es zu kontrollieren. Eine Welt, die die Neugierde des exterritorialisierten Europäers nährt und zugleich die *theoria*, die reflektierende Betrachtung, stimuliert. Die Texte der Zeit kurz nach 1550, schwankend zwischen Ereignis und System, zwischen Reisebericht, Landesbeschreibung und Kuriositätenkabinett, stellen allesamt Versuchsarrangements dar für die Repräsentation des Fremden, Entwürfe von Möglichkeiten, der anderen Welt einen Ort zu verschaffen im abendländischen Denken. So rudimentär die jeweiligen Ordnungsversuche sein mögen, lassen sie doch als neue Aufgabe erkennen, das Fremde als System eigener Ordnung zu begreifen.

⁷³ Vgl. *The Age of the Marvellous*, ed. by Joy KENSETH, Hanover, New Hampshire 1991, S. 341, Nr. 118.

⁷⁴ Edmundo O'GORMAN, *The Invention of America. An Inquiry into the Historical Nature of the New World and the Meaning of History*, Bloomington 1961; Girolamo IMBRUGLIA, *L'invenzione del Paraguay. Studio sull'idea di comunità tra Seicento e Settecento*, Neapel 1983; José RABASA, *Inventing America. Spanish Historiography and the Formation of Eurocentrism*, Norman and London 1993.

Abbildungen:

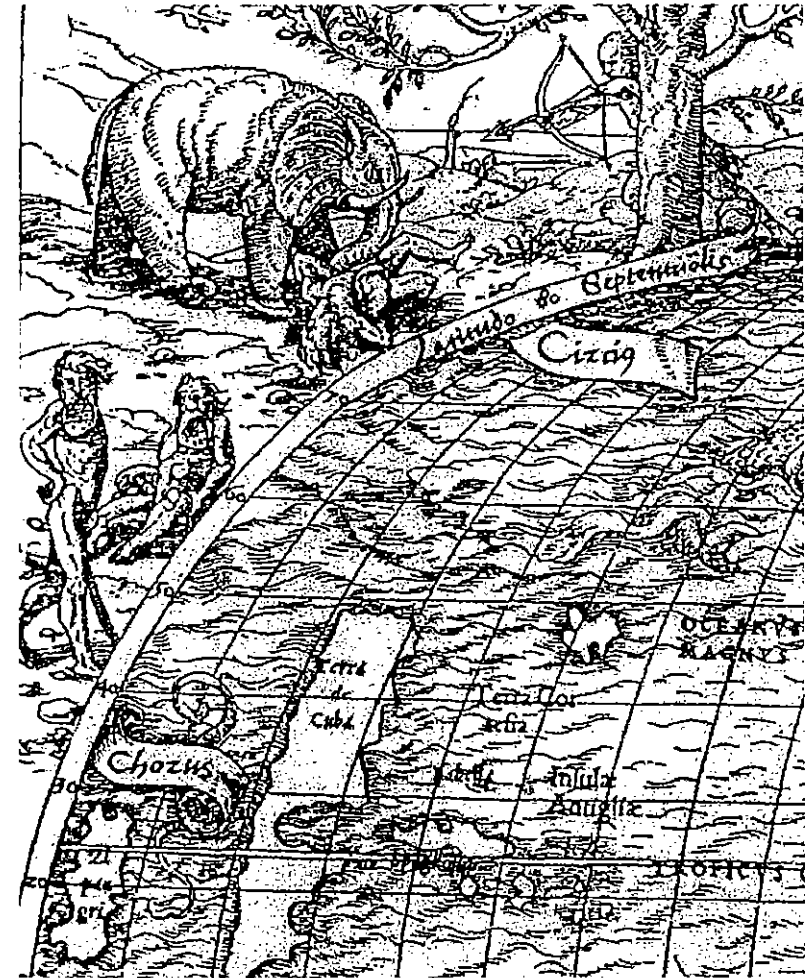


Abb. 1 – Novvs orbis regionvm ac insvlarvm veteribus incognitarvm, Basel 1532.
(Karte von Hans Holbein d. J.).

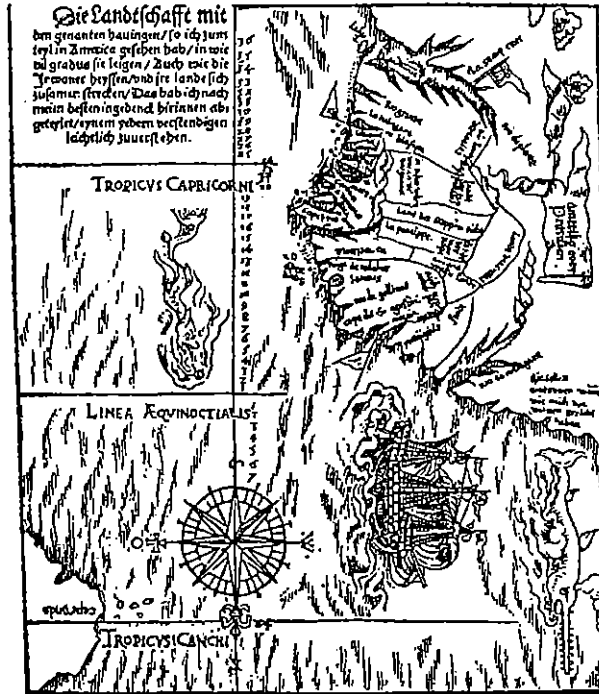


Abb. 2 – Hans Staden, Wahrhaftige Historia, Marburg 1557.



Abb. 3 – André Thevet, Les singularités de la France antartique, Paris 1557/1558.

Conceito de amor: comparação entre estudantes brasileiros e alemães

Ulrike Schröder*

Abstract: This article makes a comparative study of the views on “love” of Brazilian and German students. It turned out that the Love affairs between German students were strongly determined by the romantic ideal of love, whereas Brazilian students have a more passionate ideal of love.

Keywords: communication; constructivism; love; behaviour; comparative study.

Zusammenfassung: Das Phänomen *Liebe* nicht – wie im Alltagsgebrauch – als substantielle Entität, sondern als kommunikativ erzeugte Lebenswirklichkeit zu begreifen, ist Ziel der Untersuchung gewesen. Zu diesem Zweck wurde eine vergleichende Fallstudie zum Liebeskonzept brasilianischer und deutscher Studenten durchgeführt. Theoretische Grundlage der Untersuchung bildete ein im weitesten Sinne konstruktivistisches Verständnis von Kommunikation als wirklichkeitserzeugendem Verhaltensbereich. In einer theoretischen Einführung wurde der Wirklichkeitsbereich *Liebe* unter Einbeziehung des jeweiligen historisch-kulturellen Hintergrundes fokussiert. Die methodische Vorgehensweise bei der Durchführung der Studie war schließlich überwiegend qualitativ angelegt, um das für den Einzelnen tatsächlich relevante Begriffsinventar ermitteln zu können. In der Auswertung sind dann die Unterschiede im Hinblick auf die Internalisierung eines Liebesideals, die Strukturen der Beziehungswirklichkeit, ihre sprachliche Handhabung, die Verhaltenskoordination, die Funktion von Beziehungen sowie die Folgen für die Kommunikationspraxis herausgestellt worden. Es zeigte sich, dass Liebesbeziehungen unter deutschen Studenten stark vom romantischen Liebesideal geprägt sind, unter brasilianischen Studenten dagegen am ehesten dem passionierten Liebesideal entsprechen.

* Doutora em Sociologia pela Universität Bielefeld.

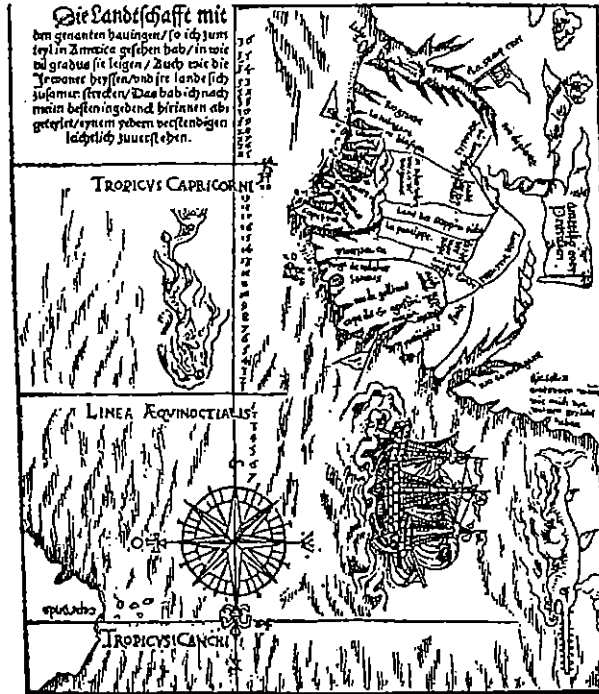


Abb. 2 – Hans Staden, Wahrhaftige Historia, Marburg 1557.



Abb. 3 – André Thevet, Les singularités de la France antartique, Paris 1557/1558.

Conceito de amor: comparação entre estudantes brasileiros e alemães

Ulrike Schröder*

Abstract: This article makes a comparative study of the views on “love” of Brazilian and German students. It turned out that the Love affairs between German students were strongly determined by the romantic ideal of love, whereas Brazilian students have a more passionate ideal of love.

Keywords: communication; constructivism; love; behaviour; comparative study.

Zusammenfassung: Das Phänomen *Liebe* nicht – wie im Alltagsgebrauch – als substantielle Entität, sondern als kommunikativ erzeugte Lebenswirklichkeit zu begreifen, ist Ziel der Untersuchung gewesen. Zu diesem Zweck wurde eine vergleichende Fallstudie zum Liebeskonzept brasilianischer und deutscher Studenten durchgeführt. Theoretische Grundlage der Untersuchung bildete ein im weitesten Sinne konstruktivistisches Verständnis von Kommunikation als wirklichkeitserzeugendem Verhaltensbereich. In einer theoretischen Einführung wurde der Wirklichkeitsbereich *Liebe* unter Einbeziehung des jeweiligen historisch-kulturellen Hintergrundes fokussiert. Die methodische Vorgehensweise bei der Durchführung der Studie war schließlich überwiegend qualitativ angelegt, um das für den Einzelnen tatsächlich relevante Begriffsinventar ermitteln zu können. In der Auswertung sind dann die Unterschiede im Hinblick auf die Internalisierung eines Liebesideals, die Strukturen der Beziehungswirklichkeit, ihre sprachliche Handhabung, die Verhaltenskoordination, die Funktion von Beziehungen sowie die Folgen für die Kommunikationspraxis herausgestellt worden. Es zeigte sich, dass Liebesbeziehungen unter deutschen Studenten stark vom romantischen Liebesideal geprägt sind, unter brasilianischen Studenten dagegen am ehesten dem passionierten Liebesideal entsprechen.

* Doutora em Sociologia pela Universität Bielefeld.

Stichwörter: Kommunikation; Konstruktivismus; Liebe; Verhalten; Linguistik; Vergleichende Studie

Palavras-chave: comunicação; construtivismo; amor; comportamento; lingüística; estudo comparativo.

I. Introdução

O complexo do assunto “amor” está onipresente na sociedade desde a cultura do dia a dia à formação subjetiva de nossa existência. Ele pode ser encontrado nas variadas formas da música popular, nos shows de televisão e telenovelas, nos filmes policiais e melodramas, na lírica como no romance, nas revistas e nos cartazes de publicidade. Temos relações amorosas, casos, vamos a festas, danceterias e viajamos por países estrangeiros em busca de novos contatos sexuais ou mesmo do “amor da nossa vida”; encontramos amigos para discutir os problemas da relação amorosa atual, e juntos partimos em busca de nova aventura amorosa ou de consolo por causa do último amante.

A nossa concepção de amor é substancial em todas essas esferas. Entretanto, não conseguimos, na verdade, defini-lo *concretamente*. Embora tentemos insistentemente *agarrá-lo*, ele nos *escapa das mãos*. Ele nos *devora*, somos *impotentes* perante ele; por outro lado, ele nos *traz* a felicidade, ele é *incalculável*. Enfim, nós o *condenamos*, o *ansiamos*, o *procuramos no outro*, nós nos *rendemos* a ele ou optamos por *virar-lhe as costas*.

Não descrever o amor como uma entidade substancial mas como uma realidade criada por meio da comunicação, foi a meta da presente pesquisa, nas Ciências da Comunicação. Ela desemboca num estudo de campo comparativo do conceito de amor entre estudantes brasileiros e alemães, possibilitando mostrar que a realidade é diferentemente construída em função da cultura.

II. Quadro teórico

O recorte teórico tenta reunir contribuições de outras áreas do conhecimento, necessárias a uma maior aproximação da realidade, num exercício ainda recente da prática da interdisciplinaridade. Todavia, o ponto de vista dominante é o das Ciências da Comunicação.

As Ciências da Comunicação são profundamente autoreferenciais devido ao fato de se dedicarem à explicação do comportamento humano, ou seja, a realidade inteira – incluindo as próprias ciências – é o seu objeto de interesse. Desse modo, elas se movem forçosamente dentro de um círculo como observadoras: ao observar processos de comunicação, elas criam uma teoria da observação, a qual, por sua vez, somente pode ser criada por meio da comunicação; dessa maneira, são submetidas aos mesmos critérios do objeto observado. Teoria e método coincidem. Por causa dessa circularidade, não são capazes de oferecer um sistema fechado; elas têm que ser interdisciplinares, críticas e epistemológicas.

Nesse sentido, o interesse principal das Ciências da Comunicação tem que ser perguntar coisas evidentes e explorar epistemologicamente as condições da realidade, observando o “como” das nossas explicações. O ponto de partida da análise é a compreensão da comunicação como uma área comportamental, criadora de realidade.

Ao desenvolver a pesquisa, a base construtivista adotada demonstra ser uma perspectiva fundamental, cuja vantagem reside em sua pretensão universal: uma vez que tenta descrever a totalidade da realidade de vivência, ela também é autoreferencial. Sendo assim, ela não estabelece critérios universais num esqueleto teórico já constituído. Isso favorece a compreensão estrangeira, a qual poderia ser bloqueada por um instrumental teórico pré-definido. Além disso, a teoria da construção da realidade protege particularmente a perspectiva do investigador de cultura, para quem a própria realidade aparece como uma de um número infinito de possibilidades. Essa consciência cria a distância necessária da própria cultura.

Visando uma melhor compreensão da importância da comunicação para a gênese dos mundos simbólicos, nos quais uma comunidade lingüística e comunicacional existe, são apresentadas, a seguir, as teorias que constituem o quadro teórico deste estudo:

A contribuição da teoria cognitiva: Com a sua teoria dos sistemas vivos, o biólogo chileno Humberto Maturana estabelece uma epistemologia fundamentada biolo-

gicamente na neurofisiologia.¹ Nessa epistemologia da teoria cognitiva, Maturana descreve sistemas vivos como um processo que se autogera.² Com isto, Maturana se afasta da neurofisiologia tradicional, segundo a qual sistemas vivos são sistemas governados pelo meio externo. Em oposição a essa definição, Maturana não pergunta mais pela estrutura do mundo exterior, mas pela estrutura da nossa realidade experimentada. Como decorrência, os objetos do mundo não devem mais ser vistos como imagens dos objetos de conhecimento; mas sim, inversamente, têm que ser vistos como constructos do processo de observação. Desse modo, o homem é definido como um observador que cria o mundo, isto é, constrói seu próprio sistema-interno de um mundo sistema-externo.³

A contribuição da sociologia: Com a sua sociologia do saber, Peter Berger e Thomas Luckmann se colocam, dentro da sociologia, na tradição do programa interpretativo, cuja raiz tem origem na filosofia de Edmund Husserl e na sociologia de Alfred Schütz e George Herbert Mead.⁴ A suposição principal dos primeiros – a realidade social só se torna real por meio de definições recíprocas de situação – foi declarada pela primeira vez pelo sócio-psicólogo americano William Isaac Thomas. No foco de análise dos dois sociólogos está a compreensão do saber como o fundamento da realidade e não o contrário. A realidade em que nós nos movemos cada dia é uma realidade construída, e a sociedade é o local onde essa realidade é produzida. Dessa forma, desenvolvem-se, no decorrer do tempo, numa cultura, objetivações – conhecimentos de como agir e de crenças etc., – que são experimentadas como uma ordem da realidade pré-formulada pela língua:

Auf diese Weise markiert Sprache das Koordinatensystem meines Lebens in der Gesellschaft und füllt sie mit sinnhaltigen Objekten.⁵

¹ Uma descrição fundamental da teoria se encontra em Maturana 1982; ou, também em Maturana/Varela 1987.

² Maturana descreve todos os sistemas vivos como “autopoieticos”. Isto significa que esses sistemas são organizados com base em sua coesão operacional. Eles se autoreproduzem e, desta forma, se delimitam do meio (cf. Maturana 1982: p. 141).

³ Por isso Maturana define percepção como uma operação de distinção de um observador (cf. Maturana 1997: p. 39).

⁴ Os elementos da sociologia do saber desses autores se encontra em Berger/Luckmann 1980.

⁵ Berger/Luckmann 1980: p. 24s. Todas as traduções foram feitas pela autora.

(Desta forma, a língua marca o sistema de coordenadas da minha vida na sociedade e preenche-a com objetos providos de sentido.)

A língua assume a função de integração ao colocar sentido nas coisas, o que resulta do ato de reflexão.⁶ Dessa maneira, todas as coisas que nós experimentamos têm um lugar no mundo simbólico e obtêm um significado.⁷

O aspecto fundamental da teoria da cognição de Maturana e da análise do mundo cotidiano de Berger e Luckmann é a compreensão do comportamento lingüístico como um ato de criação e reprodução da realidade. Dessa forma, ambos se colocam em oposição a uma compreensão técnica da comunicação,⁸ assim como a teorias representacionistas. Para eles, isso implica que cada problema novo já é discutido no quadro de uma minuta da realidade já fixada por noções.

A contribuição da etnologia: O que significa isso para o ponto de vista do etnólogo, interessado em comparar um constructo lingüístico como o “amor” pela perspectiva científico-comunicativa? Envolvendo aspectos teórico-culturais e etnológicos, a etnologia tem que ser vista como um processo de compreensão interpretativa. O semiólogo da cultura Clifford Geertz rompe com conceitos universais da antropologia e propõe uma etnografia fundida no nível empírico.⁹ Segundo o autor, não é possível continuar tratando da cultura como acumulação de fatos isolados. Se queremos compreender o que acontece numa cultura estrangeira, precisamos de uma perspectiva interna, ao invés de observar uma comunidade pela perspectiva externa, que traz noções e categorias pré-definidas. Essa tendência dentro da antropologia já é manifesta no funcionalismo de Malinowski¹⁰ e no estruturalismo de Sapir/Whorf.¹¹ Estes, no entanto, tentam

⁶ cf. Schütz 1993: p. 54.

⁷ cf. Schütz/Luckmann 1984: p. 13ss.

⁸ A teoria da informação se baseia na suposição de estruturas isomórficas do remetente e do destinatário; todavia, segundo Maturana, essa isomorfia não existe entre organismo e meio (cf. Maturana em: Riegas/Vetter 1990: p. 15).

⁹ Cf. Geertz 1995.

¹⁰ Malinowski desenvolve o conceito da “observação participante” como implicação necessária do contexto: o investigador de cultura tem que ser envolvido na cultura observada para compreender essa cultura a partir de uma perspectiva interna (cf. Malinowski 1949).

¹¹ Boas já exige uma observação das culturas estrangeiras com base em conceitos não da nossa comunidade cultural, mas dessas culturas (cf. Boas 1966). A seguir a Boas,

ainda estabelecer uma teoria fechada, enquanto Clifford Geertz considera não haver uma teoria que se possa aplicar a todos os fenômenos culturais; além disso, este autor se concentra numa esfera de cultura que podemos resumir como “common sense”, ou seja, como o saber coletivo do uso da língua dentro de uma realidade cónnita.¹²

III. A distinção na gênese do conceito de amor

Dentro das perspectivas apresentadas, o constructo “amor” pode ser analisado a partir da proposta do sociólogo Niklas Luhmann. Seguindo a linha de compreensão da comunicação como uma esfera comportamental, criadora de realidade, Luhmann propõe uma definição especial do constructo “amor”, segundo a qual, o “amor” poderia ser descrito como um meio de comunicação, generalizado simbolicamente.¹³ Ela se contrapõe à crença de que o amor seja uma emoção que exista independentemente da comunicação do mundo exterior, mostrando que o desenvolvimento dessa idéia de amor apareceu pela primeira vez na Europa, no decorrer da Idade Média, no contexto dos cavaleiros medievais. Sur-

Sapir e Whorf destacam ainda mais o fenômeno da língua, formulando a sua tese do determinismo lingüístico (cf. Sapir 1973 e Whorf 1978). Nos anos setenta, esse discurso desemboca no nascimento da “Ethnography of Communication” que proclama, com referência a uma observação das culturas, uma “emic” em vez de uma “etic approach”. Estas noções foram transmitidas da lingüística (fonética – fonêmica) para a etnologia (cf. Saville-Troike 1989 e Hymes 1979).

¹² Cf. Geertz 1995: p. 25.

¹³ Cf. Luhmann 1996. Uma análise semelhante do conceito de amor e do seu desenvolvimento histórico na Europa também pode ser encontrado em Baumgart 1985. No ensaio sobre o amor, Luhmann integra o fenômeno amor na sua teoria universal. Nesta teoria dos sistemas, Luhmann transfere o conceito de “Autopoiesis” de Maturana para a sociologia: a sociedade é vista como um sistema que diferencia (sub)sistemas como política, economia, direito e ciência etc. Essa diferenciação funcional dos sistemas é resultado do processo histórico. Cada sistema é descrito como um meio de comunicação, generalizado simbolicamente, e opera – para reduzir complexidade – com base num código binário: ter/não ter poder (política); ter/não ter dinheiro (economia); ter/não ter direito (direito), verdadeiro/falso (ciência) etc. (cf. Luhmann 1991, p. 50ss.).

preendentemente, essa idéia continua exercendo grande influência na forma de entender o amor ainda hoje. Segundo ainda essa tendência, o amor diferencia-se, então, em relação ao conjunto da vida real, como uma esfera independente; na qual, são traduzidas em seu próprio código mais e mais vivências, como por exemplo a da amizade, conceito que foi totalmente absorvido por ela. O resultado disso é a constituição de uma realidade de vivência invariável.¹⁴

Na Alemanha, o meio de comunicação “amor” diferencia-se, dessa forma, por meio de uma semântica refinada, cuja progressão acompanha o processo histórico mais ou menos contínuo. Essa diferenciação do meio de comunicação “amor” ocorre paralelamente ao processo de diferenciação funcional de toda a sociedade.¹⁵

Em contraposição, o Brasil é caracterizado pela falta de um conceito corrente. Neste país, o processo civilizador teve início há quinhentos anos, forjando de forma muito heterogênea cada uma das relações – racial, social, histórica, geográfica, religiosa, mental e lingüística.

A fonte dessas referências diferentes de mundo do povo no Brasil e na Alemanha deve ser buscada na formação diferente entre essas duas culturas, aspecto já evidenciado nas obras de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda.¹⁶ Segundo Darcy Ribeiro, pode-se falar do “povo novo”, no caso do Brasil; e, do “povo testemunha”, no caso da Alemanha. Em resumo, essa diferenciação significa que o Brasil é, mais do que qualquer outra cultura no mundo, um país em que o povo se formou na base da miscigenação.¹⁷ Pode-se descobrir contradições advindas de tais influências heterogêneas em quase todas as esferas da vida, quando se observa a história do Brasil: na estrutura da casa grande e senzala;¹⁸ nas proclamações da igreja oficial e sua tradução livre na vida do povo;¹⁹ na confrontação

¹⁴ Cf. Luhmann 1996: p. 51ss.

¹⁵ Esse desenvolvimento paralelo é documentado pormenorizadamente em Elias 1976a e 1976b.

¹⁶ Cf. p. ex. Freyre 1990, 1977, 1971; Buarque de Holanda 1995.

¹⁷ Cf. Ribeiro 1972: p. 9ss.

¹⁸ Cf. Freyre 1990. Essa estrutura da casa grande e senzala deve ser vista como um microcosmos autárquico; cf. D’Incao 1989: p. 60; Buarque de Holanda 1995: p. 82 e Vainfas Em: de Mello e Souza 1997: p. 226ss.

¹⁹ Cf. a isto as documentações de Vainfas 1989: p. 18ss; Zenha Em: Vainfas 1986: p. 141ss; Pinto Venâncio Em: Vainfas 1986: p. 113ss e Briesemeister 1994: p. 381s. Priore p. ex. escreve: “Um olhar curioso para o passado nos revela, no entanto, que

da tradição do pensar europeu com a cultura do povo,²⁰ assim como na colisão da língua falada com a língua escrita.²¹

Darcy Ribeiro explana sobre a experiência distinta de vida dos mamelucos e dos negros, na configuração da ambigüidade brasileira: “Temos aqui duas instâncias. A do ser formado dentro de uma etnia, sempre irredutível por sua própria natureza, que amarga o destino do exilado, do desterrado, forçado a sobreviver no que sabia ser uma comunidade de estranhos, estrangeiro ele a ela, sozinho ele mesmo. A outra, do ser igualmente desgarrado, como cria da terra, que não cabia, porém, nas entidades étnicas aqui constituídas, repellido por elas como um estranho, vivendo à procura de sua identidade. O que se abre para ele é o espaço da ambigüidade. Sabendo-se outro, tem dentro de sua consciência de se fazer de novo, acercando-se dos seus similares outros, compor com eles um nós coletivo viável”.²²

No Brasil, onde a interetnia é muito saliente em comparação com a Alemanha – onde não existem tais influências –, essas culturas diferentes instauram uma ambigüidade no plano da consciência moral, tornando-se um elemento constitutivo do próprio comportamento. As implicações disso podem ser claramente percebidas no uso linguístico. No Brasil, a língua não tem a mesma significação que na Alemanha por não fixar a realidade com a mesma intensidade, por não funcionar tão inequivocadamente como uma ordem da realidade. Avançando nesse sentido, é plausível afirmar que, no Brasil, há mais do que apenas uma minuta da realidade; e, por conseguinte, nenhuma das possíveis minutas dessa realidade é instalada efetiva e verdadeiramente.

estes espaços marcadamente sacros, e aparentemente mudos e imóveis, constituíam-se também em espaços secularizados: pontos da libido e até mesmo arenas de violência. Ao reconstituir a imagem das igrejas setecentistas, estaríamos mais próximos de um mosaico polímorfo e sonoro do que de um quadro homogêneo e sonolento.” (Priore Em: Vainfas 1986: p. 89).

²⁰ Cf. a isto Werz 1991: p. 222ss. Assim, D’Incao descreve o confronto com o ideal do amor romântico da Europa da seguinte maneira: “O amor parece ser uma epidemia que contagia as pessoas, as quais, uma vez contaminadas, passam a suspirar e a sofrer no desempenho do papel de apaixonados. Tudo isso em silêncio, sem ação, senão as permitidas pela nobreza desse sentimento novo: suspirar, pensar, escrever e sofrer. Ama-se, então, um conjunto de idéias sobre o amor.” (D’Incao 1989: p. 66).

²¹ Cf. a isto Franzke Em: Briesemeister 1994: p. 435s.

²² Cf. Ribeiro 1995: p.132.

Além dessa idéia de ambigüidade como constitutiva do comportamento do brasileiro, acrescenta-se a falta de caráter (no sentido da identidade) a que se refere Mário de Andrade. Ele afirma o seguinte: “É com a palavra caráter não determino apenas uma realidade moral, mas, em vez disso, entendo a entidade psíquica permanente, se manifestando por tudo, nos costumes, na ação exterior, no sentimento, na língua, na História, na postura, tanto no bem como no mal. O brasileiro não tem caráter porque não possui nem civilização própria nem consciência tradicional.”²³

Dessa forma, sua própria constituição histórica determina e contribui para que o brasileiro tenha dificuldades em refletir com mais profundidade sobre a sua própria realidade e discernir sobre a realidade que o cerca, uma vez que está imerso em estereótipos de toda a espécie. Ao analisar a geração desses estereótipos em todas as épocas desenvolvidas sobre o Brasil, Dante Moreira Leite escreve com referência ao romantismo: “Esse esquema será indefinidamente, acentuando-se a grandeza da natureza tropical, a primavera eterna, a variedade de flores, a grandeza de rios e montanhas; quanto aos países de clima temperado, acentua-se o frio, a neve, a névoa constante – como se essa natureza fosse desagradável para o homem ou, pelo menos, para o homem tropical. Daí resulta uma estereotipação cansativa, que a estética romântica torna ainda mais monótona pela ligação entre a natureza e a vida afetiva. Em outras palavras, os românticos descobrem, ou redescobrem e acentuam, o isomorfismo entre a expressão humana e a aparência da natureza: a aurora dá uma impressão de frescura e promessa; a tarde parece melancólica; a noite é misteriosa e amedrontadora. É evidente que os homens sempre sentiram ou perceberam essa relação, mas os românticos brasileiros de tal modo insistiram nela que também aí caíram na esterotipação”²⁴. Isso se dá em quase todas as outras esferas.

Do mesmo modo como “... a relação entre natureza e poesia, entre natureza e homem, ficou muito mais nos programas ou nas generalizações, limitando-se a fórmulas gerais ou imagens repetidas, raramente cristalizadas ou especificadas”, assim se dá a relação entre o jovem estudante brasileiro e a idéia de amor apaixonado.

²³ Cf. Schwartz 1995: p.550s.

²⁴ Cf. Moreira Leite 1969: p.170-171

IV. Procedimentos metodológicos

As premissas teóricas, apresentadas acima de forma breve, determinaram o estabelecimento dos procedimentos metodológicos para a presente pesquisa. Isto significa que os dados obtidos não podem ser vistos de forma isolada, têm necessariamente de ser analisados no contexto cultural e situacional, de modo a possibilitar uma aproximação maior da compreensão de uma cultura estrangeira. Cada pré-categorização, que envolve noções pré-definidas, bloqueia a documentação de como uma comunidade cultural traça e estrutura *per se* a sua realidade. Por isso, uma orientação padronizada nos métodos de exploração social parece inútil.

Neste sentido, para a coleta de dados, foram empregados os seguintes instrumentos: observação participante não padronizada, questionário de auto-aplicação e entrevista semi-dirigida. Os critérios estabelecidos para a escolha dos sujeitos participantes da pesquisa foram: ser estudante e ter entre 20 e 30 anos.

A aplicação dos questionários na Alemanha deu-se no mês de dezembro de 1997. Foram distribuídos questionários, ao acaso, a frequentadores de diversas cafeterias, de várias faculdades, entre as quais a própria Ruhr-Universität Bochum, seguindo os critérios acima referidos. Destes, foram ponderados 106. Paralelamente, realizou-se a entrevista semi-dirigida com cinco estudantes alemães de diferentes áreas. No Brasil, a aplicação dos instrumentos referidos deu-se de forma similar: o questionário foi aplicado durante as aulas a estudantes de diversas faculdades, incluindo a Universidade de São Paulo, no transcorrer do mês de março de 1998. Da mesma forma, foi realizada esta entrevista com cinco estudantes, moradores da residência estudantil da Universidade de São Paulo. Além disso, no Brasil foram realizadas mais duas entrevistas sobre o assunto: numa dessas, um estudante brasileiro fala de sua estada de quatro anos, nas universidades alemãs, e do seu confronto com o conceito de amor daquele país. A outra entrevista foi realizada, em caráter especial, com o sociólogo Mirim Vieira, fundador do instituto “Familiarística” em São Paulo, e trata do desenvolvimento do conceito de amor no Brasil.

As perguntas das entrevistas assim como as dos questionários foram, na sua maioria, abertas, pelo simples fato de perguntas fechadas, já com respostas elaboradas, corresponderem às categorias do investigador; o que não seria relevante neste trabalho, uma vez que o alvo era averiguar as categorias dos entrevistados. O questionário é composto por quatro grupos de questões que abrangem os seguintes temas:

1. atual situação amorosa
2. tipo de relação
3. experiências
4. dados pessoais (idade, sexo e estado civil)

V. Avaliação dos resultados

1. Internalização

Com relação à formação social dos sujeitos, observam-se já diferenças extremas: enquanto no Brasil o ideal romântico é mencionado apenas uma vez, 32 estudantes alemães o evocam já na primeira vez em que são confrontados com a imagem do amor. Em outras ocasiões, o ideal de amor romântico aparece implicitamente ao se referir, por exemplo, a:

Wunschbild/Knutschen/Händchenhalten/Romeo und Julia/man nur einmal lieben/Hollywood/alles happy/Ich gehör' zu Dir, Du gehörst zu mir (imagem do ideal/acariciar-se/andar de mãos dadas/Romeo e Julieta/só se pode amar uma vez/Hollywood/tudo feliz/eu pertença a você, você pertence a mim)

Um estudante escreve:

Ziemlich konservative Vorstellungen: Treue, Respekt, Verständnis, Rücksichtnahme, Zerfließen in Romantik, geistige Befruchtung, kurz: das Klischee der wahren Liebe.²⁵

(idéias bastante conservadoras: fidelidade, respeito, compreensão, ter consideração, derreter-se em romantismo, fecundação mental, em resumo: os clichês do amor verdadeiro.)

Em contrapartida, no Brasil, dominam palavras afetivas, as quais refletem mais a vivência subjetiva do que um mundo já existente de imagens institucionalizadas: 23 estudantes descrevem as suas primeiras impressões sobre o amor como

²⁵ Alemão, 28 anos (questionário).

boas, com naturalidade; 7 como *fantásticas, maravilhosas e ótimas*, 20 dizem procurar o amor com *ansiedade*; 6 com *curiosidade*; 8 associam o amor, num olhar retrospectivo, à *dor e sofrimento*. Além disso, há muitas descrições que incluem expressões como: *quentes e intensas, confuso, sedução, prazer físico, encarei com impulsividade, muito forte, euforia*.

Tais idéias ilustram que, em contraposição à Alemanha, a institucionalização social de um conceito de amor é manifestada de forma pouco expressiva no Brasil. Desta forma, não parece surpreendente que, no Brasil, os pais não sejam mencionados uma única vez como fator de influência com respeito às primeiras impressões de amor. Em contrapartida, 24 estudantes alemães apontam os pais como o primeiro referencial.

Da mesma forma, enquanto os inquiridos alemães ambicionam uma união do conceito e da realidade, os inquiridos brasileiros expressam atitudes mais ambíguas. O confronto dos inquiridos brasileiros com conceitos, durante o processo de socialização na escola bem como por meio dos meios de comunicação e das teorias na universidade, mais agrava do que reduz essa ambigüidade. Em contraposição à linearidade das respostas dos inquiridos alemães, essa ambigüidade evidente nas respostas dos inquiridos brasileiros aflora desmesuradamente: o homem ideal deve ser inteligente e capaz de se comunicar, embora, às vezes, é mais desejável quando cala a boca.²⁶ Relações amorosas são descritas como maravilhosas e únicas, mesmo assim, não são desejadas para o resto da vida.²⁷ Numa entrevista, o sujeito²⁸ responde a todas as perguntas com uma imagem ideal em vez da sua própria opinião de uma imagem pessoal ou prática pessoal: ele frequentemente muda do pronome pessoal “eu” para o pronome pessoal “você” – o “você” funciona, nesse caso, como defesa de ataques contra certezas desejadas. Nisso, fica evidente que o conceito não está interiorizado realmente e não se tornou parte de sua realidade própria de vida. Outra estudante²⁹ deseja uma vida num “ambiente familiar”, acha que os problemas com o namorado derivam-se das diferenças de classe³⁰ e proclama assim uma vida burguesa, mas exige, por

²⁶ Indicada por uma brasileira (26 anos) na entrevista.

²⁷ Indicada ao todo cinco vezes nos questionários brasileiros.

²⁸ Brasileiro, 27 anos (entrevista).

²⁹ Brasileira, 26 anos (entrevista).

³⁰ Ela descreve o seu parceiro como uma pessoa que “não tem berço”.

outro lado, uma relação sem obrigações, sublinhando, contraditoriamente, precisar de uma relação autêntica para se entregar. Finalmente, ambos parecem capturar perante o conceito recitado. Enquanto, na Alemanha, um conceito definido claramente provoca segurança e certeza da realização; no Brasil, a diferença percebida entre conceito e realização provoca o contrário – insegurança e incerteza:

I: Acontece de, às vezes, você ter dúvidas em relação às suas emoções com relação a ela?

P: Sim, muitas vezes acontece de eu ter dúvidas, se realmente gosto, ou se realmente estou acomodado. Acontece, sim, mas não muitas vezes, não.³¹

Outro estudante fornece uma descrição explícita do seu confronto com as estruturas do conceito europeu:

Depois eu fui meio quadrado, meio tradicional [...]. Eu namorei com a Cláudia que é uma colega da Física, que vive na França, eu comecei me contaminando com uma certa possessividade que ela tinha em relação a mim, foi uma coisa muito estranha...³²

Todos os estudantes entrevistados têm a opinião de que o amor, nos países europeus, seja mais conceitualizado: relações amorosas entre os inquiridos brasileiros seriam “mais espontâneas e bem mais emotivas, menos calculadas”; em oposição, as relações na Alemanha seriam “mais racionais, calculadas e verbalizadas”.³³ Lá, a intelectualidade é mais importante e os parceiros se vêem como uma parte do todo:

[...] mas acho que lá, se você pensa nisso, é uma coisa a dois. Tive a impressão de que, na Alemanha, quando duas pessoas assumem que estão namorando, a possibilidade de que elas vivam juntas é maior. Aqui não tem essas coisas. Aqui as coisas só acontecem.³⁴

³¹ Brasileiro, 27 anos (entrevista).

³² Brasileiro, 29 anos (entrevista).

³³ Brasileiro, 27 anos (entrevista).

³⁴ Brasileira, 28 anos (entrevista). A estudante passou um ano na Alemanha.

2. Diferenciação de um mundo privado comum *versus* estruturas heterogêneas na realidade da relação amorosa

Coerência versus abertura: Ter uma ligação amorosa, para os inquiridos brasileiros, não significa forçosamente que o amor tem que ser o motivo principal para esse relacionamento³⁵. Um em cada 10 inquiridos brasileiros sugeriu motivos pragmáticos, como dinheiro ou projetos profissionais conjuntos, quando questionado sobre o que mantém a ligação amorosa. Isso é quase inimaginável na Alemanha.

Além disso, quando perguntei o número de relações que já tiveram, cada entrevistado perguntou ao que me referia concretamente: a bipolaridade de “ter/não ter uma relação amorosa”, que existe na Alemanha, confunde-se no Brasil: por um lado, por causa da diferença entre “ficar” e “namorar”,³⁶ e, por outro, por causa da inexistência de pontuação do início e do fim das relações amorosas, aspecto sempre existente na Alemanha. Uma entrevistada brasileira, por exemplo, descreve o fim de uma relação como uma demonstração em vez de uma definição: “eu me torno mais ausente.”³⁷ Essa divergência do modo de tratar a realidade “amor” – no nível do discurso ou no nível da demonstração – já mostra como a língua – no sentido de Berger e Luckmann – é um desmembramento da experiência por meio da colocação de sentido, atribuindo-lhe, assim, categorias duais.

Base versus complemento: Foi possível verificar que, no Brasil, não há a sobrevalorização da significação da relação amorosa que se observa na Alemanha, onde a diferenciação de um mundo privado comum é muito mais evoluído.

³⁵ Parece haver uma contradição evidente aqui nas posições dos estudantes brasileiros: logo acima, foi mostrado que a opinião dos estudantes brasileiros sobre o amor nos países europeus é de que lá seria mais “racional” e “calculado”; enquanto no Brasil, seria mais “espontâneo, emotivo e menos calculado”. Porém, pode-se ver aqui fato bem diferente: motivos racionais e calculados que justificam relacionamentos amorosos no Brasil; que são, entretanto, inimagináveis na Alemanha. Por que acontece isso?

³⁶ No seu estudo, “Ficar e namorar”, Rieth realizou entrevistas com jovens entre 15 e 20 anos. Ela concluiu que a compreensão de “namorar” se orienta no ideal do amor romântico que freqüentemente é equiparado com subtração de liberdade; enquanto “ficar” implica mais curiosidade no outro e é conduzido por interesse (cf. Rieth 1997: p. 18ss).

³⁷ Brasileira, 26 anos (entrevista).

Para 51 estudantes alemães, a relação amorosa é o fator de maior importância de suas vidas; 45, acham que esta tem a mesma importância que outras esferas da vida; e, só 4, acham que tem uma importância menor. Contra isso, no Brasil, 38 estudantes equiparam a relação amorosa com as outras esferas da vida; para 10, esta é o fator de maior importância; e, para 13, é menos importante. Cabe salientar que 20 estudantes alemães vêem a relação amorosa como a “base” das suas vidas – uma consideração que aparece só três vezes nos questionários brasileiros. Predominantemente, estes últimos a descrevem como “complemento” ou “lucro” – noções que nos questionários alemães nunca aparecem. As citações seguintes refletem essas duas concepções:

O amor atuou como um complemento em todas as outras esferas; levando-me a um amadurecimento psicológico e social.³⁸

Die Liebesbeziehung funktioniert katalysierend für die übrigen Bereiche meines Lebens in welcher Art auch immer.³⁹

(A relação amorosa funciona sempre como catalisador para as outras esferas da minha vida, seja de que modo for.)

A compreensão da relação amorosa como um “complemento” ou “lucro” se refere ao potencial da mesma para complementar as outras esferas da vida, enquanto a compreensão da relação amorosa como “base” – revelada pelos inquiridos alemães – refere-se *per se* à propriedade da mesma como constitutiva das outras esferas da vida.

Unidade versus equivalência das pessoas: 81 estudantes alemães e só 53 estudantes brasileiros acham que eles encontram uma pessoa única no seu parceiro. Para se aproximar das causas desse valor diferenciado para com o parceiro, é necessário recorrer aos processos sociais, no contexto do desenvolvimento histórico, que já foram mencionados. Enquanto a privacidade na Alemanha aparece como uma área hermeticamente fechada;⁴⁰ no Brasil, esses territórios⁴¹ não são definidos tão

³⁸ Brasileiro, 26 anos (questionário).

³⁹ Alemão, 25 anos (questionário).

⁴⁰ Cf. Elias 1976a: p. 161ss.

⁴¹ Essa noção é plagiada de Goffman que usa essa metáfora para mostrar como as pessoas – concretamente ou abstratamente, em determinadas situações ou durante um período de tempo – criam espaço, a que eles exigem posse. Tais territórios podem

claramente e não têm essas fronteiras inequívocas. Neste país, cada um fala com os outros sobre quase tudo, tal conversação não é limitada ao assunto de competência da pessoa ou que são próprios a uma situação: um professor da universidade, por exemplo, sempre fala sobre mais assuntos aos estudantes, não se limitando à matéria de sua disciplina científica. Na Alemanha, a ligação professor-estudante é muito mais impessoal. Há milhões desses exemplos. Em resumo, no Brasil, ainda há uma rede de relações sociais com malhas muito mais espessas que na Alemanha – onde o parceiro também tem a missão de compensar a falta dessas outras relações.⁴² Também nisso se reflete o ideal de amor romântico alemão; enquanto, no Brasil, domina uma percepção do parceiro com traços que podem ser encontrados também em outras pessoas:

Não consegui idealizar uma pessoa. Tem tantas pessoas.⁴³
 Er war zu der Zeit einfach meine zweite Hälfte.⁴⁴
 (Ele era simplesmente naquela altura a minha cara metade.)

3. Fixação por meio da língua *versus* vivência do momento

O uso das noções abstratas versus concretas para descrição das expectativas diferentes: Por meio da continuidade da imagem das coisas materiais e mentais que se desenvolve com o desenvolvimento da língua, geram-se estruturas de expectativa. Quanto mais o mundo lingüístico-simbólico tiver tais estruturas de expectativas invariáveis e tipos ideais, tanto mais direcionadas serão as futuras⁴⁵ definições de realidade.

ser, por exemplo, territórios de posse, de informação ou de conversação (cf. Goffman 1982: p.67ss). Em todas as suas observações de sociedades, Goffman descreve a própria sociedade como etnólogo, associando metáforas de território, de jogo, de teatro e de quadro para descobrir o comportamento humano na sociedade ocidental (cf. a isto Goffman 1996a; 1996b; 1996c; 1994).

⁴² Cf. também Luhmann 1996: p. 194.

⁴³ Brasileira, 28 anos (entrevista).

⁴⁴ Alemã, 23 anos (questionário).

⁴⁵ Esse fenômeno também foi descrito no ensaio sobre o desenvolvimento do mito como sistema semiológico secundário de Roland Barthes 1964: p. 115ss.

A seguir, um exemplo de descrições metafóricas utilizadas para criar um edifício abstrato comum:

Ich finde, man muß über gemeinsame Denkstrukturen verfügen, über gemeinsame Einstellungen, parallele Einstellungen; wenn man einfach blind weiß, der andere denkt ähnlich⁴⁶.

(Eu acho que precisamos de estruturas de pensamento em comum, atitudes em comum, atitudes paralelas; se a gente sabe cegamente, que o outro pensa da mesma forma.)

Desta forma, a maioria dos inquiridos alemães descrevem suas imagens de uma relação amorosa com palavras abstratas: quando questionados sobre o que traz consistência à relação amorosa, como pode ser verificado numa citação acima, as palavras mais freqüentemente mencionadas foram *interesses comuns e atitudes comuns* assim como *confiança/ compreensão/ respeito/ honestidade/ sinceridade*. Em oposição, os inquiridos brasileiros mencionam mais freqüentemente *atração física/ sexo/ tesão*.

45 estudantes alemães descrevem a coisa especial que encontram no parceiro nos seguintes termos: *compreensão/ confiança/ honestidade/ respeito/ tolerância*, 18, mencionam os aspectos em comum (interesses, atitudes etc.). 12 estudantes brasileiros assinalam *amor/ carinho* como a coisa única, que eles encontram no parceiro; 9, referem-se à *sensualidade/ beleza/ sexo/ cheiro/ voz*, e, outros 9, a *amizade/ cumplicidade*.

Falta de *compreensão/ atenção/ respeito/ confiança/ sinceridade* é o primeiro ponto de crítica entre os inquiridos alemães.

Constituição e reprodução verbal versus não-verbal da relação amorosa – criar contato: Entre os inquiridos alemães, o contato inicial tem lugar por meio da comunicação verbal, que implica duas atitudes de expectativa: a representação da própria originalidade e a ratificação dela pelo outro. A comunicação não deve ser um ritual vazio, mas sim fornecer informações sobre o outro. Assim, a busca de afinidades começa:

Ich versuche, ihr näherzukommen, das beginnt natürlich bei der Vertiefung eines Gesprächs. Ich versuche, Gemeinsamkeiten auszukunden und daran

⁴⁶ Alemão, 27 anos (entrevista).

anzuknüpfen, sei's nun Musik oder Studium oder irgendwas anderes, eine Meinung, eine gemeinsame Einstellung.⁴⁷

(Tento me aproximar dela, isso começa, claro, com o aprofundamento de uma conversação. Tento descobrir coisas em comum para nos relacionarmos, seja música ou assuntos ligados aos estudos ou qualquer outra coisa, uma opinião, uma atitude em comum.)

Pretensões tão elevadas com respeito ao contato inicial podem também agravar e bloquear a expressão do interesse: o medo de quebrar a cara prepondera nesse caso. Por isso, o ator precisa de técnicas refinadas – comunicação aludida como comunicação negável, ambigüidades etc. – para manter a imagem.⁴⁸

Contra isso, criar contato usando a linguagem corporal, entre os inquiridos brasileiros, tem uma função de descarga: um estudante, que viveu por quatro anos na Alemanha, afirmou que o contato por olhar, que substitui a verbalização do interesse, carregada de expectativas, evita esse problema da iniciação, observado na Alemanha.⁴⁹ Além do contato pelo olhar, “a sua maneira de falar, sua tonalidade de voz, sua posição corporal”⁵⁰ podem ser também importantes. Em resumo, o “como” do componente sexual parece ser mais importante em relação ao “o que” do intelectual. Isso também foi confirmado num estudo de campo efetuado por Heilborn, que observou a aproximação sexual dos franceses em contraposição à dos brasileiros:

[...] porquanto, em França, pousar os olhos sobre alguém significa invadir-lhe a privacidade. Já no Brasil, consideramos que se alguém nos cumprimenta sem manter os olhos em comunicação com os olhos do interlocutor é uma pessoa sem firmeza de caráter.⁵¹

Duração versus momento como constituintes da realidade da relação: Por meio da fixação lingüística, constitui-se um quadro dentro do qual, além do momento atual com referência ao passado e ao futuro, encontram-se destinações de signifi-

⁴⁷ Alemão, 29 anos (entrevista).

⁴⁸ Isto se correlaciona a observações realizadas por Goffman (cf. Goffman 1982; p. 81ss).

⁴⁹ Brasileiro, 40 anos (entrevista).

⁵⁰ Brasileiro, 27 anos (entrevista).

⁵¹ Heilborn 1997.

cação que são projetadas num todo. Assim, os fenômenos de vivência se destacam da “corrente de consciência” ao obter um sentido particular e se inserem na ordem biográfica, fundada nas institucionalizações sociais, as quais oferecem, por sua vez, categorias de valoração.⁵²

As objetivações de uma comunidade cultural, que são produzidas no processo dialético da apropriação subjetiva, da reprodução e da modificação dessas objetivações, são muito mais marcadas numa cultura fechada como a Alemanha do que no Brasil.⁵³ Essa orientação para a vivência intensa do momento presente também se refletiu na realidade da vivência das relações amorosas dos inquiridos brasileiros.

No Brasil, a média do número de relações amorosas experimentadas por cada entrevistado até o momento é mais alta do que na Alemanha⁵⁴; correspondentemente, a média de duração dos relacionamentos no Brasil é menor: 1,75 anos, contra 3,1 anos na Alemanha. Além disso, os inquiridos brasileiros nem sempre sabem exatamente quantas relações já tiveram, de modo que se pode encontrar indicações como *diversas/perdi a conta/não sei precisar/ muitas/várias/bastante*, considerações que não aparecem nos questionários alemães.

Os inquiridos brasileiros mencionam sempre que as indicações só valem para o momento, parecem não querer se comprometer:

Pergunta: Qual a importância que o relacionamento a dois tem em sua vida comparado a outras esferas (trabalho, amigos, família...)?

Resposta: Atualmente a relação amorosa tem uma importância vital para mim.⁵⁵

Pergunta: O que faria acabar uma ligação amorosa?

Resposta: Mentira, falta de respeito, e o fim do amor, mas de uma forma natural, porque isto é normal.⁵⁶

⁵² A seguir a Husserl, Schütz descreve essa obtenção de sentido pela doação como “attentionale Modifikationen” (“modificações atencionais”); o “Como” da doação respectiva constitui o que se pode declarar como o sentido de uma vivência (cf. Schütz 1993: p. 96).

⁵³ No seu estudo sobre os primeiros anos dos jovens casais na Alemanha, Eckert/Hahn descrevem como tais ficções lingüísticas, finalmente, criam definições do papel dos parceiros, que estagnam (cf. Eckert/Hahn 1989: p. 27).

⁵⁴ 5 versus 3, 25 anos.

⁵⁵ Brasileiro, 22 anos (questionário).

⁵⁶ Brasileiro, 23 anos (questionário).

Resposta: Muita cobrança. Chega uma hora em que os dois não se agüentam mais e esta ligação chega ao fim.⁵⁷

Resposta: O tempo.⁵⁸

Em conformidade com isso, também não há projeções do momento presente para o futuro como na Alemanha. Os entrevistados brasileiros não querem tomar posição:

Pergunta: Você acha que vocês vão ficar juntos por mais um ano?

Resposta: Não sei, mas não pensei nisto.⁵⁹

Resposta: Depende.⁶⁰

Pergunta: Considera "...até que a morte nos separe" realizável?

Resposta: Hoje não... qualquer dia pode ser, não sei.⁶¹

Resposta: Dentro do presente momento acredito que sim.⁶²

Resposta: Provavelmente sim, hoje, sim.⁶³

Na questão 3.4., que apresenta 4 alternativas para a pergunta: "se você fosse dono do seu destino...", é significativo observar que grande parte dos inquiridos brasileiros (questionários) recusam-se a responder, escolhendo uma das alternativas; afirmam que não escolhem nenhuma delas, que *fica com uma pessoa sem pensar no destino/estou com alguém enquanto me sinto bem com ela, ou que ela esteja bem comigo/depende da pessoa/depende/às vezes preciso alguém, às vezes prefiro ficar sozinha/não sei, mas monogamia não pode dar o que preciso.*

Os alemães nunca rejeitam escolher uma das alternativas oferecidas. As respostas às outras perguntas revelam um resultado semelhante: 62 estudantes alemães e 44 brasileiros podem imaginar ficar com o seu parceiro atual por mais um ano; 45 estudantes alemães e 25 brasileiros desejam a relação amorosa atual para o resto da vida; 32 estudantes brasileiros não optam, quando questionados a respeito, por uma ligação amorosa e sexual, íntima e fiel, o maior tempo possível; na Alemanha, somente 20.

⁵⁷ Brasileiro, 29 anos (questionário).

⁵⁸ Brasileiro, 23 anos (questionário).

⁵⁹ Brasileiro, 26 anos (entrevista).

⁶⁰ Brasileira, 28 anos (entrevista).

⁶¹ Brasileiro, 27 anos (entrevista).

⁶² Brasileira, 26 anos (entrevista).

⁶³ Brasileiro, 29 anos (entrevista).

4. A coordenação do comportamento na esfera da interação: adaptação das perspectivas como resultado da ficção do compreender *versus* fascinação do outro como resultado da vivência do momento

Luhmann descreve a formação do ideal de amor romântico como resultado da inversão da compreensão da pessoa: no lugar da inconstância dos relacionamentos, que resulta da suposição da constância das pessoas, surge a possibilidade da constância dos relacionamentos resultante da suposição da inconstância das pessoas. A época romântica descobre a capacidade de mudança do homem.⁶⁴ Essa hipótese fundamental é a base da diferenciação do mundo privado comum, e esse mundo só pode ser criado e ampliado quando existe principalmente a possibilidade do compreender recíproco. Em contraposição, no Brasil, nunca se produziu tal conceito tão homogêneo, estabelecido no processo filogenético e ontogenético como ocorreu na Alemanha. Dessa forma, essa forte expectativa do compreender recíproco passa para um segundo plano no Brasil, enquanto na Alemanha se torna exigência fundamental, ou, em outras palavras, o problema fundamental do relacionamento. Um estudante alemão descreve as mudanças do seu relacionamento, do início até o presente momento, da seguinte maneira:

[...] damals vom einfachen „wenn...dann“, „wenn...dann“ heute zu „wenn...dann und auch und dies“, also zur Berücksichtigung aller möglichen Aspekte, und insofern lernt man dann auch eine andere Person besser verstehen, und insofern hab´ ich auch meine Geliebte dann besser verstehen gelernt, Dinge, die mir vorher völlig verborgen waren, weil ich eben in dieser alten Argumentation verhaftet war [...] ohne einzusehen, daß noch vielfältige andere Gründe vorliegen, die genauso schergewichtig sind.⁶⁵ ([...] naquele tempo do simples “se, ... então”, “se, ... então” hoje para “se, ... então ... e também isto e aquilo”, ou seja, para considerar todos os aspectos possíveis, e com isso se aprende a compreender melhor uma outra pessoa, e desta maneira aprendi a compreender melhor, a minha namorada coisas que eu anteriormente desconhecia por completo, porque eu estava preso naquela argumentação velha [...] sem compreender que existiam ainda muitas outras razões, que também têm um grande peso.)

⁶⁴ Cf. Luhmann 1996: p. 89ss.

⁶⁵ Alemão, 29 anos (entrevista).

O aumento da auto-referencialidade nos processos comunicativos, dentro do sistema do relacionamento, também leva a uma maior tematização do próprio relacionamento: “o próprio relacionamento”, como assunto de comunicação entre os parceiros, fica em primeiro lugar, indicado por 33 pessoas na Alemanha; enquanto, entre os inquiridos brasileiros, esse tema é mencionado por apenas 8 pessoas. Na Alemanha, em segundo lugar, aparece “o futuro comum” com 29 pessoas; que, no Brasil, é indicado por 13. No Brasil, domina o assunto “estudos/profissão”⁶⁶; além disso, chama a atenção ainda o fato de que 11 estudantes brasileiros indiquem o assunto “sexo”, que não foi nomeado explicitamente nenhuma vez pelos inquiridos alemães.

Assim, os alemães dispõem muito tempo falando sobre como “desenhar” o relacionamento:

Planen, was man zusammen machen kann, auch im voraus planen, damit die Vorfreude größer ist, auch reisen, zusammen darüber nachdenken, wie man zusammen wohnen könnte, wie die Wohnung eingerichtet werden könnte...⁶⁷

(planejar, o que a gente pode fazer juntos, planejar já antes, para aumentar a felicidade, também planejar viajar, pensar juntos em como pode ser morar juntos e como a gente vai colocar os móveis...)

A exigência do compreender recíproco, um constructo lingüístico e, portanto, uma ilusão, ao mesmo tempo implica forçosamente em problemas que criam as causas dos mal-entendidos, desenganos e inseguranças. “Mal-entendidos” são mencionados por todos os entrevistados alemães como uma esfera de problema. Mas a palavra “mal-entendido” implica que um compreender correto é possível, e, assim, continuam a suportar essa ilusão, como se pode ver nesse exemplo:

[...] was wurde nicht direkt angesprochen, was schwebt so im Raum, was liegt zwischen den Zeilen und naja, und das läßt sich dann eben aufblasen bis zu einem riesigen Mißverständnis und eben bis zum Streit, naja, und dann geht das ja üblicherweise: “Du hast aber gesagt, das ist so und so.” Und dann hat der eine das darunter verstanden, der andere aber etwas vollkommen anderes usw. usf., bis man dann irgendwann zur Lösung des

⁶⁶ Mencionado por 33 pessoas.

⁶⁷ Alemã, 24 anos (questionário).

Streits dahinter kommt: “Ich hab’ s eigentlich ganz anders gemeint, denn es war eigentlich die und die Situation...” usw. usf., bis es dann abgeklärt ist.⁶⁸

([...] o que não foi falado diretamente, o que paira no ar, o que fica entre as linhas e, bom, isto se pode acumular até um grande mal-entendido e, por conseguinte, até uma disputa e discussão; e, aí, as coisas decorrem geralmente [desse modo]: “Mas você falou, isto é assim e assim.” E assim, um compreende as coisas de uma forma, mas o outro de uma outra forma completamente diferente etc., etc., e assim por diante, até que a uma dada altura, se descobre a solução da disputa: “No fundo queria dizer algo completamente diferente, pois no fundo foi essa e essa a situação...” etc. etc., até que as coisas ficam esclarecidas.)

Assim, é possível transformar incompreensão em mal-entendido, o qual parece assegurar a possibilidade de sincronização entre duas atitudes diferentes, o que “produz novas ficções”.⁶⁹ Caso o compreender não funcione mais, o parceiro passa não só a usar o comportamento não-verbal como também interpretações ajustadas à necessidade, o que pode ser observado na seguinte resposta:

Frage: Über welche Verhaltensweisen ärgerst Du Dich bei Deinem Partner?

Antwort: Wenn er mich in sein Leben einfach nicht einplant und unfähig ist, seine Gefühle für mich genau zu definieren. Ich glaube, daß es zum großen Teil an seiner Unsicherheit und Lebensangst liegt und daran, daß er von seiner Familie nie richtig kritisiert wurde, sondern (als einziger Junge) immer nur bestärkt und idealisiert worden ist, besonders von seiner Mutter.⁷⁰

(Pergunta: Que comportamento do seu parceiro deixa você zangado?)

Resposta: Quando ele simplesmente não me inclui em sua vida e é incapaz de definir exatamente o que sente por mim. Acho que isso resulta em grande parte de sua insegurança e medo de viver, e, também, por nunca ter sido criticado pela família, mas, pelo contrário, (como filho único) ter sido sempre louvado e idealizado, especialmente pela sua mãe.)

A função de tais atribuições, modelos de explicação e interpretações, reside na vontade de manutenção e estabilização de uma situação fixada. Conse-

⁶⁸ Alemão, 27 anos (entrevista).

⁶⁹ Eckert/Hahn 1989: p. 58.

⁷⁰ Alemã, 22 anos (questionário).

qüentemente, a perfeição não é fixada, mas serve como guia a uma atenção e interpretação desejável.⁷¹

Em vez dessa sincronização das perspectivas, a impulsividade importa mais na vida dos inquiridos brasileiros. Isso se reflete nas palavras afetivas que eles indicam para descrever a coisa única que eles encontram no parceiro: *amor/cariño/beleza/sexo/cheiro/a voz*.

Às vezes, tais descrições desembocam em tropicalismo e os inquiridos falam da “paixão louca”⁷² ou querem “agir com as minhas emoções fluidas”.⁷³ O estudante, que viveu por quatro anos na Alemanha, descreve a diferença entre Alemanha e Brasil da seguinte maneira:

Aquí, no Brasil, essas coisas são mais naturais. Não existe tanta imposição, tanto disciplinamento nas relações, com esse tipo de relacionamento, as coisas lá têm muitas regras, aqui não têm, isso dá a possibilidade de que as pessoas se relacionem numa forma mais flexível. [...] Aquí, no Brasil, ninguém faz estratégia. A coisa anda, a coisa vai como se a natureza imperasse, dominasse sem nenhuma estratégia individual de cada um.⁷⁴

5. Função das relações amorosas: Refúgio *versus* válvula

Uma das funções mais importantes que a relação amorosa deve cumprir na Alemanha é a mediação da segurança. A ausência das seguranças psicológicas como resultado do aumento da diferenciação funcional da sociedade se correlaciona a uma necessidade de garantia de felicidade por meio da relação amorosa, que poderia, ao mesmo tempo, compensar o vácuo de sentido, existente na Alemanha, devido à perda da crença nos grandes sistemas tradicionais de sentido como a religião, o estado ou a família. Dessa forma, a relação amorosa funciona como “refúgio”.⁷⁵ 25 estudantes alemães respondem que a coisa especial que eles

⁷¹ Cf. Berger 1969: p. 69.

⁷² Brasileira, 28 anos (entrevista).

⁷³ Brasileira, 26 anos (entrevista).

⁷⁴ Brasileiro, 40 anos. (entrevista).

⁷⁵ Brasileiro, 40 anos (entrevista). No Brasil, essas seguranças e essa crença nos grandes sistemas nunca foram estabelecidas.

encontram no outro é a *fidelidade / segurança / apoio / assistência / salvamento* – noções que nunca aparecem nos questionários brasileiros. Quando questionados sobre o que traz consistência à relação amorosa, o fator fidelidade é mencionado nove vezes. Uma estudante escreve: “Die Gewißheit, daß ich ihm am wichtigsten bin.”;⁷⁶ outro estudante se sente desiludido na seguinte situação:

Wenn ich nicht weiß, wo mein Partner ist und was er macht. Ich muss es meistens wissen.⁷⁷

(Quando não sei onde o meu parceiro está e o que faz. Em geral tenho que saber.)

Há muito mais respostas, mostrando que a função das ligações amorosas, enfim, parece ser a de uma estagnação calculável. A saudade de uma relação amorosa como uma região de silêncio se correlaciona a uma disposição de compromisso mais forte do que no Brasil. Para manter a ligação, a maioria dos inquiridos alemães fariam tudo;⁷⁸ no Brasil, a maioria não se disporia a nenhum compromisso.⁷⁹ E mais, mesmo cinco estudantes alemães escrevem que o relacionamento só chega ao fim quando ele não a ama mais!

Ainda há outro conceito, entre os inquiridos alemães, que vale a pena mencionar: a *certeza* que aparece em muitas respostas, como já foi mencionado. Cada um deseja a certeza, mas ninguém a pode ter, porque se trata apenas de um artefato semântico. De acordo com o que descreveram Wittgenstein, com respeito à língua,⁸⁰ e Goffman, com respeito ao comportamento concreto,⁸¹ é possível empregar o mesmo conteúdo com milhões de intenções diferentes. Isso possibilita “emoldurar” o que se fala como se deseja e, assim, enganar o parceiro ou a si mesmo.

Contra isso, uma relação amorosa no Brasil está mais ligada a expectativas de ação: além da dança, da música e do prazer, a vida sexual tem uma importância maior do que na Alemanha. Um estudante brasileiro descreve essa discrepância:

⁷⁶ Alemã, 24 anos (questionário): “A certeza que eu sou o mais importante para ele.”

⁷⁷ Alemão, 29 anos (questionário).

⁷⁸ Indicado por 27 perguntados.

⁷⁹ Indicado por 24 perguntados.

⁸⁰ Wittgenstein mesmo dedica a esse desejo humano ilusório, um livro completo (cf. Wittgenstein 1971).

Eu acho que, na América Latina, os relacionamentos são mais sensuais, são mais naquele lado da conquista pela sensualidade por uma pessoa, que mostra os atrativos físicos.⁸²

A relação amorosa no Brasil parece estar mais associada à atividade, funciona como uma experiência, um relaxamento, mas não como estagnação calculável; nesse sentido, poderia ser entendido como uma válvula de escape: I: Que valor tem uma ligação amorosa em comparação com outros campos, por exemplo trabalho, amigos, família, na sua vida?

P: A verdade é que tira um pouco de stress. Imagine passar o dia inteiro trabalhando, e depois encontrar quem se está a fim, vejo como terapia, uma ligação amorosa, eu acho.⁸³

6. Conseqüências para a comunicação: Duplicação de todas as informações no ideal do amor romântico *versus* caráter de jogo no ideal do amor apaixonado

A diferenciação de uma semântica especial para o amor, como se desenvolve durante a época romântica, absorve – como já descrito – mais e mais informações das outras esferas da vida. Isso significa que essas informações agora também têm uma relevância para os namorados. Comparando as respostas dos inquiridos alemães com as dos inquiridos brasileiros, pode-se verificar de novo que, também com respeito a isso, os alemães reproduzem o ideal do amor romântico, enquanto os inquiridos brasileiros se movem mais dentro das regras do ideal da paixão. Na Alemanha, os padrões de comportamento do parceiro que os entrevistados não gostam, envolvem, muito mais do que no Brasil, modos de comportamento fora do contexto do relacionamento: a falta de educação como também a falta de interesse em assuntos são mencionados 19 vezes; enquanto, pelos inquiridos brasileiros, apenas seis vezes. Outros comentários sublinham essa tendência:

Beim Einschlafen nimmt sie den größten Teil des Bettes ein/Nachlässigkeiten im Haushalt/Qualitäten als Autofahrerin (3x)/Fernsehsucht/bei ihr sieht's aus wie im Schweinestall/zerquetschte Zahnpastatube/gibt zuviel Geld für Scheiße aus/schläft zuviel/keine Arbeitsmoral/wenn er mir nicht

⁸¹ Cf. Goffman 1996a: p. 486.

⁸² Brasileiro, 29 anos (entrevista).

⁸³ Brasileiro, 26 anos (entrevista).

die Fernbedienung überläßt/wenn er nicht zum Friseur geht.
(Ao adormecer, ela ocupa a maior parte da cama/desleixo nos assuntos da casa/qualidades como automobilista (3x)/dependência da televisão/a casa dela parece uma pocilga /pasta dental esmagada/gasta demais dinheiro em coisas supérfluas/ dorme demais/nenhuma moral de trabalho/quando ele não me dá o telecomando/ quando ele não vai ao barbeiro)

Enquanto, na Alemanha, cada detalhe parece ganhar uma importância enorme, o que também implica um potencial de conflito extremo; entre os inquiridos brasileiros, os ritos de amor apaixonado aparecem mais sem conteúdo:

A ritualização geralmente tem a base na linguagem. E, no caso brasileiro, essa linguagem não é estabilizada. Isso significa um alto grau de ruído e um baixo grau de informação. Portanto, a informação relativa ao amor é muito baixa.⁸⁴

No Brasil, existe um repertório inequívoco das regras do jogo, e cada um o conhece muito bem. Enquanto, na Alemanha, as pessoas têm que conseguir representar a si mesmas fora dos clichês; entre os inquiridos brasileiros, ainda domina a galanteria clássica. A sedução aparece como um jogo desejado pelas duas partes. Isso é demonstrado num provérbio brasileiro conhecido:

Água mole
em pedra dura
tanto bate
até que fura.

Além disso, o uso de expressões idiomáticas como *entrar no jogo, vencer pela insistência e parte da conquista* é encontrado com frequência na linguagem cotidiana. Do mesmo modo, há jogos táticos dentro do relacionamento, que são muito mais padronizados do que na Alemanha:

Mas quando eu me sinto diminuída numa relação, eu faço jogo, sim. Um jogo de sedução e de desinteresse. A única tática que eu vejo que eu assumo

⁸⁴ Extrato da entrevista com Mirim Vieira.

em defesa das minhas emoções é que me torno uma pessoa desinteressada, com tendências de: “Há um milhão de parceiros.” Mas eu controlo isso, porque eu sei que eu gosto de fazer esse jogo.⁸⁵

VI. Conclusões

O estudo de campo acerca do conceito de amor entre inquiridos alemães e brasileiros mostrou que o amor, como meio de comunicação, generalizado simbolicamente, traz à luz, em duas diferentes comunidades de comunicação, duas realidades diferentes de experiência.

A esse respeito, a perspectiva construtivista criou um quadro de observação que possibilitou a descoberta dessa experiência divergente na construção da realidade, que, de outra forma, talvez não tivesse sido descoberta.

A comparação do conceito de amor dos estudantes alemães e brasileiros, como confronto exemplar de duas realidades distintas de experiência, torna-se um espaço em aberto para análise, no qual as Ciências da Comunicação ou Ciências paralelas, por meio de uma orientação interdisciplinar, podem tornar-se ativas. Nessa perspectiva, seria oportuno perguntar pelas interdependências cultural-específicas entre noções e comportamentos nos distintos níveis da realidade. Análise do contexto, vinculada aos mundos de noção que marcam tais esferas da realidade, tende a salientar conceitos como “medo”, “verdade”, ou “orgulho”, retirando-os de suas categorias substantivas para averiguá-los em sua origem, em seu emprego e em sua relevância na concepção dos respectivos participantes da comunicação.

⁸⁵ Brasileira, 26 anos (entrevista).

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Mário de. “Prefácio para Macunaíma”. In: SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas Latino-Americanas. Polêmicas, Manifestos e Textos Críticos*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo 1995, 550-552.
- BARTHES, Roland. *Mythen des Alltags*. Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag 1964.
- BAUMGART, Hildegard. *Liebe, Treue, Eifersucht. Erfahrungen und Lösungsversuche im Beziehungsdreieck*. Reinbek bei Hamburg, Rowohlt 1985.
- BERGER, Peter L. *Einladung zur Soziologie. Eine humanistische Perspektive*. Olten, Walter-Verlag 1969.
- BERGER, Peter T./LUCKMANN, Thomas. *Die gesellschaftliche Konstruktion der Wirklichkeit. Eine Theorie der Wissenssoziologie*. Frankfurt am Main, Fischer Taschenbuch Verlag 1980.
- BOAS, Franz. *Race, Language and Culture*. New York, Free Press 1966.
- BRIESEMEISTER, Dietrich. „Die Kultur Brasiliens. Zur Einführung“. In: *Brasilien heute. Politik. Wirtschaft. Kultur*. Frankfurt am Main, Vervuert Verlag 1994, 377-383.
- BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *Die Wurzeln Brasiliens. Essay*. Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag 1995.
- D’INCAO, Maria Angela. *O Amor Romântico e a Família Burguesa*. In: *Amor e Família no Brasil*. São Paulo, Editora Contexto 1989.
- ECKERT, Roland/HAHN, Alois. *Die ersten Jahre junger Ehen. Verständigung durch Illusionen?* Frankfurt am Main, Campus Verlag 1989.
- ELIAS, Norbert. *Über den Prozeß der Zivilisation. Soziogenetische und psychogenetische Untersuchungen. Erster Band. Wandlungen des Verhaltens in den weltlichen Oberschichten des Abendlandes*. Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag 1976a.
- ELIAS, Norbert. *Über den Prozeß der Zivilisation. Soziogenetische und psychogenetische Untersuchungen. Zweiter Band. Wandlungen der Gesellschaft. Entwurf zu einer Theorie der Zivilisation*. Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag 1976b.
- FRANZKE, Lutz. „Die Sprachsituation in Brasilien.“ In: BRIESEMEISTER, Dietrich. *Brasilien heute. Politik. Wirtschaft. Kultur*. Frankfurt am Main, Vervuert Verlag 1994, 435-448.

- FREYRE, Gilberto. *Herrenhaus und Sklavenhütte. Ein Bild der brasilianischen Gesellschaft*. München, Deutscher Taschenbuch Verlag 1990.
- FREYRE, Gilberto. *A casa brasileira*. Rio de Janeiro, José Olympio 1971.
- FREYRE, Gilberto. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. Rio de Janeiro, Artenova 1977.
- GEERTZ, Clifford. *Dichte Beschreibung. Beiträge zum Verstehen kultureller Systeme*. Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag 1995.
- GOFFMAN, Erving. *Rahmen-Analyse. Ein Versuch über die Organisation von Alltagserfahrungen*. Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag 1996a.
- GOFFMAN, Erving. *Interaktionsrituale. Über Verhalten in direkter Kommunikation*. Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag 1996b.
- GOFFMAN, Erving. *Wir alle spielen Theater. Die Selbstdarstellung im Alltag*. München, Piper Verlag 1996c.
- GOFFMAN, Erving. *Die Interaktionsordnung*. In: Knoblauch, Hubert A. *Interaktion und Geschlecht*. Frankfurt am Main, Campus Verlag 1994, 50-104.
- GOFFMAN, Erving. *Das Individuum im öffentlichen Austausch. Mikrostudien zur öffentlichen Ordnung*. Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag 1982.
- HEILBORN, Maria Luíza. "Comunicação Corporal, Comunicação Verbal: Trajetórias Sexuais no Brasil e na França". XX. Encontro Anual das ANPOCS 21 a 25 Outubro de 1997, Hotel Glória – Caxambu – MG (disco), 1997.
- HYMES, Dell. *Soziolinguistik. Zur Ethnographie der Kommunikation*. Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag 1979.
- LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro. História de uma ideologia*. São Paulo, Pioneira Editora 1969.
- LUHMANN, Niklas. *Liebe als Passion. Zur Codierung von Intimität*. Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag 1996.
- LUHMANN, Niklas. *Soziale Systeme. Grundriß einer allgemeinen Theorie*. Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag 1991.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Eine wissenschaftliche Theorie der Kultur und andere Aufsätze*. Zürich, Pan Verlag 1949.

- MATURANA, Humberto R. *Erkennen: Die Organisation und Verkörperung von Wirklichkeit. Ausgewählte Arbeiten zur biologischen Epistemologie*. Braunschweig Wiesbaden, Vieweg 1982.
- MATURANA, Humberto R. *Was ist erkennen?* München, Piper Verlag 1997.
- MATURANA, Humberto R./VARELA, Francisco J. *Der Baum der Erkenntnis. Die biologischen Wurzeln des menschlichen Erkennens*. München, Goldmann Verlag 1987.
- PINTO VENÂNCIO, Renato. "Nos limites da sagrada família. Illegitimidade e casamento no Brasil Colonial". In: VAINFAS, Ronaldo *História e Sexualidade no Brasil*. Rio de Janeiro, Edições Graal Ltda. 1986, 107-123.
- PRIORE, Mary del. "Deus dá licença ao diabo. A contravenção nas festas religiosas e igrejas paulistas no século XVIII." In: VAINFAS, Ronaldo. *História e Sexualidade no Brasil*. Rio de Janeiro, Edições Graal Ltda. 1986, 89-106.
- RIBEIRO, Darcy. *Teoria do Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra 1972.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras 1995.
- RIEGAS, Volker/VETTER, Christian. *Zur Biologie der Kognition. Ein Gespräch mit Humberto R. Maturana und Beiträge zur Diskussion seines Werkes*. Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag 1990.
- SAPIR, Edward. *Selected Writings of Edward Sapir in Language, Culture and Personality*. Berkeley, University of California Press 1973.
- RIETH, Flavia. "Ficar e Namorar: Conhecer-se através do Outro". XX. Encontro Anual da ANPOCS 21 a 25 Outubro de 1997. Hotel Glória – Caxambu – MG (disco) 1997.
- SAVILLE-TROIKE, Muriel *The Ethnography of Communication. An Introduction*. Oxford, Blackwell 1989.
- SCHÜTZ, Alfred. *Der sinnhafte Aufbau der sozialen Welt. Eine Einleitung in die verstehende Soziologie*. Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag 1993.
- SCHÜTZ, Alfred/LUCKMANN, Thomas. *Strukturen der Lebenswelt. 2. Band*. Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag 1984.
- VAINFAS, Ronaldo. "Moralidades brasileiras. Deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista". In: MELLO E SOUZA, Laura de. *História da vida privada*

- no Brasil I. *Cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. São Paulo, Companhia das Letras. 1997, 221-270.
- VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos Pecados. Moral, Sexualidade e Inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Campus Ltda. 1989.
- WERZ, Nikolaus. *Das neuere politische und sozialwissenschaftliche Denken in Lateinamerika*. Freiburg (Breisgau), Arnold-Bergstraesser-Institut 1991.
- WHORF, Benjamin Lee. *Sprache, Denken, Wirklichkeit. Beiträge zur Metalinguistik und Sprachphilosophie*. Reinbek bei Hamburg, Rowohlt 1978.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Über Gewissheit*. Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag 1971.
- ZENHA, Celeste. "Casamento e ilegitimidade no cotidiano da justiça". In: VAINFAS, Ronaldo. *História e Sexualidade no Brasil*. Rio de Janeiro, Edições Graal Ltda. 1986, 125-141.

Vestígios turcos no ensino de alemão como língua estrangeira

Ruth Bohunovsky*

Abstract: Foreign immigration has become a very controversial subject in German speaking countries. This essay stresses the need to consider the problem in German language teaching in Brasil and to make the pupils aware of the situation. Proceeding on the theoretical context of the discourse analysis (Pêcheux, 1969; Orlandi, 1990 und 1999), the author discusses four newspaper articles, published between 1999 and 2001, on different aspects of Turkish immigration to Austria and discusses about the Interlocutionary Position (*lugar de interlocução*, Pêcheux, 1969) of Turks in Austria.

Keywords: German as a foreign language in Brazil; Turkish immigrants in Austria; xenophobia; Austria's history and politics in German language teaching

Zusammenfassung: Die Immigration von Ausländern ist in deutschsprachigen Ländern ein zunehmend umstrittenes Thema. Dieser Aufsatz zeigt die Notwendigkeit, diese Situation zu thematisieren, wenn in Brasilien Deutsch als Fremdsprache unterrichtet wird, um die Schüler für die Problematik zu sensibilisieren. Ausgehend vom theoretischen Kontext der Diskursanalyse (Pêcheux, 1969; Orlandi, 1990 und 1999) analysiert die Autorin vier Zeitungsartikel der Jahre 1999 bis 2001, die sich mit verschiedenen Aspekten der türkischen Immigration in Österreich beschäftigen, und regt eine Diskussion über den Interlokutionsort (*lugar de interlocução*, Pêcheux, 1969) der Türken in Österreich an.

Stichwörter: Deutsch als Fremdsprache in Brasilien; türkische Immigranten in Österreich; Ausländerfeindlichkeit; österreichische Geschichte und Politik im Fremdsprachenunterricht.

* A autora é pos-graduanda na área de Tradução, em nível de doutorado (bolsista da CAPES), no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). O presente trabalho é resultado de uma Qualificação na Área de Língua Estrangeira, com Dra. Carmen Zink Bolognini.

- no Brasil I. *Cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. São Paulo, Companhia das Letras. 1997, 221-270.
- VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos Pecados. Moral, Sexualidade e Inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Campus Ltda. 1989.
- WERZ, Nikolaus. *Das neuere politische und sozialwissenschaftliche Denken in Lateinamerika*. Freiburg (Breisgau), Arnold-Bergstraesser-Institut 1991.
- WHORF, Benjamin Lee. *Sprache, Denken, Wirklichkeit. Beiträge zur Metalinguistik und Sprachphilosophie*. Reinbek bei Hamburg, Rowohlt 1978.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Über Gewissheit*. Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag 1971.
- ZENHA, Celeste. "Casamento e ilegitimidade no cotidiano da justiça". In: VAINFAS, Ronaldo. *História e Sexualidade no Brasil*. Rio de Janeiro, Edições Graal Ltda. 1986, 125-141.

Vestígios turcos no ensino de alemão como língua estrangeira

Ruth Bohunovsky*

Abstract: Foreign immigration has become a very controversial subject in German speaking countries. This essay stresses the need to consider the problem in German language teaching in Brasil and to make the pupils aware of the situation. Proceeding on the theoretical context of the discourse analysis (Pêcheux, 1969; Orlandi, 1990 und 1999), the author discusses four newspaper articles, published between 1999 and 2001, on different aspects of Turkish immigration to Austria and discusses about the Interlocutionary Position (*lugar de interlocução*, Pêcheux, 1969) of Turks in Austria.

Keywords: German as a foreign language in Brazil; Turkish immigrants in Austria; xenophobia; Austria's history and politics in German language teaching

Zusammenfassung: Die Immigration von Ausländern ist in deutschsprachigen Ländern ein zunehmend umstrittenes Thema. Dieser Aufsatz zeigt die Notwendigkeit, diese Situation zu thematisieren, wenn in Brasilien Deutsch als Fremdsprache unterrichtet wird, um die Schüler für die Problematik zu sensibilisieren. Ausgehend vom theoretischen Kontext der Diskursanalyse (Pêcheux, 1969; Orlandi, 1990 und 1999) analysiert die Autorin vier Zeitungsartikel der Jahre 1999 bis 2001, die sich mit verschiedenen Aspekten der türkischen Immigration in Österreich beschäftigen, und regt eine Diskussion über den Interlokutionsort (*lugar de interlocução*, Pêcheux, 1969) der Türken in Österreich an.

Stichwörter: Deutsch als Fremdsprache in Brasilien; türkische Immigranten in Österreich; Ausländerfeindlichkeit; österreichische Geschichte und Politik im Fremdsprachenunterricht.

* A autora é pos-graduanda na área de Tradução, em nível de doutorado (bolsista da CAPES), no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). O presente trabalho é resultado de uma Qualificação na Área de Língua Estrangeira, com Dra. Carmen Zink Bolognini.

Palavras-chave: Alemão como língua estrangeira no Brasil; imigrantes turcos na Áustria; xenofobia; história e política austríaca no ensino de língua estrangeira.

1. Introdução

Este trabalho tem o objetivo de analisar o lugar de interlocução (LI) (Pêcheux, 1969) – isto é, o lugar que um sujeito ocupa na cadeia discursiva – dos imigrantes turcos na Áustria dentro do discurso xenófobo – que considero representativo para uma parte da população austríaca – e relacionar tal análise ao processo de ensino/aprendizagem de alemão como Língua Estrangeira (LE) para brasileiros. Basearei este artigo no aparato teórico da Análise de Discurso (AD) de linha francesa, pois é ela que “permite a reflexão sobre a linguagem levar em conta as especificidades histórico-políticas dos diferentes contextos em que se desenvolve” (ORLANDI 1990: 33). Para minha análise do atual LI dos imigrantes turcos na Áustria, dentro de um discurso que adere a uma ideologia xenófoba, discutirei também as concepções – estreitamente interrelacionadas – de sujeito, de ideologia e de discurso que são imprescindíveis para poder examinar o LI.

Em várias publicações, Carmen Z. BOLOGNINI mostra a importância de levar em consideração a constituição histórica do sujeito no contexto de ensino/aprendizagem de uma LE e se refere, sobretudo, às relações de contato entre brasileiros e alemães e a seus respectivos lugares de interlocução, definidos pela história (cf., p. ex., 1996, 1999a, 1999b). A autora argumenta que existe uma relação desigual entre o LI dos alemães e o dos brasileiros, que se teria estabelecido através e por causa da história colonial brasileira e do Discurso Fundador¹ que definiu, para essas duas nações, seus LIs: para o brasileiro, “como fazendo parte do grupo dos países a serem os colonizados” e, para o alemão, “como fazendo parte dos países a serem os colonizadores” (1996: 864). BOLOGNINI argumenta que seria por causa das histórias diferentes dos seus respectivos países

¹ Ecoando ORLANDI (1992), BOLOGNINI (1996: 864) define o Discurso Fundador como sendo aquele que instaura “um processo de significação para uma cultura, para uma raça, para uma nacionalidade, instalando as condições de formação de outros discursos”.

de origem que, comumente, em situações de contato, os alemães falam a partir de LI privilegiados, enquanto os brasileiros se encontram em LI menos valorizados. O processo de ensino/aprendizagem é visto pela autora como um período no qual o aprendiz de uma LE entra em contato com uma outra cultura, com uma outra história e com sujeitos que falam a partir de outros LIs. Dessa maneira, é na sala de aula que questões sócio-históricas, e conseqüentemente políticas, das duas respectivas culturas deveriam ser analisadas e discutidas. Conforme BOLOGNINI, “seria desejável que o contato com uma outra história, com uma outra cultura por meio da Língua Estrangeira promovesse modificações no LI dos sujeitos aprendizes, e cabe a nós, professores de LE, analisarmos e revermos criticamente nosso papel nesse processo” (1999a: 330). Embora considero pouco provável que uma mera conscientização em sala de aula possa alterar, significativamente, o LI de sujeitos envolvidos em múltiplas relações de poderes e discursos, o ensino de uma LE oferece, sem dúvida, espaço não apenas para discutir aspectos rigorosamente lingüísticos das respectivas línguas, mas, também, questões sócio-históricas, políticas, culturais e ideológicas.

A partir das reflexões de BOLOGNINI sobre as relações entre brasileiros e alemães e a importância de levá-las em consideração no processo de ensino/aprendizagem de uma LE pretendo discutir as conseqüências do fato de que na Áustria e na Alemanha de hoje uma boa parte da população é constituída por estrangeiros, sobretudo por turcos. Considero pertinente uma discussão sobre o seu LI nesses países, uma vez que um aprendiz de alemão como LE, ao visitar a Áustria (ou a Alemanha), teria, muito provavelmente, contato com membros desse grupo étnico ou, pelo menos, com as discussões polêmicas que existem nesse país em relação a ele.

Cada sujeito ocupa, numa situação de contato, um determinado LI que é definido pelo discurso e pela ideologia que, por sua vez, são resultados da história. O LI de um sujeito é constituído por vários determinantes, como, para citar apenas alguns, seu gênero, sua classe social, sua idade, sua orientação sexual, o grau de escolaridade, e, também, pela sua nacionalidade. Ao refletirmos sobre essas relações e determinações, “sem cairmos na ilusão de sermos conscientes de tudo” (ORLANDI 1999: 9), podemos desenvolver uma “relação menos ingênua com a linguagem” (ibid.) e colocar questões sobre o que produzimos e o que ouvimos nas diferentes manifestações de linguagem. A partir de alguns artigos de um jornal austríaco, pretendo desenvolver, neste artigo, uma reflexão crítica sobre a possível construção do LI dos imigrantes turcos na Áustria.

2. Metodologia do trabalho

Os dados em que basearei minha argumentação provêm do *Neue Kronen Zeitung*, o jornal popular austríaco com a maior tiragem diária. São artigos que escolhi com o critério da sua temática, ou seja, eles tratam de assuntos relacionados à presença dos turcos na Áustria e das supostas relações sociais, das “relações de força”, entre austríacos e imigrantes turcos – isto é, o lugar do sujeito dentro de uma sociedade hierarquizada (ORLANDI 1999: 39).

Gostaria de ressaltar que não existe apenas UM discurso sobre os imigrantes turcos naquele país ou na Alemanha – uma análise de artigos de outros jornais menos populares (p. ex., *Der Standard*, *Die Presse*, a revista semanal *Profil*) permitiria avaliações diferentes das minhas. Assim, o discurso defendido pelo jornal *Neue Kronen Zeitung* não deve ser visto como o dominante no contexto geral das mídias do país, nem é representativo para a visão dos austríacos em geral. No entanto, baseio a seguinte análise quase exclusivamente em artigos do referido periódico por considerá-lo representativo para examinar o discurso xenófobo, existente na Áustria, em relação aos imigrantes. Uma vez que o espaço limitado deste artigo não permite uma análise abrangente dos vários discursos que podem ser observados a esse respeito, concentro-me no discurso xenófobo que, apesar de não ser dominante, pode ser definido como marcante e influente nas discussões políticas e sociais atuais na Áustria, na Alemanha, assim como na maioria dos outros países da União Européia.

3. Sujeito, discurso e ideologia

Ecoando PÈCHEUX (1990: 82), pode-se definir o conceito de lugar de interlocução como as “representações” ou “formações imaginárias” que designam o lugar que dois sujeitos se atribuem cada um a si e ao outro, “a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”. O lugar de interlocução de um sujeito é “historicamente definido por meio do discurso” (BOLOGNINI 1996: 864). A partir da visão da Análise de Discurso, o discurso é definido como a materialização do contato entre o ideológico e o linguístico (ORLANDI 1990: 26) e também como o “efeito de sentido entre locutores” (ORLANDI 1999: 21). Em

outras palavras, é no discurso que se dão os sentidos e o discurso depende da ideologia e do sujeito, pois “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (ibid.: 17). Sem discurso não há sentido, pois é o discurso – e a formação discursiva² – que dá sentido, sempre dependente de uma determinada ideologia. Isso explica porque a “mesma” palavra (p. ex. “turco”, “estrangeiro”, “imigração”) pode significar diferentemente quando usada em formações discursivas diferentes (p. ex. na Áustria e no Brasil).

Este resumo breve e superficial do que se entende por “discurso” e por “formação discursiva” na AD pode deixar a impressão de que se trate de aspectos correspondentes ou pertencentes a uma cultura ou a uma língua. No entanto, é importante ressaltar que não se deveria “pensar as formações discursivas como blocos homogêneos funcionando automaticamente” (ORLANDI 1999: 44). Muito pelo contrário, “elas são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações” (ibid.). Assim, como qualquer cultura e língua, as formações discursivas não são unidades estáveis, são abertas e em constante mudança e deslocamento.

Um aspecto fundamental para entender o conceito de discurso é a ideologia. A AD não se orienta nem na tradição epistemológica que relaciona a ideologia a idéias como ilusão, distorção ou mistificação da suposta realidade (p. ex., Gottfried W. F. HEGEL, Karl MARX, George LÚKACS), nem na tradição sociológica que se interessa pela função das idéias na vida social (cf. EAGLETON 1997: 16). Nas palavras de John B. THOMPSON (1984), a ideologia é “os modos pelos quais o significado (ou a significação) contribui para manter as relações de dominação” (apud EAGLETON 1997: 19). Essa definição corresponde à visão de ideologia na AD que ORLANDI descreve como o “mecanismo estruturante do processo de significação” (1999: 96) ou como a “direção nos processos de significação” que “se sustenta no fato de que o imaginário que institui as relações discursivas é político” (1990: 36), ou seja, determinado por relações de poder. EAGLETON enumera seis “estratégias” de ideologia que cito a seguir, pois, no meu entender,

² ORLANDI (1999: 43) define a Formação Discursiva como “o que, numa posição dada em uma conjuntura sócio-histórica, pode e deve ser dita” e diz que “as formações discursivas representam as formações ideológicas e dão sentido às palavras” (ibid.).

correspondem à visão de ideologia da AD e, além disso, as considero relevante para minha análise:

Um poder dominante pode legitimar-se promovendo crenças e valores compatíveis com ele; *naturalizando* e *universalizando* tais crenças de modo a torná-las óbvias e aparentemente inevitáveis; *denegrindo* idéias que possam desafiá-lo; *excluindo* formas rivais de pensamento, mediante talvez alguma lógica não declarada mas sistemática; e *obscurecendo* a realidade social de modo a favorecê-lo (EAGLETON 1997: 19).

As conseqüências dessas estratégias são denominadas, pela AD, a “evidência do sentido” que seria um “efeito ideológico” e não nos deixaria perceber o “caráter material” do sentido, a “historicidade de sua construção” (ORLANDI, 1999: 45). Ou seja, nos daria a impressão de que o sentido já está nas palavras e não é construído sempre pelo leitor que, por sua vez, está envolvido em uma determinada ideologia e faz parte de um discurso. A língua só significa porque acontece dentro de um discurso, e este, por sua vez, está determinado pela ideologia que relaciona a língua com a história. Assim, é através da língua que a ideologia trabalha e que realiza suas “estratégias” a serviço de certos interesses de poder.

Outro conceito essencial para discutir o LI é o de sujeito. A visão da AD a esse respeito é influenciada pelo deslocamento da noção de homem para a de sujeito, proposto pela psicanálise. ORLANDI mostra essa visão e a relação com a ideologia quando observa que “a ideologia [...] é condição para a constituição do sujeito e dos sentidos” e “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer” (1999: 46). É do interesse da ideologia não mostrar essas relações e chegar à “evidência de sujeito” que “apaga o fato de que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia” (ibid.), pois, dessa maneira, surge a visão do sujeito como origem de si mesmo e dos sentidos que produz, como plenamente consciente de si mesmo e independente de ideologia. Assim, escondem-se as relações de força, naturalizando crenças e sentidos. O que interessa para a AD é observar e analisar os processos de constituição de sentidos e de sujeitos e desvelar os mecanismos da ideologia para chegar à compreensão do funcionamento do discurso.

4. Türkische Spuren/Vestígios turcos³

[...] Das österreichisch-türkische Verhältnis ist [...] durch die Entwicklungen der letzten 30 Jahre von der historischen Ebene auf eine völlig neue – liberale problematische – gehoben worden. Bekanntlich stellen Türken ja das stärkste Ausländerkontingent im Lande, welches längst nicht mehr unter der Bezeichnung „Gastarbeiter“ firmieren kann. Es handelt sich nämlich realistisch gesehen um Einwanderer. Und zwar um solche, die aufgrund ihrer Kultur und ihrer islamischen Religion kaum vollständig in das traditionelle österreichische Kulturgefüge integrierbar sind.

Längst ist der Islam zur zweitstärksten Religionsgemeinschaft in Österreich geworden, stärker als die Protestanten. Längst gibt es Moscheen im Land, und an den Grundschulen gibt es neben den christlichen Religionslehrern muslimische Imame. Der Wiener Naschmarkt ist fest in türkischer Hand.

[...] kein vernünftiger Mensch fürchtet so etwas wie eine künftige türkische Staatsgründung im Herzen des Abendlandes. Allein aber die Existenz einer derart starken, noch dazu durch den Islam zusammengehaltenen Volksgruppe schafft Probleme genug (Neue Kronen Zeitung, 23 de novembro de 1999).

[...] Os desenvolvimentos dos últimos 30 anos levaram a relação austro-turca de um nível histórico para outro – que é extremamente problemático. Como se sabe, os turcos representam o maior contingente de estrangeiros no país e, há muito tempo, já não podem ser denominados de “trabalhadores convidados”. Trata-se, na realidade, de imigrantes. Trata-se de imigrantes que, por causa da sua cultura e da sua religião islâmica, dificilmente serão integráveis por completo na estrutura cultural tradicional da Áustria.

Faz muito tempo que o islã se tornou a segunda maior religião na Áustria, maior que os protestantes. Faz muito tempo que existem mesquitas no país e nas escolas primárias ensinam, junto com os professores de religião cristã, imãs muçulmanos. O “Naschmarkt” de Viena está inteiramente em mãos turcas.

[...] nenhuma pessoa sensata teme algo como uma fundação de um estado turco no coração do ocidente. Mas, a mera existência de um grupo étnico tão grande já causa bastante problemas, mais ainda como é um grupo que está unido pelo islã.

Este artigo, do dia 23 de novembro de 1999, trata da “relação austro-turca” que é o sujeito gramatical da primeira frase citada. O autor do artigo ocupa o lugar de interlocução de um austríaco e a partir dessa posição produzem-se efei-

³ Todas as traduções neste artigo são minhas.

tos de sentido que colocam os imigrantes turcos num LI diferente, inferior. Pode-se perceber que a “relação austro-turca”, o suposto tema do artigo, é reduzido a alguns comentários sobre a presença atual de turcos na Áustria. Ao discorrer sobre vários aspectos dessa presença, o autor deixa claro que atribui aos turcos que se encontram na Áustria um LI desprivilegiado. Mostra-se isso quando se observa que sua presença é chamada de “problema” duas vezes ao longo do texto e que eles são considerados como “não integralizáveis por completo”, que representam “a segunda maior religião na Áustria”, que “controlam” o “*Naschmarkt*” (a feira mais tradicional de Viena) e que são responsáveis pela construção de mesquitas nesse país, quase inteiramente católico.

Os turcos são vistos como um “problema”, o que se manifesta também na sua denominação como “*Einwanderer*” (imigrantes) e não mais como “*Gastarbeiter*” (“trabalhadores convidados”; os estrangeiros que, com base em convênios entre Estados, trabalham na Áustria ou na Alemanha). Diferentemente do Brasil, a palavra “imigrante” não aponta simplesmente para diferentes grupos e culturas da população atual do país, mas é associada, pelo menos no contexto do discurso xenófobo enfocado aqui, à ideia de problema. A Áustria tem, por certo, uma história marcada pela coexistência de diferentes culturas, sobretudo durante o Império dos Habsburgers. No entanto, é um país muito mais homogêneo que o Brasil onde, atualmente, se percebe uma valorização das diferenças culturais e religiosas dos diversos grupos étnicos que constituem a população. A “diferença” é vista, geralmente, como um aspecto fundamental para a identidade dos brasileiros – o que não acontece, nas mesmas medidas, na Áustria. Nesse país, a presença de um grupo étnico grande que é diferente da cultura dominante – caracterizada pelo catolicismo – é, muitas vezes, visto como o “outro” que assusta a cultura tradicional do país. A Áustria nunca foi um país colonizador. Embora tenha participado em algumas expedições e viagens para marcar sua presença nos países colonizados da América Latina, esses fatos não são relevantes para a imagem da própria história, como acontece, por exemplo, na França, na Espanha, em Portugal, etc. O país ficou, desse modo, na sua história recente, com poucos contatos culturais conflitantes até surgir o assim chamado “problema” que representa a imigração em massa, sobretudo de turcos, a partir dos anos 60.

Ao chamar a presença de turcos na Áustria “extremamente problemática”, o autor produz efeitos de sentido negativos para esse grupo étnico, que evidenciam o discurso e a ideologia xenófobos. Pode-se observar, ao analisar o artigo, as “estratégias de ideologia” (EAGLETON 1997: 19) com as quais o autor – conscientemente ou não – tenta naturalizar essa ideologia como se fosse óbvia. Ele não deixa

nenhum espaço para uma interpretação diferente à que ele tem sobre o tema, ou seja, exclui formas rivais de pensamento e apresenta sua avaliação como natural. No entanto, existem outros discursos em relação à presença de estrangeiros na Europa que chegam a interpretações contrárias dos “mesmos” fatos⁴. No caso da Áustria, pode-se observar que o discurso xenófobo está ligado às relações de poder político, ou seja, o discurso representado pelo jornal analisado – supostamente “independente” de qualquer partido político – está claramente relacionado ao discurso do Partido da Liberdade, partido da direita que nas últimas eleições nacionais obteve 26% dos votos e atualmente participa no governo federal. Essa relação com outro discurso chama-se interdiscurso.

5. O interdiscurso

ORLANDI (1999: 31) define o interdiscurso como a memória em relação a outro discurso, como “aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente de, tudo que já foi dito, vivido, experienciado em relação a um determinado assunto”. Neste lugar, cabe um pequeno comentário sobre o interdiscurso que existe entre o discurso jornalístico que chamei de “xenófobo” e o discurso do Partido da Liberdade, cujo representante mais conhecido – inclusive aqui, no Brasil – é Jörg Haider.

Atualmente, Jörg Haider é governador do Estado da Caríntia e segue uma política que objetiva a restrição decisiva da imigração para a Áustria. Como um efeito prático dessa orientação pode-se mencionar o fato de que dos 8000 estrangeiros que, no ano 2000, receberam a permissão de imigrar

⁴ Cf., p. ex., o artigo “Catalunha deve ser salva da paranóia nacionalista” de Mario Vargas LLOSA de 4 de março de 2001, no ESTADO DE SÃO PAULO. Embora Vargas LLOSA não se refira à situação na Áustria, o artigo é um exemplo do discurso que tenta enfrentar aquele que denominei o “xenófobo” e oferece uma visão diferente da mesma problemática. Assim, evidencia que o aspecto “ameaçador” da imigração em massa na Europa não está implícito nos acontecimentos, mas surge a partir de um determinado discurso – o discurso “xenófobo”.

legalmente para o país, a Caríntia, governado por Haider, só acolheu 60 (existem, no total, nove estados na Áustria).

Para voltar ao assunto que nos interessa aqui, cito, a seguir, um trecho de um artigo do jornal já mencionado, *Neue Kronen Zeitung*, assim como de outro jornal, *Der Standard*, que – como já mencionei acima – tem uma orientação crítica em relação ao discurso “xenófobo”. Os dois artigos citam pronunciamentos de políticos do Partido da Liberdade (PL).

Kärntens Landeshauptmann Haider hat Alarm geschlagen, weil seiner Ansicht nach die Zuwanderung nach Österreich total ausser Kontrolle gerate. Schuld daran sei die EU, die “offenbar an einer beschleunigten Zuwanderung von Ausländern” arbeite. [...] Die Bekämpfung der illegalen Ausländerbeschäftigung liege in Österreich im Argen. Österreichweit seien damit nur 31 Beamte befasst. Bei Verstößen werde vorwiegend nur abgemahnt statt bestraft. Die neue EU-Familienzusammenführungs-Richtlinie würde die Zuwanderung vervielfachen. Neben Ehegatten und Kindern könnten auch weitere Verwandte bereits nach einem Jahr rechtmässigen Aufenthalts nachkommen. Im EU-Richtlinienvorschlag sei auch der freie Zugang zum Arbeitsmarkt für Ausländer ohne Wartefrist vorgesehen. Das Schengen-Konzept (EU-Grenzschutz) funktioniere nicht, weil von Italien immer mehr Illegale hereinkommen. Das Schlepperwesen explodiere. Nur 10% aller Illegalen werde aufgegriffen. (Neue Kronen Zeitung, 14 de dezembro de 2000)

Für Entsetzen [...] sorgt die von der FPÖ [...] im Alsergrunder Kolpingheim abgehaltene Wahlkampfveranstaltung. [...] Am Podium habe FP-Gemeinderat Nikolaus Amhof [gesagt]: Seine Partei werde dafür sorgen, dass der neunte Bezirk „ausländerfrei wird“. [...]

Andere Reden, in denen RFJ-Funktionäre Schulklassen mit zu vielen Ausländern beklagten und meinten, „das will ich meinen Kindern nicht zumuten, das bedeutet nicht Integration der Ausländer in der Klasse, sondern eine Integration der Inländer in eine multikulturelle Gesellschaft“, wirkten im Vergleich dazu geradezu harmlos. (Der Standard, 14 de março de 2001)

O governador da Caríntia, Jörg Haider, pôs-se em alarme, pois, na sua opinião, a imigração para a Áustria estaria totalmente descontrolada. A culpa seria da UE que, “pelo visto, está interessada em acelerar a imigração”. [...] A luta contra o trabalho ilegal de estrangeiros na Áustria iria de mal a pior. Em todo país só 31 funcionários se ocupam dessa tarefa. Na maioria das vezes, infrações receberiam apenas uma advertência, e não multas. As novas regras da União Européia para reunir famílias multiplicaria a imigração. Depois de um ano de permanência legal na Áustria, poder-se-ia trazer outros parentes, além dos parceiros e filhos. Na proposta de normas da UE,

constaria também o livre acesso dos estrangeiros para o mercado de trabalho, sem fila de espera. O acordo de Schengen (proteção das fronteiras da UE) não funcionaria, visto que cada vez mais ilegais entrassem através da Itália. O tráfico com imigrantes ilegais explodiria. Apenas 10% dos ilegais seriam detidos.

Um comício do Partido Liberal no Kolpingheim no bairro Alsergrund em Viena causou espanto. No palco, o vereador Nikolaus Amhof [disse]: seu partido ir-se-ia responsabilizar para tornar o bairro Alsergrund “livre de estrangeiros” [...].

Parecidas com o teor dessa declaração, outras palestras pareceram inofensivas, quando militares da Juventude do PL se queixaram de turmas da escola com muitos estrangeiros e observaram que não queriam exigir isso dos seus filhos, pois “isso não significa a integração dos estrangeiros na turma da escola, mas a integração dos austríacos numa sociedade multicultural”.

O primeiro artigo é um resumo de uma declaração de Haider e evidencia que seu discurso está relacionado a uma ideologia xenófoba que interpreta a imigração de estrangeiros na Áustria como “ameaça”, pois segundo Haider, “a imigração está totalmente descontrolada”; a União Européia gostaria de “acelerar a imigração”; a luta contra o trabalho ilegal dos estrangeiros não mostraria os efeitos desejados; depois de um ano no país, os estrangeiros poderiam não só trazer seus parceiros e filhos, mas também outros parentes; o acordo de *Schengen* (sobre a proteção das fronteiras da União Européia contra a imigração ilegal) não funcionaria, pois aumentaria cada vez mais a entrada de ilegais através da Itália e só 10% dos ilegais seriam detidos pela polícia. Como comenta o governador, os planos políticos da União Européia para o futuro ainda agravariam essa situação.

Esse discurso – atribuindo aos imigrantes um LI que representaria uma suposta ameaça para os austríacos – está em plena contradição com a prática política tanto da Áustria como da União Européia em geral, pois as limitações para a imigração aumentam a cada ano. Evidencia-se, aqui, a ideologia xenófoba que está relacionada com os interesses políticos do Partido da Liberdade. Pode-se argumentar que esse partido tenta, através do discurso, naturalizar, universalizar e tornar evidente os sentidos que marcam tal ideologia.

A atualidade dessa problemática mostra-se no segundo artigo que, além disso, representa um bom exemplo do discurso que rejeita veementemente a xenofobia. É citado um vereador do PL que teria prometido, se seu partido vencesse na próxima eleição, tornar o bairro *Alsergrund* em Viena “livre de estrangeiros”. Outro

orador do mesmo partido é citado ao declarar que não queria “exigir” dos seus filhos que assistissem às aulas na escola com crianças estrangeiras, pois “isso não significa a integração dos estrangeiros na turma da escola, mas a integração dos austríacos numa sociedade multicultural”. Dentro desse discurso apresentado, criticamente, no citado artigo, uma sociedade multicultural só pode ser vista como algo negativo – diferentemente do que acontece no Brasil, em qualquer discurso de qualquer partido.

6. Adaptação e deslocamento do lugar de interlocução

O discurso xenófobo, defendido por uma parte da população austríaca em relação aos imigrantes turcos mostra-se em inúmeros artigos no jornal analisado que destacam o papel de turcos em crimes de vários tipos. Essa relação estabelecida entre o fato de ser turco e o potencial criminoso supostamente inerente a todo turco pode ser vista como mais um aspecto que sustenta as “representações” ou “formações imaginárias” que o discurso xenófobo atribui aos turcos na Áustria⁵. O texto a seguir, do dia 31 de outubro de 1999, não trata, à primeira vista, de um assunto que relacione esses dois aspectos; uma análise evidencia, no entanto, que o discurso xenófobo discutido acima se manifesta tanto aqui quanto nos artigos que abordam diretamente essa relação.

Ein altes Miethaus in der Antonigasse in Wien-Währing. Eines, in dem “viele Ausländer” wohnen. Tatsächlich, sechs türkische Familien. Allerdings solche besonderer Art.

In diesem Haus leb[t] auch [...] eine Frau, die ein schweres Rückenleiden hat und selbst nicht mehr viel erledigen kann im Haushalt. Die Türken – „Sie sind allesamt berufstätig“, schreibt mir Herr L. – sagen „Oni“ zu ihr und helfen ihr.

Als die Frau kürzlich ins Spital musste, wurde sie täglich von Türken besucht.

⁵ Nesse contexto, é interessante observar que o PL colocou, em todos os lugares de exposição, lado a lado dois tipos de cartazes na campanha eleitoral de Viena, na primavera de 2001: o primeiro tem como destaque a palavra “Ausländer” (estrangeiros), o segundo “Kriminalität” (criminalidade) (cf. DER STANDARD, 14 de março de 2001).

Im Haus in der Antonigasse aber geschah unterdessen folgendes. Die Türken räumten die Wohnung der kranken Frau aus und rollten die alten Teppiche zusammen. Dann schrubbten sie den Boden, klopfsten, wuschen und trockneten die Teppiche im Hof [...]. Als „die Oni“ [...] wieder heimkam, wurde sie stürmisch begrüßt. Dann hat sie ihre Wohnung betreten, hat alles gesehen, hat gespürt, dass diese Menschen sie lieben – und ich glaube, am Abend im Bett hat sie ein bisserl geweint auf Rührung. Verdammt, es gibt Tag für Tag wirklich üble Geschichten zu lesen über gewisse ausländische Mitbürger. Aber man sollte wirklich nicht alle in einen Topf werfen (Neue Kronen Zeitung, 31 de outubro de 1999).

Um velho prédio de aluguel no bairro Währing em Viena. Um daqueles onde moram „muitos estrangeiros“. Efetivamente, seis famílias turcas. Mas, são famílias especiais.

Nesse prédio mora também uma senhora com graves problemas na coluna e que já não consegue cuidar de tudo em casa. Os turcos – “todos trabalham” me conta o senhor L. – chamam-na “a vovó” e ajudam-na.

Quando a senhora foi internada no hospital pouco tempo atrás, recebeu visita dos turcos todos os dias.

Ao mesmo tempo, no prédio na Rua Antoni aconteceu o seguinte: Os turcos arrumaram o apartamento da doente e enrolaram todos os velhos tapetes. Depois lavaram o piso, bateram, lavaram e secaram os tapetes no quintal [...]. Quando “a vovó” voltou, foi recebida impetuosamente. Entrou no seu apartamento e viu tudo, sentiu que essas pessoas a amassem – e, eu acredito, de noite chorou um pouco na cama, por comoção.

Pô, dia a dia lê-se histórias realmente negativas sobre certos cidadãos estrangeiros. Mas, não se deveria julgar todos iguais.

Neste artigo, evidenciam-se algumas conseqüências do discurso xenófobo. Em primeiro lugar, observa-se que o autor divide os estrangeiros/turcos que moram na Áustria em dois grupos. O primeiro, ao qual pertencem os protagonistas deste texto, são “especiais”, pois todos são empregados e amáveis com a “vovó”. O segundo grupo é responsável pelas “histórias realmente negativas” que se lê “dia a dia” nos jornais. A avaliação deste segundo grupo corresponde à análise que fiz do primeiro artigo e aponta para o LI desqualificado atribuído aos turcos no país. No entanto, em relação ao primeiro grupo, pode-se perceber um deslocamento no LI, na medida em que os imigrantes turcos se aproximam de uma posição menos ameaçadora, pois trabalham e adotam um comportamento não só amável, mas quase submisso em relação aos austríacos. Acontece, assim, um deslocamento do LI, porém a inferioridade desse LI se mantém, pois o autor deixa claro que se trata de uma “exceção”. Dessa maneira, embora fale positiva-

mente sobre alguns turcos, o artigo não contribui para uma possível mudança do discurso negativo vigente em relação a pessoas dessa nacionalidade que se encontram na Áustria.

Ao mostrarem um comportamento “submisso”, acontece um deslocamento do LI dos imigrantes que os coloca numa posição menos desfavorável. Há de mencionar que um austríaco, obviamente, não precisaria mostrar tal comportamento para se manter na sua posição privilegiada, ou seja, para diminuir a distância entre seu LI e o de um austríaco, o turco precisa comportar-se de uma maneira que, por um lado, se aproxima da cultura e da ideologia dominante, mas, por outro lado, se mantém numa posição menos privilegiada, pois submissa.

7. Conclusão

Ao entrar em contato com falantes de alemão e sua cultura, o sujeito-aprendiz de alemão com LE deve ter consciência do contexto político-histórico no qual se insere esse encontro. No caso dos países de língua alemã, a situação política está, há anos, marcada por discussões em torno da questão da imigração de estrangeiros, tratando-se, na maioria dos casos, de turcos.

Assim como os brasileiros se encontram num LI desprivilegiado em relação aos alemães (cf. BOLOGNINI), os imigrantes turcos, também, falam, sobretudo em situações de contato marcadas por um discurso xenófobo, a partir de LIs desqualificados – embora por razões históricas diferentes. Para o sujeito-aprendiz brasileiro, esses fatos têm importância na medida em que as discussões sobre a presença de estrangeiros fazem parte da atual situação sócio-histórica tanto da Áustria como da Alemanha. A partir do pressuposto de que perspectivas sócio-históricas devem ser incluídas ao preparar o sujeito-aprendiz para falar uma LE, a temática discutida aqui não deve ser desconsiderada em sala de aula, pois seria problemático negligenciar um tema tão importante e polêmico como a presença dos turcos na Áustria ou na Alemanha.

No entanto, no meu entender, o simples contato com uma outra história ou com uma outra cultura por meio da LE não é suficiente para promover modificações no LI dos sujeitos envolvidos, como sugere BOLOGNINI (1999a: 330), pois existem relações de força no meio político e econômico que exercem um

forte poder que trabalha através da ideologia. Essa ideologia desvaloriza idéias que possam desafiar-la, como já observou EAGLETON (1997: 19). Mas, sem dúvida, discussões a respeito das constituições históricas ou políticas dos LI são valiosas, pois podemos, para usar novamente as palavras de ORLANDI (1999: 9), “desenvolver uma relação menos ingênua com a linguagem. Se isso não levar a uma mudança do discurso xenófobo defendido por uma parte da população austríaca ou alemã, pelo menos pode inspirar uma atitude ou reflexão crítica dos aprendizes de alemão a esse respeito.

Referências bibliográficas

- BOLOGNINI, Carmen Zink. “Relações de contato entre Brasil e a Alemanha: Análise de arquivos e da conversação”, In: RUNA – *Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos*. 1996, vol. 26, Band 2, 863-869.
- _____. “A história e a ideologia nas relações de contato entre Brasil e Alemanha: contribuições para o ensino de uma língua estrangeira”, In: *Pandaemonium Germanicum – Revista de Estudos Germânico*. Humanitas, 1999^a, vol. 3, n. 1, 315-331.
- _____. “O poder definindo a cultura”, In: *IV Congresso Brasileiro de Professores de Alemão – IV. Brasilianischer Deutschlehrerkongress*, ANAIS, Curitiba, 1999b, 107-110.
- EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução* (traduzido por Luís Carlos BORGES e Silvana VIEIRA), São Paulo, UNESP/Boitempo, 1997.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Terra à vista!: discurso e confronto: velho e novo mundo*. São Paulo, Cortez, Campinas, S.P., Editora da Unicamp, 1990.
- _____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, S.P., Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, Michel. “Análise automática do discurso”. In: GADET Françoise & HAK Tony. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux* (traduzido por Bethania S. MARIANI et. al.), Campinas, Editora da UNICAMP, 1990.

Das Institut Martius-Staden – Geschichte und Gegenwart

Joachim Tiemann

Abstract: Instituto Martius-Staden is a German-Brazilian institution of culture, history, and language in São Paulo. Founded in 1916 as an association of German teachers, the institute survived difficult times in the fourth and fifth decades of the century. The main problems were the laws and rules of the Vargas-period and the attempted ideological expansion of Nazi-Germany. The institute set up archives and a library of German immigration and gathered a huge collection of mainly Brazilian-based German newspapers. In later years library sections of arts, German literature, and history were added. Since 1953 the institute has issued an annual publication named "Staden Jahrbuch" with contributions of renowned authors mainly on Brazil.

Keywords: Instituto Martius-Staden; history of the German minority in Brazil; German immigration in Brazil.

Resumo: Fundado em 1916 como Associação de Professores Alemães em São Paulo, o Instituto sobreviveu aos distúrbios do século passado, ao nacionalismo do governo Vargas e sobretudo, às infiltrações ideológicas do regime nazista da Alemanha. Estabeleceu um arquivo e uma biblioteca da imigração alemã, sendo que a coleção de jornais e revistas de língua alemã é a maior na América Latina. Nos anos seguintes adquiriu as bibliotecas de artes e de belas letras. A partir de 1953 publicou o Staden Jahrbuch (Anuário Staden) com contribuições de autores notáveis para assuntos brasileiros. Em 1997 a Fundação Visconde de Porto Seguro assumiu o Instituto.

Palavras-chave: Instituto Martius Staden; historia da minoria alemã no Brasil; imigração alemã no Brasil.

Stichwörter: Institut Martius-Staden; Geschichte der deutschen Minderheit in Brasilien; deutsche Einwanderung in Brasilien.

1. Der Name

Wenn man von der Geschichte und der Gegenwart des Instituts Martius-Staden sprechen will, tut man vielleicht gut daran, zunächst einmal den Namen zu erklären. Es handelt sich bei ihm um die Namen zweier Personen, Staden und Martius – dies ist die chronologisch richtige Folge.

Hans Staden war der erste Deutsche, der in und um Brasilien berühmt wurde. Er lebte von etwa 1525 bis 1576, stammte aus Homberg in Hessen und war zweimal in Brasilien, 1547 und 1550 – 1554. Er kam auf seiner zweiten Reise als Schiffbrüchiger zunächst nach Santa Catarina, dann – von neuem schiffbrüchig – über Itanhaem nach São Vicente. Dort wurde er nach einiger Zeit Kommandant des Forts São Felipe. Auf einem Jagdausflug nahmen ihn die Tupinambás gefangen und sicher wäre er ein Opfer ihres Kannibalismus geworden, hätte sie nicht die Furcht vor der Rache des Christengottes abgehalten. Er wurde befreit, kehrte nach Deutschland zurück und verfaßte hier, Grund seiner Berühmtheit, einen Bestseller: „Wahrhaftig Historia und beschreibung eyner Landschafft der Wilden / Nacketen / Grimmigen Menschfressen Leuthen ...“, erstmals erschienen in Marburg 1557. Es war das erste Buch über Brasilien, eine faszinierende Geschichte, später auch eine Fundgrube für Ethnologen. In viele Sprachen übersetzt, erlebte es zahlreiche Auflagen.

Fast 270 Jahre nach Staden wurde Carl Friedrich Philipp von Martius 1794 in Erlangen geboren und starb 1868 in München. Er war Arzt und Botaniker. 1817 kam er mit der Erzherzogin Leopoldine nach Brasilien und unternahm 1818 bis 1820 mit seinem Kollegen Spix eine Expedition von 10.000 Kilometern ins Amazonasgebiet. Die Ergebnisse sollten sein ganzes weiteres Leben bestimmen. Aus seinen Werken ragen neben der „Reise nach Brasilien“ (3 Bände) vor allem die ebenfalls dreibändige „Historia Naturalis Palmarum“ und die „Flora Brasiliensis“ in 40 Bänden hervor, diese ein Sammelwerk, an dem bis nach Martius' Tod rund 65 Botaniker gearbeitet haben. Daneben stehen eine Reihe von Arbeiten zur Ethnographie, Anthropologie und Geschichte Brasiliens. Auch ein erst im Nachlaß gefundener Roman fehlt nicht.

Staden und Martius, das sind Namen von Gewicht. Eine Institution, die sie als Namenspatrone wählt, weckt Erwartungen.

2. Zur Geschichte des Instituts

2.1. Es gibt noch keine Darstellung der Geschichte des Instituts. An Quellen liegt eine größere Anzahl von Akten, Sitzungsprotokollen, Zeitungsberichten, Briefen und Memoiren vor. Vor allem ist zu nennen eine vollständige Sammlung der Vorstandsprotokolle des „Deutschen Lehrervereins“ von 1916 bis 1938 und – wichtiger noch – das Tagebuch von Dr. Karl Fouquet. Dieser, 1897 in Blumenau SC geboren und 1980 in São Paulo gestorben, war ein in Deutschland ausgebildeter Gymnasiallehrer mit den Fächern Deutsch, Geschichte, Philosophie. Er kehrte 1926 nach Brasilien zurück und wurde Lehrer und bald auch Stellvertreter des Direktors an der „Deutschen Schule“ in São Paulo. Dort schied er 1938 wegen eines Gehörleidens aus und widmete sich von dieser Zeit an hauptberuflich dem, was heute das Institut Martius-Staden ist. 1968 trat er in den Ruhestand, blieb seinem Institut aber eng verbunden. Sein fast lebenslang geführtes Tagebuch von etlichen tausend Manuskriptseiten setzte er Anfang der 70er Jahre mit – wie er sagt – leichten Kürzungen in einen Schreibmaschinentext von gut tausend Seiten um. Das Original befindet sich im Niedersächsischen Staatsarchiv in Wolfenbüttel, eine von drei Durchschriften gehört dem Institut. Sie wird in der Folge als „Fouquet TB“ zitiert. Der folgende Abriß einer Geschichte des Instituts stützt sich wesentlich auf diese Aufzeichnungen Fouquets, die hier zum ersten Mal ausgewertet werden durften. Es versteht sich, daß die Darstellung über weite Strecken der Perspektive ihres Hauptgewährsmannes folgen wird, ohne dessen Aufzeichnungen im Detail überprüfen zu können. Ergänzungen und gegebenenfalls notwendige Korrekturen bleiben weiterer Forschung und der Erschließung zusätzlicher Quellen vorbehalten.

2.2. Gründung eines Lehrervereins 1916

Für die Geschichte des Instituts ist diese Quelle ab 1926 von Relevanz. Tatsächlich reicht diese Geschichte aber noch 10 Jahre weiter zurück; 1916 ist das Jahr, mit dem wir zu beginnen haben. In diesem Jahr wurde in São Paulo ein deutscher Lehrerverein gegründet. Es gab zu dieser Zeit eine beträchtliche Zahl von deutschen Schulen in und um São Paulo, zumeist kleine Primarschulen. Schwerpunkt war die große „Deutsche Schule“ im Zentrum der Stadt an der damaligen Rua Olinda. Diese Schulen arbeiteten mit einem weitgehend deutschen Curriculum und nahmen in Deutschland ausgebildete Lehrer unter Ver-

trag, die häufig definitiv in Brasilien blieben. Später ging Deutschland dazu über, den Schulen im Ausland beamtete deutsche Lehrer mit einem befristeten Vertrag zur Verfügung zu stellen. Diese kehrten – und kehren – nach Ablauf ihrer Vertragszeit in der Regel in den innerdeutschen Schuldienst zurück. Die sogenannte Olinda-Schule war der Vorläufer des heutigen „Colégio Visconde de Porto Seguro“, verfügte über eine Anzahl deutscher Gymnasiallehrer und einen deutschen Schulleiter und führte zu in Deutschland anerkannten Abschlüssen, ab 1929 auch zum deutschen Abitur. Der Lehrerverein bekam in der Schule seinen Sitz. Es mag um die Zeit der Vereinsgründung 40 bis 50 deutsche Lehrer in São Paulo gegeben haben. Diese hatten mehr oder weniger identische Interessen: Ausbau ihrer Rechtsstellung in der Schule und im Lande, Verbesserung der Besoldung ebenso wie ihrer Kranken-, Unfall- und Alterssicherung. Ein wichtiger Programmpunkt im Verein war auch der Sprachunterricht: Portugiesisch für die Neuankömmlinge, Deutsch für die Brasilianer. Natürlich haben daneben gesellschaftliche Veranstaltungen nicht gefehlt: Konzerte, Laienspiele, Feste, Vorträge, Diskussionen und Skatabende – um nur einiges zu nennen. Die genannten Sitzungsprotokolle zeigen Details auf. Auf jeden Fall war die Agenda immer gefüllt.

2.3. Gründung des Archivs

Das nächste für das Institut wichtige Ereignis ist der „Aufruf“ des „Vereins Deutsche Schule S. Paulo“ vom 18. April 1925, publiziert in der hiesigen „Deutschen Zeitung“. In ihm wurden alle Mitglieder der „deutschen Kolonie“, „Vereine und Firmen“ aufgefordert, „Dokumente, Bilder, Photographien, Jahresberichte, Fest- und Jubiläumsschriften und Veröffentlichungen jeder Art, soweit sie auf die Entstehung und das Wachstum der Kolonie Bezug haben“, zur Verfügung zu stellen: die Schule wollte ein „Archiv für die Geschichte der deutschen Kolonie“ gründen. Dies geschah in der Tat. Was entstand, war die Wurzel des heutigen Institutsarchivs.

2.4. Die 30er Jahre bis 1935

Die 30er Jahre brachten mit krisenhaften wirtschaftlichen Entwicklungen und einem vielerorts, vor allem in Deutschland, aber auch in Brasilien zu beobachtenden Rechtsruck in Politik und öffentlicher Meinung einen Aufschwung nationalistischer und faschistischer Parteien und Gruppierungen. Dies machte sich überall in Form generell von Unruhe, aber auch von sich ändernder Programmatik, einer anderen Sprache und dem Auftreten von bisher nicht existenten

oder nicht genannten Gruppen bemerkbar. Es finden sich beispielsweise im Archiv des Instituts Berichte aus der „Deutschen Zeitung“ über die Jahreshauptversammlungen des Lehrervereins in den Jahren 1934 und 1935. Ich zitiere vom 15.4.1935: „Hans-Staden-Verein (Deutscher Lehrerverein): Einen erfreulichen Einblick in die hiesige Deutschtumsarbeit gewährleistet die Jahreshauptversammlung des Hans-Staden-Vereins, die dank der verständnisvollen Mitarbeit und Anteilnahme fast aller Schulvorstände und Lehrer unseres Staates und angrenzender Gebiete sich zu einer geschlossenen und eindrucksvollen Kundgebung gestaltete...“. Es waren „mehr als 150 Teilnehmer“ zugegen, „darunter die Vertreter des Generalkonsulates, der NSDAP, der Kirche, des VDV, der Schulhilfe, des Sängerbundes, der Gesellschaft Germania und des deutschbrasilianischen Jugendringes.“ In den Berichten ist von der „Stellung der hiesigen Lehrerschaft zum neuen Deutschland“ (1934) die Rede und von der schon genannten „Deutschtumsarbeit“. Das heißt, der seit Januar 1933 in Deutschland die Macht an sich reißende Nationalsozialismus versucht auch im getulistischen Brasilien unter den Deutschen Einfluß zu gewinnen.

2.5. Hans-Staden-Verein

Im Protokoll der Versammlung von 1935 hat der Lehrerverein einen neuen Namen: Hans-Staden-Verein. Die Umbenennung war auf eben dieser Jahreshauptversammlung am 6.4. 1935 beschlossen worden, einstimmig. Im Tagebuch Fouquets steht auf Seite 564f. unter dem 8. April 1935 zu lesen, daß der Vorschlag zur Umbenennung von ihm selber gekommen war. Seiner Darstellung nach hatte er zunächst angeregt, daß die „Deutsche Schule“ den Namen Stadens annehme, aber der Schulträger war nicht interessiert. So trug von nun an der Lehrerverein den Namen des deutschen Landsknechts aus der Frühzeit der brasilianischen Geschichte. Den Vorsitz in diesem Verein hatte Fouquet bereits seit 1932 inne. 1933, 1934 und 1935 war er wiedergewählt worden, diesmal sogar für drei Jahre.

2.6. Nationalismus: die Dekrete des Jahres 1938

Es war zum einen, wie oben angedeutet, eine Welle von Nationalismus, die in den 30er Jahren um die Welt ging und auch Brasilien nicht so ganz verschonte. Zum anderen sorgte der penetrante Aktionismus des nationalsozialistischen Deutschland dafür, daß das deutsche Element im Lande zum Objekt von Ge-

hässigkeit und Aggressionen wurde. Generell aber ging es gegen Vereine und Schulen von Ausländern überhaupt.

Dekrete vom 7. und 18. April und vom 4. Mai verboten jede politische Betätigung von Ausländern im Lande sowie die Erteilung von Unterricht in anderen Sprachen als Portugiesisch. Damit war den deutschen Schulen ebenso wie dem Hans-Staden-Verein, aber auch der NSDAP und ähnlichen Gruppierungen der Boden entzogen. Die Ereignisse dieser Zeit müssen auf die Betroffenen dramatisch gewirkt haben, jedenfalls bricht das Tagebuch Fouquets hier für 1 1/2 Jahre ab. Der Autor hat die Lücke 1976 durch eine Zusammenfassung zu schließen versucht (Fouquet TB S. 617-621).

2.7. Gründung der „Sociedade Hans Staden“

Fouquets Bericht gemäß reagierten im Hinblick auf die deutsche Schule und den Lehrerverein die offiziellen deutschen Instanzen, nämlich Botschaft und Auswärtiges Amt, sehr schnell. Sie erteilten unter Abänderung eines kürzlich geschlossenen Vertrages Dr. Fouquet den Auftrag, nun bei strengster Beachtung aller Rechtsvorschriften „nach eigenem Ermessen ein wissenschaftliches Institut brasilianischen Rechts einzurichten. Das sollte unsere kulturellen Überlieferungen pflegen und dem Kulturaustausch zwischen Deutschland und Brasilien dienen. Es wurde mit mehreren Getreuen schon 1938 in São Paulo gegründet und erhielt den Namen 'Sociedade Hans Staden', Hans-Staden-Gesellschaft.“ (Fouquet TB S. 619). Es ist nicht zu übersehen: Dies ist die eigentliche Geburtsstunde des Instituts.

Fouquet schließt die Feststellung an, daß das Institut von jetzt an eine „Organisation der Selbsthilfe“ war, das heißt von keiner anderen Institution abhängig war, aber auch darauf angewiesen, sich selbst zu finanzieren. Das sollte als eine schwierige Verpflichtung 59 Jahre lang auf dem Institut lasten und die Verantwortlichen viel Zeit und Schweiß kosten – bis es denn auch schließlich nicht mehr ging. Der Geschäftsführer, Dr. Fouquet selber, wurde allerdings bis zum Kriegseintritt Brasiliens im August 1942 aus deutschen Kassen besoldet. Ein nicht unwesentlicher Teil seiner Arbeit mit einer Vielzahl von Reisen nach Rio und in den Süden galt von nun der Werbung von Mitgliedern und Förderern

...

Noch im Jahre 1938 mietete die neue Gesellschaft Räumlichkeiten im Zentrum der Stadt (Rua Barão de Itapetininga Nummer 120), die sie im Februar 1939 bezog.

2.8. Schule und Lehrerverein 1938

Der bisherige Träger des Namens Staden, der deutsche Lehrerverein, geriet ebenso wie die Schule durch die Vargas-Dekrete in eine akute Existenzkrise. Während die Schule diese durch Schließung ihrer deutschen Klassen und Abschaffung des gesamten deutschen Unterrichts mit Mühe überstehen konnte, ging der Lehrerverein zugrunde. Mit ihm schied sein letzter Vorsitzender, ein Lehrer der Schule, aus dem Leben. Und dies im Gefolge einer Kontroverse um die Entlastung des Kassenswartes, wobei der Vorsitzende wohl keine Schuld, aber die Verantwortung trug.

2.9. Die Anfänge der Sociedade Hans Staden

Die Sociedade Hans Staden übernahm vom Lehrerverein nicht nur den Namen, sondern auch die Bibliothek und von der Schule das historische Archiv, dieses zunächst nur vorübergehend. Für die Schule war es im Moment überlebenswichtig, das Bild einer „deutschen“ Schule so weit wie möglich zu tilgen.

Archiv und Bibliothek sammelten sich um Fouquet in den Räumen seiner neuen Sociedade. Er mietete ein drittes Zimmer hinzu und bald auch ein viertes und fünftes und konnte eine erste Sekretärin einstellen, der nach kurzer Zeit eine zweite folgte. Seine primär interne Arbeit fand trotzdem Resonanz: „Viel Arbeit“, heißt es auf Seite 629 des TB unter dem 30.6.1940 und: „Gute Fortschritte, fast von allen Seiten warme Zustimmung, doch geht es mir zu langsam voran. Man müßte mehr werben können, doch das verbieten die politischen Verhältnisse.“ Am 9.1.1941 schrieb Fouquet: „Sichtung der Akten des ehemaligen Landesverbandes und der ehemaligen Lehrervereine beendet. Zwölf Pakete für das Archiv der Staden-Gesellschaft übrig geblieben. Dies war die letzte von drei Sichtungen, die erste 1938, die zweite 1940. Fünf bis sechs Wochen sehr viel Zeit darauf verwandt.“ Fouquet sagt nicht, welcher Art diese „Sichtungen“ waren. Man kann es sich denken: es sind die braunen Spuren der NS-Infiltration, die es zu tilgen galt. Es gab auch Publikationen der Gesellschaft in dieser Zeit, versteht sich: auf Portugiesisch. In der Regel ging es um kleine historische Schriften über Personen wie Varnhagen, Oeynhausens, Ulrich Schmiedel, teils von Fouquet selber, teils von Friedrich Sommer, dessen Arbeiten vor allem über die Deutschen in São Paulo bis heute aktuell geblieben sind.

2.10. Zuspitzung der politischen Lage

Die Zeiten wurden immer schwieriger. Im Juni 1941 begann der Krieg gegen Rußland, im Dezember 1941 mit dem japanischen Überfall auf Pearl Harbour und der Kriegserklärung Deutschlands und Italiens der Konflikt mit den USA.

In Brasilien gab es immer neue Einschränkungen für Deutsche und Italiener, das Klima war extrem unfreundlich. Schon vom 1. September 1941 an durften keine fremdsprachigen Zeitungen mehr erscheinen. Zunehmend wurden Deutsche verhaftet und in der alten „Einwandererherberge“ interniert. Die Olinda-Schule wählte sich einen neuen Namen: sie hieß fortan „Instituto Visconde de Porto Seguro“. Dieser Visconde war der deutsch-brasilianische Historiker Franz Adolf Varnhagen, nach dem die Schule bis heute heißt.

2.11. Kriegseintritt Brasiliens. Das Ende der Sociedade Hans Staden

Am 22. August 1942 trat Brasilien in den Krieg ein. Dies blieb zunächst für Dr. Fouquet und die Hans-Staden-Gesellschaft ohne Folgen. War es doch eine Institution brasilianischen Rechts! Fouquet stellte mit Stolz fest, daß die Bibliotheksbestände zur deutschen Einwanderung bereits größer waren als die der Nationalbibliothek in Rio oder der Municipalbibliothek in São Paulo (TB S. 657). Im übrigen ging es ums Überleben der Institution. So zählte Fouquet am 1.1.1944 zu den Erfolgen des abgelaufenen Jahres die „Erhaltung der Hans-Staden-Gesellschaft ... Aufgaben für das neue Jahr: finanzielle Grundlagen der Gesellschaft erweitern und festigen, zwei Schriften herausgeben, ausbauen, Vertrauen der Öffentlichkeit in ihre Leistungsfähigkeit stärken...“ (TB S. 660). Aber in Wirklichkeit ging es mit der Gesellschaft bergab, zumindest in den Amtsstuben der brasilianischen Polizei und der übrigen Bürokratie. Offenbar hatte es in Rio, so wurde Fouquet informiert, bei der Polizei eine Anzeige gegeben. Fouquet hielt die Verdienste der Gesellschaft dagegen und schrieb (TB S. 667, 12.6.44), daß sie „der brasilianischen Geschichtsforschung schon einige Dienste geleistet ... habe. Außerdem ergänzen die Bibliothek und das Archiv die großen historischen Institute auf diesem Spezialgebiet in wirklich ausgezeichnete Weise. Das ist eine Tatsache, um die niemand herum kann.“

Das Diário Oficial da União dagegen stellte fest, daß „die Hans-Staden-Gesellschaft schon am 25. Januar dieses Jahres zu den im Prinzip aufgelösten Vereinen gehörte ... Hier erhielten wir hingegen die Antwort, es sei alles in Ordnung, a sociedade funciona legalmente“ (TB S. 672, 22.11.1944). Aber am

12.1.1945 ersetzte die Gesellschaft doch ihr eigenes Firmenschild durch das des Instituto Genealógico Brasileiro des Obersten Moya. Mit diesem war Fouquet befreundet, er war in den Fähnissen dieser Zeit derjenige, der ihn nach Kräften beriet und schützte. Die Gesellschaft war offiziell erloschen.

2.12. Die Nachkriegsentwicklung ab 1947

In Fouquets Tagebuch heißt es unter dem 7.3.1947 (S. 763): „Besuch von Carvalho Franco im Büro. Er unterzeichnete das Gründungsprotokoll des Hans-Staden-Instituts ...“. Das heißt, nach 2 1/2 Jahren der Quasi-Nichtexistenz begann nun alles neu, jetzt unter dem Namen „Institut“. Und am 26.3.1947 schrieb Fouquet: „Alle mit der Neugründung zusammenhängenden Formalitäten sind erledigt, die Satzungen eingetragen, ein Auszug ist im Diário Oficial vom 19.3. veröffentlicht ... Dabei hat Oberst Moya sich viel Mühe gegeben ... Nun heißt es Mitglieder zu werben und die wirtschaftlichen Grundlagen schaffen.“ (TB S. 763f).

Am 9.8.1947 fand eine erste Sitzung des Vorstandes statt: „Anwesend Carvalho Franco, Moya, Carlos da Silveira, Cunha Medeiros, Turelli und Nunes Dias; es fehlte nur Cunha Bahiana. Die wenigen Mitglieder, die sich bisher gemeldet haben, 31, aufgenommen. Der Arbeitsausschuß eingesetzt: Edgar Bromberg, Waldemar Niemeyer, Walter Nobiling, Hans Riechmann und ich; ich als Geschäftsführer. Habe damit nach langen Jahren wieder eine rechtlich nachweisbare Stellung ... Vorsitz der Besprechung: Moya.“ (TB S. 769). Der Vorstand war deutlich brasilianisch, die für die eigentliche Arbeit zuständige Gruppe deutsch. Sicher ein kluges Arrangement. Dr. Hamilcar Turelli war dann viele Jahre Präsident des Instituts und für Jahrzehnte Direktor des Colégio Visconde de Porto Seguro. Er hat Fouquet so gut wie immer den Rücken gestärkt.

Dessen Anfang war von schweren Finanzsorgen überschattet: „Seit 2 1/2 Jahren konnten keine Mitgliederbeiträge eingezogen werden, nur Spenden; die vor kurzem begonnene Werbung wirkt sich noch nicht aus, um so stärker aber die Inflation ...“ (TB S. 769).

Fouquet reiste durch die Lande, um Mitglieder und Förderer zu finden: Rio, Curitiba, Blumenau, São Leopoldo, Porto Alegre. Überall sah er alte Freunde und Bekannte und gewann neue. Die Erfolge waren trotzdem schwer erkämpft, denn viele Leute gerade aus dem deutschen Umkreis kämpften noch mit wirtschaftlichen Schwierigkeiten. Immerhin berichtete er Ende 1947 von 106 Mitgliedern und Förderern, im September 1950 waren es 300, 1955 – 409, 1967 – 850: für die Dauerfinanzierung des Instituts immer noch zu wenig.

1950 begann auch der Sprachunterricht des Instituts wieder. Die Deutschkurse wurden von einem Lehrer der „Porto Seguro-Schule“, Dr. Ackermann, geleitet. Es waren im 2. Semester des Jahres 15 Kurse mit 209 Schülern.

2.13. Das Jahr 1951

Für die feste Etablierung des Instituts war das Jahr 1951 von außerordentlicher Bedeutung.

Es sind vor allem zwei Vorgänge zu nennen. Zum einen war es der rühri gen Werbetätigkeit Fouquets zu verdanken, daß das Institut in die Lage kam, eigene und ausreichend große Räumlichkeiten zu erwerben. Es war ein fast 300 qm großes Stockwerk in der Rua Conselheiro Crispiniano, in dem Verwaltung, Bibliothek, Archiv und auch noch Vortragsveranstaltungen Platz fanden.

Zum anderen und vor allem gelang es Fouquet, die Gründung einer Parallelorganisation zum Institut ins Werk zu setzen. Das war die Fundação Martius, die aus steuerlichen Gründen für Spender attraktiv war und sich zum Immobilienbesitzer für das Institut entwickelte. Sie besaß, als sie 1997 in die Fundação Porto Seguro überging, drei Stockwerke an der Rua Sete de Abril, das genannte Stockwerk an der Conselheiro Crispiniano und ein Haus an der Avenida Francisco Morato.

2.14. Staden-Jahrbuch, Kulturveranstaltungen

Anfang der 50er Jahre begann das Staden-Jahrbuch zu erscheinen, das im Jahre 2000 mit dem Band 47/48 publiziert wurde. Es ist ein wissenschaftliches Periodikum, das sich in der Fachwelt hohe Anerkennung erworben hat und heute an etwa 300 wissenschaftliche Bibliotheken und Institute verschickt wird. Es geht in ihm um „Brasilkunde“, Brasilienrelevantes also. Unter den Herausgebern und Autoren fanden sich seit Anbeginn und immer wieder bedeutende Namen wie Egon Schaden, Karl Heinrich Oberacker, Helmut Andra, alle drei Einwanderungshistoriker von Rang, Antônio Cândido und Flórestan Fernandes, aber auch Geographen aus dem deutschen Universitätsbereich wie Gerd Kohlhepp und Herbert Wilhelmy oder Literaturhistoriker wie die Paulistaner Erwin Theodor Rosenthal und Marion Fleischer und der Deutsch-Kanadier Gerhard Friesen – um nur einige Namen zu nennen.

Neben dem Jahrbuch haben immer „Veranstaltungen“ zum Programm des Instituts gehört. Von allem Anfang an gab es Vorträge zu den verschiedensten Themen. Hinzu kamen bald musikalische „eventos“ wie Singabende,

Konzerte, Theateraufführungen, aber auch Wanderungen und Jugendfreizeiten. In den besten Zeiten verfügte das Institut über Chor, Orchester, Laienspielgruppen und anderes mehr ... Mit dem noch anzuspreekenden Problem des Generationenwechsels hat sich dies von den 90er Jahren an drastisch reduziert.

2.15. Wiederaufnahme der diplomatischen Beziehungen mit Deutschland – deutsche Kulturpolitik

Anfang der 50er Jahre erschien die neugegründete Bundesrepublik Deutschland offiziell auf dem Plan. Als erster Botschafter trat Dr. Fritz Oellers Mitte 1951 sein Amt in Rio an.

In São Paulo wurde Dr. Wolfgang Krauel im Mai 1952 der erste Generalkonsul der Bundesrepublik, ein hochgebildeter, behutsamer Mann, der, 1939 als Protest aus dem auswärtigen Dienst des damaligen Deutschland ausgeschieden, seit mehreren Jahren in Brasilien ansässig war. Er kannte Land und Leute von früherer Tätigkeit her, was ihm und dem Amt zugute kam. Ende 1954 trat er in den Ruhestand, blieb aber im Lande. Für die deutsche Kulturpolitik in der Stadt sollte sein Nachfolger Gottfried von Nostitz (Generalkonsul 1957 bis 1964) bedeutsam werden.

Ein Wiederaufbau der deutsch-brasilianischen Kulturbeziehungen gehörte zum Programm der deutschen Vertretung. Er gestaltete sich relativ unkompliziert, wo beim Punkte Null angefangen werden konnte. So wurden in Rio, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre neue Kulturinstitute gegründet. In São Paulo gab es bereits das Staden-Institut. Und das war, wir wissen es, eine Institution brasilianischen Rechts. Unabhängig also. Das Generalkonsulat mußte es zur Kenntnis nehmen und deutsche Kulturpolitik mit und über Staden zu machen versuchen. Staden dagegen wollte seine Unabhängigkeit wahren. Es gab also Reibungsflächen. Die Bundesrepublik, durch die deutsche NS-Vergangenheit belastet, war gesonnen, eine Politik der leisen Töne, der Distanzierung von der jüngsten Geschichte, der Wiedergutmachung, insgesamt des guten Willens zu betreiben. Dem standen hier vor Ort manchmal etwas komplizierte Konstellationen im Wege. Als Beispiel sei nur der Gegensatz zwischen Emigrantengruppen und der traditionellen deutschen Kolonie genannt. Diese hatte, teils freiwillig, teils genötigt, ihre Kompromisse mit dem NS-Regime geschlossen und hatte damit jetzt ihre Probleme, während manche unter den Emigranten, Menschen, die schweres Unrecht erlitten hatten, alles Deutsche generell verdammt sehen wollten. Es wäre für die deutsche Kulturpolitik vieles einfacher gewesen, wenn es das Staden-In-

stitut nicht gegeben hätte, mit dem man sich nun lieren und immer wieder auch einmal anlegen mußte. Dieses dagegen hätte, wie aus Fouquets Tagebuch ersichtlich, viel lieber selber nach Rio, Porto Alegre, Curitiba expandiert und dabei an die schon vorhandenen Verbindungen anknüpfen können. Aber dafür fehlten die Mittel.

Es gab einige konkrete Bereiche, wo es zwischen Institut und Vertretung zu Kontroversen kam.

Einer waren die Deutschkurse des Instituts. Es war immer schwierig gewesen, finanziell damit über die Runden zu kommen. So griff das Institut gern zu, als das Generalkonsulat zuerst einen, dann zwei Goethe-Dozenten anbot, reagierte aber mit Abwehr, als dafür Verwaltungs- und Kontrollmechanismen gefordert wurden, die auf eine Loslösung der Sprachkurse vom Institut überhaupt hinauslaufen schienen. Was sich schließlich daraus entwickelte, war einerseits die Schaffung eines eigenen Goethe-Instituts in São Paulo, und zwar ab 1963, andererseits eine finanzielle Förderung der Spracharbeit des Instituts generell, die erst Anfang der 90er Jahre eingestellt wurde. Sie nötigte das Institut immer wieder, gegenüber dem Konsulat die Karten auf den Tisch zu legen. Was es unter verhaltenem Protest tat.

Ein schwererer Konflikt, der sich über Jahre hinzog, ergab sich aus den Bücherbeständen des Instituts. Diese mußten, wie ein Verzeichnis aus dem Jahre 1939 deutlich macht, im Lichte der Zeit um 1960 in manchen Teilen anstößig erscheinen. Wohl noch zur Amtszeit des Generalkonsuls von Nostitz erschien ein Beamter des Auswärtigen Amtes im Institut, der, so Fouquet im Tagebuch (S. 1021), „verlangte, daß ein Teil der Bücher an das Generalkonsulat ausgeliefert würde, 'zum Einstampfen' bzw. zur Weitergabe durch deutsche Stellen an das neue 'Institut für Zeitgeschichte' in München ... Vorstand und Beirat des Instituts wehrten sich ... Wir schickten schließlich unsere Kataloge an das Auswärtige Amt nach Bonn.“ Es kam dann eine Liste von Autoren, auf deren Entfernung das Auswärtige Amt bestand: Rudolf Herzog, Hans Friedrich Blunck, Edwin Erich Dwinger, Werner Beumelburg, Will Vesper, Heinz Steguweit, Adolf Bartels, Hans Günther, Hans Grimm. Das waren alles Leute, die zweifellos dem NS-Regime ihren Beifall gespendet hatten, heute jedoch längst kommentarlos in Bibliotheken geführt werden. Aber damals? Und in São Paulo? Da riskierte Bonn lieber einen kleinen Konflikt und daß man es zornig mit den Bücherverbrennern des Jahres 1933 verglich. Der inzwischen pensionierte erste Generalkonsul, so merkte Fouquet an, war über solches Vorgehen „empört“. Fouquets letztes Wort in

dieser Sache war, daß „die nationalsozialistischen Bücher, die man zu finden gehofft hatte, ... schon um 1938 entfernt worden (waren)“ (TB S. 1022).

Fouquet selber ging bald nach dieser Affäre in den Ruhestand, am 1. August 1968, 71 Jahre alt. Wenige Jahre vor seinem Tode wurde er 1978 mit dem Bundesverdienstkreuz ausgezeichnet ...

2.16. Die letzten 30 Jahre

Die Arbeitsschwerpunkte des Instituts haben sich in der Zeit nach Fouquets Ausscheiden kaum geändert. Es ging nach wie vor um Bibliothek und Archiv, Sprachunterricht, Vortrags- und Konzertveranstaltungen. Das Institut hat in diesen gut drei Jahrzehnten 10 verschiedene Geschäftsführer und 5 Vorstandsvorsitzende gehabt.

Das einschneidendste Ereignis begab sich 1997: Das Hans-Staden-Institut gab seine Unabhängigkeit auf und flüchtete unter die Fittiche der Fundação Porto Seguro. Es kehrte damit sozusagen zu seinen Ursprüngen, der „Deutschen Schule“ nämlich, zurück. Dies geschah angesichts einer chronischen und so nicht behebbaren finanziellen Notlage. Dabei zwang die juristische Neukonstituierung zur Übernahme der Fundação Martius in die Fundação Porto Seguro. Um den Namen Martius nicht untergehen zu lassen, nahm man ihn in den Institutsnamen mit auf: Institut Martius-Staden.

Der neue Träger stellte Ende 2000 den Sprachunterricht ein. Der Markt ist überbesetzt mit Anbietern, die Nachfrage nach deutschem Unterricht sinkt. Daß das Hans-Staden-Institut in eine finanzielle und Strukturkrise geraten war, hat zwei auch für die gegenwärtige Situation noch bedeutsame Gründe: Zum einen setzte, wie oben gesagt, die Bundesrepublik nach 1990 angesichts der Verpflichtungen gegenüber den Ländern der ehemaligen DDR die Förderung von Institutionen wie Staden nur noch sehr begrenzt fort.

Zum anderen aber schwinden dem Institut seit Jahren kontinuierlich und in immer stärkerem Maße die Mitglieder dahin. Alte Generationen, die kulturell und sprachlich die Nähe zu ihren deutschen Ursprüngen bewahrt hatten, traten ab, die nachwachsenden Jahrgänge verbinden nur noch wenig mit diesen in immer fernere Vergangenheit rückenden Ursprüngen. Sie sahen und sehen keine Veranlassung, Mitglieder in einer Institution zu werden, die ganz wesentlich das pflegen will, womit sie selber die Verbindung verloren haben, ihre deutsche Vergangenheit.

So findet sich der neue Träger vor die Notwendigkeit gestellt, Existenz und Tätigkeit, das Profil also, seines Instituts zu überdenken und neu zu definieren.

3. Das Institut heute

Das Institut Martius-Staden befindet sich in 4 Stockwerken des Hauses Rua Sete de Abril, 59. Drei Stockwerke beherbergen die Institutsleitung und die Bibliothek, eines ist Sitz des Archivs. Ich beginne mit den sachlich wie räumlich mehr marginalen Bereichen, um sodann zum Kern zu kommen, dem historisch Gewachsenen.

3.1. Institutsleitung und Kunsthistorische Abteilung der Bibliothek

Im 2. Stock befindet sich neben der Institutsleitung die Kunsthistorische Abteilung der Bibliothek. Sie geht auf einen Sammler aus Berlin, den derzeit in Niteroi ansässigen Rechtsanwalt Dr. Rolf Meyerheim, zurück, der sie 1988 dem Institut übereignete. Es waren rund 7.000 Bände, die inzwischen auf mehr als 10.000 angewachsen sind. Größtenteils handelt es sich um Standardwerke von hohem Rang, fast ausschließlich deutschsprachig und daher hier nur begrenzt benutzbar.

3.2. Abteilung für klassische Literatur

Das 8.Stockwerk, erst kürzlich renoviert, beherbergt eine Errungenschaft der Bibliothek, nämlich die noch im Aufbau befindliche Abteilung für Belletristik. Der Herkunft der Bücher nach sind es teils ausgewählte Restbestände einer ehemaligen Ausleihbibliothek des Instituts, teils Schenkungen. Diese kommen in der Regel aus aufgelösten Privatbibliotheken. Dazu ein Wort der Erklärung: Es gibt in São Paulo nicht wenige Familien deutscher Herkunft, die über größere und anspruchsvolle Bücherbestände verfügen. Sie sind meist in den 30er Jahren des vergangenen Jahrhunderts als Emigranten nach Brasilien gekommen und hatten ihre Bücher mitbringen können. Die heute lebenden Nachkommen sprechen nicht mehr Deutsch und suchen oft nach Interessenten für den ererbten Bücherschatz. Das Institut bietet sich dafür als Abnehmer an. Unter den

Büchern, die aus solchen Beständen kommen, sind die Klassiker des 18. und 19.Jahrhunderts besonders zahlreich vertreten, oft mit wichtigen und wertvollen Ausgaben. Goethe, Schiller, Shakespeare etwa gibt es in etlichen, oft berühmten Editionen, von Goethe zum Beispiel die „Ausgabe letzter Hand“, 1827 bis 1835, in 55 Bänden. Ein Wertobjekt, das natürlich längst nicht mehr für die direkte Benutzung zur Verfügung steht. Auch die 1. Hälfte des 20. Jahrhunderts fehlt nicht. Aus dieser Zeit gibt es interessante Erstaussagen, auch von Büchern, die im 3.Reich verfeimt waren: Emigranteliteratur, außerhalb Deutschlands erschienen. Neben der Belletristik findet man historische, zeitgeschichtliche, philosophische und theologische Literatur. Daneben einen reichen Schatz an Enzyklopädien. Alles in allem 10 bis 15.000 Bände, ein wichtiges Stück deutscher und europäischer Kultur und als solches, benutzt oder nicht, ein Wert schon in sich selber.

3.3. Literatur zur Einwanderung und Zeitungsarchiv

Der dritte Stock ist der Ort für die historische Literatur zur Einwanderung und zu den deutsch-brasilianischen Beziehungen. Es sind Bücher und Zeitschriften zu einem Themenkreis, der schon zur Zeit des Lehrervereins attraktiv gewesen ist. So hat sich hier denn auch Literatur in langen Jahrzehnten angesammelt. Das Ergebnis ist relativ große Vollständigkeit. Hier wird in Zukunft gezielt hinzugekauft werden müssen, um aktuell zu bleiben. Es ist dies auch die Abteilung der Bibliothek, die die meisten Besucher zählt: Historiker, Genealogen, auch Linguisten.

Im hinteren Teil des großen Raumes ist das Zeitungsarchiv untergebracht. Es enthält die deutschsprachigen Zeitungen Brasiliens und anderer süd-amerikanischer Länder. Publikationen wie die „Deutsche Zeitung“ und die „Brasil-Post“ sind nahezu vollständig vertreten, das heißt die Bestände reichen bis ins 19. Jahrhundert zurück. Sie liefern ein faszinierendes Bild von den Verhältnissen im Lande und besonders vom Leben der Deutschen in São Paulo. Ein Kapitel für sich ist der „Deutsche Morgen“, die NS-Zeitung in dieser Stadt, die von 1932 bis 1941 erschienen ist. Hier öffnet sich ein weites Feld für historische und soziologische Forschung.

Um diese zu erleichtern und um dem bereits fortgeschrittenen materiellen Verfall des Bestandes zu begegnen, findet gegenwärtig eine Mikroverfilmung des gesamten Zeitungsarchivs statt: rund 500.000 Seiten, ein großes Projekt, bei dessen Finanzierung die Bundesrepublik Deutschland behilflich ist.

3.4. Archiv

Der letzte, aber vielleicht interessanteste und wichtigste Teil der Landschaft, die hier vorgestellt wird, ist das Archiv, das im vierten Stock untergebracht ist. Es geht in seinen Anfängen auf den zitierten Aufruf des „Vereins Deutsche Schule“ vom 18. April 1925 zurück, hatte zunächst die „Geschichte der deutschen Kolonie“ zum Gegenstand, dann die deutsche Einwanderung überhaupt und schließlich und auch heute noch alles, was die Berührung von Deutschem und Brasilianischem insgesamt betrifft. Es sind Akten, Urkunden, Aufzeichnungen, Memoiren, vor allem aber Zeitungsausschnitte, die sorgfältig aufgeklebt und katalogisiert, etwa 1000 Aktenordner in 300 Archivboxen füllen und laufend Zuwachs erfahren. Fünf Arbeitskräfte sind mit dem Einordnen und Katalogisieren befaßt. Eine Namens- und eine Sachkartei bestehen aus mehr als 75.000 Karteikarten und bergen die persönlichen Daten von rund 70.000 Menschen. Fast täglich gehen Anfragen ein, die sich zumeist auf familiengeschichtliche Daten richten: Genealogie. Sehr viel Material ist in den Jahren vor der Übernahme des Instituts durch Porto Seguro aus Geld- und Arbeitskräftemangel unbearbeitet liegen geblieben. Dabei handelt es sich nicht nur um die verschiedensten Einzelmateriale, sondern auch um zusammenhängende Akten, oftmals einfach alles, was eingegangene Vereine oder Schulen hinterlassen haben. Von großem Interesse dürfte zum Beispiel die von Fouquet zusammengetragene Aktensammlung des „Verbandes deutscher Lehrervereine“ aus den 30er und 40er Jahren sein. Von den Akten, Protokollen und Korrespondenzen des Instituts selber gar nicht zu reden!

Zu den Schätzen des Archivs gehören unveröffentlichte Manuskripte und Typoskripte wie das Tagebuch des jungen Martius, das dieser 1811 als Siebzehnjähriger zu schreiben begonnen hat, sodann ein Buch mit Manuskripten, Urkunden und Korrespondenzen des im 19. Jahrhundert in São Paulo bekannten und einflußreichen Carlos Rath, ein vielzitiertes 4bändiges Typoskript von Friedrich Sommer über „Die Deutschen in São Paulo“ und das genannte Tagebuch von Fouquet.

Unbearbeitet und auf wissenschaftliche Erschließung wartend, stapeln sich im Archiv bedeutende Nachlässe. Hier sind außer den mehrfach genannten Karl Fouquet und Friedrich Sommer die Namen Oberacker, Nixdorf, Fausel, Buggenhagen, Begrich anzuführen.

Von Oberacker, dem bedeutenden deutsch-brasilianischen Historiker, Autor unter anderem des Buches „Der deutsche Beitrag zum Aufbau der brasilianischen Nation“, 3. Auflage, São Leopoldo, 1978, füllt ein schriftlicher Nachlaß

zehn Pappkartons. Das Institut hofft, daß sich ein junger Historiker finden möge, um sich dieses Problems anzunehmen.

Bedeutend dürfte auch das Privatarchiv von Oswald Nixdorf sein, der von 1932 bis 1936 als sogenannter Kolonieleiter in der zu schaffenden Siedlung Roland/Rolândia in Nordparaná in der Nähe von Londrina gewirkt hat. Sein Archivbestand umfaßt 2000 Nummern mit rund 8000 Seiten und liegt in Kopie im Institut. Die Originale sind im Besitz der Universität Londrina. Rolândia ist deshalb von besonderem Interesse, weil hier ein unter sachlich-ökonomischen Gesichtspunkten initiiertes Siedlungsprojekt von der Zeitgeschichte eingeholt und umgepolt worden ist. Die Klein- und Mittelsiedler, die aus Deutschland und aus den brasilianischen Südstaaten 1932 und 1933 bei Nixdorf eintrafen und unter seiner Anleitung den Urwald zu roden begannen, gerieten ab 1934 unter den Einfluß brauner Emissäre, die Nixdorf nicht abweisen konnte. Ab 1934/35 kamen relativ kapitalkräftige Emigranten aus Deutschland hinzu, großenteils politisch und rassistisch Verfolgte aus bürgerlichen Berufsverhältnissen, die bestimmenden Einfluß vor Ort gewannen. Natürlich gab es Konflikte und Kontroversen, die nur vor dem Hintergrund der Ereignisse in Europa verständlich werden. Die Details warten in den Nixdorf-Papieren auf Entschlüsselung. Wobei zu konstatieren ist, daß, anders als bei der Geschichte des Instituts, über Rolândia durchaus bereits gearbeitet worden ist. Aber hier gilt es dann doch wohl, einige Akzente anders zu setzen ...

4. Schluß

Es ist von der Geschichte und von der gegenwärtigen Erscheinungsform des Instituts Martius-Staden die Rede gewesen, knapp und auf weite Strecken nur skizzenhaft. Die Quellen für eine detailliertere Darstellung sind vorhanden, das wurde erwähnt, sie sind noch nicht erschlossen.

Es mag sinnvoll sein, abschließend noch kurz einen Blick auf die Frage zu werfen, wie sich das Institut seine Zukunft vorstellt. Was will es?

Ich habe es vorhin schon gesagt: Martius-Staden kann kein Mitgliederverein mehr sein. Dafür fehlen die Voraussetzungen. Das Institut kann sich auch nicht damit zufriedengeben, seine Bestände, die ja zum guten Teil Schätze sind, immer

nur zu hüten und zu pflegen. Das würde zu Erstarrung und letztlich wohl zum Tode führen.

Was wir aber können und wollen, ist zweierlei: zum einen, die alte Tradition der Kulturveranstaltungen wieder aufleben zu lassen. Überlegungen dazu sind im Gange. Wünschenswert wäre dafür sicher ein Partner. Und warum sollte das nicht die USP sein?

Zum anderen und vor allem aber wollen wir die wissenschaftliche Nutzung unserer Bibliotheks- und Archivbestände verstärken. Wir wünschen uns dafür Studenten, einzeln oder auch in Gruppen, Post-Graduierte und Professoren, Historiker, Geographen, Soziologen und Literaturwissenschaftler, die ihr Können an dem erproben, was bei uns zu finden ist und von dem wir glauben, daß es sich darum lohnt.

Geht es ja letztlich doch um das, was uns alle verbindet, nämlich die Menschen aus ihrer Geschichte heraus zu verstehen und damit ihnen und ihrem Lande für Gegenwart und Zukunft einen Dienst zu leisten.

Nachbemerkung:

Der vorstehende Text ist am 13. Juni 2001 in einer Veranstaltung der Universität São Paulo vorgetragen worden. Er wird hier nahezu unverändert abgedruckt.

Der Verfasser ist sich der Tatsache bewußt, daß die Geschichte der 30er und 40er Jahre des 20. Jahrhunderts in manchen Bereichen nach wie vor ein heißes Eisen ist. Als Chronist des Instituts hat er sich um eine Darstellung *sine ira et studio* bemüht und vor allem seine Quellen sprechen lassen.

Der Verfasser möchte Herrn Harro Fouquet sehr herzlich dafür danken, daß er ihm erlaubt hat, das Tagebuch seines Vaters zu benutzen und daraus zu zitieren.

Lingüística –
Linguistik

Lingüística de *corpus*: conceito, noções gerais e aplicação

Eurides Avance de Souza* & Iris Kurz Gatti**

Abstract: This paper presents an overview of *Corpus Linguistics* and some possibilities of studies with *corpora*. It gives suggestions on how to build a *corpus* and shows the application of *Corpus Linguistics* in different areas of linguistic research.

Keywords: *Corpus Linguistics*; linguistic research.

Zusammenfassung: Dieser Aufsatz präsentiert einen Überblick über die Korpuslinguistik und stellt einige Untersuchungsmöglichkeiten mit *Korpora* dar. Er gibt Ratschläge zum Aufbau eines *Korpus* und berichtet über die Verwendung der Korpuslinguistik in verschiedenen Bereichen der linguistischen Forschung.

Stichwörter: Korpuslinguistik; linguistische Forschung.

Palavras-chave: Lingüística do corpus; pesquisa lingüística.

1. Introdução

É cada vez mais freqüente o uso de *corpora* em pesquisas sobre língua, porque eles constituem uma fonte de consulta segura para o pesquisador, oferecendo a ele exemplos lingüísticos autênticos. AARTS afirma:

* Mestranda na área de Língua Alemã na Universidade de São Paulo.

** Mestranda na área de Língua Alemã na Universidade de São Paulo.

“... the *corpus* in its raw form is for the *corpus* linguist the testbed for his hypotheses about the language...” (AARTS 1991: 45)

Portanto, o pesquisador deve sempre estar atento a suas intuições sobre a língua, sem deixar de lado a observação das questões pesquisadas em uma fonte de dados lingüísticos autênticos, a fim de confirmar aquilo que intui.

O objetivo deste artigo é fornecer um panorama da Linguística de *Corpus* e das possibilidades de estudos com *corpora*. São apresentados o histórico desta metodologia, definições e tipos de *corpora*, sugestões para compilação de um *corpus*, e aplicação da Linguística de *Corpus* em diferentes áreas de pesquisa lingüística.

2. O que é um *corpus*?

Atualmente, quando se fala em *corpus*, pensa-se em uma coleção de textos armazenada como um banco de dados eletrônico. Segundo a definição de SANCHEZ (1995), um *corpus* é

“um conjunto de dados lingüísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso lingüístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para descrição e análise.” (SANCHEZ 1995: 8-9)

3. A Linguística de *Corpus*

A Linguística de *Corpus* não é uma área de investigação propriamente dita – como a sintaxe, a semântica, a sociolingüística – e sim uma metodologia que pode auxiliar qualquer área de estudos lingüísticos, pois explora a linguagem por meio de evidências empíricas, extraídas por computador.

Comparado a seus antecessores da época pré-computador, um *corpus*, como é compreendido atualmente, oferece muitas possibilidades de pesquisa e facilidades para o trabalho do pesquisador, pois

- é de fácil acesso, seja por meio de CD-ROMs ou Internet;
- possibilita a realização de buscas, extração e classificação de ocorrências por meio de programas de computador;
- possibilita a manipulação de grande quantidade de dados;
- permite estudos de frequência que podem dar informações importantes, tanto em relação aos dados encontrados, quanto aos não encontrados;
- facilita a obtenção de resultados quantitativos/ estatísticos;
- possibilita a elaboração de concordâncias (listas de ocorrências da palavra ou da expressão procurada, com um pequeno contexto anterior e posterior) por meio de programas de computador;
- permite verificar se determinados fatos se repetem, confirmando intuições e levando a conclusões;
- facilita chegar a generalizações, que podem servir de base para regras gramaticais;
- permite ao não nativo o acesso a dados autênticos;
- permite a elaboração de material de ensino (cf. TAGNIN 2001).

4. Histórico da Linguística de *Corpus*

Desde o século XIX já se trabalhava com *corpora*, mas havia algumas dificuldades, já que eles não eram informatizados e seu processamento era humano, lento, não confiável e caro.

Na década de 80, com o surgimento dos microcomputadores pessoais, houve a popularização de *corpora* e de ferramentas de processamento, o que ajudou no fortalecimento da pesquisa lingüística baseada em *corpus*.

O histórico da Linguística de *Corpus* tem uma estreita relação com a disponibilidade de *corpora* eletrônicos. Os primeiros *corpora* compilados foram em língua inglesa, mas atualmente há *corpora* compilados em várias línguas.

Em alemão há o *corpus* do IDS – Institut für deutsche Sprache (Mannheim), que, além de diversificado (contém textos jornalísticos, literários etc.), possui ferramentas de busca, elaboração de concordâncias e cálculos estatísticos.

Na UNESP de Araraquara há uma equipe de pesquisadores compilando o *Corpus de Português Contemporâneo*, que atualmente tem 11 milhões de palavras e é considerado o maior *corpus* de língua portuguesa em forma eletrônica.

Na Universidade de São Paulo está sendo desenvolvido o projeto *COMET – Um Corpus Multilíngüe para Ensino e Tradução*, que pretende compilar um *corpus* multilíngüe, tendo o português como língua central, e construir ferramentas de busca e análise de *corpus*. Trata-se de um projeto interdepartamental, reunindo o Departamento de Letras Modernas e o Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, contando com o apoio do Departamento de Ciência da Computação do Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo (cf. TAGNIN 2001).

5. Tipos de corpora

Os *corpora* podem ser compostos por textos de diferentes áreas, dependendo do objetivo ao qual se propõem. Podem conter textos de língua falada ou escrita – atuais ou antigos (para pesquisas de cunho histórico) –, textos jornalísticos, literários ou de alguma área específica (direito, medicina, informática), de linguagem de aprendizes de língua (para estudos sobre aquisição de linguagem, análise de erros) etc.

Tais *corpora* podem ser:

- Monolíngües, bilíngües ou multilíngües;
- anotados (contendo anotação/ classificação morfossintática das palavras dos textos)¹ ou não-anotados;

¹ Outro recurso fornecido pela Linguística de *Corpus* para auxiliar o trabalho de quem faz pesquisa sobre língua são os anotadores de *corpora*. Esses instrumentos fazem anotações morfossintáticas nos textos, possibilitando buscas pela classe da palavra ou pela sua função na oração.

Um grupo do Instituto de Língua e Comunicação da Universidade do Sul da Dinamarca desenvolve um projeto, sob liderança do Prof. Dr. Eckhard Bick, que disponibiliza um anotador de *corpora* em seu *site* na Internet (<http://visl.hum.sdv.dk>). Tal anotador pode ser aplicado a textos nas seguintes línguas: alemão, dinamarquês, espanhol, esperanto, francês, inglês, italiano e português.

- paralelos (contendo textos de uma determinada língua e traduções destes textos em uma ou mais línguas) ou comparáveis (contendo originais de determinados tipos de texto em duas ou mais línguas);
- sincrônicos ou diacrônicos;
- abertos (aos quais continuamente são acrescentados textos) ou fechados.

6. Sugestões para compilação de um corpus

Muitos pesquisadores compilam seus próprios *corpora* para pesquisa, utilizando textos de revistas, jornais, obras literárias, redações de aprendizes de língua materna ou estrangeira, de acordo com o objetivo da pesquisa.

Diversos jornais e revistas disponibilizam suas edições em CD-ROMs e na Internet. Embora esses textos não constituam *corpora*, eles podem representar a matéria-prima para a construção de *corpora*.

Para compilar seu *corpus* o pesquisador precisa

- delimitar seu tema ou área de pesquisa;
- escolher fontes diversificadas de extração dos textos (dependendo do objetivo do *corpus*);
- coletar os textos com referência, para que seja possível recuperar sua origem, se for necessário;
- organizar os textos de maneira que seja possível identificá-los, ou seja, “etiquetar” os textos, colocando nessas “etiquetas” informações, por exemplo, sobre tipo de texto, fonte, tema, produtor do texto, data etc. (dependendo do objetivo do *corpus*).

A extensão do *corpus* pode variar, de acordo com seu objetivo. Um *corpus* de cerca de 200 mil palavras (para cada língua, no caso de um *corpus* bilíngüe ou multilíngüe) é classificado como pequeno-médio (cf. SARDINHA 1999) e pode ser considerado suficiente para uma pesquisa individual. Obviamente, se o pesquisador não encontrar dados suficientes para análise, seu *corpus* deve ser ampliado.

7. Aplicação da Lingüística de *Corpus*

Face ao rápido e contínuo desenvolvimento tecnológico dos tempos atuais, a Lingüística de *Corpus* está se firmando como uma metodologia de pesquisa eficaz e vantajosa e tem sido aplicada com sucesso em várias áreas.

Assim, seu uso está-se disseminando nas áreas de ensino e aprendizagem de língua, na área de pesquisa em lexicologia e lexicografia (bem como nas subáreas de fraseologia e terminologia/terminografia), nas pesquisas de gramática, estudos contrastivos de língua, tradução, estudos de literatura e estudos de prosódia semântica.

7.1. Ensino e aprendizagem de língua

O ensino de língua estrangeira muito se beneficia com a utilização de *corpora* como instrumento de trabalho. Além de colocar à disposição do professor exemplos autênticos e concretos da língua em uso, proporciona também ao aluno o contato direto e imediato com a língua.

A aprendizagem é um processo ativo, ou seja, que depende da disposição e da atuação do aluno para que se concretize. Ora, a exploração de um *corpus* por parte do aluno irá permitir-lhe, de forma independente, sanar variadas dúvidas, seja em relação à escolha de um vocábulo a ser utilizado em uma redação, seja em relação ao padrão gramatical a ser aplicado quando da utilização de um certo vocábulo (dados referentes à valência, combinações lexicais etc.), além de muitas outras possibilidades. Certamente, esse trabalho ativo de exploração, pesquisa, verificação e constatação irá contribuir sobremaneira para o aprendizado do aluno, espelhando a materialização de consagradas teorias sobre a aprendizagem.

Um exemplo de confusão muito freqüente entre sinônimos, cometida por alunos de língua alemã, diz respeito ao uso indistinto dos verbos *machen* e *tun*. Apenas com o auxílio dos dicionários ou das regras gramaticais não é possível elucidar a diferenciação entre ambos. A possibilidade de recorrer a um *corpus*, para se averiguar as diferenças básicas da utilização dos mesmos, torna-se preciosa.

Em um levantamento que fizemos em *corpora* de língua escrita do IDS, pesquisando ambos os verbos, obtivemos os seguintes resultados:

- ocorrências do verbo *machen* = 171.298
- ocorrências do verbo *tun* = 72.564

Apenas este dado já é bastante significativo, pois que a freqüência é um atributo importante das palavras. Nota-se que *machen* é mais do que duas vezes mais freqüente do que *tun*.

A análise das concordâncias elaboradas para cada um dos verbos demonstrou que *machen* muitas vezes vem acompanhado de um substantivo, com o qual forma uma combinação usual e fixa. Encontramos, portanto, combinações como *Platz machen*, *Vorwurf machen*, *Schule machen*, *Vorschlag machen*, *Spass machen*. Tais combinações são denominadas, na terminologia da fraseologia, de “colocações”, e se caracterizam como ligações convencionais de palavras, geralmente sem motivação semântica clara. Já em relação ao verbo *tun* não se observa esse fenômeno lexical. Muitas outras distinções podem ser extraídas da análise das ocorrências de ambos os verbos. Entretanto, devido à limitação de espaço, não iremos nos aprofundar na análise dos mesmos, restringindo-nos a recomendar uma visita ao *site* do IDS.

Para o professor não nativo, o *corpus* também se consubstancia como uma fonte de pesquisa imprescindível, fornecendo-lhe dados sobre os mais variados aspectos da língua, sobretudo aqueles ligados à convencionalidade e fraseologia, geralmente não dominados por um falante não nativo. É o caso de colocações verbais do tipo, *fazer um bolo* (*einen Kuchen backen*), *passar numa prova/exame* (*eine Prüfung bestehen*), *dobrar a esquina* (*um die Ecke biegen*), *suprir as necessidades* (*den Bedarf decken*), *traçar um plano* (*einen Plan entwerfen*), *tomar a palavra* (*das Wort ergreifen*), *tomar coragem* (*Mut fassen*), muito comuns na linguagem do cotidiano. A simples consulta ao dicionário (seja pelo verbo ou pelo substantivo) não é suficiente para obter a combinatória usual em alemão, o que somente pode ser obtido através de buscas em *corpora*.

Além disso, o *corpus* pode ser usado pelo professor de línguas na preparação de aulas, como material ilustrativo de determinados pontos da gramática e, ainda, como material de apoio para as aulas em que for requisitar a produção de textos no idioma estrangeiro. Segundo SALKIE (1997), o *corpus* ajudará os alunos a produzirem sentenças naturais na L2, em lugar de usar estruturas da L1 com o vocabulário da L2.

7.2 Lexicologia e lexicografia

Os estudos de lexicologia podem encontrar na utilização de *corpora* um subsídio essencial para seu desenvolvimento. Isso porque o estudo do léxico de uma língua, sobretudo no que diz respeito ao estudo dos sinônimos, está total-

mente baseado em aspectos concretos de seu uso, seu contexto. Aliás, a própria definição de *sinonímia* oferecida pelo dicionário de semiótica de GREIMAS (1979), bem como a preconizada por GECKELER (1984) e GENOUVRIER (1974), além de outros, estabelece que para haver a sinonímia é preciso que as palavras possam ser comutáveis em qualquer contexto. O acesso ao contexto, fornecido pelo *corpus*, torna possível averiguar as diferenças de uso de palavras tidas como sinônimas, permitindo verificar as situações comunicativas em que são utilizadas.

Em *corpora* particular que possuímos com textos de contratos sociais e estatutos de sociedades anônimas, detectamos a ocorrência de duas colocações, cujos contextos demonstram serem sinônimas. As colocações são: *Handlungen vornehmen* e *Geschäfte tätigen*. Vejamos seus contextos:

(1) “Die Gesellschaft kann sämtliche Geschäfte tätigen, welche sie zur Erreichung des Gesellschaftszweckes förderlich oder erleichternd erachtet.”

(2) “Die Gesellschaft kann alle Handlungen vornehmen, die mittelbaren oder unmittelbaren Bezug auf ihren Geschäftszweck haben oder für dessen Verwirklichung nützlich sind.”

O contexto demonstra que as colocações são utilizadas para o mesmo sentido, geralmente formalizado em português através da colocação *praticar atos*. Temos, assim, as respectivas traduções:

(1) A Sociedade poderá praticar todos os atos que julgar úteis ou aptos a facilitar o alcance do objeto social.

(2) A Sociedade poderá praticar todos os atos que, direta ou indiretamente, tenham relação com seu objeto social ou que sejam úteis para sua consecução.

Depreende-se, pois, que a averiguação de relações léxicas entre vocábulos ou expressões é um dado apreensível em contexto, bem como a configuração exata do sentido de certo vocábulo.

Um estudo minucioso sobre o assunto foi desenvolvido por BIBER (1998), em capítulo dedicado à análise de sinônimos próximos, do idioma inglês, como *little* e *small*, *begin* e *start*. Em tal estudo, constatou que *small* está mais associado à função predicativa em detrimento da função atributiva, e que, quando usado na função atributiva, geralmente co-ocorre com substantivos que indicam quantida-

de. Já *little*, assim como *big*, tem uma tendência a co-ocorrer com coisas concretas, animadas. O verbo *start* é utilizado como verbo intransitivo com mais frequência do que o verbo *begin*. Este último, bastante utilizado como verbo transitivo, rege um número de sentenças precedidas de *to* maior do que o *start*.

Assim, segundo BIBER (1998), as pesquisas lexicográficas têm sido incrementadas por meio do uso de técnicas baseadas em *corpus*, as quais estudam os modos como as palavras são usadas, considerando-se, por exemplo, o quão comuns elas são, o quão comuns são os diferentes sentidos que podem apresentar, se estão sistematicamente associadas a outras, se estão sistematicamente associadas a registros particulares ou dialetos.

Também para a compilação de dicionários tem se lançado mão do auxílio de *corpora*, seja para elaborar dicionários de língua geral, seja para os trabalhos terminológicos de áreas específicas, ou, ainda, apenas para checar dúvidas. Para LEWANDOWSKA-TOMASZCZYK, “in dictionary making they [*corpora*] are the optimal reference material against which a lexicographer’s intuition can be checked up” (LEWANDOWSKA-TOMASZCZYK 1997: 254).

A fraseologia – subárea da lexicologia que se dedica ao estudo de provérbios, ditos populares, expressões idiomáticas, frases feitas, jargões, colocações etc. – também tira proveito da utilização de *corpora*. Principalmente em relação ao estudo das colocações, conforme vimos anteriormente, tal utilização se configura como um instrumento de grande utilidade. Isso porque as ferramentas de busca em *corpora* podem localizar e listar rápida e facilmente as colocações em que uma determinada palavra aparece, fornecendo dados estatísticos sobre sua frequência e sobre a frequência das outras palavras que a acompanham.

Esse mecanismo permite, a partir da observação e da quantificação, estabelecer que, dentro de um determinado âmbito técnico, certa colocação representa a regra geral, a norma, já que se consubstancia como a colocação mais utilizada pelos membros daquela área, ao passo que outra, ainda que também usada, representa um desvio da norma, uma variante, dado o caráter raro de sua ocorrência.

7.3. Pesquisa de padrões gramaticais e de tendências da língua

As áreas de pesquisa voltadas ao estudo de padrões gramaticais podem igualmente valer-se de *corpora* como um recurso proveitoso. O citado trabalho desenvolvido por BIBER (1998) é um bom exemplo de como é possível extrair do *corpus* dados informativos sobre padrões gramaticais.

Lynne BOWKER (1998) explica que é muito difícil detectar alguns padrões lingüísticos quando os mesmos se encontram espalhados em um texto ou em vários textos. A elaboração de uma concordância é um meio rápido de se juntar todas as ocorrências de um dado padrão. E, acrescentamos, de quantificar sua frequência.

No âmbito dos estudos gramaticais, o *corpus* funciona como uma ferramenta que complementa a introspecção do pesquisador com a observação empírica da língua, fornecendo-lhe subsídios para formalizar e fundamentar algumas regras que intuía.

Um exemplo de pesquisa com o alemão pode ser dado pelo levantamento que fizemos em um *corpus* a partir do vocábulo *überhaupt*. Procurando pelo *Altavista* em sites da *Web*, localizamos 127 ocorrências do vocábulo. Dessas ocorrências, 46 eram em frases interrogativas, o que é um número bastante significativo, já que representa quase 40% do total. Esse fato pode ser considerado como o indício de um certo padrão gramatical, o qual, porém, não analisaremos no presente trabalho.

Utilizando-se *corpora* de língua falada é possível observar a dinâmica da língua, as tendências que estão se delineando. Mediante a utilização de um *corpus* com anotações detalhadas sobre os produtores do discurso, um estudo, por exemplo, do fenômeno do gerundismo no português atual do Brasil ficaria muito enriquecido, até porque poderia delimitar exatamente o grupo de pessoas e as regiões do país em que ele mais ocorre.

Um estudo interessante sobre as tendências lingüísticas, a partir do uso de *corpus* de língua falada, foi realizado por KJELLMER (1999), pesquisando o verbo *try*, do inglês. Por meio da observação dos dados, ele detectou uma tendência desse verbo a funcionar como verbo auxiliar, já que, na linguagem falada, ele vem gradativamente perdendo seu papel lexical.

7.4. Estudos contrastivos de línguas

Inúmeros estudos contrastivos de língua podem ser desenvolvidos a partir do uso de *corpora*. Um exemplo encontrado em JOHANSSON (1997) ilustra bem a questão. Utilizando um *corpus* multilíngüe, ele desenvolveu um estudo contrastivo do pronome genérico *one*, do inglês, com os pronomes correspondentes do alemão e do norueguês, *man*. De acordo com a tabela comparativa, montada a partir do *corpus*, constatou que o pronome *one*, do inglês, é muito menos freqüente do que o *man*, do alemão e do norueguês. Isso porque o inglês emprega outros pronomes pessoais genéricos para se referir a pessoas em geral, especialmente o *you*.

Outro exemplo que mostra como o trabalho com *corpora* fornece subsídios para as pesquisas contrastivas, é o seguinte: utilizando um *corpus* bilíngüe português-alemão, foi realizado um levantamento de ocorrências do advérbio *talvez*, em português, para verificar sua ocorrência junto com o modo subjuntivo. Os resultados mostraram claramente o emprego do modo subjuntivo nas frases em que aparece o advérbio *talvez*, expressando a idéia de probabilidade. Fazendo buscas com os advérbios *provavelmente* e *possivelmente*, muitas vezes usados como sinônimos de *talvez*, não foi encontrado, entretanto, o uso do subjuntivo. Com o intuito de comparar este tipo de uso do modo subjuntivo em português com o alemão, foram feitas buscas pelas palavras *vielleicht*, *wahrscheinlich* e *möglicherweise* nos textos em alemão. A análise das concordâncias encontradas mostra que estes advérbios não exigem o uso do modo subjuntivo em alemão (GATTI, 2001).

7.5. Tradução

O uso de *corpora* para a tradução é igualmente de grande valia, pois permite o acesso fácil e rápido a textos de especialidade, nos quais é possível pesquisar os termos e as expressões específicas, correntes dentro das áreas técnicas.

Para o tradutor, um dos requisitos mais importantes para a elaboração de uma boa tradução é conhecer o assunto do texto a ser traduzido. Dessa forma, o auxílio de uma coleção de textos sobre tal assunto, permitir-lhe-á uma noção geral e rápida do tema e irá familiarizá-lo com a terminologia daquele âmbito.

Segundo um estudo piloto desenvolvido por BOWKER (1998), com estudantes de tradução, em que foi utilizada a pesquisa com *corpora*, o *corpus* “tem o potencial de ajudar os estudantes a encontrar e a utilizar os termos corretos.” (BOWKER 1998: 641)

Assim, a obtenção da acuidade na escolha dos termos na tradução de textos de uma determinada área de especialidade pode ser fornecida pela pesquisa em *corpus*. Tal acuidade contribui para o aprimoramento da linguagem empregada no texto traduzido, conferindo-lhe caráter natural.

Para ilustrar, mencionamos uma experiência que tivemos com a tradução do termo “produto final” para o alemão. Em nenhum dicionário, mesmo nos de economia, foi encontrado o registro desse termo. A dúvida era se o vocábulo em alemão seria *Schlussprodukt* ou *Endprodukt*. Em um *corpus* da *Internet*, procuramos pela primeira opção, dela porém não encontrando uma ocorrência sequer. Já o termo *Endprodukt* registrou 102 ocorrências e, pelo contexto, pudemos detectar que sua acepção era equivalente à do termo em português.

7.6. Estudos de literatura

Embora possa parecer pouco usual, até mesmo os estudos de literatura podem se beneficiar com as vantagens da pesquisa em *corpus*.

Vejamos um caso concreto, mencionado por KETTEMANN (1997), sobre um estudo realizado a partir de um conto americano de Mary Freeman Wilkins, denominado “The Revolt of Mother”. No conto, a caracterização dos papéis sociais é apreensível mediante a observação dos verbos associados à personagem feminina. Eles estão sempre relacionados ao tradicional papel da dona de casa, como *cozinhar, limpar, costurar, lavar* etc. Já os verbos associados ao personagem masculino são de outro grupo semântico e designam o indivíduo que controla a situação. São eles, *designar, estabelecer, planejar, pensar*, dentre outros. No decorrer da história, há uma mudança no comportamento da personagem feminina, com a conseqüente alteração do grupo semântico dos verbos ligados a ela.

7.7. Prosódia semântica

Segundo HOEY (1997), certos usos de palavras e frases demonstram uma tendência a ocorrerem em determinados ambientes semânticos. Por exemplo, o verbo *happen*, do inglês, está associado a fatos desagradáveis e infelizes – acidentes e coisas do gênero. Assim, o uso de *happen* prepara o ouvinte/leitor para a recepção de algo ruim ou infeliz.

Esse fenômeno ocorre em todas as línguas. Por exemplo, no alemão temos o verbo *verüben*, que apresenta uma prosódia semântica negativa, já que em todas as suas ocorrências está associado a fatos ruins como crime, delito, erro etc. (assim como *begeben*). Já o substantivo *Lebensabend* tem uma prosódia semântica positiva, encontrando-se normalmente associado a outros vocábulos de ambientes semânticos positivos, como *geniessen, schön* etc., conforme averiguamos em *corpora* do *Institut für Deutsche Sprache*. Registre-se, porém, que tanto o dicionário *Langenscheidt* quanto o dicionário do Porto fazem constar como equivalente a *Lebensabend* o vocábulo português *velhice*, o que consideramos uma impropriedade, já que a prosódia semântica do vocábulo *velhice* é negativa e não resgata de forma alguma o caráter suave e positivo do vocábulo alemão.

O verbo *contrair*, do português, tem – por sua vez – uma forte associação a fatos negativos, visto ser mais freqüentemente acompanhado de palavras ligadas a eventos negativos, como doenças, dívidas, obrigações etc. Ainda assim, em con-

textos lingüísticos específicos, como da área jurídica, podemos encontrar o registro da expressão *contrair matrimônio* (SOUZA, 2001).

Em outro exemplo, SARDINHA (2000), detectou que a expressão “tocar para frente”, do português do Brasil, está fortemente associada à superveniência de adversidades².

Existem também vocábulos de prosódia semântica neutra. Eles não evocam, de antemão, nenhuma idéia ou sensação específicas, ficando a cargo do contexto a confirmação e o direcionamento de sua prosódia semântica.

8. Considerações finais

Conforme pudemos observar a partir de todo o anteriormente exposto, a Linguística de *Corpus* oferece inúmeros recursos à pesquisa em língua, lingüística, tradução e, até mesmo, literatura. Ela dispõe de ferramentas que facilitam a elaboração estatística, a quantificação de dados, a observação de co-ocorrências. Além disso, proporciona o acesso ao contexto integral do qual cada fragmento foi extraído, fornece listas de palavras, indica quais são as de maior freqüência etc. Enfim, trata-se de instrumento valioso para o pesquisador de língua.

² Este exemplo foi extraído de uma palestra apresentada por Tony Berber Sardinha na disciplina de Pós-Graduação sobre Linguística do *Corpus*, ministrada pela Prof. Dr^a Stella Tagnin, na USP, no segundo semestre de 2000.

Referências bibliográficas

- AARTS, Jan. "Intuition-based and observation-based grammars". In: AIJMER, K. & ALTENBERG, B. (eds.). *English Corpus Linguistics*. London/New York, Longman 1991, 44-61.
- BIBER, Douglas, CONRAD, Susan & REPPEN, Randi. *Corpus Linguistics – Investigating language structure and use*. Cambridge, Cambridge University Press 1998.
- BOWKER, Lynn. "Using specialized monolingual native-language corpora as a translation resource: a pilot study". In: *Meta* XLIII, 4, 1998, 631-651.
- GATTI, Iris Kurz. "A Linguística do *Corpus* e os estudos de língua ilustrados por meio de exemplos do modo subjuntivo em alemão e em português". EPLLE 2001 (no prelo).
- GECKELER, H. *Semântica estructural y teoría del campo léxico*. Madrid, Gredos 1984.
- GENOUVRIER, Emile, PEYARD, Jean. *Linguística e ensino do português*. Coimbra, Almedina 1974.
- GREIMAS, A. J., COURTÈS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo, Ed. Cultrix 1979.
- HOEYI, Michael. "From concordance to text structure: new uses for computer corpora". In: Lewandowska-Tomaszczyk, B. & P. J. MELIA (eds.). *PALC'97 Practical Applications in Language Corpora*. Lodz, Lodz University Press 1997, 2-23.
- JOHANSSON, Stig. "Using the English-Norwegian parallel corpus – a corpus for contrastive analysis and translation studies". In: Lewandowska-Tomaszczyk, B. & P. J. Melia (eds.). *PALC'97 Practical Applications in Language Corpora*, Lodz, Lodz University Press 1997, 282-296.
- KETTEMANN, Bernhard. "Concordancing as input enhancement in ELT". In: Lewandowska-Tomaszczyk, B. & P. J. Melia (eds.). *PALC'97 Practical Applications in Language Corpora*. Lodz, Lodz University Press 1997, 63-73.
- KJELLMER, Göran. "Auxiliary Marginalities: The Case of 'Try'". Separata. Amsterdam – Atlanta, Rodopi 1999.
- LEWANDOWSKA-TOMASZCZYK, B. & P. J. Melia (eds.). "Lexical meanings in language corpora". *PALC'97 Practical Applications in Language Corpora*. Lodz, Lodz University Press 1997, 236-255.

- SALKIE, Raphael. "Naturalness and contrastive linguistics". In: Lewandowska-Tomaszczyk, B. & P. J. Melia (eds.). *PALC'97 Practical Applications in Language Corpora*. Lodz, Lodz University Press 1997, 297-312.
- SANCHEZ, A. Definición e historia de los *corpus*. In: SANCHEZ, A. et al. (org.). *CUMBRE – Corpus Lingüístico de Español Contemporáneo*. Madrid, SGEL 1995.
- SARDINHA, T. B. "O que é um *corpus* representativo?". São Paulo, PUC 1999 (manuscrito não publicado).
- SOUZA, Eurides Avance de. "A Linguística do *Corpus* e os estudos de língua alemã nas áreas de fraseologia, lexicografia e tradução". EPLLE 2001 (no prelo).
- TAGNIN, Stella E. O. "COMET – Um *Corpus* Multilíngüe para Ensino e Tradução". São Paulo, Universidade de São Paulo 2001 (manuscrito não publicado).

Dicionários

- Dicionário de Alemão Português. Porto: Porto Editora 1997.
- IRMEN, Friedrich & KOLLERT, Ana Maria Cortes. *Langenscheidts Taschenwörterbuch der Portugiesischen und Deutschen Sprache*. Berlin/München/Wien/Zürich, Langenscheidt 1982.

Sites importantes

- IDS – Institut für Deutsche Sprache
<http://corpora.ids.mannheim.de>
- Corpus* do IME-USP
www.ime.usp.br/~tycho
- Anotador de textos
<http://visl.hum.sdv.dk>
- Ferramentas de elaboração de concordâncias: Wordsmith Tools
www.liv.ac.uk/~ms2928/
<http://www.webcorp.org.uk/>

Uso dos marcadores: *downgraders* e *upgraders* em língua alemã

Alessandra Paula de Seixas*

Abstract: In this article, we analyse the use of modality markers in a German text taken from the *Freiburger Korpus*. We notice how the necessity of preserving face influences the speakers' choices of *downgraders* and *upgraders*, devices that determine the intensity of the speech acts and, therefore, the mood of the interaction.

Keywords: Pragmatics; faceworks; speechacts; modality markers; *downgraders*; *upgraders*.

Zusammenfassung: Die Autorin analysiert die Anwendung der *modality markers* in einem Text aus dem *Freiburger Korpus*. Sie zeigt, wie das Bedürfnis, das Gesicht zu wahren, die Sprecher dazu führt, *downgraders* oder *upgraders* auszuwählen, die die Intensität der Sprechakte und damit auch die emotionale Stimmung der Interaktion steuern.

Stichwörter: Pragmatik; *faceworks*; Sprechakte; *modality markers*; *downgraders*; *upgraders*.

Palavras-chave: Pragmática; trabalho da face; atos de fala; marcadores modalizadores; *downgraders*; *upgraders*.

1. Introdução

Não podemos negar que o homem é um ser social, uma essência da cultura na qual está inserido. Nascemos, crescemos e morremos dentro de uma sociedade e (a não ser que se faça uma opção consciente pelo isolamento ou que ele seja

* Alessandra Paula de Seixas é mestranda junto à Área de Alemão/USP.

causado por algum tipo de doença ou situação adversa) isso provoca a interação e o convívio com os membros que dela fazem parte.

Por mais que pareça, o contato interpessoal não é, porém, algo simples. Alguns aspectos básicos precisam ser garantidos para que haja uma boa interação. De uma forma bem ampla, poderíamos dizer que existe a necessidade de um alto grau de controle emocional e, principalmente, do reconhecimento da face dos interlocutores (a expressão social do seu *eu* individual) (GOFFMAN, 1986). Muitos autores denominam essa última característica de *polidez*, no entanto HOUSE & KASPER (1981: 157) conseguiram entrelaçar esses dois pontos de um modo bem expressivo: “*We understand politeness as being a (...) form of emotional control serving as a means of preserving face.*”

A necessidade de preservação da face é constante, pois não há maneiras de prever as ações dos demais interactantes; o próprio fato de entrar em contato com outros já se constitui como uma ameaça em potencial à auto-imagem dos participantes. Assim, as pessoas procuram agir de modo a sustentar tanto a sua face como a dos demais interlocutores. No campo da Pragmática, várias pesquisas já foram realizadas para descrever os meios pelos quais se tenta atingir esse objetivo.

Conclusões dos trabalhos de diversos autores indicam que as interações verbais têm estilos culturalmente específicos. Como cada cultura define de uma determinada maneira os limites da face (até que ponto se pode ir antes de se invadir o território pessoal, quais são os conteúdos publicamente relevantes da personalidade – cf. BROWN & LEVINSON 1994: 61s.), a definição de polidez também não pode ser fixa ou uma só. Contudo, mesmo que não seja percebida por um membro alheio a um determinado estilo social de conversação, a polidez (e, conseqüentemente, a preservação da face) é uma prática universal.

Partindo dessas idéias iniciais, e levando em conta uma pesquisa de HOUSE & KASPER (1981), examinaremos o uso de *downgraders* e *upgraders* em um texto em língua alemã retirado do *Freiburger Korpus* (representativo da língua falada padrão). De acordo com as autoras, esses tipos de marcadores modalizadores são artifícios usados pelo falante para, respectivamente, diminuir ou aumentar a força do impacto que o enunciado tem sobre o ouvinte, ou seja, para expressar efeitos diferentes de polidez, dependendo do tipo e da quantidade dos marcadores. Mais precisamente, analisaremos, através dos marcadores, o motivo pelo qual uma interação que inicialmente deveria ser uma entrevista amigável, acabou se transformando em uma acalorada discussão.

2. Marcadores modalizadores

O uso de marcadores é freqüentemente motivado pela necessidade de preservação da face. Segundo GALEMBECK (1999: 174), nos diálogos, “*(...) o falante adota mecanismos que assegurem o resguardo do que não deseja ver exibido e coloquem em evidência aquilo que deseja ver exibido. A necessidade de preservação da face torna-se particularmente relevante em determinadas situações, nas quais o falante se expõe de forma direta: pedidos, atendimento de pedidos ou recusa em fazê-los, perguntas diretas e indiretas, respostas, manifestação de opiniões.*”

Quanto à manifestação de opiniões, o autor verifica ainda a existência de uma dupla atitude dos interlocutores: “*(...) por vezes eles se distanciam dos conceitos emitidos (como forma de evidenciar que esses conceitos não são integralmente assumidos), mas, em outras situações, os locutores mostram que assumem – ainda que parcialmente – os juízos expostos.*” (1999: 175). Nesses casos há, portanto, uma troca constante do que BROWN & LEVINSON descrevem como face negativa (aquilo que o falante deseja preservar ou ter preservado) e face positiva (aquilo que o falante expõe, procurando aprovação ou reconhecimento).

Existem várias estratégias para a preservação da face (seja ela positiva ou negativa), no entanto, algumas vezes a necessidade que o falante parece ter de se proteger de uma possível atitude negativa por parte do ouvinte pode ser maior do que o seu desejo de demonstrar deferência. Em um enunciado, a presença de determinadas palavras ou expressões que “*de um modo ou de outro, indicam algo a respeito da adesão do falante em relação ao que ele está dizendo*” (BROWN & LEVINSON apud MEIRELES 1999: 150) pode diminuir ou aumentar os efeitos sobre o(s) ouvinte(s). Essas palavras ou expressões são denominadas **marcadores modalizadores** por HOUSE & KASPER (1981) e, de acordo com suas características, subdivididas em *downgraders* (atenuadores) e *upgraders* (intensificadores), respectivamente atenuando ou intensificando a força do impacto que o enunciado tem sobre o ouvinte.

Além disso, as autoras, em um artigo que compara o comportamento linguístico de ingleses e alemães (HOUSE & KASPER 1981), concluem que os alemães demonstram uma forte tendência a intensificar a força do ato de fala em situações de conflito atual ou potencial. A fórmula **evento posterior / anti-X** é utilizada para caracterizar esse tipo de situação, o que implicaria em dizer que dela fariam parte as categorias de ato de fala representadas pelas queixas, críticas, acusações ou reprovações, pois em todas essas a ação que as causou já ocorreu e

a face ameaçada é a do falante. Isso significa portanto que, nessas ocasiões, uma maior frequência de *upgraders* deveria ser esperada.

3. Metodologia

O texto que escolhemos, “*Ist der Nannen-Mitarbeiter Weidemann ein Kriegsverbrecher?*”, é uma transcrição de um programa televisionado em 10/12/1970 pelo canal alemão ZDF (*Zweites Deutsches Fernsehen*) e faz parte do segundo volume do *Freiburger Korpus*, coletânea representativa da língua falada padrão alemã contendo discussões, entrevistas, conferências, comentários, narrativas e reportagens compiladas entre 1966 e 1972 pelo Instituto para Língua Alemã (*Institut für Deutsche Sprache*) em Freiburg. No diálogo são identificados três interactantes do sexo masculino (*S1, S2, S3*) que publicamente manifestam sua opinião sobre o provável envolvimento de um deles no acobertamento dos atos de um criminoso da Segunda Guerra (evento posterior / anti-X). A situação que se apresenta é uma entrevista feita com o suspeito de cumplicidade que, agora, após um primeiro programa do qual não participou, tem a possibilidade de expor suas idéias.

Analisaremos se a presença de marcadores modalizadores pode explicar a afirmação inicial presente na descrição do texto que diz ser esse um exemplo de uma discussão, apesar da interação ter sido realmente idealizada como uma entrevista. Verificaremos também se a conclusão de HOUSE & KASPER (1981) que os alemães demonstram uma forte tendência a intensificar a força do seu ato de fala em situações de conflito atual ou potencial, e que, conseqüentemente, nessas ocasiões, há uma maior frequência de *upgraders*, pode ser aplicada ao texto escolhido.

O levantamento dos marcadores foi restrito à classificação de HOUSE & KASPER (1981). Exemplos das ocorrências são apresentados sempre que necessário, pois as expressões linguísticas utilizadas como marcadores modalizadores têm significado também a partir da resposta que provocam na audiência (importando, para este trabalho, a resposta provocada no leitor). Como um dos sujeitos (*S3*) encontra-se em uma situação explícita de auto-preservação (já que se defende das acusações dos outros dois interlocutores), indicamos qual dos falantes faz uso dos marcadores, tentando identificar, também assim, a interferência do contexto na sua escolha.

b) *Play-down* – Artíficos sintáticos como o passado, a negação, a interrogativa e os modais são classificados por HOUSE & KASPER (1981) como formas para abaixar o efeito perlocutório que o enunciado pode ter no ouvinte.

No texto, são freqüentes os exemplos de uso da forma modal, acompanhada ou não de outros artíficos como o passado, a negação e a interrogativa. Analisamos, portanto, uma a uma, as ocorrências dos modais, traçando uma escala ascendente das formas mais virtuais para as mais reais: *Konjunktiv*, *können*, *mögen*, *wollen*, *sollen*, *dürfen*, *müssen*.

Não devemos esquecer, contudo, que todos esses modais fazem parte também dos *downgraders*, atenuando sempre, seja seu grau de probabilidade menor ou maior, a proposição do enunciado em relação ao ouvinte.

Konjunktiv

Aparece em enunciados dos falantes *S2* e *S3*. A forma empregada é geralmente a da terceira pessoa, referindo-se ao ouvinte. Há, porém, o emprego na primeira pessoa. Os sujeitos conseguem, com o uso do *Konjunktiv*, expressar algo virtual, distanciando-se o máximo possível da sua enunciação.

- S2* nein ich würde Sie +g+ um folgenden Vorschlag bitten. (...)
- S2* ich könnt sie jetzt alle in großen Bänden daher bringen lassen.
- S2* denn, wenn Sie ein kleiner Angestellter gewesen wäre, hätten Sie ein gutes Gewissen gehabt und wären in die erste Sendung gekommen und hätten gesagt ich habe damit nichts zu tun. und Sie hätten
- S2* das Urteil und Sie ein Moment und Sie hätten das Urteil der Gerichte abgewartet. und die Zuschauer
- S2* (...) wie können Sie dann behaupten? wir hätten nicht geprüft das geht doch gar nich
- S2* ich denke wir sollten diese Sendung an diesem Punkte beenden. (...)
- S2* wir sollten die
- S3* ich wär vielleicht
- S3* es gibt keinen Fall im Stern, in dem ich jemanden seine nationalsozialistische Vergangenheit vorgeworfen hätte. (...)

- S3 ich würde ihn nie zum Redakteur machen. (...)
- S3 ich weiß nicht, wo Sie Ihre Dokumente her haben. es wäre mir lieber gewesen.
- S3 es wäre es wäre mir lieber gewesen Sie hätten sie mir vorher gezeigt
- S3 (...) wenn ich nicht wenn ich irgendein Behördenangestellter oder irgendein Privatmann gewesen wäre und Sie hätten diese Sendung gemacht, wenn ich nicht die Möglichkeit gehabt hätte, eine Redaktion Rechercheur Dolmetscher und so was anzusetzen dann wäre ich erledigt gewesen. Herr Löwenthal
- S3 Herr Maier würden Sie den Namen dieses Journalisten nennen?
- S3 Herr Löwenthal warum klagen Sie dann nicht gegen meinen Vorwurf? dass Sie manipuliert hätten, dass Sie Nachrichten verfälscht hätten. (...)

S1	S2	S3
0	11	14

können

Há ocorrências para todos os falantes. Em relação ao *Konjunktiv*, o uso desse modal aumenta o grau de probabilidade presente no enunciado.

Como mostram os exemplos, apenas o falante S2 não emprega, em nenhum momento, a forma da primeira pessoa, preferindo usar a indeterminação do sujeito pelo uso de *man*, a primeira pessoa do plural, e *Sie*.

Assim como no modal anterior, as ocorrências são mais frequentes em S3.

- S1 und ich kann Ihnen dazu nur eins sagen (...)
- S1 Sie werden ja wohl auch mal mit Menschen im Dunkeln reden können. das müssen
- S1 in diesem schriftlichen Bericht, der ja nachgeprüft werden kann, (...)
- S2 das kann ja keiner nachprüfen
- S2 aber moralisch moralische Vorwürfe kann man nicht vor Gericht klären. (...)
- S2 (...) wie können Sie dann behaupten? wir hätten nicht geprüft das geht doch gar nich

- S2 Sie können mir nicht einreden, dass (...)
- S2 +g+ Sie können mich natürlich leicht über militärische Ausdrücke belehren wollen. (...)
- S2 Sie können sofort sagen. darf ich zu Ende reden?
- S2 Herr Nannen lassen Sie mich bitte einen Moment ausreden. wir haben dieses nie behauptet. ich wiederhole: es. dass Sie von Dingen gewußt haben müssen, können Sie nicht ernsthaft abstreiten wollen. darüber gibt es soviel Zeugenaussagen
- S2 ja aber die können ja überhaupt nicht beurteilen, woraus Sie hier zitieren. wir können ja zehn Minuten genauso zitieren.
- S2 natürlich können wir Ihnen das sagen
- S2 aber Herr Nannen wir können doch die Nummern vom Stern hier zitieren.
- S2 und ich möchte jetzt gerne, dass wir die letzten drei Minuten dazu benutzen. Sie haben +g+ Beweise vorgelegt Behauptungen aufgestellt. wir haben unsere Dokumente. wir können nachweisen, dass wir journalistisch völlig einwandfrei gearbeitet haben.
- S3 Moment +g+ ich kann Ihnen den Namen nennen. (...)
- S3 das kann ich mir vorstellen.
- S3 dafür kann ich Ihnen gleich ein Beispiel geben. also erstens
- S3 da kann ich Ihnen also sagen auch da haben Sie sehr unvollständig recherchiert
- S3 also dazu kann ich Ihnen folgendes sagen.
- S3 dazu kann ich Ihnen folgendes sagen. es sind umgekommen Nicola Bilaloder +g+.
- S3 und ich kann Ihnen einen Brief von Stemmler vorlegen (...)
- S3 das kann ich ihm gar nicht mal verdenken.
- S3 Sie wollten ja eigentlich den Biscasso und den Rossin aufhängen. nun kann ich Ihnen dazu weiter sagen, was der Polizeichef von Este sagt.
- S3 ja ja Dokumente kann man viele machen.
- S3 dann können Sie ja mal gegen mich klagen
- S3 ohne es beweisen zu können?
- S3 Herr Löwenthal die wollten mich nicht haben. und darüber können wir uns ein anderes Mal unterhalten, warum sie mich nicht haben wollten.

- S3 wir können über Weidemann eine weitere Sendung machen gerne
 S3 wir können vielleicht noch eine Sendung machen. dann kann ich dazu Stellung nehmen.
 S3 wir können sie jederzeit fortsetzen Herr Löwenthal.

S1	S2	S3
3	12	16

mögen

Aparece em enunciados dos falantes S1 e S2. A forma usada é a da primeira pessoa. Com o emprego dessa forma modal, os sujeitos conseguem expressar maior probabilidade do que nas formas anteriores.

- S1 Herr Nannen darf ich zunächst eins berichtigen? Sie stellen immer sogenannte Halbwahrheiten hier zur Diskussion, ich möchte eins festhalten. (...)
 S2 ich gebe Ihnen gerne aber ich möchte gern auf
 S2 aber ich möchte Sie
 S2 und ich möchte jetzt gerne, dass wir die letzten drei Minuten dazu benutzen. Sie haben +g+ Beweise vorgelegt Behauptungen aufgestellt. wir haben unsere Dokumente. wir können nachweisen, dass wir journalistisch völlig einwandfrei gearbeitet haben.

S1	S2	S3
1	3	0

wollen

Usado por todos os falantes, com frequência muito maior em S3, esse verbo modal está no meio da escala de probabilidade, dependendo mais da atitude do falante para que a ação se realize. Nos exemplos, há ocorrências com o verbo no passado e apenas S2 e S3 utilizam a forma da primeira pessoa.

- S1 (...) weil es bereits dunkel war und ich Herrn Kindler erst am nächsten Morgen bei Helligkeit mit den +g+ Dingen dort konfrontieren wollte. Sie dürfen doch nicht
 S1 dann wollen wir mal sehen
 S2 Herr Nannen ich will Ihnen etwas sagen. ich betreibe keine
 S2 ich muss: überhaupt nicht wollen Sie das mal zur Kenntnis nehmen.
 S2 und dabei wollen wir bleiben.
 S2 Herr Nannen wir wollen uns nicht streiten. (...)
 S2 ja: aber das bezieht sich wollen Sie bitte ganz zitieren. (...)
 S3 und nun will ich Ihnen noch
 S3 und ich will jetzt sagen warum.
 S3 das will ich Ihnen zeigen.
 S3 so und nun will ich Ihnen die Aussage des Zeugen Marquioro ihres: Zeugen vorlesen. (...)
 S3 wollen wir uns auf das Niveau herunter begeben?
 S3 wollen Sie mir sagen, wie der heißt?
 S3 ach woher wollen Sie das wissen?
 S3 was Sie wollen. aber hier und heute muss vom Tisch, dass der Weidemann ein Kriegsverbrechen begangen hat,
 S3 ja was wollten Sie denn im Dunkeln in Bevilacqua? was wollten Sie denn da im Dunkeln da?
 S3 aha und die wollten Sie im Dunkeln betreiben?
 S3 Sie wollten ja eigentlich den Biscasso und den Rossin aufhängen. nun kann ich Ihnen dazu weiter sagen, was der Polizeichef von Este sagt.
 S3 mich wollten die Nazis nicht haben da
 S3 Herr Löwenthal die wollten mich nicht haben. und darüber können wir uns ein anderes Mal unterhalten, warum sie mich nicht haben wollten.

S1	S2	S3
2	5	15

sollen

A utilização do modal está restrita aos falantes S2 e S3, que o empregam apenas na primeira pessoa. Talvez por reforçar uma vontade do ouvinte, que acaba sendo o centro da ação, os falantes parecem preferir outras construções verbais.

S2 wen soll ich noch nennen?

S2 soll ich Ihnen vorlesen (...)

S3 soll ich die +g+ im soll ich die vorlesen?

S3 na ja soll ich Ihnen jetzt die

S1	S2	S3
0	2	3

dürfen

O grau de probabilidade desse modal já é bem maior. Não é apenas a atitude do ouvinte que conta, mas sim uma outra instância que habilita (ou não) a ação do falante. É usado por todos os interlocutores, inclusive como uma maneira de se conseguir o turno, mas mais freqüentemente, por S2.

S1 Herr Nannen darf ich Ihnen

S1 zweitens darf ich Ihnen sagen, dass die Recherchen des Stern dort unten auch nicht ganz sauber gearbeitet haben. ich darf Ihnen dazu die Aussage des Zeugen Rossin vorlesen. (...)

S1 Herr Nannen darf ich zunächst eins berichtigen? Sie stellen immer sogenannte Halbwahrheiten hier zur Diskussion. ich möchte eins festhalten. (...)

S1 (...) weil es bereits dunkel war und ich Herrn Kindler erst am nächsten Morgen bei Helligkeit mit den +g+ Dingen dort konfrontieren wollte. Sie dürfen doch nicht

S1 Herr Nannen Sie dürfen aber nicht die Unwahrheit sagen.

S1 das dürfen Sie doch nicht durcheinanderschmeißen

S1 Sie dürfen also bitte die Dinge nicht nur halb darstellen.

S2 ein Moment ein Moment ein Moment +g+ ich darf mal jetzt +g+ einen Moment unterbrechen Herr +g+ Nännin?

S2 es is eine unschuldige Geisel gehenkt worden. die Beweise liegen da. jetzt darf ich

S2 ich darf folgendes vorschlagen. wir haben unsere Behauptung aufgestellt.

S2 ich darf Sie nur bitten.

S2 darf ich zu Ende reden?

S2 aber ich darf Sie bitten

S2 aber ich darf Sie bitten

S2 ich darf Ihnen eins sagen Herr Nannen.

S2 Sie können sofort sagen. darf ich zu Ende reden?

S3 und ich darf Ihnen vielleicht einmal sagen, was Albert Speer in einem Brief sagt. er sagt

S3 ein Bundespräsident darf nicht lügen.

S1	S2	S3
8	9	2

müssen

Modal que indica o maior grau de probabilidade, sendo usado, até mesmo, como explicação para a atitude do falante; como se algo o levasse a realizar a ação. No caso de S3, esse parece ser um ótimo atenuador do efeito que seus enunciados têm nos ouvintes.

S1 es muss ja wohl möglich sein mit

S1 Sie werden ja wohl auch mal mit Menschen im Dunkeln reden können. das müssen

S2 nicht wir müs:sen sondern nein

- S2 wir **müssen** gar nicht.
 S2 ich **muss**: überhaupt nicht wollen Sie das mal zur Kenntnis nehmen.
 S2 Herr Nannen lassen Sie mich bitte einen Moment ausreden. wir haben dieses nie behauptet. ich wiederhole: es. dass Sie von Dingen gewußt haben **müssen**, können Sie nicht ernsthaft abstreiten wollen: darüber gibt es soviel Zeugenaussagen

- S3 nun **muss** ich Ihnen noch etwas sagen. (...)
 S3 ich **muss** sagen.
 S3 Herr Löwenthal auch dazu **muss** ich Ihnen eines sagen.
 S3 Sie **müssen** das abstreiten nun +g+
 S3 das **müssen** Sie mir erst einmal beweisen.
 S3 ach Herr Löwenthal dieses Mätzchen **müssen** Sie jetzt machen
 S3 was Sie wollen. aber hier und heute **muss** vom Tisch, dass der Weidemann ein Kriegsverbrechen begangen hat,

S1	S2	S3
2	4	7

- c) *Hedge* – Impondo menos forçosamente sua intenção, deixando uma opção aberta para o ouvinte completar o enunciado, o falante evita uma especificação proposicional precisa. Os interlocutores são responsáveis pela atribuição do significado ao elemento expresso no enunciado.

- S3 +g+ für **ziemlich** für **ziemlich**
 S1 Sie stellen immer sogenannte **Halbwahrheiten** hier zur Diskussion.
 S2 die ist gar nicht so **leer**.
 S2 wir könnten ja zehn Minuten genauso zitieren.
 S2 (...) weil er ein so **reines** Gewissen hatte als Widerstandskämpfer. (...)

Notamos, porém, que o marcador perde um pouco do seu caráter de atenuação quando um dos elementos recebe um acento enfático. O exemplo a seguir ilustra essa característica irônica presente no *hedge*:

- S2 (...) dann schlägt Ihnen heute nicht ihr Gewissen, wenn Sie so: demokratisch, wie Sie in Ihrer Zeitung schreiben, über andere schreiben?

S1	S2	S3
1	3	1

- d) *Understater* – O falante utiliza modificadores adverbiais para diminuir aquilo denotado na proposição. Esse marcador caracteriza-se como um ótimo recurso para amenizar o enunciado, não comprometendo tanto o falante.

Principalmente nos exemplos retirados de S2, notamos também que se trata de uma forma freqüente (apesar de não muito eficaz) para a requisição do turno.

- S1 und ich kann Ihnen dazu **nur** eins sagen (...)
 S1 und ich habe übrigens von diesem Bericht Herrn Doktor Rücker und Herrn Doktor Ertz Kenntnis gegeben **nur** dieses zur Klarstellung dieser Situation heute abend.
 S1 (...) weil es bereits dunkel war und ich Herrn Kindler **erst** am nächsten Morgen bei Helligkeit mit den +g+ Dingen dort konfrontieren wollte. (...)
 S2 eine Sekunde Herr Nannen
 S2 **Moment** (...)
 S2 ein **Moment** ein **Moment** ein **Moment** +g+ ich darf mal jetzt +g+ einen **Moment** unterbrechen Herr +g+ Nannen?
 S2 das Urteil und Sie ein **Moment** (...)
 S2 einen **Moment** Herr Nannen **Moment** **Moment** **Moment**
 S2 ein **Moment** (...)
 S2 ein **Moment**

- S2 Moment (...)
 S2 Herr Nannen lassen Sie mich bitte einen Moment ausreden. (...)
 S3 (...) sie können das Interview im Stern nachlesen erst dann: haben wir Behauptungen aufgestellt.
 S3 nur haben wir damit nichts zu tun gehabt.
 S3 eine Sekunde das bestreite ich. (...)

Verificamos também, em duas ocasiões, que S3 utilizou o marcador precedido por uma negação, o que, na nossa opinião, ao invés de atenuar sua proposição, acabou por acentuar a oposição existente. O efeito, portanto, não é de um *downgrader*.

- S3 Herrn Hering hab ich nich nur Gelegenheit gegeben. sondern (...)
 S3 es ist nämlich nich nur ein: Junge umgekommen. sondern (...)

S1	S2	S3
3	9	3

- e) *Downtoner* – Modificadores de sentença usados pelo falante para modular o impacto que o seu enunciado pode ter sobre o ouvinte, amenizando possíveis reações provocadas pela enunciação.

No texto, os falantes que mais se utilizaram desse marcador foram S2 e S3, confirmando que esses sujeitos são, na verdade, os dois oponentes mais ativos na discussão.

- S1 in diesem schriftlichen Bericht, der ja nachgeprüft werden kann (...)
 S1 (...) weil es bereits dunkel war und ich Herrn Kindler erst am nächsten Morgen bei Helligkeit mit den +g+ Dingen dort konfrontieren wollte. (...)
 S1 sie mir auch schon gestatten.
 S1 sie mir auch schon gestatten.
 S1 dann wollen wir mal sehen

- S2 das stimmt leider nicht nein
 S2 dieses stimmt leider nicht.
 S2 das stimmt leider auch nicht Herr Nannen
 S2 wir haben sie ja bisher auch fair behandelt. (...)
 S2 das kann ja keiner nachprüfen
 S2 Herr Herr Maier wird Ihnen ja +g+ nein das haben wir noch nie getan.
 S2 ja aber die können ja überhaupt nich beurteilen, woraus Sie hier zitieren. (...)
 S2 (...) wir können ja zehn Minuten genauso zitieren.
 S2 das kommt ja nicht vom Tisch Herr Nannen
 S2 ein Moment ein Moment ein Moment +g+ ich darf mal jetzt +g+ einen Moment unterbrechen Herr +g+ Nannen?
 S2 mal zum Punkt kommen? (...)
 S2 lesen Sie mal (...)
 S2 (...) wollen Sie das mal zur Kenntnis nehmen.
 S2 sehen Sie mal warum war er denn (...)
 S2 +g+ warum lassen wir denn nicht die Gerichte darüber urteilen?
 S2 (...) Sie haben doch eben gesagt (...)
 S2 (...) sie haben doch selbst eben zugegeben (...)
 S2 (...) was Sie eben versucht haben (...)
 S3 das Mädchen Sie haben also den Zeugen Kindler vorgestellt. (...)
 S3 also jetzt lesen Sie aus dem Kinderverwirrbuch vor Herr Löwenthal. (...)
 S3 (...) also erstens
 S3 da kann ich Ihnen also sagen (...)
 S3 nun lassen Sie mich doch mal ausreden. (...)
 S3 nun lassen Sie mich mal kontinuierlich die Geschichte weiter erzählen.
 S3 nun machen Sie doch mal die Hinterhand auf Herr Löwenthal. (...)
 S3 (...) schauen Sie mal (...)
 S3 miesen Unterstellungen die lassen Sie mal (...)
 S3 sagen Sie mal (...)
 S3 und nun klagen Sie doch mal dagegen (...)
 S3 ich bin schon
 S3 das haben Sie doch alles schon erzählt

- S3 (...) den Sie ja auch vorgeführt haben (...)
 S3 (...) er war ja zwei Monate vor Kriegsende aus Bevilaqua fortgefahren (...)
 S3 Herr Rossin hat ja auch erzählt (...)
 S3 sie haben mich eben gefragt (...)
 S3 ich habe auch zur deutschen Justiz das Vertrauen eben diese Dinge klarstellen.
 S3 ich wär vielleicht
 S3 und ich darf Ihnen vielleicht einmal sagen (...)
 S3 wir können vielleicht noch eine Sendung machen. (...)
 S3 warum tun Sie denn das nicht?
 S3 ja was wollten Sie denn im Dunkeln in Bevilaqua? was wollten Sie denn da im Dunkeln da?
 S3 (...) das bestreite ich einfach. (...)

Notamos também que, em algumas ocasiões, os falantes empregaram dois marcadores no mesmo enunciado, querendo, talvez, ter a certeza de que conseguiriam realmente minimizar a reação do ouvinte.

- S1 (...) es muss ja wohl möglich sein mit
 S1 sie werden ja wohl auch mal mit Menschen in Dunkeln reden können. (...)
 S2 das haben Sie ja schon mehrfach kennengelernt.
 S2 Sie haben uns ja schon verklagt. (...)
 S3 dann können Sie ja mal gegen mich klagen
 S3 Werner Finck Werner Finck, der ja wohl ganz unverdächtig ist (...)

S1	S2	S3
9	23	29

- f) *Committer* – O falante caracteriza seu enunciado como sua opinião pessoal, mas diminui o grau de envolvimento àquilo referido na proposição, evitando, assim, qualquer ameaça direta.

Nos exemplos, verificamos que o falante S2 é quem mais utiliza o marcador, colocando a sua opinião em contraposição àquela do falante S3.

- S2 dieses ist meine **Behauptung**.
 S2 **für mich** sind diese Vorgänge abgeschlossen.
 S2 **für für mich**
 S2 hier geht es **für mich** darum dass (...)
 S2 **ich denke** wir sollten diese Sendung an diesem Punkte beenden. (...)
 S2 wir +g+ **ich denke** auch. (...)
 S3 mir ist ein Mann (...)
 S3 (...) mir ist dieser Mann lieber

S1	S2	S3
0	6	2

- g) *Hesitator* – Quando expressões mal formuladas são deliberadamente utilizadas para mostrar ao ouvinte que o falante tem dúvidas sobre continuar o seu enunciado, podemos dizer que o marcador foi empregado.

Na própria transcrição do texto, as inúmeras ocorrências de trechos mal formulados foram indicadas pelo símbolo +g+. Dada a característica do texto que, logo no início, deixa claro ser freqüente a tomada de turno ao falante, impossibilitando saber se essas formulações foram mesmo intencionais ou causadas pelas inúmeras interrupções dos interactantes, não consideramos, no entanto, esses exemplos, mas aqueles que apresentam uma pausa no enunciado.

- S3 in Ihrer zweiten Sendung haben Sie nämlich erklärt ich habe meine +p+ Akten und die Aussagen noch einmal und noch einmal und noch einmal geprüft.
 S3 es is nämlich nich nur ein: Junge umgekommen. sondern es sind umgekommen +p+ vier: Personen. und nun muss ich Ihnen noch etwas sagen

S3 und Nolde schreibt er ließ sich auch durch Mißerfolge bei seiner vorgesetzten Dienststelle nicht entmutigen sondern versuchte mit allen Mitteln zu überzeugen und zu retten, was zu retten ist. dies führte +p+ +g+

S2 in der Waffen-SS +p+ Einsatz beim Chef der Bandenkampfverbände Rußland-Mitte Herr Nannen. wir reden nicht mehr darüber.

S1	S2	S3
0	1	3

h) *Agent avoider*— O falante pode deixar de se mencionar ou deixar de mencionar o ouvinte como agentes, um artifício sintático que evita um ataque direto. Tanto a face do falante como a do ouvinte são preservadas, mas há, no entanto, uma crítica velada ao comportamento do ouvinte.

S2 aber moralisch moralische Vorwürfe kann man nicht vor Gericht klären. (...)

S3 Dokumente kann man viele machen.

Verificamos também o uso da primeira pessoa do plural incluindo os três interactantes, uma maneira de aproximar os outros ouvintes e o falante, como se todos tivessem um objetivo em comum, e de suavizar críticas, como verificamos no último exemplo.

S2 (...) bleiben wir doch fair. (...)

S2 Herr Nannen wir wollen uns nicht streiten. (...)

S2 und ich möchte jetzt gerne, dass wir die letzten drei Minuten dazu benutzen. (...)

S2 ich denke wir sollten diese Sendung an diesem Punkte beenden. (...)

S3 Herr Löwenthal die wollten mich nicht haben. und darüber können wir uns ein anderes Mal unterhalten, warum sie mich nicht haben wollten.

S3 wir können über Weidemann eine weitere Sendung machen gerne

S3 wir können sie jederzeit fortsetzen Herr Löwenthal.

S3 wollen wir uns auf das Niveau herunter begeben?

S1	S2	S3
0	5	5

i) *Gambits*— Elementos usados para estabelecer ou restaurar a harmonia entre os interlocutores ou para apelar ao ouvinte.

Nos exemplos, podemos observar dois momentos em que S3 emprega o marcador como forma de apelo ao ouvinte, procurando por sua cooperação. A escassez de ocorrências demonstra que os momentos de estabelecimento de uma ligação mais próxima com os interlocutores foram pouco frequentes.

S3 ich habe auch zur deutschen Justiz das Vertrauen eben diese Dinge klarstellen.

S2 ich ich habe von vornherein volles

S3 nicht?

S3 ja ja Wintermärchen nich?

S1	S2	S3
0	0	2

j) *Supportive moves*— Ocorrem quando o falante dá as razões para a sua ação, ou quando o falante indica ou sugere que fará algo manifesto sem, entretanto, especificar a natureza da proposição que segue.

Verificamos que, em duas ocasiões, o falante S3 justifica suas ações. A intenção é, claramente, a de preservar sua face.

- S3 Sie übersetzen einen halten Sie den Mund jetzt.
 S2 danke schön
 S3 **ich bin noch nicht fertig.** Sie übersetzen einen Zeugen (...)
 S3 und dafür
 S2 was
 S3 stehe ich ein Herr Löwenthal. **ich kenne ihn**
 S2 dieses
 S3 **seit sechsundzwanzig Jahren**

Nos exemplos que seguem, notamos o caráter preparatório dos enunciados. Os falantes apenas manifestam o que farão em seguida, terminando sua fala antes de completarem a ação criando um clima de suspense.

- S1 **ich möchte eins festhalten.**
 S2 aber ich hatte nicht den Eindruck. **wir haben was anderes.**
 S2 **ich darf folgendes vorschlagen.**
 S2 und nun frage ich Sie folgendes.
 S2 **ich würde Sie +g+ um folgenden Vorschlag bitten.**
 S3 **und ich will jetzt sagen warum.**
 S3 und nun muss ich Ihnen noch etwas sagen.
 S3 also dazu kann ich Ihnen folgendes sagen.
 S3 auch dazu muss ich Ihnen eines sagen.

S1	S2	S3
1	4	6

4.2. Upgraders

- a) *Overstater* – O falante super-representa a realidade denotada na proposição para aumentar a força do seu enunciado. Utilizando-se de expressões de significado forte, o falante procura enfatizar uma ação que já realizou ou realizará e, até mesmo, causar no ouvinte um certo desconforto por ter expresso algo que contradisse ou contradirá o enunciado do falante.

Os exemplos mostram que o falante S2, em relação aos outros dois informantes, emprega mais o marcador. Os casos de uso como modo de causar desconforto no ouvinte são mais frequentes (**gar nicht, überhaupt nicht**).

- S1 das ist doch **gar nicht** drin.
 S1 (...) als wir **überhaupt noch nicht** hiermit befaßt waren.
 S1 natürlich die wurden abgedruckt, wo immer sie gedruckt werden konnten
 S1 selbstverständlich.
 S2 wir müssen **gar nicht**.
 S2 (...) das geht doch **gar nicht**
 S2 die brauchten wir **gar nicht**
 S2 das haben wir **gar nicht** bestritten Herr Nannen
 S2 ja aber die können ja **überhaupt nich** beurteilen, woraus Sie hier zitieren.
 (...)
 S2 ich muss: **überhaupt nicht** wollen Sie das mal zur Kenntnis nehmen.
 S2 natürlich können wir Ihnen das sagen
 S2 natürlich ja ja
 S2 +g+ Sie können mich **natürlich** leicht über militärische Ausdrücke belehren wollen.
 S3 das bestreitet ich doch **gar nicht**. (...)
 S3 da hab ich geantwortet ja **natürlich**. (...)
 S3 aber selbstverständlich. (...)

S1	S2	S3
4	9	3

- b) *Intensifier* – Modificador adverbial usado pelo falante para intensificar determinados elementos da proposição do seu enunciado. Ao reforçar certas idéias presentes no enunciado, os falantes conseguem enfatizar sua proposição sem, no entanto, estabelecer uma relação direta entre o que foi dito e seu envolvimento pessoal; um uso diferente daquele verificado em outros tipos de marcadores modalizadores (ver + *committer*, item 4.2.c).

Os exemplos indicam que o marcador foi bastante utilizado pelos falantes, principalmente por S3, demonstrando que esse falante sentiu a necessidade de reforçar seus enunciados de um modo que pudesse garantir a preservação da sua face.

- S1 Herr Nannen nun drehen sie **doch** die Dinge nicht um. (...)
 S1 Sie dürfen **doch** nicht
 S1 das dürfen Sie **doch** nicht durcheinanderschmeißen
 S1 geben Sie s **doch** zu.
 S1 (...) hat Herr Kindler **genau** die gleiche Aussage in einem entscheidenden Punkt sogar noch weitergehend gemacht. und ich habe **übrigens** von diesem Bericht Herrn Doktor Rücker und Herrn Doktor Ertz Kenntnis gegeben (...)
 S1 (...) dem ZDF liegt der schriftliche Bericht eines von uns **völlig** unabhängigen Journalisten vor aus dem März dieses Jahres (...)
 S2 (...) bleiben wir **doch** fair. (...)
 S2 (...) Sie haben **doch** eben gesagt (...)
 S2 (...) Sie haben **doch** selbst eben zugegeben (...)
 S2 Sie widersprechen sich **doch** Herr Nannen
 S2 sagen Sie es **doch** dem Richter Herr Nannen. tun Sie mir **doch** einen Gefallen.
 S2 verniedlichen Sie **doch** die Dinge nicht Herr Nannen
 S2 aber aber zitieren Sie **doch** bitte nich Herrn
 S2 +g+ glauben Sie **doch** nicht.
 S2 wir könnten ja zehn Minuten **genauso** zitieren.
 S2 lesen Sie mal, was Herr Nolde **genau** geschrieben hat. (...)
 S2 (...) ich hab s **genau** gelesen, was Herr Nolde geschrieben hat.

- S2 die Zuschauer verstehen **sehr** gut wer glaubwürdig ist und wer nicht. (...)
 S2 das haben Sie aber heute morgen in Bonn bestritten und **ganz** anders dargestellt.
 S2 das war meine Frage, die +g+ ich an Sie hatte, und, die in **ganz** engem Zusammenhang steht mit der Vergangenheit von Herrn Weidemann. (...)
 S2 (...) wollen Sie bitte **ganz** zitieren. (...)
 S2 die ist **gar** nicht so leer.
 S2 dass Sie von den Dingen gewußt haben müssen, können Sie nicht **ernsthaft** abstreiten wolien: (...)
 S2 wir können nachweisen, dass wir journalistisch **völlig** einwandfrei gearbeitet haben.
 S3 nun machen Sie **doch** mal die Hinterhand auf Herr Löwenthal. (...)
 S3 das haben Sie **doch** alles schon erzählt
 S3 nun lassen Sie mich **doch** mal ausreden. (...)
 S3 und nun klagen Sie **doch** mal dagegen (...)
 S3 das is **doch** wirklich unerträglich.
 S3 das is **doch** Ihr Zeuge:.
 S3 dann tun Sie **doch** was
 S3 die ist **nämlich** leer.
 S3 es ist **nämlich** nich nur ein: Junge umgekommen. (...)
 S3 (...) er hat **nämlich** Dinge durcheinander gebracht (...)
 S3 in Ihrer zweiten Sendung haben Sie **nämlich** erklärt (...)
 S3 Sie haben mich **nämlich** gefragt, ob ich (...)
 S3 Werner Finck Werner Finck, der ja wohl **ganz** unverdächtig ist (...)
 S3 **ganz** ausgezeichnet Herr Löwenthal
 S3 ein **ganz** guter Nazi
 S3 und der Zeuge Kindler hat **sehr** plastisch auf n Pfahl gezeigt (...)
 S3 (...) auch da haben Sie **sehr** unvollständig recherchiert.
 S3 das tut er auch **gar** nich. (...)
 S3 das kann ich ihm **gar** nicht mal verdenken.
 S3 es handelt sich um Herrn Pfleiderer und zwar um Springer-Informanten

- S3 (...) dass Sie ihn noch einmal mitgenommen haben und **zwar** nach Bevilaqua (...)
- S3 sagen Sie mal, was Sie **wirklich** wissen. (...)
- S3 dafür kann ich Ihnen **gleich** ein Beispiel geben. (...)
- S3 und, als **vollständig** klar war, dass der Mann schuldig war (...)
- S3 nun lassen Sie mich mal **kontinuierlich** die Geschichte weiter erzählen.

S1	S2	S3
8	19	25

- e) +*Committer* – O falante indica seu elevado grau de envolvimento em relação ao que foi manifestado na proposição. O marcador é empregado para reforçar a opinião do falante, que se mostra firme quanto às suas conclusões.

Como, no texto, S1 e S2 são aqueles que acusam S3 de ser cúmplice de um criminoso de guerra, era de se esperar que eles fizessem maior uso desse marcador. O terceiro sujeito (S3), utiliza o +*committer* mais cuidadosamente, evitando, assim, marcas evidentes de seu envolvimento, que causariam mais ataques à sua face.

- S1 das ist **doch** gar nicht drin.
- S1 das hat **doch** nichts mit unserem Fall zu tun. Herr Nannen das ist **doch**
- S1 das is **doch** nich möglich so etwas.
- S1 das ist **doch** zweierlei, ob ich mich als Kunstmaler engagiere oder politisch engagiere.
- S1 das war **doch** ein trojanisches Pferd für Sie Herr Nannen. (...)
- S2 und ja **sicher**.
- S2 aber **sicher**
- S2 aber **sicher**. (...)
- S2 ja **sicher** aus guter Stelle haben wir Sie. (...)
- S2 aber das sind **doch** Mätzchen Herr Nannen.
- S2 (...) das geht **doch** gar nicht

- S2 ja da haben wir **doch** die doppelte Moral.
- S2 aber Herr Nannen wir können **doch** die Nummern vom Stern hier zitieren.
- S2 aber es steht **doch** hier drin.
- S3 das bestreit ich **doch** gar nicht. (...)
- S3 Sie haben **doch** zwei Sendungen gemacht. (...)
- S3 ich werde **doch** nicht eine eidesstattliche Erklärung deren Wortlaut
- S3 das is **doch** **wirklich** unerträglich.

S1	S2	S3
6	9	4

- d) *Lexical intensifier* – O falante utiliza itens lexicais fortemente marcados pela sua atitude social negativa. O enunciado é reforçado justamente por conter um elemento socialmente reprovável.

Verificamos somente uma ocorrência, proveniente de uma fala de S3, indicando uma forte necessidade de intensificar a situação em questão.

- S3 und mir hat er damals in dieser **Scheiß:situation** hat er mir geholfen (...)

S1	S2	S3
0	0	1

- e) *Agressive interrogative* – O falante emprega o modo interrogativo para envolver explicitamente o ouvinte e, assim, para intensificar o impacto do seu enunciado sobre ele.

Dois dos falantes, S3 e S2, utilizaram esse modalizador em algumas ocasiões em que interagiram um com o outro. O teor provocativo das perguntas presentes nos exemplos indica claramente o tipo de relação que se estabeleceu entre os dois

sujeitos e a intenção evidente que cada um tem de derrubar, e até mesmo de ridicularizar, os argumentos do outro.

Podemos dizer que esses exemplos demonstraram um pouco o porquê da entrevista ter se tornado uma discussão.

- S2 nennen Sie Ihre Informanten? vor Gericht alles?
 S2 warum lassen wir denn nicht die Gerichte darüber urteilen?
 S2 für wie dumm halten Sie uns eigentlich?
 S2 wo haben wir wo haben wir vorsätzlich manipuliert zum Zwecke der politischen Diffamierung?
 S2 und +g+ und dann schlägt Ihnen nein dann schlägt Ihnen heute nicht Ihr Gewissen, wenn Sie so: demokratisch, wie Sie in Ihrer Zeitung schreiben, über andere schreiben? (...)
 S2 aber ich frage Sie jetzt im Ernst. sind Sie der Meinung?
 S2 halten Sie diesen Mann für geeignet heute die deutsche Jugend in einem demokratischen Staat in dieser Bundesrepublik zu erziehen?
 S2 ja. und das ist der gleiche Mann, der von neunzehnhundertfünfunddreißig bis neunzehnhundertneunddreißig die deutschen Wochenschauen zensiert und gleichgeschaltet hat. Herr Nannen?
 S2 sehen Sie mal warum war er denn von neunzehnhundertfünfundvierzig bis neunzehnhundertfünfzig untergetaucht? weil er in der Fahndungsliste der SS-Standarte-Kurt-Eggers stand mit dem Zusatz automatisch festzunehmen.
 S3 Sie haben mich fair behandelt?
 S3 gibt es ein totes Mädchen? ja oder nein?
 S3 aha und die wollten Sie im Dunkeln betreiben?
 S3 ist ein Mädchen gehenkt worden? ja oder nein.
 S3 ohne es beweisen zu können?
 S3 warum klagen Sie dann nicht gegen meinen Vorwurf?
 S3 warum tun Sie denn das nicht?
 S3 der Aktivist Weidemann ist im Kriege wissen Sie, was der geworden ist? Oberleutnant: ist er geworden. Obersturmführer ist es geworden nicht mehr.
 S3 Dokumente aus dem Osten?

S3 und Kiesinger? wo haben wir Kiesinger wegen seiner NS-Vergangenheit angegriffen? nirgends. es gibt keinen Fall im Stern.

S3 und wissen Sie, was Wintermärchen war?

S1	S2	S3
0	9	11

5. Conclusões

No texto que analisamos, verificamos que o falante que mais utiliza os *downgraders* é, justamente, o foco das críticas, ou seja, o falante S3. Dos dez tipos diferentes de marcadores, a frequência de ocorrências foi a maior em cinco casos e em um, igual ao número de exemplos retirados das falas de S2. Os resultados fortalecem a idéia de que esses marcadores modalizadores são usados, principalmente, para preservar a face negativa do falante, que, de um modo geral, tenta atenuar o efeito dos seus enunciados e as possíveis críticas a eles.

Ao ser impreciso ou ao minimizar o próprio envolvimento com a veracidade da proposição, pode-se responder, se necessário, que “não foi bem aquilo que se quis dizer”, atitude capaz de criar muita discussão em uma interação caso os outros interactantes estejam dispostos a preservar a própria face. Quando o falante deixa quase que exclusivamente a critério do(s) ouvinte(s) as conclusões sobre o seu enunciado, gera uma maior tensão durante a interação: preservando sua face, ameaça a do(s) interactante(s), que pode(m) ter suas proposições mais facilmente desestabilizadas por serem baseadas em imprecisões.

Essa situação parece ter ocorrido no nosso texto-base, já que o falante S2 apresentou uma alta frequência de *downgraders* principalmente relacionados a essas características de atenuação (*hedge*, que evita especificações, *understater*, que diminui o que é denotado, *-commiter*, que diminui o grau de envolvimento). Para S3, no entanto, grande parte dos atenuadores mais utilizados tem como objetivo a preservação de sua face negativa através de uma certa neutralização de seus enunciados (*play-down*, *downtoner*, *hesitator*, *gambits*), que passam a ter menor impacto sobre o(s) interactante(s), além dos marcadores que dão razão a suas ações (*supportive moves*).

HOUSE & KASPER (1981) indicam que pode haver uma tendência maior no alemão em evitar a nomeação direta do destinatário de um evento posterior / anti-X por causa da frequência do *agent avoider*. Essa característica foi observada no texto, mas não se apresentou tão saliente quanto a presença do *play-down* e do *downtoner*, *downgraders* também utilizados para evitar ataques diretos, já que atenuam o impacto do enunciado no(s) ouvinte(s). Podemos notar, ainda, que a diferença não tão grande de exemplos dos falantes S2 (97) e S3 (109) deixa clara a rivalidade dos dois, sempre preocupados com a própria face negativa, com a preservação de seus “territórios”.

Quanto aos *upgraders*, a frequência de uso pelo falante S3 foi maior em três dos cinco itens, no entanto, em relação ao falante S2, o número total de ocorrências ficou um pouco abaixo (46 para S2, contra 44 para S3). Isso não significa, porém, que não poderíamos considerar pertinente o artigo de HOUSE & KASPER (1981), no qual as autoras concluem que os alemães demonstram uma forte tendência a intensificar a força do seu ato de fala em situações de conflito atual ou potencial com uma maior frequência de *upgraders*.

Para o falante S3, intensificar determinados elementos de seus enunciados utilizando o *intensifier*, envolver o ouvinte com o *agressive interrogative* e marcar fortemente uma de suas proposições com o *lexical intensifier* parece ter sido suficiente para demonstrar sua posição quanto aos seus enunciados. Houve, realmente, alta frequência dos marcadores modalizadores que indicam o envolvimento do falante, contudo, o falante S2 parece ter sentido maior necessidade de marcar a própria presença nessa interação face-a-face, enquanto que S3, vendo-se no meio do fogo cruzado, salientou mais a preservação da sua face negativa com os *downgraders*.

A quantidade de marcadores pode depender tanto das características da própria língua do falante quanto da relação que ele estabelece com seu(s) interactante(s) e mesmo das características da sua própria personalidade. Poderíamos dizer que quanto maior a certeza do falante quanto à sua posição e à do ouvinte, menor a necessidade dos marcadores para a preservação da sua face, o que não foi típico na interação que analisamos. O falante S3, alvo da crítica dos outros falantes, utilizou tantos marcadores quanto possíveis para manter sua face, sempre mais ameaçada pelos modalizadores empregados por S2, seu oponente ativo disposto a intensificar os próprios atos de fala.

Podemos concluir que a associação por parte de todos os falantes dos *downgraders*, para a preservação da face negativa, com os *upgraders*, para intensificar o que se expõe, gera uma tensão entre face negativa e face positiva que é refletida no tom da interação. Não se trata apenas de uma ameaça para o falante, que tenta

preservar sua face, trata-se também de um ataque velado à face do ouvinte, que, novamente, reinicia o ciclo buscando a auto-preservação e ameaçando a face do(s) outro(s).

Referências bibliográficas

- BROWN, Penelope & LEVINSON, Stephen C. *Politeness: Some universals in language usage*. Cambridge, University Press 1994.
- GALEMBECK, Paulo de Tarso. “Preservação da Face e manifestação de opiniões: um caso de jogo duplo”. In: PRETI, Dino (Org). *O discurso oral culto*. São Paulo, Humanitas 1999, 173-194.
- GOFFMAN, Erving. *Interaktionsrituale: Über Verhalten in direkter Kommunikation*. Frankfurt a.M., Suhrkamp 1986.
- HOUSE, Juliane & KASPER, Gabriele. “Politeness markers in English and German”. In: COULMAS, Florian (Org). *Conversational Routine: Explorations in standardized communication situations and prepatterned speech*. The Hague, Mouton Publishers 1981, 157-185.
- MEIRELES, Selma M. *Estratégias para manutenção de uma boa interação lingüística. Dissensão e trabalho da Face em diálogos do Alemão*. São Paulo, Humanitas/ FFLCH/ USP 1999.
- STEGER, Hugo et alii. (Hrsg.) *Heutiges Deutsch. Reihe II – Texte gesprochener deutscher Standardsprache II*. München, Max Hueber Verlag 1974.

O futuro existe?*

Maria Helena Voorsluys Battaglia**

Abstract: From Vater's Thesis, I bring the discussion about the future verbal tense to the centre of discussion. The aim is to prove that the future verbal tenses can also express time in German, and, therefore, they have to be included in the verbal system and, secondly, that the expression of modality can also be expressed by the future forms, and that it usually overlaps the notion of time.

Keywords: future tenses; time expressions; modality.

Zusammenfassung: Ausgehend von Heinz Vaters These, das Futur der deutschen Verben habe keine temporale Bedeutung, stelle ich die Frage der Futurtempora erneut zur Diskussion. Meine Absicht ist es, zunächst zu beweisen, dass auch im Deutschen die Futurtempora Zeit ausdrücken und daher als Tempora in das Verbalsystem aufgenommen werden können, aber dass der modale Charakter bei den Futurtempora auch eine wichtige Rolle spielt.

Stichwörter: Futurtempora; Zeitausdruck; Modalität.

Palavras-chave: Tempos verbais do futuro; expressão temporal; modalidade.

* O presente artigo é uma versão da comunicação apresentada na IX Semana de Língua Alemã, na USP, São Paulo, em maio de 2001.

** Maria Helena Voorsluys Battaglia é professora doutora da Área de Alemão da Universidade de São Paulo.

1. Introdução

Há alguns anos atrás, quando iniciei a Pós-graduação e estava definindo o tema para o meu trabalho, me deparei com um texto de Heinz Vater, professor visitante da USP, que afirmava que não havia futuro no alemão. Considerei a afirmação muito estranha, sabendo que os alemães são um povo que justamente vive para o amanhã e para o futuro. Vivem num país onde se trabalha e se junta dinheiro enquanto jovem para poder desfrutar de uma aposentadoria confortável na velhice. A sua afirmação talvez se aplicasse mais ao povo brasileiro, onde fica a impressão de que o futuro não existe, pois se vive para o momento, o dia-a-dia, enquanto o amanhã parece muito distante e inatingível. Visto dessa maneira, diria que os dois mundos estão trocados.

VATER (1975) não se referia, porém, a esse futuro, também denominado futuro cronológico, mas sim, ao futuro como tempo verbal, como forma do sistema verbal. Acabei fazendo uma adaptação do trocadilho porque, no alemão, distingue-se entre o futuro como tempo cronológico para o qual é empregado o termo *Zukunft* e o tempo verbal, denominado *Futur*. Da mesma maneira, o alemão emprega dois termos para designar o tempo: *die Zeit* – tempo cronológico, e *das Tempus* – tempo verbal. O português não possui termos diferentes para expressar o tempo cronológico e o tempo verbal, sendo que a palavra tempo é empregada em ambos os casos, assim como o termo futuro é empregado tanto para o tempo cronológico quanto para o tempo verbal, daí permitir o trocadilho que apresentei no início.

2. Apresentação da tese de Vater (1975, 1997)

VATER defende a tese de que, no alemão, são empregadas as formas verbais do presente, quando se refere a eventos do futuro. Os tempos verbais do futuro não são apropriados para expressar o tempo implicado num evento do futuro. Como consequência, deveríamos considerar que o sistema verbal alemão é constituído apenas das formas do presente e do passado, reconhecendo, portanto, quatro formas como tempos verbais efetivos do sistema verbal alemão.

Ao defender a tese de que o tempo verbal do futuro não existe no alemão, VATER (1975,1997) equipara o verbo auxiliar *werden*, usado para a formação do

Futur I e II, aos verbos modais: *werden* (*Präsens + Infinitiv* do verbo principal e *Präsens + Infinitiv Perfekt* do verbo principal, respectivamente), pois no seu entender, *werden* é empregado sintática e semanticamente igual aos verbos modais *sollen*, *müssen*, *wollen*, *können* etc. Este argumento precisa ser analisado com cuidado, pois se os verbos modais ocorrem em todos os tempos verbais (com exceção de '*mögen*'), o uso de *werden* sofre restrições. O outro argumento de VATER para explicar a ausência do futuro no alemão refere-se ao uso de *werden* com referência ao presente, por exemplo:

(1) Es wird (gerade) zehn Uhr sein. (Devem ser 10h00 agora.)

No exemplo (2) há o uso do *werden* com referência temporal no futuro:

(2) Peter wird (morgen) kommen. (Peter virá/vem amanhã),

Na frase (1), o caráter modal se sobressai, pois ao dizer que *devem ser dez horas*, certamente o falante não consultou o relógio e deu uma hora aproximada. Na frase (2), posso considerar um grau de incerteza, embora a vinda de Peter esteja programada para o dia seguinte e, também nesse caso, confirmaria o uso modal do verbo.

Em ambos os exemplos, o grau de probabilidade é constante e invariável no contexto, e isso ele interpreta como sendo o significado literal de *werden* nas frases acima (cf. VATER 1997: 59). Os exemplos (1) e (2) possuem valor epistêmico que indica uma suposição ou incerteza, ou de acordo com NEVES (1996: 172) ocorre “a modalidade epistêmica que envolve o julgamento humano do que é provável acontecer”.

O fato de *werden* ter um caráter modal nas frases acima não significa que o estou comparando a um verbo modal, mas a outro fenômeno, isto é, à modalidade. A modalidade refere-se a um outro aspecto inerente ao verbo *werden*, que é empregado para formar o tempo verbal do futuro e que gerou toda a problemática acerca do seu emprego.

Uma das possibilidades de me referir ao futuro é, além do emprego dos tempos verbais do futuro, o uso de advérbios como *amanhã*, *no mês que vem*, e.o. Mas por quê, então, VATER (1975) chega à conclusão de que não existem tempos verbais do futuro no alemão? Na época de sua publicação, sua tese não foi aceita de forma incontestável por muitos lingüistas, pois sua interpretação foi conside-

rada muito radical. Porém, sua tese permitiu uma nova perspectiva para a discussão acerca do emprego das formas do futuro que perdura até hoje e, atualmente, com mais depoimentos a favor da reintegração do futuro ao sistema verbal. (cf. FABRICIUS-HANSEN (1987); LEISS (1992) e.o.). No entanto, a sua tese não pode ser renegada, mas é preciso abordar a questão de uma maneira um pouco diferente, não tão categórica. No próximo tópico, apresento um pouco dessa discussão em torno do uso das formas verbais para expressar o futuro. (cf. LEISS, 1992; THIEROFF, 1992)

VATER (1997) retoma a discussão acerca da existência do tempo verbal do futuro no alemão a partir das inúmeras críticas, principalmente aquelas feitas por LEISS (1992), para corroborar sua tese de 1975, apresentando algumas características e situações que *werden* tem em comum com os verbos modais:

“Werden verhält sich wie ein typisches Modalverb:

- Es verbindet sich mit einem Infinitiv ohne zu.
- Es bezeichnet einen Wahrscheinlichkeitsgrad in Bezug auf das im Hauptverb ausgedrückte Ereignis., (1997: 60)

Mas conclui reconhecendo uma situação na qual o uso de *werden* não é compatível com os verbos modais. Isto ocorre quando os verbos modais são conjugados no *Präteritum* com verbo no infinitivo. O verbo *werden* não ocorre no *Präteritum* com verbo no Infinitivo (* *wurde machen*). Logo em seguida, ele completa que também os modais são, em parte, defectivos como, por exemplo, *möchten*, discussão esta que não cabe neste trabalho. (Vater, 1997: 60)

3. As definições de futuro de acordo com Reichenbach (1947) e Bull (1968):

A definição dos tempos verbais será apresentada de acordo com as teorias de REICHENBACH (1947) e BULL (1968). Embora se trate de teorias mais antigas, não é possível cogitar uma definição dos tempos verbais a partir de sua interpretação semântica sem consultar esses autores, seja para a definição pura do tempo verbal, quando quero apenas relacionar a forma do futuro às demais formas do sistema verbal quanto ao aspecto temporal, seja para manter a coerência com o meu trabalho sobre os tempos verbais do passado do alemão e do português.

A partir da classificação das formas, da descrição de seu emprego em textos escritos, procuro estabelecer regras que facultem ao usuário do alemão como língua estrangeira e/ou de português como língua estrangeira se expressar de maneira mais adequada acerca de temas que envolvem o futuro e que se localizam após o momento da fala.

A definição de futuro dada por REICHENBACH (1947: 287 ss.) é expressa pela fórmula MF < ME = MO. Isto significa que o evento se encontra no futuro (ME) e o falante (MF) analisa o evento a partir da perspectiva do futuro (MO) que é igual ao momento do evento.

(3) Wir werden bald das Resultat erfahren. (HELBIG/BUSCHA 1991: 155)

HELBIG/BUSCHA (1991) acrescentam outra aceção, além da classificação temporal, que se refere ao uso de *werden* com advérbio de tempo, que ressalta a função modal do verbo.

(4) Er wird jetzt im Büro sein.

BULL (1968: 90s.) classifica os tempos verbais ao longo do eixo de orientação do tempo. Trata-se, na verdade, do tempo imaginado como uma linha sem limites em suas extremidades, onde situo os eventos de acordo com suas ocorrências, como anteriores, simultâneos ou posteriores ao momento da fala, estabelecendo o momento da fala como o núcleo da comunicação a partir do qual analiso os eventos e os classifico.

O futuro do presente, assim como o *Futur I*, situa o evento após o momento da fala em direção ao futuro. Essa definição serve para visualizar o tempo verbal que estou analisando e situar o leitor. BULL (1968: 60) acrescenta ainda que os tempos verbais não são formas estáticas, porque podem ocorrer em várias posições no eixo de orientação, adquirindo, nesse caso, características do tempo verbal previsto no sistema para essa posição e, normalmente, vêm acompanhados de algum elemento temporal que acaba situando o evento. Essa interpretação nos leva à conclusão de que o tempo verbal do presente pode ocupar a posição do futuro e vice-versa, incorporando algumas de suas características.

(5) In einem Monat haben die Kinder Ferien. (HELBIG/BUSCHA 1991: 147)

As definições de REICHENBACH (1947) e BULL (1968) trazem as definições “puras” dos tempos verbais, pensando efetivamente na sua classificação em relação aos demais tempos do sistema verbal da língua em questão. Nenhum dos autores considera em sua definição de tempos verbais a existência de outras características inerentes ao verbo ou à forma verbal. No entanto, desde o início da pesquisa, deixo claro que há muito mais aspectos envolvidos na questão do emprego desses tempos verbais do que essas definições trazem.

À primeira vista, indico que o *Futur I e II* são empregados, como o próprio termo diz, para expressar fatos ou eventos que se localizam no futuro, ou melhor, para expressar *zukünftige Sachverhalte*. Mas será que é mesmo tão simples? Se fosse, não haveria a necessidade de uma discussão tão longa e, provavelmente, nem seria necessário fazer uma análise contrastiva entre os dois sistemas. Bastava apresentar o *Futur I* paralelamente ao *futuro do presente composto* e *Futur II* ao *futuro do pretérito composto*. Porém, ao equiparar os dois sistemas nos deparamos com o primeiro problema, pois como posso enquadrar as quatro formas do português (Futuro do Presente simples/composto e Futuro do Pretérito simples/composto) com apenas duas (*Futur I e Futur II*) do alemão?

Essa classificação nos leva a outro problema. Afinal, quais e quantas formas compõem o sistema verbal, ou quantas formas são necessárias para eu me reportar a eventos ocorridos no passado, no presente ou no futuro? A disparidade é tamanha no alemão, que podemos destacar, de um lado, o trabalho de MUGLER (1988), que estabelece apenas um tempo verbal, o *Präteritum*, e de outro lado, o trabalho de THIEROFF (1992), que apresenta dez tempos verbais, incluindo as formas do *Doppelperfekt*, *Doppelplusquamperfekt* e *Konditional* para compor o sistema verbal alemão. A maioria considera, no entanto, os tempos verbais “tradicionais”: *Präsens*, *Perfekt*, *Präteritum*, *Plusquamperfekt*, *Futur I* e *Futur II*, tentando manter uma simetria, que também não é tão simétrica assim.

A pesquisa prevê uma abordagem contrastiva dos sistemas verbais do alemão e do português e, por isso, tenho como primeira preocupação definir o tempo verbal de acordo com o seu uso para situar o evento ao longo de um eixo de orientação, ou linha imaginária de tempo, que corresponde à função primária do tempo verbal dentro do sistema, seguindo as teorias de REICHENBACH (1947) e BULL (1968). Mas nem sempre a referência temporal é a única característica inerente ao tempo verbal. Os tempos verbais podem expressar outras características e, em certos contextos, é possível uma neutralização da expressão temporal. É, por exemplo, no meu entender, a distinção entre o Pretérito Perfeito e Imperfeito do português. Ambas as formas são expressão do passado e se localizam na mes-

ma posição na linha do tempo, porque a distinção entre ambas, neste caso, é o aspecto, perfectivo e imperfectivo, ou seja, o evento conclusivo ou em andamento (cf. BATTAGLIA 1997).

Ao iniciar esta pesquisa, o propósito era descrever os tempos verbais do futuro, de acordo com a classificação gramatical dos sistemas verbais, destacando as formas verbais que expressam o futuro, como *Futur I e II*, para o alemão, e o *Futuro do Presente simples e composto* e *Futuro do Pretérito simples e composto*, para o português.

No entanto, uma primeira verificação de ocorrências em textos de jornais me fez reformular o objeto de estudo e incorporar pelo menos a forma do *presente* como uma das maneiras de expressar eventos no futuro, independentemente da ocorrência de advérbio de tempo ou outros elementos temporais que possam determinar o tempo referido. Dada a extensão do trabalho, decidi fazer uma abordagem sobre o *Futur I*, não incluindo, por ora, as outras formas do futuro.

A análise baseou-se, principalmente, na frase para descrever as diferentes maneiras que o falante/escritor tem para reportar fatos ainda não ocorridos ou para avaliar situações a partir de uma dada perspectiva. O fato de ter estabelecido a frase como a unidade para a descrição do futuro não me impede de ir além da frase, quando ocorrem elementos temporais no texto que podem contribuir para comprovar ou alterar o valor semântico temporal expresso pelo tempo verbal. Além disso, há verbos que trazem em si um componente que remete a ação para o futuro.

(6) Pretendo abordar somente a forma do Futuro do Presente.

Para comprovar seu estudo, VATER (1975) baseou-se em um *corpus* de textos orais (*Telefongespräche*), nos quais 75% de ações do futuro são dadas simplesmente com o emprego do tempo verbal no presente. E pondera que o registro é importante, pois supõe que a diferença entre o uso do *Präsens* ou do *Futur I* para expressar o futuro pode estar no uso de textos escritos ou textos orais. Mesmo no artigo de 1997, ele mantém essa característica como fundamental e pouco observada na descrição dos tempos verbais do futuro.

Não sei se a diferença estaria mesmo no registro, pois ao verificar o uso do futuro em textos de jornais, procurando o mesmo tema em jornais do Brasil e da Alemanha, constatei com surpresa que as formas do *Futuro do Presente simples e composto* são muito frequentes no texto em português, enquanto, nos textos ale-

mães, o emprego da forma do *Präsens* aparece com mais frequência em situações semelhantes (essa observação vai ao encontro de outros trabalhos realizados entre o alemão e o russo e alemão e francês, por exemplo, onde os autores constataram que as formas do futuro dessas línguas são traduzidas pelo *Präsens* do alemão.) Mais à frente retomo essa observação.

4. Descrição do *Futur I*

A descrição dos tempos verbais do futuro prevê, por ora, somente o *Futur I*. De acordo com sua função primária, essa forma designa um evento situado posteriormente ao momento da fala, como vimos na definição acima. No entanto, é quase impossível discorrer sobre as formas do futuro sem me ater à expressão de modalidade, que é muitas vezes concomitante à de tempo, e em algumas situações pode se sobrepor ao tempo verbal, o que dificulta a interpretação do *Futur I*. Para mostrar a dificuldade de distinguir entre uma categoria e outra, cito um dos exemplos de VATER:

(7) Nächsten Freitag habe ich Geburtstag.

(7a) *Nächsten Freitag werde ich Geburtstag haben.

VATER interpreta o uso de *werden* na frase (7a) como inaceitável, porque o aniversário é um fato concreto, e o uso de *werden* está sempre relacionado a um grau de incerteza e, por isso, o correto é usar o *Präsens* (VATER 1997: 59).

Vater (1997) não exclui por completo o emprego de *werden* para indicar eventos no futuro; todavia, nesses casos, a modalidade está presente, e isso o aproxima novamente das funções e características semânticas dos verbos modais, principalmente *wollen* e *sollen*.

A interpretação semântica de *werden*, semelhante aos verbos modais *wollen* e *sollen*, nos remete à descrição feita pelos autores Hentschel e Weydt (1990:94), quando fazem uma breve explanação sobre a origem do futuro no alemão. No antigo e médio alto-alemão (*Althochdeutschen* e *Mittelhochdeutschen*), usava-se o verbo no presente ou em perífrases com os verbos modais *sollen* (*sol*) e *wollen* (*wil*). E a forma do futuro originou-se de uma combinação entre o verbo *werden* e o *Partizip Präsens*: *Ich werde gebende*: ao pé da letra, seria *Ich werde zu einer Gebenden*, e por deri-

vação ou uma mistura morfológica, transformou-se o particípio presente em um verbo no infinitivo.¹

As formas analíticas do futuro mais antigas, assim como a forma do *werden* + *Infinitiv*, eram empregadas para expressar claramente eventos do futuro. Tanto *wollen* quanto *sollen* + *Infinitiv* estabeleciam a relação temporal de futuro e o significado modal era secundário. O significado primário, temporal, não era alterado nessas circunstâncias. Com o decorrer do tempo, a forma *werden* + *Infinitiv* se consagrou como nova forma do futuro, mas somente para verbos imperfectivos e durativos. A vantagem dessa variante nova é a ausência de modalização em comparação com as formas antigas. (LEISS 1992: 198)

Como podemos notar, o tema é e continua sendo controverso, e a tese de VATER (1975) foi um dos primeiros trabalhos de vulto, que levou muitos lingüistas a uma incursão própria para definir os tempos verbais a fim de comprovar, negar ou complementar a sua tese. Entre os trabalhos consultados, destaco um que faz uma comparação entre o uso de *werden* no alemão e o *zullen* do holandês, endossando sua tese. O autor compara os dois verbos atribuindo as mesmas características de *werden* para o *zullen* do holandês, confirmando a idéia da sobreposição do caráter modal do verbo ao temporal. (cf. JANSSEN 1987)

A maioria dos trabalhos tenta provar, porém, justamente o contrário, ou, pelo menos, discordar em parte da sua tese, como exponho a seguir. As razões que apontam são as mais diversas, entre as quais, a preocupação pura e simples em atribuir a característica temporal e a manutenção da simetria do sistema verbal, ou seja, os seis tempos verbais no Modo Indicativo. (cf. DUDEN 1995; FABRICIUS-HANSEN 1986; e.o.)

Entre os trabalhos que resenhei sobre o assunto, até o momento, considero o trabalho de LEISS (1992) um dos mais contundentes ao contra-argumentar a tese de VATER (1975) e que exponho a seguir.

¹ Werden + Infinitiv ist relativ jung. Im Althochdeutschen und in den frühen und mittleren Phasen des Mittelhochdeutschen wurde zur Bezeichnung zukünftiger Geschehnisse entweder – ... – das Präsens verwendet, oder es wurden Umschreibungen (Periphrasen) mit den Modalverben sol und wil gewählt. Die heutige Futurform mit werden + Inf. ist aus einer Kombination von werden + Partizip Präsens entstanden: Die Form ich werde gebende, wörtlich ich werde zu einer Gebenden, wurde durch Ableitung oder durch morphologische Vermischung zum Infinitiv umgestaltet. (cf. Leiss) Hentschel, Elke und Weydt, Harald (1990) *Handbuch der dt. Grammatik*.

De acordo com LEISS, em muitas frases com *werden* + *Infinitiv*, o significado modal se destaca. Outras expressões de futuro são temporais por haver uma sobreposição da relação temporal de futuro. Há, ainda, um número grande de frases que permitem as duas leituras, porém não no sentido de que a forma de futuro possa possuir o significado modal e temporal igualmente. O primeiro passo é não supor que o tempo verbal do futuro seja sempre modal, porque eventos no futuro traduzem por si só um grau de dúvida e incerteza. Ao mesmo tempo, as formas do presente com relação temporal no futuro não indicam modalização da expressão verbal, embora o grau de incerteza em relação à realização do evento persista. E um dos caminhos propostos pela autora para elucidar a questão sobre a modalidade refere-se à descrição do futuro a partir da categoria de aspecto e da *Aktionsart*.

Desde o Gótico e nas etapas mais antigas do alemão, havia várias formas analíticas de futuro que tinham um elemento em comum: eram formados com verbos imperfectivos, não com verbos perfectivos. Verbos perfectivos indicam por si só uma ação no futuro, por exemplo:

Er kommt heute significa *Er ist noch nicht da*, e o uso da forma verbal do futuro seria redundante. A estes verbos falta um presente, um tempo verbal com referência ao presente.

FUCHS (1988: 21, obs.: 21) também observa que o caráter modal do futuro não pode ser apreendido pela incerteza inerente ao futuro, senão, as formas do presente para expressar o futuro seriam modais.²

Em comparação com outras línguas, observa-se que o alemão usa regularmente o *Präsens* em vez do *Futur I* para referir-se a eventos no futuro.

- (8) Meine Damen und Herren, in wenigen Minuten erreichen wir den Grenzbahnhof Passau.

Em inglês, a mesma mensagem é dada com *will arrive*. (cf. Leiss 1992: 193)

A discussão em torno do uso do futuro foi desencadeada por Saltveit, que mostrou em sua análise uma relação entre o tempo e o modo no emprego de

² “Der – auch universell in weitem Maße – modale Charakter des Futurs lässt sich aber nicht schon aus der inhärenten Unsicherheit des Zukünftigen ableiten, wie es verschiedentlich geschieht: sonst wären die Präsenzaussagen über zukünftiges modal.“

werden + *Infinitiv*, e para ele, quanto mais evidente a função temporal (aqui – relação com o futuro), menor a função modal e vice-versa. Ele próprio estabelece uma regra para a ocorrência do futuro, porém, de acordo com LEISS (1992: 193s.), interpreta-a de maneira errada ao atribuir a mesma característica a todos os verbos indistintamente:

- Verbos durativos: a forma do futuro indica relação temporal com o presente;
- Verbos perfectivos e continuativos: a forma do futuro indica, por sua vez, relação temporal com o futuro.³

Aqui poderia-se levantar a lebre em torno da confusão que se faz entre *Aktionsart* e aspecto. *Aktionsart* é inerente ao verbo e aspecto é dado pela forma verbal, como verificamos no Pretérito Perfeito e Imperfeito do português. Para LEISS (1992: 196), falta aos verbos perfectivos a forma do presente, isto é, uma forma verbal com relação temporal no presente. Os verbos perfectivos no *Perfekt*, como em *Er ist gekommen*, são resultativos. A questão da interpretação de *sein* + *Partizip Perfekt* desencadeia outra discussão acerca do *Perfekt* com *sein*.

Toda essa discussão sobre a aspectualidade e a *Aktionsart* do verbo é importante porque está relacionada ao significado do verbo e pode mudar a expressão temporal dos tempos verbais, assim como a formação de outras construções específicas. Da mesma maneira que os verbos perfectivos levam a um resultado, os verbos imperfectivos levam à formação de um tempo verbal do futuro. (cf. Leiss 1992: 195)

Com verbos perfectivos, a forma do presente pode indicar o futuro, e nesses casos, o *werden* + *Infinitiv* é redundante. Com verbos que têm aspecto durativo, o presente morfológico é idêntico ao presente também em relação ao tempo expresso. Neste caso, o uso de *werden* não é redundante, ao contrário, é obrigatório, para expressar a relação de futuro não modalizado. Para LEISS, aqui está a falha na interpretação das formas do futuro que encontramos em vários trabalhos. Verbos perfectivos não podem ocorrer com o verbo *werden* por causa da

³ “– durative Aktionsart des Verbs bewirkt Gegenwartsbezug der Futurfügung – perfektive und kontinuitive Aktionsart dagegen Zukunftsbezug.” (apud Leiss 1992: 193s.)

redundância. O efeito pode ser uma frase agramatical ou provocar uma interpretação diferente da situação. Por exemplo, o uso de *werden* + *Infinitiv* com verbos perfectivos leva a uma leitura modal da situação.

(9) Sie werden (morgen) ins Theater gehen.

Por isso, a autora propõe uma nova interpretação dos postulados de Saltveit:

“Verbos durativos podem ocorrer com *werden* + *Infinitiv* para indicar eventos situados no futuro;
Verbos perfectivos modalizam *werden* + *Infinitiv*, e a noção modal contida na oração se sobrepõe à temporal”.⁴ (Leiss 1992: 197)

Os autores MATZEL/ULVESTAD (1982: 297 f.) destacam a importância do emprego do futuro em situações onde o *Präsens* sozinho não é suficiente para determinar a relação temporal. Essa situação é mais comum em frases cujo verbo é não-perfectivo e em frases nas quais a relação temporal de futuro não pode ser apreendida pelo contexto. (apud Leiss 1992: 197)

5. Conclusão

LEISS (1992) conclui que a distribuição do verbo *werden* em função temporal e modal é determinado pelo aspecto do verbo. Uma proposta que talvez proporcione uma clareza na definição e distinção entre o emprego do presente e o *Futur I* para indicar eventos não ocorridos ainda e que, na análise contrastiva com o sistema verbal do português, permita uma descrição mais precisa das semelhanças e diferenças.

⁴ “Die durative Aktionsart des Verbs ist mit dem zukünftigen Zeitbezug von *werden* + *Infinitiv* vereinbar. Die temporale Bedeutung ist dominant.
Die perfektive Aktionsart des Verbs modalisiert *werden* + *Infinitiv*.”

Referências bibliográficas

- JANSSEN, Th. “Die Hilfsverben nld. *zullen* und dt. *werden*: modal oder temporal?” In: ABRAHAM, Werner & JANSSEN, Theo (ed.). *Tempus – Modus – Aspekt. Die lexikalischen und grammatischen Formen in den germanischen Sprachen*. Tübingen, Max Niemeyer, Linguistische Arbeiten 1989, 65-84.
- BULL, William. *Time, Tense, and the Verb – A study in theoretical and applied linguistics, with particular attention to spanish*. Berkeley and Los Angeles, University of California Press 1968.
- DIEWALD, Gabriele. *Grammatikalisierung. Eine Einführung in Sein und Werden grammatischer Formen*. Tübingen, Niemeyer 1997.
- DROSDOWSKI, G. (org.) *DUDEN Grammatik der deutschen Gegenwartssprache*. Mannheim, Bibliographisches Institut 1995, 5. Aufl.
- ENGEL, Ulrich. *Deutsche Grammatik*. Heidelberg, Groos 1988.
- FABRICIUS-HANSEN, Cathrine. *Tempus fugit. Über die Interpretation temporaler Strukturen im Deutschen*. Düsseldorf, Schwann 1986.
- FUCHS, Anna. “Dimensionen der Deixis im System der deutschen Tempora”. In: EHRICH, V. u. VATER, H. *Temporalsemantik: Beiträge zur Linguistik der Zeitreferenz*. Tübingen, Niemeyer 1988, 1-25.
- HEIDOLPH et. al. *Grundzüge einer deutschen Grammatik*. Berlin (DDR), Akademie 1981.
- HELBIG, G./BUSCHA, J. *Deutsche Grammatik. Ein Handbuch für den Ausländer-Unterricht*. Leipzig, VEB Enzyklopädie 1991, 2. Aufl.
- LEISS, Elisabeth. *Die Verbalkategorien des Deutschen*. Berlin, New York, de Gruyter 1992.
- MUGLER, Alfred. *Tempus und Aspekt als Zeitbeziehungen*. München, Wilhelm Fink 1988.
- NEVES, Maria H.M. “A modalidade”. In: KOCH, Ingedore G.V. (org.) *Gramática do Português Falado*. Campinas, Ed. da Unicamp 1996. vol.VI, 163-199.
- REICHENBACH, Hans. *Elements of Symbolic Logic*. New York, Macmillan Company 1947, 287-299.

THIEROFF, R. *Das finite Verb im Deutschen: Tempus – Modus – Distanz*. Tübingen, Narr 1992.

VATER, Heinz. "Werden als Modalverb". In: CALBERT, J.M. e VATER, Heinz (ed.) *Aspekte der Modalität*. Tübingen 1975, 71-148.

_____. *Einführung in die Zeit-Linguistik*. Hürth-Efferen, Gabel 1994, 3., verb. Aufl.

_____. "Hat das Deutsche Futurtempora?" In: VATER, Heinz. (org.) *Zu Tempus und Modus im Deutschen*. Trier, Wissenschaftlicher Verlag 1997, 53-69.

Ficha técnica

Mancha 14, x 20,5 cm

Formato 18 x 24 cm

Tipologia Garamond 12/14,8 e Geometr 231 BT 22/26

Papel miolo: off set 75 g/m²

capa: supremo 250 g/m²

Impressão da capa 2 cores

Impressão e acabamento GRÁFICA FFLCH

Número de páginas 300

Tiragem 500 exemplares